Obras da Nova Revelação

RECEBIDA PELA VOZ INTERNA
POR
JACOB LORBER

Roberto Blum

Volume II

Traduzido por YOLANDA LINAU
Revisado por PAULO G. JUERGENSEN



Edição Eletrônica

ROBERTO BLUM

Obras da Nova Revelação

Recebido pela voz interna
por
Jacob Lorber

Roberto Blum

TMJ S KC GG
(Comunicação recebida lm ncpdmbm bc 1848 _ 1850)

Traduzido por YOLANDA HENRIQUETA LINAU

Revisado por PAULO G. JUERGENSEN

UNIÃO NEO-TEOSÓFICA
www.neoteoso a.mpe,`p

ROBERTO BLUM

Recebido pela voz interna por Jakob Lorber

Traduzido por YOLANDA LINAU
Revisado por PAULO G. JUERGENSEN



UNIÃO NEO-TEOSÓFICA
www.neoteosofia.org.br
Edição Eletrônica
2011

SUMÁRIO

151.° CAPÍTULO

O museu na casa de Roberto Blum. Um cemitério psíquico com inúmeras inscrições enigmáticas em seus túmulos.

Digo Eu: "Meu caro amigo, se já consideras o Céu perfeito aquilo que é apenas uma esfera espiritualmente melhorada, onde o verdadeiro Céu começa a se espargir no espírito do homem a fim de que renasça, o que dirás quando entrares em teu próprio Céu?

Afirmo-te ter sido isto o começo para a entrada no verdadeiro Reino celeste. Não poderias fitar os patriarcas, profetas, apóstolos, Maria e José, e continuares com vida, caso se apresentassem em sua verdadeira figura celestial. Não te preocupes, pois Eu vim Pessoalmente para conduzir-vos, pouco a pouco, ao Céu verdadeiro e presumo conhecer o melhor caminho para lá."

Diz o franciscano: 'Senhor, em tal caso Roberto Blum também não está no Céu propriamente?" Respondo: "Por certo que não. Se bem que essa residência surgisse de seu coração, achando-se mais ou menos perfeita, — isto é, no que vimos até agora. Existem inúmeras dependências desconhecidas de Roberto e de ti; com paciência sereis orientados de tudo. Dirijamo-nos ao museu através do grande portal à nossa frente, de onde .se dilata a visão."

Pergunta o franciscano: "Senhor, que espécie de museu é aquele?" Respondo: "Verás em breve. Uma parte de nossos hóspedes já entrou, e podes ouvir as exclamações de admiração. Dentro em pouco também estaremos lá. Olha pelo portal enorme e relata o que avistas."

O franciscano, atento, procura de longe olhar pela porta, dizendo após algum tempo: "Senhor, é deveras esquisito. Embora me esforce muito, nada mais vejo do que um cemitério; a meu ver, é infinito, possuindo inúmeros sepulcros. Que museu estranho! Quanto mais me aproximo, tanto mais nítido se apresenta o quadro. Agora percebo membros da assembleia analisando as inscrições dos túmulos e vez por outra ouço exclamações de terror. Senhor, tenho a impressão de que nada de agradável nos aguarda."

Digo Eu: "Não te preocupes. Encontrarás muita coisa estranha. Como já parlamos pelo portal, dize-Me o que vês."

Responde ele: "O mesmo que anteriormente, apenas mais nítido. Como se espalhou nossa assembleia! Dá a impressão de um rebanho de ovelhas que na primavera é solto no pasto pela primeira vez. Os pulos e berros não terminam. Também analisarei um desses túmulos imponentes." Ele se aproxima de um e descobre uma inscrição numa chapa preta de forma oval. Esforça-se para decifrá-la sem atinar com o sentido, porquanto as letras são completamente desconhecidas. Humildemente dirige-se a Mim, pedindo que Eu faça a leitura e dê a explicação.

Digo-lhe, entretanto: "Amigo, se fôssemos ler as inscrições de todos esses túmulos a fim de decifrá-las, teríamos distração para toda a Eternidade. Seria o mesmo se quisesses calcular quantas sementes seriam necessárias para uma produção infinita. A fim de assimilar-se coisas infinitas, nunca se deve começar com o objeto a ser analisado, mas simplesmente consigo mesmo. Tão logo compreendas a tua própria natureza, serás capaz de compreender e analisar todo o resto; enquanto não conheceres a fundo a tua própria índole, o restante não se poderá apresentar com a devida clareza. Como o cego poderia orientar-se no local onde pisa e o cerca? A visão sendo nítida, tudo, dentro e fora do homem, estará claro. O mesmo acontece aqui, ao homem espiritual.

A alma, forma externa e substancial da criatura, não tem luz própria, a não ser aquela que nela penetra através de outros seres, de há muito possuidores de luz interna; portanto, seu conhecimento é apenas gradativo. As partes de um quadro psíquico, que se acham sob o foco de um raio projetado do exterior, são pela alma registradas e apreciadas em suas minúcias. Se a luz, qual meteoro, passar de um ponto

para outro, dá-se o pleno esquecimento da visão anterior, provocando um quadro diverso. Afastando-se a luz do segundo objetivo, através de um desvio, a compreensão psíquica se apaga no momento. Assim, a alma poderá deixar-se iluminar externamente durante eternidades, mas o seu conhecimento será o mesmo do início.

Outra coisa, totalmente incompreensível para o teu raciocínio, acontece quando surge na alma o espírito vivo, iluminando-a internamente. Faz-se então uma luz claríssima e eterna em todos os recônditos da psique, alimentando-se e fazendo com que cresçam e se desenvolvam até a perfeição. Isto realizado, a alma não mais precisa estudar pontos isolados, porquanto tudo se tornou nítido dentro dela. Tal criatura espiritualizada não terá necessidade de indagar: Senhor, o que é isto ou aquilo?, pois penetra nas profundezas de Minha Sabedoria Divina. A fim de que possas assimilar mais amplamente a Verdade de Minhas Palavras, farei a leitura desta inscrição, e de pronto surgirão milhares de perguntas dentro de ti. Presta atenção.

A calma repousa inerte como a morte. Essa calma, por®m, ®apenas um empecilho para o movimento. Afasta os pontos de obstru-«o ð e a calma se transformar§ em movimento. Ele n«o ®propriamente movimento, mas, a procura de um ponto de estagna-«o; quando for encontrado, a calma n«o ®mais calma, mas um constante empenho para a movimenta-«o que surge t«o logo os empecilhos sejam afastados. Deste modo existem calma sem calma e movimento sem movimento. A calma ®movimento e o movimento ®calma. Na realidade n«o existe nem um nem outro. Ambos se revezam constantemente, assim como fazem uma pot°ncia positiva e uma negativa. Oh, mundo que repousas debaixo desta pedra! N«o descansas e te movimentas, no que consiste o teu peso pecaminoso. Est§s amadurecendo para a vida e procuras romper os la-os retentores. No momento em que forem rompidos, projetar-te-§s ao Infinito, l§ procurando o que ora possuis. Uma vida estaciona, uma vida se projeta; a primeira tenta desertar, enquanto a outra tenta repousar. ð Deus, Fonte B§sica da Vida Verdadeira, d§ o verdadeiro descanso ¨ calma, e ao movimento a real movimenta-«o. ð Agora, dize-Me se compreendeste a inscri-«o." Responde o franciscano: "Senhor, isto ®chin°s genu²no. £ s· o que posso dizer. Esclarece-nos a respeito."

152.º CAPÍTULO

Prisioneiros da matéria. Proposta de Cipriano.

Digo Eu: "A inscrição esclarece a sensação de tua própria vida, constituída de partes iguais de repouso e movimento. Podes naturalmente andar e parar, sentar ou deitar. Qual é a necessidade que sentes após longa caminhada?" (Resposta: De repouso.) "Bem, em tal caso procuras repousar. Após o descanso completo e observando grande movimentação a teu redor, digamos, um rebanho de ovelhas, seus alegres pastores, os pássaros a saltarem de galho em galho, um regato correndo célere pelas campinas e outras coisas semelhantes, — qual é a manifestação que se apresenta em teu físico confortado pelo descanso?" (Resposta: Movimento, bastante movimento.)

Ótimo. Assimilando isto, deduzirás da inscrição que tanto repouso como movimento nada mais são do que necessidades alternadas de todo ser e vida. Objetos necessariamente sob julgamento encontram-se num repouso constante ou em movimento ininterrupto. Os seres, porém, abrigando vida mais liberta, contêm repouso e movimento para uso livre. Eis porque o pedido: Senhor, dá verdadeiro repouso ao repouso e ao movimento justa movimentação, — significa apenas: Senhor, dá-nos repouso e movimento, livremente, e não nos mantenhas no julgamento. — Ou mais explícito: Não nos induzas à tentação, mas livra-nos do mal do julgamento. Compreendeste, ou ainda não surgiu luz em teu íntimo?"

Responde o franciscano: "Sim, Senhor e Pai, isto me é claro. Mas quais são os que repousam lá embaixo e cujas necessidades sentidas de há muito apresentam tal inscrição?"'

Digo Eu: "Todos os presos pela matéria repousam sob esses monumentos, instituídos pelo julgamento necessário, para eterna recordação de Minha Sabedoria, Força e Poder Divinos. Tua própria alma surgiu de tal túmulo e foi depositada em outro, feito de carne e sangue onde se encapsulou qual bicho-de-seda na matéria mais leve, capaz de vida natural, progressiva, modelando-se e desenvolvendo-se de acordo com a sua forma própria. Conseguindo esta realização, sua alegria se tornou maior com a forma do que consigo mesma, integrando-se à forma mortal da carne.

A carne é, como toda matéria, morta. A alma unindo-se à matéria, como poderia ficar excluída do julgamento? Foi dado à alma um novo espírito e ela deveria tudo empenhar para unir-se a ele. Se, todavia, tudo faz para se unir com a matéria — como poderia o espírito se tornar senhor de sua casa?

Afirmo-te que o próprio espírito será enterrado na matéria. E aqui vês grande número de espíritos enterrados. Cada túmulo conserva o seu espírito e as palavras que lêste são dele, e poderás ler outras tantas inscrições idênticas. O espírito ainda vivo geme e suspira para libertar-se do sepulcro. Dize-Me tu, o que devemos fazer?"

Responde Cipriano: "Senhor, pessoa alguma, dotada de um vislumbre de amor, terá dúvidas quanto à justa resposta. Devem ser socorridas o mais depressa possível, pois um auxílio daqui a eternidades seria inútil. Que surjam dos túmulos, inclusive sua matéria! Deixemos que esta se evapore para livrarmos o elemento espiritual.

Meu coração não considera pecadoras as criaturas que no mundo são maldosas e materialistas. Observemos sua posição social, sua miséria, a completa carência de educação moral, resultado do estado precário da economia popular, que por sua vez é consequência dos corações egoístas dos ricos, — e procuremos condenar um pobre ladrão exposto à miséria e desespero, uma prostituta que durante meses procurou emprego sem achá-lo, e caso o encontrasse, era pior do que o próprio inferno. Muitas serviçais se tornam prostitutas devido ao seu ordenado miserável, a fim de melhorarem sua situação financeira. Não se pode falar de moral e educação mais elevada quando a maior parte das criaturas poderia dizer: Existe muita areia à beira da praia; mas ninguém poderia afirmar ser dono de um punhado, pois se tal pretendesse, seria considerado ladrão. A Terra continua propriedade particular. Milhões são considerados escravos, empregados, burros de carga, etc. Alguns países procuram amenizar a miséria através de caridade material; mas, para a evolução espiritual, nada se faz para os pobres, a não ser que sejam obrigados a frequentar a missa nos dias santos e domingos, podendo no inverno congelar ou contrair outras moléstias.

Se a maioria deste modo se perverte, mata, rouba e assalta, rebela-se contra as leis tornando-se ateia ou vilipen-

diadora de Deus, — quem poderia condená-la por isto? Eu não. Socorramos, portanto, primeiro física e depois moralmente, — e tudo na Terra melhorará. Ela tornou-se um verdadeiro inferno para a humanidade. Transformemo-la, ao menos em parte, num paraíso, e os homens reconhecerão novamente a Deus. No inferno não se pode estudar teosofia e moral elevada. Ajuda total para todos que gemem no sepúlcro. Eis o meu eterno lema."

153.° CAPÍTULO

Ensinamentos importantes. Satanás, origem da matéria e de todas as almas. Plano de salvação.

Digo Eu: "Teu coração é bom, por sentires compaixão de teus semelhantes, qualidade ausente em muitos de teus confrades religiosos. Teu conhecimento, porém, é nulo. Presumes Eu não Me preocupar com a humanidade da Terra? Admites talvez ter o teu coração mais amor ao próximo que o Meu? Ou teria Eu ficado tão ignorante e tolo a ponto de não mais saber o que seja útil aos homens? Tens bom coração, idêntico a um cego que acaricia um condor julgando ser uma pomba, e coloca no bolso uma serpente como se fora um peixe. Conheces por acaso a origem da maior parte das criaturas do orbe e como devem ser mantidas e conduzidas, a fim de que sejam educadas por espíritos livres através de meios variados de salvação? Ignoras tal fato, jamais o soubeste e compreendeste; no entanto, queres acusar-Me sutilmente, como se fora Minha culpa a situação precária da humanidade. Tal conceito é futilidade de teu coração.

Não viste na Terra como se preparam os metais e o vidro? Se por acaso tiveste oportunidade de ver uma fornalha de fundição onde o aço se torna incandescente para se precipitar com estrondo dentro de um recipiente adequado, — qual teria sido tua reação na hipótese de imaginares que tal matéria pudesse possuir uma sensação instintiva? Que forte dor não haveria de sofrer quando destruída pelo poder do fogo em sua forma primitiva e forçada a ingressar em outra. E ao deparares com o metal sólido, luminoso e útil, — acaso também te tornarias sentimental? Não! Estarias alegre, elo-

giando a inteligência humana capaz de produzir pela ação do fogo, metais úteis e louças tão lindas.

O mesmo acontece com a educação espiritual do homem. Caso vez por outra esteja adoentado, reumático, cego, surdo, mudo e não raro cheio de feridas e chagas, — um bom médico tudo fará para curá-lo. A moléstia exigindo remédios fortes e dolorosos, sem os quais não seria possível curá-lo, seria prudente e apropriado privá-lo daqueles recursos por um sentimento de compaixão?

Ouve bem. Satanás foi criado como primeiro espírito. Quando devia reconhecer e aceitar sua liberdade plena através de uma lei, rebelou-se e provocou sua queda, pelo desprezo da lei, portanto de Deus. Tendo sido designado — como Adão — a se tornar o pai original das criaturas posteriores, para toda a eternidade, ele trazia dentro de si, qual semente, inúmeros seres, com eles se afastando de Mim, o Criador. A consequência disto foi a Criação material de todos os mundos como julgamento necessário. Ele poderá permanecer por muito tempo aquilo que é; suas sementes incontáveis lhe serão tiradas pelo caminho penoso da matéria. Tais gérmens surgem de sua natureza total, ora de seus cabelos, ora de sua cabeça, da garganta, língua, dentes, pulmões, intestinos, pele, mãos e pés. À proporção que a humanidade surgir de uma ou de outra parte de Satanás, é preciso ser tratada e guiada para alcançar o grau de verdadeira perfeição.

5) Ciente disto, acaso poderias enfrentar-Me, dizendo: "Senhor, porque não socorres aos aflitos, deixando que pereçam?" — Jamais deixo que alguém definhe e pereça, nem o próprio Satanás e os demônios. Não posso deixá-los como querem em seu egoísmo ignorante; tenho que cuidar de todos os meios para que possam atingir a meta imposta por Minha Ordem, desde eternidades.

Acaso presumes encontrar-se nesses túmulos o proletariado infeliz, obrigado a pecar em virtude de sua miséria? Enganas-te muito. São pessoas cultas e bem orientadas em assuntos diversos. Aproveitando seus conhecimentos e dons em prol do seu orgulho, implacabilidade tremenda, volúpia carnal, inveja e avareza, materializando sua alma, — encontram-se elas no túmulo do julgamento preparado por si mesmas. Atrás do sepulcro verás uma abertura. Vai até lá, espia e Me diz o que vês. Só então palestraremos a respeito."

154.º CAPÍTULO

Descobertas repugnantes. Mistérios tumulares.

Manifesta-se o conde Bathianyi: "Senhor, aqui ao lado acha-se uma dourada; se não me engano, contém a seguinte inscrição misteriosa" Deus, liberdade e felicidade...! Homem, cão, miséria e morte! O homem — um simples inseto na veste externa da Santidade Divina — pretende amar a Deus, qual piolho o corpo humano. Isto incomoda a Divindade, razão pela qual mata constantemente os. insetos humanos. Quem conhece o amor do piolho para com a criatura? Quanto mais piolhos passarem por cima de sua pele, tanto maior será a onda de amor que a envolve. Não lhe agradando tal simpatia, ela tudo fará para livrar-se. O mesmo acontece com a Divindade sempre ocupada em libertar-Se do amor humano. Não deveria criar o homem e lhe dar consciência, porquanto seu afeto Lhe é um horror. Muito embora infinitamente pequeno perto da Divindade, ele tem sentimento delicado e percebe a repugnância de Deus tanto mais dolorosamente à medida do excessivo peso da Onipotência. Sê Misericordiosa, Ó Santa Divindade, para com tuas criaturas e aniquila-as de uma vez para sempre." — Que inscrição repulsiva e estranha! Tinha vontade de observar os moradores de tal tumba."

Digo Eu: "Facilmente te posso proporcionar tal prazer. Espia pela abertura posterior." Bathianyi ,se ajoelha do lado oposto e, após certo tempo de observação, diz admirado: "Isto é medonho. Um macaco enorme e excessivamente sujo, coberto com penas de pavão, anda de lá para cá, num vasto salão; seguidamente encosta o dedo no nariz e na testa estreita, que esfrega com ares filosóficos. Em cima de um divã se acocoram sete a oito macaquinhos, certamente fêmeas, cochichando entre si. Em dado momento, o grande diz com voz rouca: "Russos e turcos não combinam. O célebre general Bem já os pegou pelo cangote. Em seguida virão os ingleses e franceses e mostrarão aos russos a distância da Europa à Sibéria. Este sempre foi meu desejo. A Áustria terá que dançar de acordo com o assobio dos outros. Pobres alemães, bobos eslavos, burros franceses e idiotas húngaros. No Parla-

mento não conseguistes unificar-vos, alcançando tal fim na força da pobreza e no desespero comum, como escravos das fazendas na América, Que alegria por tudo acontecer conforme imaginei na Terra!"

Diz o conde: "Santo Pai, — que confusão é esta? Dizenos se há algo de verdadeiro nisto." Respondo: "Tudo no mundo é possível à medida com que as criaturas privam Comigo ou confiam em seu próprio poder. Ouve o que mais esse macaco dirá."

Novamente o conde chega-se ao orifício, e o macaco prossegue, após pigarrear: "Onde andará Malla? Ah, aí vem ela, certamente cheia de novidades do mundo." (Nisto, ela entra na sala) "Então, quais são as notícias?"

Responde Malla, também de aspecto simiesco: "Nem podes calcular. Ninguém se entende. Os ministros da Áustria fogem quando a bomba estoura. Elevam o proletariado e reduzem os maiorais, resultando que os últimos praguejam enquanto os outros não sabem como agir. Meu caro Mallwitt, isto não é gozado?" Ele ri gostosamente.

Ela continua: "Os ricos terão que pagar impostos vultosos e já lançam insultos por isto. Os sacerdotes não se cansam de imprecar e condenar o Governo. Os lavradores não querem pagar; artistas e profissionais se entregam ao desespero. O exército continua esperando o aumento, que não vem, razão pela qual não confia no Estado. O Papa insiste em atrair os franceses e em compensação encomendou médicos de Nápoles, Espanha e Áustria, Tudo isto de nada adianta, pois não consegue se livrar dos franceses, de sorte que os sabidos alegam ser isto o fim do Papa. Isto não é para rir? Além disto, a Rússia assinou um tratado comercial com a Inglaterra. Será um desastre."

Retruca o macaco Mallwitt: "Tudo conforme o meu desejo. A anedota com o Papa não é má e o resultado será tal qual. Como teria sido fácil endireitar a situação política em 1848 quando ainda estávamos na Terra, se porventura os homens estivessem prontos para um entendimento. Qualquer idiota queria ser deputado e abafava o homem culto na Câmara. Eis o resultado bem merecido. — Agora, vê se arranjas algo para comer; estou com fome voraz e nossas filhas, igualmente."

Diz Malla: "Meu caro, não convém. Lá fora vagueiam animais ferozes como se o inferno estivesse aberto." Diz ele: "Se assim for, o mundo terá motivo para alegrar-se. Sinto entrar pelo orifício uma corrente desagradável. Vê o que há." Diz Malla: "Ora, certamente é uma ventania infernal; é preciso tapar a abertura." Imediatamente ela apanha quantidade de trapos imundos e tenta fechar o buraco, sem consegui-lo.

Nisto, diz o conde: "Senhor, que aconteceria se eu lhe dirigisse a palavra?"

Respondo: "Ainda não é chegada a hora. Deixemo-los. O pavor da suposta caça infernal dará melhor resultado. Não deves tomar em consideração as referências feitas por ele em prol de Deus, tampouco seu desapego político. Tudo o que diz representa seu desejo e inclinação. Por isto não se pode fazer outra coisa senão deixá-lo e aguardar sua maturação.

Trata-se aqui de um museu especial, pelo qual espíritos totalmente corruptos são reconduzidos à luz e à vida por um ato extraordinário de Minha Graça, como acontece às plantas na estufa. Este museu, ou seja, o local de conservação de obras artísticas de Minha Graça e especial Misericórdia, tem seus inspetores e guardas, munidos da necessária sabedoria quais horticultores. Podes estar certo chegar ao justo amadurecimento tudo que for entregue aos seus cuidados.

Deixemos este local e vamos lá para a frente onde verás todos os hóspedes em volta de um grande túmulo, ricamente ornamentado. Lá, todos vós sabereis mais nitidamente porque este local, que ainda se acha sob o teto da residência de Roberto Blum, é um museu.

Há tempos, disse aos Meus irmãos: "Muita coisa teria para dizer-vos. .Todavia, não o poderíeis suportar. Quando se aproximar o Espírito da Verdade, sereis levados à Sabedoria Divina, oculta ao mundo. — O mesmo acontece aqui. Não posso de um só golpe dizer, mostrar e explicar tudo. Através das circunstâncias o espírito da Verdade Eterna será despertado em vós, esclarecendo-vos sobre tudo aquilo que ora se apresenta estranho e incompreensível. Vamos para lá, pois onde há defunto, agrupam-se os condores poderosos."

155.º CAPÍTULO

A colossal pirâmide. A verdadeira ressurreição da carne.

Em poucos minutos estamos junto dos demais. Os inúmeros hóspedes, conduzidos pelos apóstolos, inclusive os patriarcas, nos recebem com respeito. Assim, aproximamo-nos do enorme monumento semelhante a uma pirâmide colossal.

No cume da pirâmide acha-se uma grande bola de ouro e cada degrau é incrustado em largo aro de ouro no qual estão gravadas várias epígrafes. Por uma porta do lado norte entra-se na pirâmide. Algumas braças atrás da entrada existem duas galerias laterais e na retaguarda está uma escada que dá para cima e outra, para baixo. Não obstante ser a construção toda de pedras opacas e pesadas, não permitindo penetração de luz, seu interior e todos os recintos se acham bem iluminados, permitindo ver-se tudo que comportam.

Cipriano, excessivamente curioso, pergunta: "Senhor, que significa isto tudo?" Digo Eu: "Caro amigo, um pouco de paciência. Não existe lenhador que corte semelhante árvore de um só golpe. Houve na Terra um rei pagão da Macedônia, chamado Alexandre, que desatou o célebre nó górdio com forte golpe de espada. No mundo dos espíritos puros não se resolvem os problemas deste modo, mas com a devida calma e paciência."

Diz o franciscano: "Senhor, sempre tens razão. Já não mais vivemos no mundo natural em que o tempo passa qual ventania; estamos na eternidade e temos tempo de sobra para nos fartarmos de noções preciosas. O que seria caso possuíssemos de momento toda a Sabedoria celeste? Nada mais que um eterno enfado. Por isto, — muita calma, do contrário a alegria eterna se tornaria eterna monotonia." Diz o conde: "Parece-me começares novamente a te tornares mordaz. Tem cuidado, pois o local em que pisas é sagrado." Digo Eu: "Basta de discussões. Tu, irmão Ludovico, não deixas de ter razão; a observação de Cipriano também é justa. Por isto afastai todas as querelas, pois temos à nossa frente coisas muito mais importantes. Cipriano, vai chamar Roberto e sua esposa. Nessa ocasião cabe a ele o papel principal." Ele executa Minha Ordem, e Roberto e Helena se dirigem rápidos para junto de Mim e ele pede que Eu Me expresse.

Digo Eu: "Caro amigo, esse museu que analisas em todas as direções, em companhia de tua esposa, é igualmente uma parte importante de tua casa que te entrego com especial carinho. Já fizeste muito e tenho motivos de satisfação com o teu desempenho. Teu espírito se acha na melhor ordem. Tua alma, porém, é de pouca firmeza e não pode ser de modo diverso, porquanto a decomposição ainda não dissolveu inteiramente o teu corpo. Aqui é o local para conseguires a plena consistência de tua psique, no que terás de observar umas tantas coisas.

O corpo humano é um verdadeiro conglomerado de milhões de tendências infernais congregadas numa forma prescrita. Por certo já ouviste falar da ressurreição da carne de mortos e vivos, e de um tal Dia do Juízo em que todos os que se acham no sepulcro, serão por Mim despertados, de acordo com suas obras, para a vida ou para a morte.

Aqui é o local onde tenho que te revelar tais segredos, à medida de tua natureza e constituição. Através de ti serão divulgados a todos que, pelos mesmos motivos, aqui chegarem e tiverem de receber acolhimento em tua casa porque, já na Terra, viviam em tua esfera por pensamentos, inclinações, expressões, desejos e obras.

Foste, de todos, o primeiro acolhido por Mim e por cuja existência e futuro cuidei. Por isto também tens de ser o primeiro — tratando-se do aperfeiçoamento final — a concluir tal tarefa, a fim de que possas passá-la para outrem. Já te disse não ter tua alma a devida consistência ou solidez. Como alcançá-la?

Digo a todos: Assim como Eu, o Senhor, vos precedi como Homem, em toda linha, organizando um Caminho bom e indestrutível, todos vós tereis que Me seguir pelo mesmo, caso queirais alcançar a Vida Eterna. Eu não ressuscitei alma e espírito, mas o corpo. Minha Alma e Meu Espírito Eterno não necessitavam de ressurreição, constituindo o maior dos absurdos, Eu, como Deus, ser morto. Tendo ressuscitado fisicamente como eterno Vencedor sobre a morte, todos vós tereis de ressuscitar, pois só vos será possível fitar a Mim, Deus Perfeito, com o corpo ressuscitado, purificado e transfigurado. A carne está em julgamento que lhe será tirado, do contrário jamais servirá para solidificação da alma.

10) Esses túmulos todos abrigam tua própria carne, isolada em milhões de partículas que a constituíram. Os seres

que encontraste debaixo das lajes são na realidade apenas expressões dos diversos desejos, inclinações e paixões acolhidas em tua carne, como partes condenadas de tua natureza. Tem que ser purificadas por vários meios para em seguida se tornarem uma veste real, sólida e viva de tua alma.

Assim como despertei a Minha Carne pela Força e Poder Próprios, todos vós tendes que iniciar essa obra mais importante e levá-la a efeito pela Força de Meu Espírito. Quem quiser ser verdadeiramente Meu filho terá que se assemelhar a Mim em tudo, fazendo o que já fiz, faço e farei. Arregalas os olhos e indagas no íntimo: Senhor, como conseguirei realizar tal coisa? — Paciência, sabe-lo-ás agora."

156.° CAPÍTULO

Explicação da pirâmide. Caminhada pelo inferno

Prossigo: "Vê, esta pirâmide é teu coração. Assim como o coração é portador de inúmeros gérmens do bem e do mal, este monumento em forma de pirâmide é o resumo de tudo que repousava e agia como força carnal em tua natureza. Entra na pirâmide, em companhia de tua esposa, e analisa bem o que contém na altura, na profundidade e em suas paredes.

Em seguida volta e relata tuas observações. Dar-te-ei então orientação do que te compete fazer. Não deves parar diante de qualquer coisa. Se fores tentado para tanto, — fita tua esposa que te afastará dali. Sabes, portanto, como te portar. Inicia tua caminhada para o inferno, acompanhado de Minha Graça e Amor, cheio de coragem e do melhor consolo. Também Minha Alma teve que descer ao inferno antes da Ressurreição de Minha Carne." Roberto se curva profundamente e inicia sua tarefa.

O franciscano, por sua vez, indaga se não é possível acompanhá-lo. Respondo: "Tão logo tiveres alcançado a plena maturidade, terás que fazer o mesmo, muito embora de outra forma, devido à tua constituição. Nem todos correspondem à mesma formação, porquanto essa depende da preponderante inclinação da alma sobre o corpo. Continua aqui e aguarda o que Roberto realizará. Daí concluirás, mais ou menos, de que maneira tu mesmo descerás ao inferno."

Pergunta o franciscano: "Senhor, é esse inferno uma espécie de purgatório?" Respondo: "Sim, algo parecido, no entanto bem diverso daquilo que ocultas em teu coração católico."

Diz ele: "Quer dizer que ninguém ingressa de pronto no Céu?" Digo Eu: "Não tão facilmente. Se Eu Mesmo tive que descer ao inferno, sendo o Próprio Senhor, todos os Meus filhos terão de fazê-lo. Todo fruto terá que amadurecer para ser saboreado. Crianças tolas e ignorantes presumem estar a cereja madura quando apenas rosada; o agricultor entendido conhece perfeitamente o tom de vermelho da cereja madura. Não há ingresso direto no Céu, mas sim, ao paraíso espiritual, onde agora vos encontrais, a Meu lado. Não basta Eu dizer ao pecador: Tem confiança, pois ainda hoje estarás Comigo no Paraíso. — Agora silêncio, Roberto não tardará."

O franciscano tem vontade de falar algo mais; o general, que se acha perto, em companhia de Dismas e o transfigurado Padre Tomás, tapa-lhe a boca, dizendo: "Obediência. Nosso Senhor e Pai deu ordem de silêncio e temos de obedecer."

Intervenho: "Está bem, amigo Matias. Aqui não existe lei positiva por Mim elaborada. Caso Cipriano queira falar, não será impedido." Responde este: "Não, não, nada tenho a dizer, muito embora tivesse tido vontade. O general tem razão em impedir-me nisto, pois neste instante Roberto regressa da pirâmide e estou ansioso por ouvi-lo. Tanto ele quanto sua companheira não parecem muito satisfeitos."

157.° CAPÍTULO

As inscrições da pirâmide.

Eis que Roberto se aproxima com Helena, dizendo: "Senhor, que aspecto horroroso acabo de observar! Se o interior dessa pirâmide fosse idêntico à estrebaria de Augias, e ainda que dez vezes pior, — fácil seria limpá-lo. A imundície pecaminosa, mormente na profundeza do monumento, ultrapassa aquela estrebaria de Hércules. Impossível cogitar-se de limpeza, mesmo desviando para lá todos os rios e riachos da Terra. Nas regiões superiores da pirâmide se apresenta uma

infinidade de quadros de minha vida volúvel, e os recintos inferiores estão abarrotados de indescritível imundície acompanhada do pior mau cheiro. Ai de mim! Quem me ajudará a sanar essa cavalariça?"

Digo Eu: "Caro Roberto, não existe tarefa tão grande, impossível de ser executada, tendo os meios adequados para a melhor ordem. Para tanto são necessárias compreensão e paciência justas. Observa a Criação total e imensurável desde o início até seu término indispensável, suas partes ínfimas, orgânicas e inorgânicas até o seu todo, para ti incompreensível, enorme e ordenado, — e jamais depararás em teu estado atual a possível execução, ordem, conservação e orientação para a justa finalidade. Todavia, tal Edifício da Criação se apresenta na melhor ordem, e não existe *um* átomo capaz de fugir ao seu destino. Se isto é realizável, quanto mais limpar-se tua estrebaria imunda. Mas, como já disse, são indispensáveis compreensão e paciência justas e, naturalmente, uma vontade firme e inabalável. A fim de alcançares antes de tudo a justa compreensão, lê o que se acha escrito nos degraus da pirâmide, em incrustrações de ouro. Assim saberás como agir."

Roberto vai e lê primeiro o que se acha gravado no degrau inferior: "Vinde todos a Mim, que sois cansados e oprimidos, e recebereis conforto. Guiai-vos apenas pelo amor. De fato, se o número de vossos pecados fosse idêntico à areia do mar e à erva sobre a terra, — o amor os apagaria totalmente. E se vossa desonra diante de Deus fosse semelhante ao sangue de bodes expiatórios, ela seria lavada pelo amor a ponto de se tornar tão alva como a lã."

No seguinte degrau, Roberto decifra: "O amor é vida, lei, ordem, força, poder, meiguice, humildade, paciência, portanto, a síntese de toda Sabedoria. A Sabedoria nem todas as coisas são realizáveis, porque apenas caminha em certa direção, não podendo ocupar-se das impurezas. Ao amor, porém, tudo é possível. Ele abraça igualmente o que é pervertido com o mesmo sentimento dedicado ao mais puro, em si. O amor aproveita tudo; a Sabedoria comporta apenas o que o amor purifica."

No terceiro degrau, ele lê: "Indaga de teu coração se é capaz de grande amor; se pode amar a Deus acima de tudo, desinteressadamente, se não pelo próprio amor. Per-

gunta-lhe se pode amar ao irmão, por causa de Deus. mais do que a si mesmo, como se fora outro pequeno deus. Será possível teu coração amar verdadeira e puramente? Amará a Deus por ser Ele Deus? Se teu coração tudo isto puder, tua decomposição estará terminada e tu, perfeito diante de Deus, teu Senhor, Pai e Irmão."

No quarto degrau está escrito: "Deus Mesmo é o Amor Eterno e Puro, Seu fogo é a Vida, e a Sabedoria em Deus é a Luz de todos os seres. As faíscas surgidas do fogo do puro Amor Divino são os filhos de Deus, de origem idêntica a Seu Coração. És também uma tal faísca. Incendeia-te como uma verdadeira chama, que verás em teu coração o Próprio Pai."

No quinto degrau ele lê: "O Verbo emanado pelo Coração de Deus é a Onipotência do Amor; por isto, o Verbo e o Eterno Filho de Deus são idênticos. Deus Mesmo é o pleno Verbo gerado no fogo do Amor. Também és uma Palavra de Deus gerada em Seu Coração. Eis porque te deves tornar novamente uma Palavra perfeita do Pai. Transforma-te em amor, pleno amor em Deus, que chegarás ao Filho Divino, unindo-te a Ele. Mas não chegarás a Ele senão pelo Pai, o Amor e o Próprio Verbo, sempre o Mesmo, desde eternidades."

No sexto degrau: "Somente Cristo é o Mediador entre Deus e a natureza humana. Através de Sua morte e Seu Sangue derramado Ele determinou à carne, ou seja ao antigo pecado de Satanás, o caminho para a ressurreição e retorno a Deus. Cristo é o Amor Básico em Deus, o Verbo principal de todas as palavras, Encarnado, tornando-Se Carne de toda carne e Sangue de todo sangue. Essa Carne assumiu de livre vontade todos os pecados do mundo e purificou-os perante Deus através do Sangue Santificado. Procura compartilhar desta maior Obra de Salvação da carne e serás puro diante de Deus. Nada e ninguém poderão se purificar por si mesmos; somente através do Mérito de Cristo, a mais elevada Graça e Misericórdia de Deus. Por ti mesmo nada conseguirás; Cristo alcança tudo."

No sétimo degrau: "Tua morada física é cheia de imundícies; quem a purificará? Quem, unicamente, teria força e poder para tanto? Cristo, ao Eterno Sumo-Sacerdote perante Deus, Seu Pai Eterno. Cristo e o Pai são Unos desde eter-

nidades. Somente em Cristo habita fisicamente a Plenitude da Divindade .Tal Plenitude é o Pai, o Puro Amor Divino. Apossa-te Dele com o teu amor, que purificará a tua carne e a despertará como fez à Carne de Cristo, a Quem Ele Mesmo abrigava."

No oitavo degrau Roberto lê: "Apavoras-te diante do grande número de maus espíritos que em vida dominaram tua carne e teu sangue e perguntas, como fez Paulo: Quem me libertará de minha carne e dos laços da morte? — Cristo, que foi morto, ressuscitou e vive como o Senhor de eternidade. Se Ele permanecesse na morte — caso fosse possível — a morte eterna te seria garantida. Mas com Ele ressuscitou, conforme O vês pessoalmente, — impossível alguém permanecer dentro da tumba. Assim como por aquela serpente a morte sobreveio à carne — a Vida acercou-se da carne humana, através do Homem-Deus, Único; mas ao mesmo tempo acercou-se dele um novo julgamento, muito embora o primeiro, que continha a morte, fosse aniquilado para sempre através da Ressurreição de Jesus. Esse novo julgamento não deixa de ser também morte; porém não leva à morte, mas à própria vida. Apodera-te do Amor pelo teu amor a fim de que esse julgamento de tua carne se torne vida verdadeira pelas Obras de Jesus. Encontras-te na fonte; sacia-te na Água Viva."

No nono degrau: "O amor à mulher é amor-próprio, pois quem se deixa levar pelo amor carnal a ponto de se tornai' um peso ao amor para com o próximo e, como resultante, o amor a Deus, — ama a si mesmo em a natureza feminina. Não te deixes, portanto, seduzir pela forma atraente da mulher, além da justa medida; do contrário, sucumbirás na fraqueza feminina, enquanto que a mulher deveria se tornar um ser uno em ti. Deves amar a mulher assim como amas uma ou outra tendência de tua natureza, a fim de que se unifique contigo. A Deus terás que amar acima de tudo, para renasceres poderoso, um cidadão verdadeiramente livre nos Céus puríssimos de Deus, por toda eternidade, e tua esposa contigo, num só ser."

No décimo degrau: "Procura progredir sempre para que não te excedas quando te tornares grande. Vê a Humildade, Meiguice e Bondade do Senhor. Ele é o Senhor desde eternidades. Tudo o que comporta o Infinito, do macrocosmo ao microcosmo, do átomo mais elevado até o mínimo — é

Sua Própria Obra. Sua Força é tão Grande que todas as Criações do Universo se desfariam diante de Seu mais suave Hálito; entretanto, Ele priva com Seus filhinhos, tão Modesto e Despretensioso como se fora o Menor entre eles. Ama-os e palestra com eles como se fossem as únicas criaturas em todo o Infinito, onde sobrepujam miríades de seres maravilhosos, cheios de amor e sabedoria. Procura ser o menor de todos, para sempre."

No último degrau, Roberto comove-se de tanto amor para Comigo, a ponto de chorar copiosamente. Ora estuda essa inscrição, última e superior, ora Me fita, em seguida a sua esposa, e diz, com profunda admiração: "Ó inscrição sagrada! És tão simples, sem empáfia, esculpida em ouro puro, entretanto tão eternamente verdadeira como é Verdadeiro Aquele, cujo Dedo Poderoso te gravou! Meu Deus, só agora sinto penetrar-me tão imenso amor para Contigo, percebendo que jamais te amei. Agora tudo se modificou. Tu somente és Senhor de meu coração e de minha vida. Dedico-Te amor invencível, meu Amado Pai, Jesus!

Quando me entregaste a linda Helena para esposa, senti mais gratidão do que amor para Contigo, e com o fiel cumprimento de Tuas Leis presumia possuir a maior perfeição. Como estava longe da meta verdadeira! Ignorava como seria possível amar-Te acima de Helena e considerava tal afeto algo ridículo. Agora isto mudou. Amo apenas a Ti, acima de tudo, e vejo surgir uma nova vida neste sentimento, č Senhor, Pai Jesus, meu ¼nico amor."

158.° CAPÍTULO

Roberto esquece sua esposa, por momentos. Compreensão dela e seu receio diante do Altíssimo.

Com tais palavras, Roberto dá um salto da pirâmide, corre para junto de Mim, prosternando-se a Meus Pés. Eu o impeço, chamando-lhe a atenção por ter esquecido Helena, sua esposa. Diz ele, numa comoção estática: "Quem poderia em Tua Presença ter pensamentos e idéias senão para Contigo? Amo Helena, linda e devota, como parte integrante de meu ser espiritual, — mas acima de tudo estás Tu, meu Deus, Senhor e Pai! O que seria o mundo cheio de Helenas, sem Ti?

Nada, Poderia até desesperar-me em seu convívio. Estando Contigo, posso estar feliz sem ela; no entanto, vou buscá-la por ser uma Dádiva de Tua Mão, de valor infinito para mim."

Digo Eu: "Pois bem, vai buscá-la. Está nos olhando com tristeza e presume te ter ofendido, porquanto a abandonaste." Ligeiro, ele se aproxima dela, dizendo: "Vem, querida, esqueci-te apenas por momentos devido ao grande amor a Jesus. Agora já está tudo em ordem. Vem comigo e não fiques triste."

Responde Helena: "Entrego o meu coração ao Senhor, e a ti por me considerares novamente. Julgava ter errado, porque me deixaste e parecias ter-me esquecido. Foi o amor justo e verdadeiro que te levou para junto do Pai. Conduze-me até Ele, único Dono de meu coração para sempre. Deixa que nossos corações se unam diante Dele, que os encheu com Seu Amor a fim de que — tão logo tua carne se purifique pela ressurreição, no fogo do Amor Divino — tua alma também se torne pura e nos regozijaremos num só coração, sentindo, pensando e vivendo diante Dele."

Roberto quase desfalece de alegria e conduz Helena para junto de Mim; ela também faz menção de prosternar-se. Para evitar isso, digo: "Helena, querida, não te animas em amar-Me como o fizeste anteriormente? Sou sempre o Mesmo." Diz ela chorosa: "Sim, para a visão. Mas, para o coração Te tornaste mais Sublime e Grandioso. És Deus Único e Verdadeiro."

Protesto: "Minha filha, isto já sabias e aceitavas, e não tinhas receio de Minha Santidade. Até Me beijaste, sem mais nem menos. Onde foste buscar tamanho recalque? Reflete um pouco, sê a mesma, assim como Eu permaneço imutavelmente o Mesmo. Deste modo, não cairás num temor desnecessário diante de Minha Majestade Divina."

Contesta Helena: "Oh não, existe uma grande transformação no meu conhecimento de Tua Pessoa. No começo, Tua Divindade tinha algo de Humano, e o coração de uma pobre pecadora suportava a Tua Presença. Quando os acontecimentos e aparições se tornaram mais maravilhosos e imponentes, demonstrando com nitidez a infinita diferença entre Ti, Deus e a criatura, cuja missão se concretiza na emancipação pelas Leis de Tua Ordem, — deixaste de dar impressão humana. É compreensível sermos tomados de um certo temor de Tua Santidade.

Nos dois primeiros salões no palácio de Roberto já tive motivo de sobra para extasiar-me, louvando Tua Bondade, Amor e Sabedoria. Eis que nos conduziste a esse museu que representa figuradamente a natureza física de Roberto, — e não acho mais palavras para expressar minha admiração. Mormente as inscrições nos degraus da pirâmide, seu sentido sublime, — tudo isto poderia provocar êxtase elevadíssimo. Por isso, modificou-se minha posição anterior.

Quando na Terra, no péssimo ambiente de Viena, eu me entregava por dinheiro e boas palavras, um cavalheiro distinto me visitava vez por outra. Não tinha receio diante dele, porque não via seu lar luxuoso e seu poder financeiro. Bastava eu entrar em seu escritório e deixava de ter liberdade. Não devia fazer aqui tal comparação pecaminosa por ser este solo santificado; não pude deixar de fazê-lo, pois aplica-se bem à situação atual. Não ficarás zangado por isto, Senhor?"

Respondo: "De modo algum. Já saldamos teus pecados, motivo pelo qual tuas desculpas nada representam para Mim. Sei muito bem a sensação que enfrentarás ao deparares com milagres maiores. Consta: Sede perfeitos como vosso Pai no Céu! — Como isto seria possível a uma filha cujo respeito diante do Pai é maior do que o de uma lebre frente a um leão?"

159.° CAPÍTULO

Exemplo do artista e seus alunos. O Ensino amoroso do Senhor reconduz Helena ao amor celeste.

Prossigo :"Acabas de apresentar um exemplo bem aplicado que deveria justificar o teu receio diante de Minha Pessoa. Em compensação contar-te-ei outro, e veremos tua situação atual. Houve na Terra grande mestre na pintura, cujos quadros necessitavam somente uma vivificação para que o tema se tornasse real. Suas obras atraíam grande número de admiradores de todas as partes do mundo e alguns talentosos com desejo de alcançarem tamanha perfeição. Satisfeito, o mestre se dedicou àqueles jovens.

Alguns havia, dotados de grande habilidade, mas seu respeito diante da grandiosidade do mestre era tão intenso

que mal arriscavam a tomar do pincel. Julgavam ser todo o seu esforço inútil, a fim de poderem atingir um átomo de sua perfeição. Os outros, cujos dons eram menores, diziam: Sabemos ser nosso mestre o único na pintura e jamais a ele nos poderemos igualar, mas pelo respeito à sua arte chegaremos ao ponto de não nos atrevermos a pintar. Vamos dedicar-lhe grande amizade e aprender o quanto possível. Isto, certamente alegrá-lo-á mais do que se nos prostrarmos diante de sua obra. Além disto, já é um elogio para sua pessoa, se milhares, tocados por suas realizações, se entregam à aproximação de sua arte num ou noutro ponto. Vê, Helena, os primeiros, extasiados pelo grande respeito, pouco ou nada aprendem do grande mestre, enquanto os outros evoluem, pelo zelo dedicado, em bons artistas sob sua orientação.

Dize-Me, sinceramente, qual dos dois grupos será preferido pelo Mestre: o excessivamente respeitoso, ou o outro, sem recalques, porém imitador da arte a que dedicou seu coração? A quem tu mesma darias preferência: um, tão acabrunhado diante de tua beleza que nem se atreve a confessar o seu amor, fazendo-se apenas de admirador à longa distância, ou um outro, que não obstante tua beleza estimule seu amor, continua senhor de seus sentidos e tem coragem para te confessar sua inclinação. Qual é tua opinião?"

Responde Helena: "Oh, Senhor, — naturalmente o segundo. Reconheço o meu engano e prometo corrigir-me." Digo Eu: "Bem, que farás neste caso? Serás tão afetiva como antes quando te salvei do jugo de tua morte espiritual?"

Diz Helena: "Sim, — é claro, — mas, hum — se ao menos não fosses tão elevadamente Santo! Quando penso seres Tu, Deus, o Eterno Onipotente, Onisciente e Santo e eu, nada mais do que simples fagulha do Teu Pensamento — sinto tal respeito diante de Teus Olhos que desejaria sumir na poeira.

Se bem que expresses a mais elevada Bondade e Meiguice, sei que os Teus Olhos às vezes projetam tempestades, saraivada de trovões por cima das criaturas. Fisicamente não apresentas maior energia que qualquer um de nós; o Cosmos, mormente os sóis, revelam ter o Altíssimo aparência humana, entretanto é Ele bem diverso. É infinitamente Bom àqueles que Ele ama; mas quem não se submeter à Sua Ordem terá que enfrentar o Seu Rigor.

Tais pensamentos se infiltram em meu coração e não sou culpada se de mim se apodera uma veneração crescente. Até poderia afirmar que Tu, como Deus e Criador, nem podes conceber o sentimento de uma criatura que se acha à Tua frente. Por certo sentes verdadeiro prazer por Te encontrares diante de inúmeras criaturas e amá-las livremente, de acordo com Teu Amor Divino. Nós só o podemos fazer com tremores de veneração. Se tivesse coragem e fosse permitido, amar-Te-ia com todo fervor, mas..."

Digo eu: "Vê só, que criatura inteligente és! Será preciso Eu aprender contigo. Se Eu não fosse capaz de sentir aquilo que sentes ao te deparares Comigo, Teu Criador, — quem poderia ser o causador de teus sentimentos? Criei-te completa e não pela metade. Heleninha, desta vez desenterraste alguns remanescentes de tua inteligência vienense.

Quantas vezes não afirmaste na Terra: Não tolero homem fraco! — E aqui, no Reino dos espíritos, talvez almejes um Criador débil? Para que finalidade serviria? Ele tem que ser Onipotente e Sábio, do contrário sucumbiria, finalmente, contigo. Que te parece — sou tão horrendo, ou não?"

Helena esboça um sorriso e diz acanhada: "Pai Celeste, falas de tal modo a fazer desaparecer todo excessivo temor. Agora serás amado por mim, sem medida e sem fim." Acrescento: "Então vem cá e desafoga o teu coração!" Ela se atira ao Meu Peito e o cobre de beijos, lágrimas de alegria e suspiros.

160.° CAPÍTULO

Severa admoestação à presunção sacerdotal.

Como Helena goza o mais elevado êxtase de amor no Meu Peito, o Padre Cipriano se aproxima e diz: "Parece que Helena pretende possuir-Te sozinha! O que sobrará para nós? A esposa de Roberto não só dá impressão de Te amar, pois mostra-se realmente apaixonada e isto excede as medidas. A Mãe Santíssima e outras tantas personagens femininas também Te dedicam afeto sincero, no entanto não fazem tais cenas. És o Senhor, e eu jamais imporei minhas diretrizes; mas esse fato não deixa de ser curioso. Nunca vi criatura tão apaixonada."

2) Digo Eu: "Isto te espanta, não é? E ao mesmo tempo te aborreces. No entanto te digo: Não é aconselhável e não traz benefício a quem se escandaliza Comigo. E digo mais: Os direitos de quem não Me ama como Helena serão reduzidos no Meu Reino. Se tu Me amasses assim, o seu afeto não te aborreceria, achando-o exagerado. Sendo tu mais pobre no amor verdadeiro, o rico tesouro dela é uma trave em teus olhos, razão pela qual te incomoda seu grande afeto. Quanto a Mim, digo-te não Me contrariar de modo algum o seu grande amor, ao passo que tua observação está Me aborrecendo bastante. Maria e muitas outras mulheres não externam aqui no Paraíso seu forte amor para Comigo porque conservam de há muito o mesmo sentimento manifestado por Helena. Agora sabes o bastante. Recua um pouco, do contrário impedirias que ela desse expansão ao seu sentimento."

Diz o franciscano, antes de se afastar: "Senhor, caso o meu também venha a se inflamar como o de Helena, ainda terei de ficar na retaguarda?"

Respondo: "O amor verdadeiro é a única medida pela qual se sabe o quanto alguém está junto de Mim. Se tiveres um amor justo, isento de qualquer interesse, estarás mais próximo de Mim; quanto maior for o número de fagulhas a chisparem em teu coração, ávidas do amor-próprio, tanto mais te afastarás de Mim.

Os bispos católicos fazem atualmente conchavos na Terra acerca de interesses da Igreja, tais como: dinheiro, autoridade, concessões e outros tantos prejuízos para o futuro das criaturas. São levados pelo egoísmo, portanto estão muito longe de Mim, e seu conluio será danoso e seu conselho, inútil. E isto porque se arrogam privilégios para tanto. Afirmo-te serem eles os últimos a gozarem tais vantagens.

Quem deseja amar-Me e no entanto sente inveja de Meu Amor por outrem, que sou seu Senhor, não é Meu amigo e jamais merece Meu Afeto. Quem afirmar: Apenas por essa ou aquela penitência poderás assegurar-te do Amor de Deus e através Dele, da Vida Eterna, — é mentiroso e faz parte de seus afins no inferno. Eu sou o Senhor, amo a quem Me agrada e sou Misericordioso para quem desejo sê-lo e transmito a bem-aventurança aos que acho com mérito; ja-

mais Me prendo a determinados hábitos inventados por profetas dominadores, orgulhosos e egoístas, impondo à fraca humanidade pesadas correntes de escravidão. Ai daqueles que se atribuem o direito de espargir o Meu Amor às criaturas! Tal suposta prerrogativa ser-lhes-á encurtada em breve pela força, podendo procurá-la com a lanterna sem que a encontrem.

Amigo Cipriano, do mesmo modo que os bispos de Roma ora fazem Conselho e Conluio pelos quais pretendem manter somente sua antiga posição de domínio, brilho e ostentação, enquanto a verdadeira salvação de Meus povos lhes desperta menor interesse do que tu consideras a neve que há mil anos antes de Adão forneceu uma veste branca e fria às zonas temperadas, — tu mesmo ainda conservas algo genuinamente católico, invejando o amor desta Minha filha querida, enchendo o teu coração de irritação. Por isto te disse que deverias retroceder, pois tua inveja e indignação perturbam-na em seu amor para Comigo. Não te dou uma ordem declarada porque já deste prova de um sentimento mais purificado. Se te for possível, fica. Inveja e indignação não permitindo tua permanência, afasta-te."

A estas palavras, o franciscano manifesta profunda tristeza e diz de si para si: "Nunca teria imaginado que Ele fosse tão severo. Ele tem razão! Deus, meu Senhor, que será de mim, caso me aponte a porta? Qual será nosso destino, se nos expulsar? Devo voltar para a retaguarda, onde ela está? Que significação obscura tem essa palavra para Deus? Mas Ele disse que eu poderia ficar, caso estivesse apto. Não faz muito, o Senhor afirmou serem alma e corpo humanos de origem satânica, correspondendo a determinada parte do príncipe da mentira. Eu, certamente, derivo de seus chifres, porque sempre se manifesta coisa repulsiva em meu coração. E não resta dúvida existirem outras tantas inclinações do coração maldoso de Satanás, pois parecem constituir-se somente de inveja, avareza, domínio, orgulho, etc. Ó Senhor, expulsa o demônio de meu coração!"

Digo Eu: "Podes novamente juntar-te a Ludovico e seus amigos; entrementes, orienta-te com teus colegas Tomás e Dismas, que expulsarão de ti o resto negativo." Satisfeito, Cipriano Me obedece, enquanto Eu chamo Roberto para junto de Mim.

161.º CAPÍTULO

Milagrosa transformação dos sepulcros psíquicos. Roberto recebe a veste da imortalidade.

Quando Roberto, dominado por excessivo amor, aproxima-se ligeiro, manifestando alegria semelhante à de Davi pelo fato de ter Helena recebido tamanha Graça de Minha parte, — subitamente desaparecem todos os túmulos e em seu lugar surgem fortes luzes quais sóis. Elevam-se numa formação graciosa, subindo sempre até se fixarem em grupos como estrelas de primeira grandeza, na abóboda celeste.

Após certo tempo de êxtase dos presentes, flutua no alto um espírito fortemente luminoso e estaciona no local onde anteriormente se encontrava a pirâmide, segurando em sua dextra uma veste azul-clara, pregueada e coberta de inúmeras estrelas fulgurantes.

Todos os que se haviam aproximado da esfera de Roberto tão surpreendidos estão que mal se atrevem a respirar. O próprio Roberto, que há poucos instantes não se conteve de alegria, para estupefato diante de Mim e não ousa falar, muito menos perguntar acerca dessa aparição. Somente Helena, embora extasiada, encoraja-se para tanto.

Então explico: "Minha filha, tudo isto emana da matéria de Roberto. O anjo formou dela uma veste e, a Meu Mando, entrega-la-á como vinda do Céu. Muito contribuíste para a realização dessa finalidade, pois o grande poder de teu amor ajudou a purificar e dissolver a matéria. Aproxima-te do anjo e traze-o aqui, a fim de que diante de Meus Olhos entregue a Roberto a veste celestial, ou seja, a verdadeira vestimenta para a Vida Eterna,"

Radiante com essa aparição, Helena se dirige ao mensageiro luminoso e lhe pede para acompanhá-la, e ele a segue. Quando à Minha frente, ele curva-se com profundo respeito, passando a veste com expressão de amor a Roberto, que mal se controla de emoção, mas no mesmo instante se vê trajado com a veste da imortalidade.

Eis que lhe digo: "Então, amigo e irmão Roberto-Uraniel, agrada-te tua roupagem? Que Me dizes desta transformação?" Responde ele: "Senhor, já na Terra sentia às vezes momentos de elevação que fazem calar a boca dos ho-

mens; até os pensamentos ficam paralisados sem se poderem, manifestar durante fatos maravilhosos. Se isto se dá na Terra em julgamento, — quanto mais aqui no Reino dos espíritos onde um milagre reveza outro. Por isto, perdoar-me-ás, Senhor. ser eu incapaz de falar, tão grandes são minha alegria e meu amor. Este sublime ato deu-se tão repentinamente, de sorte a me tolher a língua. Caso me desses algum tempo para refletir, talvez conseguisse expressar-me."

Digo Eu: "Pois bem, vai com este anjo, que te mostrará o museu como verdadeiro museu. Em seguida, voltarás para transmitir a todos o que nele observaste. A fim de que esse trabalho te seja facilitado, caminharás ao lado do anjo em movimentação espiritual. É a mencionada velocidade de que tantas vezes falaste na Terra, denominando-a de "vôo do pensamento." (Dirigindo-Me ao anjo): "Saariel, eis teu irmão Uraniel. Conduze-o por esses milagres de sua alma e mostra-lhe também seu primeiro planeta, do qual igualmente tu te originas. Assim seja."

Saariel diz a Roberto-Uraniel: "Vem irmão, observa, aprende e admira a Sabedoria Infinita do Pai." No mesmo instante ambos se levantam e desaparecem diante dos olhos de todos que chegaram ao mundo espiritual em companhia de Roberto-Uraniel.

162.° CAPÍTULO

Indagações de Helena quanto aos habitantes do inferno.

Helena, dando com a ausência de Roberto-Uraniel, indaga com meiguice para onde ele se teria dirigido, em companhia do anjo. Eu, ainda mais Meigo, pergunto-lhe se receia algo a seu esposo, e ela responde: "Como poderia, Senhor, encontrando-me junto do Teu Peito, cheio de Amor Sublime? Onde poderia estar Roberto, a ponto de se tornar invisível aos Teus Olhos? Quem caminhar na Luz de Teus Olhos, jamais se perderá, mas voltará acompanhado de uma lágrima de alegria de Teu Olhar Paterno e saudado por Teu Amor que repousa em Teu Coração. Certamente está vislumbrando milagres grandiosos de Tua Onipotência, Sabedoria e Bon-

dade. Como será maravilhoso o seu relato, porquanto ainda não percorremos Teu Reino Infinito dos espíritos."

Digo Eu: "Está certo; mas não achas que Eu poderia contar-te algumas coisas peculiares, talvez ainda mais estranhas do que as que esperas de Roberto-Uraniel?"

Responde Helena: "Amado e Santo Pai, isto poderias fazer mil vezes melhor que os inúmeros anjos de todos os Teus Céus. Jamais ousaria pedir-Te, por seres infinitamente Poderoso e Santo. E caso me relatasses algo de Tua Própria História Divina, necessitaria talvez um tempo ilimitado para compreender a fundo uma só Palavra Tua, não obstante minha curiosidade.

De máximo interesse seria saber o que, após Tua Ressurreição, disseste aos apóstolos e sobre o que João afirma teres falado, porém não fora anotado pelo evangelista; pois, se assim o fizesse em muitos livros, o mundo não os compreenderia ou assimilaria. Certa vez, uma amiga protestante emprestou-me o Novo Testamento e confesso não haver outro assunto que tivesse despertado tanto minha curiosidade. Seria possível me facultares algum conhecimento a respeito, pois deves ter falado coisas maravilhosas aos Teus apóstolos."

Digo Eu: "Sim, mas tais fatos e histórias eram tão grandiosos e profundos, que nem podes compreendê-los no mundo espiritual. Em breve virá uma época em que isto te será possível, pois em Minha grande Biblioteca Celeste está tudo rigorosamente guardado. No dia em que lá chegares poderás ler o Evangelho Completo. Por isto, externa outro desejo."

Diz Helena: "Ó querido Pai, conta-me a respeito da queda de Lúcifer, pois também foi algo que jamais compreendi." Digo Eu: "Querida, seria igualmente prematuro para o teu coração, porquanto tal história abalar-te-ía muito. Escolhe outra." Prossegue ela: "Então, dize-me o que vem a ser o inferno do qual os padres pregam muito mais frequentemente do que dos Céus. Existe um inferno ou não? Fui em vida uma criatura realmente perdida, e milhares de padres, inclusive o Papa, ter-me-íam condenado ao inferno, caso me conhecessem. Além disso, tenho que confessar não poder acusá-los de injustiça. Não obstante toda minha ruindade, ora me encontro feliz, Contigo, meu Deus e Senhor. Deste modo, talvez ainda haja aqui outras entidades regozijando-se

em Tua Companhia Santíssima com a Vida Eterna e Feliz, no entanto foram na Terra condenadas ao inferno pelos sacerdotes. Qual será o grau de maldade dos que vão para o inferno, caso exista?"

Digo Eu: "Helena, tua pergunta é interessante e a resposta não será inútil. Ao invés de Me estender a respeito, farei surgir um indivíduo diabólico, que neste momento se acha a caminho do inferno e certamente para lá irá. Nessa entidade verás claramente quem são os que lá ingressam, pois existe de fato um inferno, dividido em três graus, sendo o inferior, o pior. Então Me louvarás quando perceberes a maneira pela qual e o porquê um indivíduo chega ao inferno. Não tenhas medo, o demônio não tardará."

163.° CAPÍTULO

Pedro e Paulo recebem incumbência para apresentar Cado, antigo chefe beduíno.

Em seguida, chamo Pedro e Paulo e lhes digo: "Trazei o beduíno Cado, que há quatorze dias chegou a este local. Primeiro, por ser este seu desejo; segundo, a fim de afastar desses irmãos o menor vislumbre do conceito de ser Eu, não obstante todo o Meu Amor, algo tirano."

Ambos desaparecem e no mesmo instante se acham juntos do referido espírito. Causando os apóstolos a impressão de terem caído das nuvens, ele recua com um salto e grita: "Que feras são essas, disfarçadas em larvas humanas? Certamente uns pobres coitados. Maldito povo bestial, que me levará à miséria!"

Diz Paulo: "Amigo, não vimos para pedir esmolas ou empréstimos, pois nada disto necessitamos, posto que todos os tesouros dos Céus e da Terra se acham ao nosso dispor. Nossa intenção é outra e mais salutar que todas as riquezas terrenas, e consiste em salvar-te, caso possível, da morte eterna. Foste na Terra demônio perfeito em forma humana, portanto uma entidade diabólica. Achas-te agora no mundo espiritual, pronto para ingressares no inferno mais tenebroso, do qual já privas de há muito através de tua índole. Se for de teu desejo, poderemos salvar-te. Para tanto terás que nos seguir e fazer de bom grado o que te aconselharmos." Diz

Cado: "O quê? Estais delirando, malditos patifes? Por acaso teria eu morrido e não me encontro mais na Terra, de posse de todos os meus bens, ouro e prata? Infames Jesuítas! De que maneira sutil pretendeis arrancar-me algumas moedas de ouro em retribuição de um céu que não existe, para salvar-me do inferno, pura imaginação de padres famintos e preguiçosos. Afastai-vos, do contrário chamarei todos os meus demônios caseiros, fazendo-vos enxotar pelos cães raivosos."

Diz Paulo: "Tuas imprecações não nos atingem e pelo que vês não te tememos. Uma coisa fica estabelecida: não querendo acompanhar-nos de bom grado, sentirás nossa força. Além do mais, foi determinado aos demônios não te socorrerem, e teus cães não conseguirem atacar-nos. Estamos bem informados da maneira pela qual fizeste tão grande fortuna: mantinhas uma horda de diabos famintos, e u'a matilha de cães raivosos rodeava o teu castelo, atacava e prendia os viajantes até que teus asseclas os libertavam em troca de considerável resgate. Muitas vezes foste denunciado; os queixosos nada conseguiam, porquanto os juízes estavam a teu serviço. Podíamos relatar muita coisa de teus assaltos, caso fosse permitido. Quando te encontrares no justo local, verás todas as tuas ações cruéis e então será evidenciada a tua possível repulsa e verdadeiro arrependimento. Se assim fizeres, serás salvo; do contrário, pertencerás ao inferno mais profundo. Vem de modo próprio, do contrário usaremos de força."

Grita Cado: "Quereis obrigar-me? Vinde aqui, demônios!" Espumando de raiva, ele espera seus serviçais do inferno. Ninguém aparece, tampouco se ouve o latido dos cães. O próprio castelo que ele via até então como sua propriedade no mundo, as matas, campos e florestas, começam a tomar aspecto nebuloso, derretendo qual floco de neve em cima da vidraça aquecida pelos raios solares.

Percebendo esse fenômeno, Cado grita: "Traição! Empregastes sortilégio! Afastai-vos de mim, malvados! Não quero seguir-vos. Sois feiticeiros, perturbando os meus sentidos e despejando veneno em meus olhos. Ide, ide, cães do inferno!"

Após tais exclamações, Cado acha-se subitamente diante de Mim, Helena e os demais hóspedes, podendo ver apenas Pedro e Paulo. Helena leva um grande susto quando depara com ele fumegando de ódio. Eu dou a Pedro um sinal para

fazer uma tentativa de conversão com aquele espírito e ao mesmo tempo mostrar-lhe zonas paradisíacas.

Imediatamente, Pedro começa a dirigir palavras sábias e meigas a Cado, dizendo: "Amigo, sê cordato. A observação dos tempos te deve ter demonstrado serem todos os bens terrenos fúteis e perecíveis e no final tanto o rico quanto o pobre compartilham da mesma sorte ao morrerem. Toda carne tem que perecer e toda matéria desvanecer-se. Somente o espírito intrínseco é indestrutível. Morreste fisicamente e continuas vivo apenas pela tua alma ligada ao espírito. Por isto não te prendas àquilo que passou para sempre, como para todos os que desencarnam. Preferível é nos confessares tuas grandes dívidas terrenas, que seremos teus pagadores para receber-te em nosso mundo, melhor, verdadeiro e eterno, onde jamais algo te faltará. Observa em direção ao levante. Todos aqueles palácios maravilhosos nos pertencem, mas tu deves recebê-los. Antes, porém, tens que enumerar tuas dívidas para que as possas saldar."

Cado lança um olhar furtivo àquela direção e diz após algum tempo: "Ratos e camundongos se pegam facilmente com uma isca, e certos tolos pagam o dinheiro de duas entradas para o teatro, caso um prestidigitador demonstre suas ilusões. Não sou tão ignorante de morder no anzol quando apresenta um centavo ao invés de uma moeda de ouro. Esperas que eu aplauda tua obra fantástica? Bem sei quem és e também conheço minha pessoa. Já estando fora do corpo, tenho maior liberdade de fazer o que me agrada. Nunca um judeu ignorante será meu guia, compreendeste? Se tens tamanho poder pelo qual as montanhas da Terra sejam obrigadas a te respeitar, que te interessam as minhas dívidas? Devias saber em que consistem. Se tiveres vontade de assumir tal atitude, vai tu mesmo orientar-te, para depois resgatá-las. Que tens a ver com as minhas faltas? Por acaso já indaguei das tuas? Ide embora, do contrário vereis um verdadeiro demônio. Porventura vos chamei qual beata? Não. Cado jamais faria isto. Ele é o pavor do deserto da Armênia e maior do que imaginastes do Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Cado é um senhor, e a Terra estremece diante de seu nome. Vosso Jehovah é mendigo e remendão em todas as coisas. Supões eu desconhecer Jehovah e Jesus, pregado ao madeiro? Sei de tudo e conheço sua doutrina melhor que tu, destinado a ser uma rocha; esta não era de granito e sim, de manteiga, por

isto derreteu-se. Deste modo nada mais sobrou daquela rocha, a não ser um nome vão e grande quantidade de estatuetas de madeira, quadros e falsas relíquias. És Pedro e teu companheiro, Paulo, é algo mais inteligente do que tu. Prefiro que me digas qual a função de vosso mestre nesse mundo espiritual. Estaria ainda julgando mortos e vivos? Por acaso é tão embotado quanto vós?"

Responde Pedro: "Justamente Ele mandou que te salvássemos da eterna condenação." Diz Cado: "Por que não vem pessoalmente? Talvez se tenha resfriado nos repetidos julgamentos, a ponto de não poder sair? Enviou-vos como os primeiros companheiros que em seu nascimento tiveram o mérito de esquentá-lo com o vosso hálito quente, exigindo que isto façais também a mim? Cado não é cordeiro como foi o Messias judeu nascido em um estábulo de Belém, razão pela qual seus conterrâneos lhe demonstraram sua veneração na cruz. Tolos que sois! Julgais que um Cado também seja tão idiota, deixando-se conduzir pelo nariz, qual judeu esfaimado? Cado é um leão e jamais um cordeiro divino! Voltando ao vosso mestre, transmiti-lhe meus respeitos e dizei-lhe achar eu lastimável ter sido ele na Terra um réles cordeiro, — e não um Cado."

Diz Pedro: "Amigo, deste modo não progredirás, mas irás para o inferno, integrando-te na eterna condenação própria. És perverso até a última fibra de tua natureza. A fim de que saibas Quem é, foi e sempre será Jesus, o Crucificado, declaro, como uma das Suas mais fiéis testemunhas: Ele é Deus, Único e Eterno, Senhor e Mestre, Santo em todo o Infinito. Somente Ele te poderá conservar, — mas também deixar que te percas para sempre. Vê no Levante o Céu aberto. Em direção à meia-noite, o abismo do inferno. Para onde dirigir-te-ás? Nem Deus, nem um anjo, tampouco nós te julgaremos, pois tua vontade será teu juiz."

Diz Cado: "Ah, quer dizer que lá está o tal céu, e do outro lado o inferno romântico. Ótimo. Qual é o preço desse espetáculo por vós engendrado? Sois magos da mais alta classe. É o inferno de molde judaico, católico, grego, turco ou hindu? E o céu, é persa?"

Diz Pedro: "Cado, Cado, és um espírito atrevido e vilipendias Bondade e Misericórdia Infinitas de Deus. Vimos de boa vontade e prontos para ajudar-te dentro da Ordem

Divina; não te ofendemos e apenas mostramos tua situação frente à Justiça de Deus. Entretanto, te inflamaste qual tigre sanguinário. Por que, amigo? Sê em tua evidente impotência como nós, possuidores de todo o Poder Divino, a fim de que nos entendamos melhor. Acredita eu te conhecer, vendo que tua situação é realmente lastimável em virtude de tua inclinação maldosa. Jamais poderás melhorar de modo próprio. Se abrires o teu coração e confessares diante de nós todos os teus crimes, dar-nos-ás a possibilidade de sanarmos teu íntimo. Fechando-o cada vez mais, tua maldade endurecerá e jamais será possível salvar-te da morte eterna. Reflete acerca dessas palavras salutares e amigas."

Responde ele: "Peço-vos poupardes todo esforço e não me aborrecerdes tolamente. Ignorais que aqueles, habituados a dominar desde o berço, jamais obedecerão? Conseguireis apenas algo de mim através de minha condescendência e benevolência; pelo caminho de vosso aparente bom conselho nada alcançareis. Um justo rei não deve aceitar sugestões caso pretenda manter para sempre sua reputação dominadora."

164.° CAPÍTULO

O Senhor fala do castigo divino.

Diz, em seguida, Pedro: "Nunca em tua vida foste rei; como podes afirmar teres nascido para dominar? Foste nada mais que simples chefe beduíno e, isto, somente nos últimos anos de tua vida. Anteriormente eras pastor de carneiros; além disto, partidário de teus louváveis predecessores e através do ignóbil casamento com a filha mais velha do chefe alcançaste o mesmo posto. Tiveste, portanto, que obedecer por longos anos e, só no final, exerceste um domínio criminoso sobre tua corja de ladrões e cães sanguinários."

Responde Cado: "Não interessa. Não faço o que não quero. Ainda mesmo que fôsseis deuses, não conseguiríeis incutir-me outra ideia até que me désseis outro coração e vontade. Julgais eu temer o inferno? Ridículo. Obedecer a um Deus Onipotente, qualquer asno pode. Enfrentá-lo com teimosia e ultrajar sua sabedoria, só pode um espírito forte, isento de medo até do pior sofrimento no inferno. Atirai-me em aço incandescente e vos darei a mesma resposta. Grande

é o espírito capaz de desprezar seu Criador, ainda que sob dores atrozes. Qual seria a gratidão que eu devesse a Ele? Isto só é possível a quem me tiver feito o que lhe pedi. Nunca externei o desejo de ser criado; o Criador fê-lo por conta própria, É vergonhoso para sua sabedoria e onipotência ter realizado em mim obra tão má. Talvez tenha que ser como sou, pela conservação do todo, razão pela qual nada conseguireis comigo, de uma ou de outra forma. Afastai-vos."

Neste instante, Cado se torna todo preto e sua figura tremendamente horrenda, a ponto de Helena se apavorar. Os olhos dele se inflamam como os de um cão raivoso e ele faz menção de atacar os dois apóstolos. Pedro, então, lhe diz: "Em Nome de Jesus, o Crucificado, ordeno-te que te mantenhas calmo; sentirás o peso da Ira Divina tão logo ouses levantar um dedo contra nós." Cado treme de ódio; no íntimo vibra qual fogo escaldante e fica desnudo, apresentando aspecto asqueroso, sem contudo poder ver-nos.

Dirijo-Me a Helena, dizendo: "Então, que dizes dessa alma? Achas que de Minha parte tenha sido esquecido qualquer meio em benefício de sua felicidade? Ouço a resposta negativa em teu nobre coração. Realmente, tudo foi empreendido para a salvação dessa alma no que diz respeito aos meios suaves correspondentes ao Meu Amor. Mas, como observas, sem resultado. Essa alma foi, como se diz, criada na palma das mãos. Poderosos anjos tiveram a incumbência de protegê-la. A vontade dele, que tinha de ser livre, foi sempre mais poderosa que Minhas Algemas de Amor que mandei colocar pelos protetores. Sempre as rompeu, aplicando-lhes o pior escárnio. Não foi desprovido de conhecimento; é ciente de cada Palavra da Escritura e tinha o dom de lidar com o mundo dos espíritos. Conhece a Mim e a Minha Divindade, — no entanto Me injuria. Para ele todo trono merece u'a maldição por não ser seu. Um horror, toda a lei não estabelecida por ele. Só cogita de sua vontade, e a do próximo é um crime, que jamais poderia ser castigada à altura. Que mais poderia fazer o Meu Amor?"

Diz Helena: "Pai, Amoroso e Santo, tal entidade não merece Misericórdia, mas um justo castigo, a fim de perder sua presunção e humilhar-se ao extremo."

Obtempero: "Estaria certo, caso o castigo provindo de Mim não fosse julgamento. Se Eu castigar os homens em

virtude de sua perversidade, a punição terá que ser de tal modo a apresentar a consequência natural da maldade. Se alguém se aplica uma pancada, a dor subsequente representa o efeito natural de seu ato, muito embora a natureza tenha sido, por Mim. de tal forma constituída que a pancada sobre a carne produza dor por ser uma alteração contra o equilíbrio físico. Deste modo, não é impedida a liberdade de espírito e alma."

A esse espírito maldoso não pode ser aplicada outra punição senão aquela que ele mesmo se impuser de livre vontade como emanação de sua índole. Tão logo se tiver saciado na dor autocriada, sufocando de certo modo sua ira, então será possível aproximarmo-nos dele num caminho mais suave. Pouco a pouco ingressará no mais profundo e pior inferno, não porque Eu o tivesse condenado para tanto, mas pela própria vontade. Tal estado infernal é criação de sua tendência. Esta é a vida de cada um e jamais poder-lhe-á ser tirada."

Diz Helena: "Senhor, se ele permanecer eternamente em tal inclinação perversa, preferindo suportar o pior por teimosia contra Ti, ao invés de submeter sua vontade à Tua — qual será o fim de tal espírito? Não seria aconselhável um julgamento suave, que com o tempo se tornasse hábito e no fim, uma virtude, conforme ocorre na Terra?

Uma jovem, por exemplo, encontra abrigo numa boa casa com a ordem severa de um comportamento claustral. Essa ordem é, para quem ama a liberdade, um pequeno julgamento. Ela reflete a respeito e chega à conclusão de ser vantajosa uma vida ordenada, de sorte que se submete e em pouco tempo torna-se uma criatura aproveitável e boa. Talvez fosse o caso do espírito de Cado."

Obtempero: "Tais medidas já foram empregadas por várias vezes e de modo variado, mas infelizmente sem o menor êxito. Assim, nada mais nos resta fazer do que deixá-lo entregue à sua sorte. Se quiser o inferno, que o goze em plenitude. Nada de injusto acontece a quem deseja o mal. Quem quiser permanecer no inferno, que fique lá, pois Eu a ninguém tirarei pelos cabelos. Tão logo a situação se lhe torne insustentável, ele mesmo achará uma saída. Concordas?"

Responde Helena: "Plenamente. Também não sinto compaixão com pessoa tão teimosa. Que será dele agora?" Digo Eu: "Verás. Darei um sinal aos dois apóstolos para deixá-lo

fazer o que quiser, mas apenas em sua esfera. Picarás admirada do desenrolar do caso."

Transmito Minha Ordem a ambos e Pedro diz a Cado: "Tendo-nos realmente convencido de que não te deixas encaminhar para o Céu, missão que nos foi conferida por Deus, o Senhor, faze o que te agrada. Fomos os últimos mensageiros enviados por Jehová. De agora em diante Ele não enviará outro." No mesmo instante os dois se tornam invisíveis para ele, embora continue em nossa frente.

165.º CAPÍTULO

Cado no inferno. Pavor dos assistentes.

Quando se encontra só, Cado diz de si para si: "Graças ao inferno, eu ter-me livrado desses cacetes. Ah, eis que vejo amigos, vários de meus asseclas, inclusive meu antigo chefe. Será uma alegria juntarmo-nos de novo. Tem todos a mesma aparência de quando na Terra."

O grupo se aproxima mais e seu chefe, ao reconhecê-lo, atira-se sobre ele, agarra-o pela garganta e grita qual tresloucado: "Ah, patife! Finalmente te encontro para recompensar-te a ousadia e os meios empregados para conquistares minha filha!"

A essa altura, Ludovico Bathianyi faz a seguinte observação para os demais amigos: "Que recepção animadora! O chefe parece ser dotado de força incomum, pois Cado não consegue desvencilhar-se de suas garras, não obstante um esforço tremendo. Agora também se juntam os antigos asseclas daquele e todos começam a atar Cado em cordas incandescentes, como faz a aranha à mosca, casualmente caída em sua teia. Cado esbraveja e grita por socorro. Senhor, que coisa horrível. Empurram e impelem-no, dando impressão de uma bola de fogo. Na retaguarda vislumbro no escuro um trono de metal em brasa. Para lá atiram Cado, que faz dó. Que será agora? Talvez seja o prometido castigo? Neste instante erguem-no e amarram-no com correntes incandescentes ao trono do qual surgem labaredas de todos os lados. Cado grita como um possesso. Senhor, dá-me o poder suficiente para libertar o pobre coitado. Que horror, — agora se apro-

ximam outros com lanças em brasa e perfuram-no por todos os lados e de cada ferida flui massa fumegante. Senhor, mais uma vez Te peço, deixa-me socorrer a Cado."

Digo Eu: "Deixa disto e te dês por satisfeito haver um abismo entre nós e eles, do contrário os eleitos também seriam prejudicados. Espera um pouco que a situação mudará, pois a insuportável dor fará dele mestre das algemas e então verás o segundo ato deste drama infernal."

Diz Bathianyi: "Ó Senhor, já basta este para todos nós, inclusive para Helena." Concorda ela: "Não aguento mais esse quadro."

Intervenho: "É preciso que vejais essa cena, a fim de vos purificardes completamente. Todo anjo tem que conhecer o inferno para saber como é constituído e quais os frutos que surgem através de seu amor maldoso. Não julgueis permitir Eu tais fatos movido pela ira e vingança. Meu Coração Paternal jamais seria capaz disto. Sois cientes de que toda semente produz determinado fruto e toda ação tem suas consequências precisas, assim como toda causa seu efeito, em virtude da Ordem Eterna surgida por Mim. Sem ela jamais teria sido possível criar um átomo e muito menos poderia se cogitar da conservação do que foi criado. Esse espírito agiu de tal modo contra a ordem, livremente imposta, a ponto de resultarem consequências deprimentes. De modo algum poderão ser sustadas antes que tal entidade extremamente infeliz seja impelida a modificar sua atitude, que naturalmente trará melhores ou piores efeitos.

Caso algum deposite boa semente no solo, surgirá bom fruto. Se plantar semente de beladona, colherá apenas esta e nunca o bom trigo. Alguém podia fazer a seguinte objeção: "Senhor, não devias ter permitido tais extremos em Tua Ordem." — Então, é o extremo da luz solar um erro de Minha Ordem só porque cegaria quem fosse tão imprudente por fitar, durante horas, o disco solar? Ou talvez é o fogo dotado de calor excessivo? Não seria o peso de uma montanha demasiadamente exagerado, a velocidade do raio muito grande, a agudez do frio muito intensa e a massa d'água salgada excessivamente pesada? Mas qual seria o aspecto de um planeta cujos elementos não respeitassem tal ordem? Se o máximo grau de calor do fogo fosse apenas morno, como poderia derreter metais? Qual seria o grau de solidez destes

para se tornarem líquidos? Neste caso, qual seria a utilidade dos mesmos? Caso o orbe fosse macio qual manteiga, qual seria a criatura capaz de subsistir no mesmo? E se o Sol não possuísse luz tão intensa, seria ele capaz de fornecer aos planetas calor e luz indispensáveis, a longa distância?

Talvez um de vós pense o seguinte: Conformemo-nos com os extremos; mas, para que fim existe a enorme sensibilidade do homem? Por que seus sentidos são mais apurados para a dor e o sofrimento, do que para o bem e o prazer? — Tal resposta é evidente. Imaginai a humanidade destituída da sensibilidade e dai-lhe pleno conhecimento e livre arbítrio. Podeis sancionar todas as leis, que jamais alguém as consideraria. Quem não sentir dor, também não sentirá prazer. Não se mutilariam criaturas voluptuosas apenas dotadas desta sensação, caso a mutilação lhes proporcionasse um gozo ao invés da dor protetora?

O espírito de Cado estaria perdido caso fosse incapaz de sofrer; no entanto, ainda oferecerá resistência devido ao excessivo orgulho. A dor atingindo-o em demasia, fá-lo-á refletir para dirigir-se a outros caminhos. Daí concluireis serem constituição e capacidade humanas e de outros seres de Minha Ordem, bem calculadas. Não poderá faltar um "til" sequer, caso a criatura deva se tornar aquilo que pode. Assim, não deveis ter ao Meu lado pensamentos negativos, mas meditar da seguinte maneira: O que alguém deseja, não obstante as consequências prejudiciais que conhece, não constitui injustiça ainda que passando mil vezes pior. Prestai atenção à cena que se desenrola aos vossos olhos. Helena, vê também e relata o que observas."

Diz ela: "Ó Senhor, isto é impossível. Quão feliz é Roberto-Uraniel, que não toma conhecimento disto." Digo Eu: "Não te preocupes com ele, que vê esta cena tanto quanto tu, ou talvez melhor. No mundo espiritual não existe distância pela qual se veja qualquer fato menos nítido do que nas proximidades. Nesta esfera existem proximidade e distância bem diferentes, de acordo com o que se acha no coração de cada espírito. Quanto maior o amor entre eles, tanto mais unidos estão. Quanto mais fraco o sentimento recíproco, tanto mais distantes um do outro. Compreendes? Então assiste à cena com coragem." Helena se anima pela aceitação de que tudo corresponde à Ordem Eterna.

166.º CAPÍTULO

Desfecho imprevisto. Cado se liberta e se vinga.

Nisto, Cipriano, Bathianyi e Miklosch também se aproximam de Mim, dirigindo os olhares para o terrível local. Após certo tempo, o franciscano consegue dizer: "Que luta pavorosa! Cado, levado por dores indizíveis, rompe as cordas como se fossem simples teias de aranha, atira-se sobre os algozes qual tigre enraivecido, estraçalhando quem cai em suas garras. As partes dilaceradas se encolhem e saltam para o solo escaldante como se tivessem sido cortadas de uma serpente. O trono em brasa é por ele reduzido a pó. As lanças são destruídas e agora ele se arremessa contra o antigo chefe do bando, que se defende gritando: "Não me toques, cão! Do contrário sentirás minha vingança em toda sua profundeza e atrocidade. Não penses estar eu aqui abandonado e impotente. No momento em que me tocares apenas com um dedo, estarás rodeado de milhões de poderosos espíritos, atirando-te a um sofrimento tal que acharás simples bálsamo o que já passaste. Estando disposto a fazeres um pacto contra outro soberano, teu crime em minha pessoa ser-te-á relevado. Serás meu amigo íntimo, compartilhando de meu brilho deslumbrante."

Cado se detém por momentos, para em seguida gritar: "Miserável! Por que não fizeste tal proposta quando te recebi como amigo vindo da Terra, mas apenas agora, após eu te dar provas de Minha invencível força, porquanto estraçalhei teus asseclas? Se tivesses correspondido à minha amizade, terias um companheiro pronto a te ajudar no desequilíbrio de todo o Universo! Deste modo, criaste em mim um inimigo como não haverá outro no inferno. Julgaste aniquilar-me; desiludido, procuras conquistar-me como amigo. Cado não se deixa trair e te pagará mil vezes o que lhe fizeste."

Nesta altura ele estende as mãos para o chefe, que dá um salto para trás, gritando: "Idiota! Acaso não foi preciso assim agir, a fim de chegares a tamanha força? Aqui,, como na Terra, só se purificam os espíritos e criaturas através de grandes sofrimentos. Proporcionei-te minha amizade em virtude de nosso parentesco, ajudando-te a obter a força indispensável neste reino. Não querendo aceitá-la, experimen-

ta levar a efeito tua intenção de baixeza e te convencerás de não seres aqui o mais poderoso."

Cado, ainda mais perplexo, diz após olhar ao redor: "Se a situação é essa, por que não me falaste logo? É fácil se afirmar o fato depois de consumado; no entanto aceitarei tuas palavras por seres meu sogro. Ai de ti se descobrir que me procuraste iludir para te protegeres contra mim. Dize-me como se chama este local e se aqui não existem castelos e caravanas cujos tesouros poderiam se tornar nossos, pois naturalmente não desistiremos de nossa profissão."

Cipriano, prosseguindo em sua observação, diz: "Que dupla infernal. O chefe reflete algo e responde com dignidade: Amigo, na Terra fomos simples caçadores de mosquitos, porquanto éramos quais morcegos. Aqui nos transformamos em leões; assim nos compete a realização de outros planos. Sabes ter a Divindade exercido até então um poder tirânico, positivado através de sua encarnação. Nós, espíritos primitivos desse enorme reino de liberdade ilimitada, descobrimos com a nossa perspicácia as fraquezas ocultas, porém importantes de Deus que em breve será por nós destronado, aplicando-lhe o que fizeste aos teus algozes. Em seguida destruiremos a antiga Criação, substituindo-a por uma nova e livre. Que dizes deste plano?"

Cado dá de ombros dizendo: "Não deixa de corresponder à nossa dignidade; no entanto duvido de seu êxito. A Divindade é muito esperta e sua visão é mais aguçada quando a julgamos cega."

Diz o chefe: "És principiante e falas pela compreensão restrita quanto a Deus, outorgando-lhe onisciência e poder ilimitados, conforme assimilaste pela educação. A teu ver a Divindade continua um ser completo, cheio de vigor e ação; basta querer para fazer surgir miríades de mundos perfeitos. Sabemo-lo e também não ignoramos o final dessas criações, pois poderiam ser comparadas a um político que chamasse a atenção para o regente, caído pelo luxo e o domínio, porquanto tais tendências em breve o fariam perder o trono. O mesmo acontece à Divindade. Tornou-se infantil, querendo apenas projetar novas criações. Já não percebeste na Terra como às vezes ela perde o equilíbrio? Sobrecarrega, por exemplo, as árvores com inúmeras flores que no final carecem de fluidos necessários, a fim de produzirem frutos. De igual modo criou

os homens, mas quando perde sua manutenção, vê-se obrigada a deixá-los perecer quais moscas. Nisto tudo observas sua fraqueza, sem atinares com o motivo. Nós o conhecemos e percebemos nitidamente como a Divindade se torna cada vez mais fraca, sendo portanto possível elaborarmos planos que provoquem sua derrota."

167.° CAPÍTULO

Teimosia de Cado. Plano sinistro do chefe.

Cipriano continua a relatar: "Novamente Cado meneia a cabeça e diz: "Teus planos são desconexos. Sou inimigo da Divindade não por causa de sua fraqueza e sim em virtude de seu enorme poder. Asseguro-te depender de minha livre vontade permanecer aqui no local do sofrimento ou retornar às alegrias de uma vida celeste. Prefiro ficar aqui porque conheço muito bem o poder eterno de Deus. Se ele fosse apenas um grau mais fraco e sujeito a ser vencido, eu o defenderia contra qualquer ataque. Assim não sendo, sou seu declarado inimigo. Sei que minha adversidade é simples tolice, podendo ele aniquilar-me a cada momento. Enquanto tiver livre arbítrio farei oposição para demonstrar nada lhe ser possível enquanto permitir meu estado de liberdade. É a maior das satisfações para um herói, levantar-se qual átomo contra a Grandeza de Deus, sem que ele possa reagir. Por isto jamais me preocuparei com suas supostas fraquezas e sim, com seu poder infinito. Quanto maior poder e força eu nele descobrir, tanto mais intransigente me portarei. Eis minha intenção, de acordo com um herói, enquanto o teu plano em querer destroná-lo é ridículo e impraticável. Julgas ser a Divindade um ídolo persa ou chinês que qualquer um poderia arrancar de seu trono e atirar ao fogo ou ao lixo? Enganas-te muito. Deus é Infinito. Desiste de teu plano infantil e age como eu, que sentirás um prazer imenso, sabendo conscientemente possuíres, como nulidade, a maior reação contra ele."

Repele o chefe: "Tolo! Presumes ser o que és para tua própria recreação? Jamais te portarás de modo diverso do que és, e ainda pensas enfrentar a Divindade sendo tu como ela quer e não o que desejas ser? Vem comigo se quiseres ser livre. Enquanto leis e algemas sancionadas prenderem

um indivíduo, ele será escravo de um poder superior. Enquanto a Divindade continuar impondo limites intransponíveis à nossa ação, seremos miseráveis escravos caso não formos capazes de repelir o seu jugo. Se podemos desafiá-la e ela não modificando tal situação, prova ser fraca. Tal fraqueza pressupõe outras, por isto compete-nos descobri-las e oportunamente atacá-las e destruí-las inteiramente."

Conjetura Cipriano consigo mesmo: "Miserável! Que idéias louváveis! Sempre pensei que os demônios sentissem arrependimento eterno pelos pecados cometidos, sem jamais terem a menor esperança de salvação. A questão é bem diferente. Eles *querem* tudo isto, a fim de Te defrontar com insolência, sentindo o máximo prazer em tal atitude. Se fosse Tu, Senhor, perturbar-lhes-ia sua satisfação para que viessem a sentir sua inutilidade."

Digo Eu: "É preciso observares esta cena sem irritação, do contrário encherás o teu coração com os mesmos elementos que saturam aqueles espíritos. Vê como neste instante aparece uma horda de dragões em brasa, saindo de uma caverna fumegante, envolvendo os dois chefes armênios. São cumprimentados e lhes fazem elogios em virtude de sua inclinação infernal. Com isto, ambos também começam a se transformar em dragões, isto é, ingressam no inferno verdadeiro porquanto projetam na realidade aquilo que preferem.

Asseguro-te que nada lhes será relevado. Cada palavra injuriosa se tornará uma pedra incandescente em suas cabeças. Com tal peso perceberão pouco a pouco se realmente são mais fortes do que a Divindade, capazes de executarem seus planos nefastos contra Mim. É preciso não esqueceres: Deus é todo Amor, e através deste Amor Puríssimo, a máxima Sabedoria, Ordem e Poder. Tudo isto, não obstante se apresentar tão horrendo, é apenas Meu Amor, Sabedoria e Ordem, e tem que acontecer a fim de que tudo subsista e nada se perca.

Agora terá início o verdadeiro padecimento infernal, pois até então vimos apenas a introdução. Percebes como os algozes de Cado, anteriormente por ele dilacerados, se transformam em serpentes. Presta atenção que a luta se desencadeará. Helena, não fiques mais como observadora, porquanto seria muito forte para ti Os demais poderão fazê-lo e Cipriano relatará."

168.º CAPÍTULO

Forças poderosas das trevas. Astúcia infernal e vigilância celeste.

O franciscano dá alguns passos à frente, a fim de poder observar melhor a cena. No entanto, lhe digo: "Não te aproximes do local de horror porquanto te prejudicarias. Dá os mesmos passos à retaguarda que verás a ocorrência muito bem daqui."

Cipriano retrocede e diz: "Senhor, agradeço-Te pela advertência paternal. Sem ela teria sido atraído no final, sucedendo talvez a minha desgraça. Ah, o quadro já começa a tomar aspecto desesperador. Abre-se uma caverna escura na rocha de uma cordilheira imensa, e de todas as fendas, despenhadeiros e vales surge uma fumaça espessa e negra. Ao mesmo tempo ouço um rugir tenebroso, como forte ressaca marítima. No cume da montanha, precisamente em cima da gruta, vejo dois anjos de aspecto grave. Quem serão?"

Respondo: "Fixa o teu olhar, que o saberás." Cipriano assim faz e reconhece Saariel e Roberto-Uraniel. Ele quer mencioná-lo, mas Eu o impeço por causa de Helena, muito sensível, a ponto de não ser capaz de observar com serenidade a tarefa do esposo. Embora esteja ocultando o rosto no Meu Peito, ela pergunta se Cipriano não reconhece os dois anjos. Ele se desculpa, dizendo: "Sim, mas não me é facultado dizer os seus nomes. Acalma-te, em breve estarão aqui." Satisfeita, ela oculta mais estreitamente o seu rosto no Meu Peito, com receio de ver algo chocante, pois um rugir crescente aponta intenções nefastas do inferno.

Cipriano, igualmente temeroso do ruído, diz: "Senhor, qual será a finalidade desse rugir cavernoso e prolongado? O próprio solo começa a estremecer. E lá, onde a caverna parece se estender sem limites, expelindo chamas de fogo, projetam-se por cima da cordilheira nuvens de tempestade quais rochas a se despencarem no abismo. O cenário é cada vez mais assustador, enquanto o grupo de demônios se acha diante da gruta e não dá impressão de tomar precauções. Senhor, peço-Te que nos digas o resultado disso tudo. Meus olhos quase saltam das órbitas, no entanto nada mais vejo do que isto."

Digo Eu: "O inferno nunca é tão perigoso como quando se apresenta externamente calmo, enquanto intimamente começa a borbulhar com maior ferocidade. Em compensação o Céu nunca é tão vigilante como em momentos como esses. Enquanto a fúria infernal se limita ao seu próprio interior, o Céu não intervém. Tão logo projetar sua ira em ação, o Céu usará de meios adequados. Por isto, presta atenção a tudo que o inferno empreenderá a fim de Me prender e aniquilar-Me sob o manto de calma e indiferença. Será mais astucioso que há anos atrás. Querendo lançar um olhar à Terra, no que basta olhares acima de teu ombro esquerdo, perceberás o desempenho infernal nas cortes, para incendiar o orbe todo numa guerra devastadora. Consegui-lo-á em diversos pontos; em seguida verás a maneira pela qual sua intenção será paralisada. Analisa a deflagração e suas consequências, que deduzirás facilmente o seu efeito na Terra. Cresce o rugir, as chamas da caverna são mais intensas e o vapor, incandescente. A horda diante da gruta se aglomera e começa a se movimentar em nossa direção. Dentro em breve haverá luta."

169.° CAPÍTULO

Irrompe a tempestade infernal. Advertência contra o escândalo.

Cipriano não desvia o olhar do cenário, enquanto faço um aceno aos Meus servos que prontamente entendem o que fazer. Após certo tempo o franciscano diz com temor: "Pelo que vejo, seremos obrigados a recuar; o inferno parece soltar os prisioneiros de milênios, a fim de prender-Te à força. As figuras são horrendas e ao mesmo tempo ridículas. Algumas, ora incham e em seguida são reduzidas ao tamanho de um mico. Descubro também algumas armas, como: lanças, espadas e espingardas de várias espécies. Isto assemelha-se a um desafio bélico, mas contra quem? Seremos nós os visados? Conseguem eles descobrir-nos?"

Digo Eu: "É claro dirigir-se a guerra sempre contra nós, portanto também agora. Não conseguem ver-nos; entretanto, nos supõem presentes porque emanamos certa claridade. Esforçam-se em vão para se aproximarem; julgam fazê-

lo. Seu avanço, porém, é retrocesso e um constante afastamento de nós. Deixêmo-los movimentar-se. Com o tempo perceberão seu fútil intento, irrompendo sua raiva interna para dilacerarem-se mutuamente quais feras selvagens. Presta atenção, mormente a seus movimentos."

Enquanto o franciscano observa, Miklosch e Bathianyi dizem a um só tempo: "Senhor, imensas são tua Paciência e Indulgência, porquanto és um expectador desapaixonado de tais maquinações. Se dependesse de nós, reagiríamos à altura a fim de humilhar essa horda diabólica. É inimaginável seu atrevimento, pois se a simples ideia já é pecado, que dizer da sua execução?"

Digo Eu: "Meus filhos, deixai de lado tudo que se assemelha à revolta. O aborrecimento, por menor que seja, origina-se no inferno e não se harmoniza com a natureza pura de Meus filhos celestes, pequeninos que sois. Jamais um fato qualquer vos deve aborrecer, ainda que seja perverso. *O aborrecimento dos filhos do Céu dá vantagens ao inferno e oportunidade a outro aborrecimento, que as trevas aproveitam, aumentam e projetam.* É preferível meditardes no coração ser isto tudo necessário, caso deva penetrar suave luz naquela Caverna. Considerai constituir todo o inferno de seres que, por culpa própria e em parte pela ação dos potentados, se tornam diabólicos, perdendo sua força espiritual. São infelizes e o serão ainda mais futuramente. De nós, possuidores de toda força, depende ajudá-los o mais possível e pelos meios ao nosso alcance.

Sua luta contra nós atira sua existência fictícia em maior atividade, impedindo sua completa dissolução. Pelo resultado negativo convencer-se-ão que nada conseguem contra Deus; em seguida, muitos ficarão mais modestos, sem compartilharem de futuros empreendimentos idênticos. Será isto um progresso real dessas ovelhas perdidas, para as quais dispomos de inúmeros recursos eficazes a fim de conduzi-las a um conhecimento mais adiantado. Todavia, não interferiremos em seu livre arbítrio, ou seja, em sua vida. Certamente compreendereis ser impossível se abater tais árvores de um só golpe."

Diz Miklosch: "Tudo que ordenas é bom e justo, Pai. Agora percebo acumular-se grande quantidade de espíritos luminosos nos cumes das montanhas e ao lado dos dois pri-

meiros, outro grupo de anjos. Vêde só, nas alturas flutuara falanges imensas em filas ordenadas, fiscalizando a atitude da horda do inferno. Esta parece percebê-los, porquanto ergue as armas."

Concorda Cipriano: "Tens razão. Na entrada da caverna já vi uma espécie de foguete subir ao ar, não alcançando grande altura. Vejo grandes massas tentando galgar as rochas negras, sem êxito. São ameaçadas pelas de baixo, mas não estão dispostas a prosseguir na subida. Neste instante, um bando cai no despenhadeiro, entretanto é impelido a galgar de novo. Como se negue a tanto, os outros começam a meter-lhes as lanças."

Digo Eu: "Atenção, a fúria se desencadeará! Miklosch fará a narração por ser mais calmo e deve-se abster de comentários de admiração. Amém."

Diz Miklosch: "Pai, agradeço-Te pela incumbência conferida. Tenho de confessar dar-se comigo o mesmo que com Cipriano, pois os resultados daquelas maquinações diabólicas são demasiado horrendos para o próprio inferno. Por isto peço-Te especial ajuda para que não venha a gaguejar. Tentarei, em Teu Nome."

Neste momento se despenca uma enorme rocha, enterrando grande número de guerreiros; da fenda borbulha uma torrente de lava soterrando com estrondo quantidade maior que a rocha despencada. Na vanguarda vejo Cado e seu chefe querendo resolver a situação, porquanto nenhum diabo demonstra disposição para subir. Os mais fortes empurram os outros, mas esses não obedecem e procuram fugir do rio de fogo. Que gritaria horrenda e que desespero incrível. Por todas as fendas e gretas aparece lava incandescente que se atira no abismo qual poderosa catarata. Lá, à direita, por cima de uma parede rochosa, aço incandescente se projeta como o Niágara nas profundezas do vale e todas as hordas fogem gritando de dor.

Cado e seu companheiro dão meia-volta em nossa direção, subindo um elevado monte, à esquerda. O primeiro faz reprimendas severas ao outro, em virtude do plano desvairado em querer dominar a Divindade. Que tente entupir os buracos pelos quais Ela manda fogo líquido sobre o exército diabólico e também procure salvar os soterrados! O chefe,

entretanto, afirma ser isto apenas futilidade e a lava em breve estaria esgotada,

Cado ri com escárnio dizendo: "Ignorante! Vê como lá em cima se abrem novas fontes, cujas labaredas dentro em breve virão aqui. Observa a gruta — certamente tua residência soberana — cheia de lava em cuja superfície bandos de guerreiros nadam desesperadamente e por certo serão atirados no abismo. Não pretendes fazer outra ofensiva à Divindade? Que horror! O fogo já chegou até aqui, é preciso fugir, do contrário seremos levados à "Piscina de Deus". O chefe, notando igualmente o perigo, grita: "Depressa, fujamos em direção ao norte onde vejo correrem alguns mais valentes."

Diz Cado: "Bonita valentia em fuga! Tolo que fui! A Divindade me havia enviado dois mensageiros honestos — e eu os desprezei. Agora estou no fim e não há quem me salve." O chefe vocifera: "Foge, senão estarás perdido. Quem for alcançado pela enxurrada estará aniquilado para sempre. Vem comigo!" Com tais palavras ele se atira morro abaixo.

Estarrecido de pavor Cado não se mexe, grita porém: "Foge, diabo! Não conseguirás fugir da Divindade, tampouco quanto eu. Merecemos esta desgraça. Jamais poderemos nos ocultar, pois o Dedo da Vingança Divina abarca o Infinito."

170.° CAPÍTULO

Queda do poder do inferno. Cado, único sobrevivente .

Miklosch prossegue no relato: "Apavorado, Cado observa o chefe que, muito embora em carreira desabalada, é atingido em seus calcanhares pela enxurrada. As faíscas que caem sobre sua pele obrigam-no a soltar gritos de pavor e Cado parece sentir as mesmas queimaduras. Neste instante a lava se atira sobre o outro e Cado grita: "Deus Onipotente, — ele desapareceu qual gota de orvalho tragada pelo fogo. Não haverá quem o socorra? De onde poderia surgir auxílio? Seus asseclas pereceram. Eu mesmo estou prestes a compartilhar da mesma desdita, pois o fogo deixou apenas um risco estreito em direção ao levante. Mesmo se ele quisesse correr até lá, de nada adiantaria. Ficarei aqui e a Onipotência Divina poderá fazer o que quiser comigo. Esse mar de fogo deve

ter um calor incrível porque já me queima, não obstante uns cem metros daqui.

Meu Deus, que martírio, que dores atrozes sentirei dentro em pouco. Eis o inferno tremendo, cujo verme jamais morrerá e cujo fogo nunca se apagará. Deus, meu Deus, tem misericórdia para com Teu filho, perverso, porém arrependido. Já passei por sofrimento atroz que me proporcionou tamanha força, a ponto de me libertar dos algozes. Diante deste castigo puramente divino, fiquei sem coragem. Não tenho a menor força, entretanto terei que me entregar ao fogo da vingança divina e justa."

Eis que ele se encolhe à espera do fogo, cujas labaredas ainda se movimentam em constante vaivém, sem todavia subirem. Todos, com exceção de Cado, foram tragadas. Só não compreendo por que motivo os anjos não se afastam e a gruta, coberta até a metade pela lava que endurece, também não perdeu seu aspecto terrífico."

Explico: "A luta ainda não terminou e Cado não está inteiramente perdido. Prestai atenção aos fatos; em seguida recebereis esclarecimentos."

Miklosch continua a observar o monte onde Cado se acha encolhido, como se estivesse morto, e prossegue no relato: "Percebendo que a lava não chega à sua pele, ele se levanta devagar para ver o final da ira divina. O mar de fogo agita-se no mesmo ritmo, somente não se estende nem se eleva como no início. Encorajado, Cado diz de si para si: "Que resultado obtiveram aqueles tolos por se atreverem a desafiar a Divindade. Eu mesmo mereço tal título. Por que não aceitei a proposta dos dois mensageiros, incumbidos por Deus de salvar-me? Onde estarão eles? Ao meu redor é treva; somente o mar em brasa projeta ligeira claridade sobre minha abjeta pessoa. Em direção ao levante muito longínquo descubro débil luz mais agradável. Que seria se eu me dirigisse até lá? Não poderá ser pior e mais perigoso do que aqui, no centro do inferno mais tenebroso."

Ele se ergue e começa a se dirigir com passos rápidos para nós. Pelo que vejo não muda de posição e parece um boneco a mexer as pernas no mesmo ponto. Qual será o motivo disto?"

Respondo: "Baseia-se no fato de que tais espíritos, embora bem intencionados e munidos de compreensão, tem

coração cheio de detritos, do qual sobem constantemente vapores nocivos ao recôndito da vontade, provocando retrocesso. Ocorre o mesmo na Terra. Conhecem o bem e a verdade e pretendem praticá-los; no entanto, no mundo em que procuram agir, sua matéria se manifesta prepotente. Por isto enfraquecem e não evoluem, não obstante seu zelo. Deste modo, o espírito é forte, a carne, fraca. Em Cado tendes um exemplo vivo ser impossível a uma criatura ou espírito conseguir algo, sem Mim. Com Minha Ajuda, tudo fará."

171.° CAPÍTULO

Ballet de espíritos infernais. Cado pede auxílio a Deus.

Prossigo: "Continuai atentos e tu, Miklosch, relata. Não é dado a qualquer um observar o que ocorre." Ele fixa o olhar na cena infernal e após certo tempo diz: "Que quadro tragicômico! Do mar de fogo ainda borbulhante e com estrondo horrendo do qual chispam milhares de raios, surgem inúmeras figuras. Pela frente são aceitáveis; mas pelas costas, semelhantes a esqueletos cobertos de podridão. A lava incandescente não parece incomodá-las, os raios as traspassam como água em peneira. O grupo aumenta e forma um ballet elegante, que em passos graciosos se dirige a Cado. Este o observa com atenção sem demonstrar prazer. Contudo ele para de movimentar as pernas, estupefato com os grandes grupos de dançarinas. Uma delas dá seus saltos bem perto do monte, querendo entreter Cado, que por diversas vezes já esboçou leve sorriso. Todavia, não consegue ver as costas delas.

Neste instante duas dançarinas sobem lépidas o morro e acenam-lhe com as mãos enfeitadas de laços cor-de-rosa a fim de segui-las ao palco incandescente. Cado se desculpa e diz: "Meus pés não suportariam esse solo; por isto fico onde estou. Fazei o que vos agrade; a mim não interessa tal encenação." Elas, porém, aproximam-se mais a fim de convencê-lo a acompanhá-las. Cado não se move e lhes ordena a desistir, do contrário usaria de força. Quanto mais ele ameaça tanto mais generosas são as demonstrações para enfeitiçá-lo. Espetáculo estranho. Muito embora seus movimentos sejam tentadores, conseguem evitar que ele lhes veja as costas.

Uma delas até se esforça por atirar-lhe a fita qual laço ao pescoço.

Ele recua alguns passos, apanha uma pedra que atira diretamente ao peito da beldade, gritando peremptoriamente: "Para trás, criatura infernal. Se Satanás, teu soberano, não dispõe de outro recurso de tentação para atrair um pobre diabo mais para dentro do inferno, que desista. Por acaso ele crê que eu me deixe pegar por tal isca?"

Diz a outra, à qual Cado ainda não havia atirado pedra: "Meu caro amigo, enganas-te acerca da grande soberana Minerva. Ela conhece o teu valioso espírito e deseja proporcionar-te, por nós, suas mensageiras, uma pequena homenagem. Em seguida ela virá a teu encontro no majestoso esplendor de seu poder e força a fim de honrar-te por teres sido o único que resistiu a Divindade, antiga e fora de curso, contra as ondas de fogo dirigidas a alguns covardes súditos da soberana. Reconhece a grande graça que ela te confere em virtude de tua resistência."

Diz Cado: "Por acaso é vossa ilustre princesa tão ignorante como vós, ou talvez ainda mais tola?" Responde ela, com ênfase: "Que pergunta desastrosa! Minerva, deusa da sabedoria, cuja escola todos os deuses tem que cursar, inclusive Zeus e Apolo...!" Diz Cado: "Ignorava existir aqui a antiga trinca do olimpo! Certamente também sois uma espécie de deusas?" Diz ela: "Claro, eu sou a célebre Terpsicore (deusa da dança), e esta a quem arremessaste maldosamente uma pedra, é a maravilhosa Eufrosina (deusa da alegria). Sua dor é muito forte e a suporta com paciência por amor a ti." Diz Cado: "Já estou informado a fim de vos dizer com todo poder de meu invencível rigor que desprezo Minerva, jamais aceitando dela qualquer honra. Dizei-lhe ser eu declarado inimigo de um certo judeu Je-Je-, ha, é mesmo — chama-se Jesus; não só isto, como também desprezo sua doutrina em certos pontos. Mas se fosse determinado eu lhe prestar serviço de burro, faria antes isto do que aceitar homenagens de Minerva." Diz ela: "Não conseguindo eu convencer-te, verás a própria Minerva, sem contudo seres tomado em consideração." Responde ele: "Oh, será para mim especial agrado se ela manifestar despeito."

Ambas as dançarinas se afastam com passos graciosos, desaparecendo entre os outros grupos. Eis que o mar de

chamas se inquieta novamente; as ondas crescem e a superfície se põe incandescente e luminosa. As dançarinas fogem como que açoitadas em direção à caverna,

O próprio Cado expressa certo temor e diz de si para si: "Que a Divindade seja misericordiosa com todas as criaturas! Se por acaso surtir efeito o auxílio do profeta Jesus, que dizem ser Amado do Senhor, que venha em meu socorro. Esses sofrimentos são demasiado fortes para qualquer ser vivo, alma ou espírito. Aliás a recepção por parte de Minerva não deve ser sido muito amável porquanto suas servas soltavam gritos apavorantes. Ó Divindade Infinita e Onipotente, embora eu tivesse merecido punição, tem misericórdia para comigo. Tamanho castigo por pecados terrenos — sejam quais forem — é excessivamente cruel! Apaga nossa consciência, que estaremos satisfeitos. Pretendia defrontar-Te, Ó Divindade, quando ainda desconhecia o efeito de dor tão atroz. Tendo experimentado uma pequena introdução para o tratamento da dor eterna e infernal, perdi toda vontade de prosseguir na teimosia. Não sou covarde, mas isto excede os limites. Ao mesmo tempo agradeço, Divindade Onipotente, por me teres conferido a Graça de não ser atirado ao fogo eterno. Que aspecto horrendo tem este mar em brasa! Que dores indizíveis deverão sentir os que se acham debaixo de suas ondas!"

Agora Cado silencia e parece chorar. Novamente exclama em tom doloroso: "Ó criatura miserável! És um joguete sensível nas mãos de um poder inescrutável! Que mais é teu destino senão o desespero eterno ante tua impotência declarada? A Terra te foi dada para que tivesses oportunidade de te tornar demônio. Em seguida te foi tirado o corpo frágil e agora te encontras desnudo e miserável, uma imprecação eterna da Divindade, diante do portal do padecimento infinito. Sendo diabo, não há poder socorrista capaz de te proporcionar o menor vislumbre de esperança para a salvação. Onde estais, meus dois amigos, que há bem pouco tivestes a intenção de me levar ao paraíso? Estava cego. Por que não vindes agora para salvar-me, quando anteriormente quisestes arrancar-me qual cego, diante do abismo do pavor eterno? Todos os meus gritos de pavor são inúteis porquanto não atingem o Ouvido de Deus. Quem é amaldiçoado não tem salvação, pois o desespero eterno é o fim."

172.º CAPÍTULO

Introspecção de Cado. História de sua vida.

Miklosch prossegue: "Com melancolia e tristeza Cado lança vez por outra um olhar à caverna horrenda de cujo fundo surgem labaredas mais fortes, acompanhadas de um rugir assustador e inúmeros gritos, como somente a dor de martirizados consegue expressar. Cado está arrepiado, sua fisionomia traduz pavor e desespero, e seu interior se torna qual brasa. Neste instante apanha uma pedra e diz com voz vibrante: "Vem Minerva, origem de todo mal, anunciada pelos teus demônios. Esta pedra há de medir a quantidade de sabedoria cruel que contém o teu cérebro! Que me venha resposta de Deus ou de Satanás: quais são os martirizados e quem os castiga, — qual é sua culpa? — Ninguém responde? Nem o próprio inferno? Eis um modo dos poderosos desconsiderarem a voz de um pobre diabo. Meu coração indaga inutilmente. O inferno é surdo e o Céu demasiado distante. Aqui não há consolo para mim. Estou perdido, para sempre! É preciso habituar-me aos horrores — caso haja possibilidade para tanto — como único meio de conforto. Na Terra era possível acostumar-me às crueldades que o chefe me obrigava a praticar, pois era apenas animal selvagem isento de qualquer educação humana. Somente quando me tornei chefe da quadrilha e aprendi a ler e escrever em grego, caiu em minhas mãos uma Bíblia roubada e pela primeira vez fui informado da Existência de Deus Poderoso.

Li o Novo Testamento, travei conhecimento com o célebre judeu, Jesus, cuja doutrina é atraente, com exceção de alguns contrassensos. Fiz vir à minha tenda um padre para que me explicasse a Escritura. Que explicação foi aquela! Qualquer beata poderia dá-la, senão melhor. O padre exigia, apenas oferendas como resgate dos meus pecados e me proibiu o prosseguimento dos estudos em tais livros, pois matariam o espírito humano. Vi ser ele um patife pior do que eu, mandei-o embora, pondo de lado a Bíblia. Se por isto me tornei demônio, pergunto se me cabe culpa. Mas não adianta, pois a Divindade não responde ao meu coração.

Se o soldado, forçado a tal profissão, chega a matar no campo de batalha, — a Sabedoria Divina poderia debitar-lhe isto no livro de culpas e condená-lo como criminoso? Não!

Mas por que discuto? Não se dá o mesmo com os pobres na Terra? A Onipotência os cria num solo que não produz uma erva sequer. E caso venham a roubar, a lei os subjuga, enquanto o rico nem precisa roubar, sendo proprietário de tudo. Que bela Sabedoria e Justiça: faculta o supérfluo ao rico, deixando o pobre morrer à míngua."

Miklosch continua: "As chamas do fundo da caverna se tornam intensas e inúmeros coriscos chispam em todas as direções sobre a imensa superfície do mar horrendo. Percebo um forte atrito dentro da gruta que me causa impressão horripilante. Qual não será o efeito produzido em Cado? Agora a fúria tremenda começa a projetar enxames de raios para o alto onde se acham as falanges celestes em ordem firme e tão indiferentes como se nada vissem.

Ouvem-se de dentro da gruta gritos lancinantes que se aproximam cada vez mais, levando Cado a tapar os ouvidos. Que espetáculo inédito! Surge do centro da caverna um carro, à moda romana, puxado por seis dragões em brasa. No meio da carruagem rubra está sentada Minerva, tendo na mão direita uma espécie de cetro e na esquerda uma lança em brasa.

Ela ordena ao mar que se acalme. Mas este não lhe obedece parecendo não entender sua linguagem, pois continua se movimentando. Agora ela faz um sinal com o cetro para a retaguarda e imediatamente se prostram muitos espíritos diabólicos recebendo ordem de sustar a abafar as ondas. Os demônios em forma de ofídios se atiram sobre elas conseguindo um pouco de calma. A deusa não parece satisfeita, razão pela qual chama ainda outros que se precipitam com suas horrendas figuras cobrindo quase totalmente a superfície, então serenada.

Só então, Minerva prossegue viagem tomando a direção de Cado, totalmente estarrecido de pavor. Controlando-se, ele apanha várias pedras, escrevendo em algumas o nome "Jeoua" e em outras "Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus". Sua expressão é irada, ameaçando Minerva que se aproxima.

Ela, porém, grita: "Experimenta ofender a minha majestade, se queres ser estraçalhado. Venho junto de ti para fazer-te feliz, e tu queres apedrejar-me! Tolo, miserável e cego! Que vem a ser teu poder comparado à minha força? Toda a Criação, as estrelas incontáveis e os mundos surgiram

por mim. Meu hálito os destruiria para sempre. E tu pretendes lutar contra mim... Olha-me e ouve-me primeiro, — depois faze uma tentativa." Diz Cado: "Não me interessa seres linda ou feia, poderosa ou fraca. Advirto-te não te aproximares, do contrário sofrerás as consequências. Desprezo-te até o último dos infernos, obra tua! Demônio Minerva, julgas tentar-me com tua figura sedutora? Afasta-te, caso não queiras experimentar a força de minhas mãos. Vê esta pedra, seu nome é "Jeoua".

173.° CAPÍTULO

Discussão entre Cado e Minerva. O Nome de Jesus é um horror no inferno.

Miklosch continua a relatar: "Diz Minerva: Mas, Cado, não te julgava tão malcriado e rude. Minhas favoritas me falaram a teu respeito. Não lhes dei crédito e quis convencer-me pessoalmente.. Ciente de tua maneira mal-educada de lidar com espíritos elevados, vejo-me forçada a mudar de tratamento. Assistirás primeiro a uma pequena execução para deduzires como lido com elementos de tua espécie. Se tal quadro não te inclinar para o meu coração, sentirás a minha severidade por não aceitares minha benevolência e meiguice."

Ela faz um aceno e no mesmo instante demônios abjetos carregam enorme quantidade de instrumentos de tortura, que são colocados ao redor de Minerva. A um outro sinal são impelidos por demônios inúmeros delinquentes diabólicos de modo tal a revoltar uma pedra. Os presos gritam e esbravejam e muitos se torcem aos pés de Minerva pedindo complacência. Ela acena aos ávidos de aplicar castigos, que se atiram com ferocidade às vítimas, martirizando-as indescritivelmente.

Senhor, que quadro horrendo! Se esses pobres coitados forem tão sensíveis quanto nós, o mais sublime querubim se calará diante de tamanho sofrimento. O martírio é longo e dentro de um plano bem estudado. Ó Senhor, tem piedade com esses pobres diabos miseráveis e não deixes o infeliz Cado cair em desespero! Ouço apenas ele dizer: Deus, meu Deus, onde estás? Seria possível veres isto com indiferença? Estou perdido! Ele desfalece.

Eis que Minerva grita com escárnio: "O que há, valentão? Onde estão tua coragem e teimosia? Pretendes prolongar tua obstinação? Experimenta, caso ainda tenhas coragem, pois te mostrarei o meu poder. Agradou-te esta pequena prova de meu capricho?"

De repente Cado dá um salto como tomado de nova coragem e retruca: "Satanás, base de todo mal! Qual é a culpa desses coitados para que os faças sofrer tanto? Se tiveres ainda um vislumbre de sabedoria, procura descobrir o motivo e dize-mo. Caso me satisfaça, adorar-te-ei. Fala, do contrário serás reduzida a átomos!" Minerva solta uma gargalhada sardônica e diz: "Verme abjeto! Ousas ainda exigir satisfação de mim, soberana do Infinito, após teres assistido a essa cena? Espera, receberás a punição prometida. Ela te dirá a razão pela qual a Onipotência costuma agir a bel prazer, sem jamais pedir conselho a um ser criado."

Ela acena para seus carrascos agarrarem Cado e levá-lo a um instrumento de tortura, e um grupo dá um salto junto dele. Vêde só! Jamais teria suposto ter ele tamanha força, pois no momento em que se atiram sobre ele, Cado arremessa uma pedra com tal violência que os dizima como por encanto, e nenhum parece ter vontade de repetir o ataque.

Percebendo ter a pedra com Teu Nome, Senhor, prestado serviço tão eficaz, ele pousa as mãos no peito e diz: "Deus Jesus — não és apenas profeta — mas a própria Divindade. Tu me socorreste! Rendo-Te todo louvor e gratidão do inferno, onde me encontro!"

Miklosch prossegue: "Mais que estranho é o fato de que, pelo pronunciamento de Teu Santo Nome, todos os demônios, inclusive Minerva, são atirados ao solo como que atingidos por mil raios, sem fazerem menção de levantar-se.

Cado se dirige a Minerva, acocorada: "Então, linda soberana do Infinito, — como estás passando? Pelo que vejo te sentes algo abatida. Não desejas aproximar-te um pouco? Talvez conseguisse socorrer-te com mais uma pedra da sabedoria."

Ela se ergue de novo, percebe porém estar sua lança quebrada e o cetro bastante avariado. Observa por certo tempo as insígnias de seu poder e diz: "Mau sinal para o meu domínio, pois uma importante predição me disse outrora:

Minerva, sábia e ilustre rainha acima das estrelas, tem cuidado com tua lança e teu cetro. Se ela quebrar-se e o cetro for avariado, teu domínio não irá longe e serás desprezada! — Assim, o "fatum" disse a verdade. Não houve anjo capaz de romper o meu poder. Precisamente um reles demônio, além disto um tolo, foi designado para me destronar."

Após tal monólogo ela se dirige a Cado, dizendo: "Como te sentes, maior ignorante de todos os demônios, terminada tua traição? Porventura dirigirás, como símbolo da burrice, mundos, sóis e elementos? Poderias impedi-los quando começarem a se atirar sobre ti? Julgas poder sustar o peso de um planeta com tuas pedras imundas?" Responde Cado: "Se não conseguiste proteger-te contra as minhas pedras como soberana do Infinito — como o farão as tuas obras miseráveis? Mas não te preocupes por isto. Existe outra Divindade que saberá o que fazer com tuas realizações fictícias. Melhor seria tu me dizeres quantos pobres diabos ainda "se encontram atrás daquela caverna e o número dos que já martirizaste. Dize-me a verdade, do contrário sentirás a minha reação."

Diz ela: "Cego! Tudo isto que presenciaste foi apenas criação de minha fantasia para provar tua coragem. Somente eu sou uma realidade; todo o resto apenas aparência... Se tivesses que enfrentar um fato real, tuas pedras imundas não te teriam trazido a vitória, razão pela qual não tem o valor que presumes. Venceste uma aparência e não uma realidade." Após meditar um pouco ela prossegue: "A tua pergunta subentende-se não poder eu dar resposta; além do mais, meu orgulho nunca se prontificaria a prestar contas a um reles diabo! Entendeste?"

Responde Cado com sarcasmo: "Vê só, como és inteligente alegando ter eu apenas vencido uma ficção com o Nome Divino de Jesus!" Retruca Minerva: "Finjo-me de vencida para poder falar contigo sinceramente. Se assim não fosse, não estaria diante de ti resoluta para reiniciar a peleja inúmeras vezes. Usei essa luta fictícia em consideração à tua personalidade que preenche o meu coração com amor desmerecido. Se porventura não fosse tão delicada para com tua pessoa, teria mandado alguns espíritos fraquinhos para re-

duzirem a nada o teu poder e força. Se continuares a fazer trapaças, serei obrigada a enfrentar-te com a realidade.

Resmunga Cado: "Hum, estranho! És uma criatura encantadora e jamais teria aguardado tanta bondade de tua parte. Aliás já me convenci dessa tua virtude através de tuas fantasmagorias recentes e pelas tuas ideias louváveis quanto à queda da Divindade que pretendias efetuar por um poderio ora enterrado nessa lava. Seria isto igualmente apenas simulação? A recepção por parte de tuas favoritas foi bem real e jamais será esquecida. Como nada conseguiram, voltaram em grande número num desafio à Divindade Verdadeira. Esta, porém, teve a intrepidez de abrir as fontes de lava dessa cordilheira, enterrando o teu exército poderoso. Tem a bondade de informar-me se isso tudo foi somente aparição?"

Diz Minerva mordendo os lábios: "Infelizmente foi real, no que apenas o teu chefe teve culpa. Mais de mil vezes lhe dissera não ser o momento oportuno. Ele agiu por conta própria e recebeu a paga de sua loucura. Quando virá outra oportunidade?"

Responde Cado: "Creio que jamais. Por isto, vai andando com teu plano ridículo. Deus é eternamente Deus! E tu — o ser mais ínfimo, ignorante e cego, se não desistires de teu propósito. Serias até mesmo a criatura mais linda se não fosses tão maldosa e tola. Desiste de uma vez por todas de teu ofício infrutífero, aceita a Vontade da Onipotência a Qual jamais poderás enfrentar. Entrega-te, indescritivelmente linda, e eu te abraçarei com um amor profundo, jamais visto entre todos os seres criados, do contrário seria obrigado a te desprezar totalmente."

Diz Minerva, mais calma: "Se soubesses o que sei, falarias de outro modo da Divindade. Entretanto tens razão por assim falares. Acontece *e u jamais poder modificar-me !* Se assim o fizesse, não mais haveria um ser vivo em todo o Infinito, além de mim e Deus. Nem Sol, nem Terra. *Tenho* que permanecer no eterno padecimento a fim de que minhas criaturas possam gozar as maiores felicidades. Todavia, estou cansada e isto terá que mudar." Diz Cado: "Vem cá, pobre genitora do Infinito. Levar-te-ei junto de nosso Senhor, Jesus Cristo, e tudo melhorará." Grita ela: "Não pronuncies este nome, pois tudo estaria acabado entre nós. Este nome é um horror para mim."

174.º CAPÍTULO

Sabedoria profunda de Cado e desvairado orgulho de Minerva.

Miklosch continua a relatar: Diz Cado: "Estimada mãe do Infinito, sublime Minerva! Por que tanta repugnância diante deste Nome tão amigo? Que te fez ele? De minha parte sinto muito consolo e paz neste Nome. Confessa qual o motivo disto."

Responde Minerva: "Amigo, eis um ponto para o qual jamais haverá solução. Precisamente neste nome a Divindade enlouqueceu. Abandonou sua origem elevada e sublime e se meteu, por um fútil amor às criaturas, numa camisa de força de onde jamais poderá sair. Basta imaginares uma divindade pregada à cruz, sofrendo o pior padecimento por mero sentimentalismo; uma divindade que se rebaixa ao invés de continuar em sua altura e glória infinitas, gozando minha companhia luminosa e reger os seres mais perfeitos que por mim recebem sua existência indestrutível. Que dedução tirarei eu, a sabedoria mais sublime e jamais ofuscada, de uma divindade desvairada? Poderia consumir-me de vergonha ao deparar com tão horrível rebaixamento. Eis o ponto, meu amigo. E se eu o acompanhasse, todo o Infinito cairia em frangalhos e os seres deixariam de existir."

Diz Cado: "É realmente de se estranhar, não a humildade de Deus para com Suas criaturas, mas causa-me estranheza que tu, a deusa Minerva, representante da máxima sabedoria, sejas tão limitada ao querer fixar tal ideia de Deus. Como pode Ele, o Espírito Original de todos os espíritos, Força primitiva de todas as forças, tornar-Se fraco? Ele, que abarca o Infinito, tornar-Se débil e louco? Minerva, essa anedota não tem graça! É possível seres tão sábia quanto bela; mas a respeito da Divindade afirmo-te como fez o pintor grego: Sapateiro, continua em teu ofício. Em consideração à tua imensa beleza, que levaria qualquer pecador à adoração, abstenho-me de falar-te deste modo. Além do mais, percebo tua extraordinária tendência dominadora sentindo prazer em fazer chiste. Por isto não me aborreço com tua ignorância.

Se quiseres aceitar um conselho — porquanto muito me agrada a tua beleza fenomenal, sentindo crescer meu

amor para contigo, procura colocar-te numa situação de amizade com o Homem-Deus, Jesus! Faze com que Seu Nome seja ao menos pronunciado seguidamente em teu reino, para te convenceres do resultado. Estou certo de que em breve chegarás a ideias e compreensões diferentes. Também sou demônio, talvez pior do que tu, conheço Jesus apenas de Nome e por algumas deduções de Sua Doutrina, realmente divina, forçando qualquer entidade à maior admiração. Entretanto, nada me custa render-Lhe o maior respeito. Por que isto deveria ser tão difícil à tua pessoa?

Sê inteligente, pois tola já foste por longo tempo. Faríamos um formidável par; não obstante ainda haver muita coisa nociva, não seremos os causadores e nosso Senhor terá muito que fazer até amestrar nossos descendentes, caso pretendamos desistir de nossa profissão diabólica. Não deves por isto ficar arrependida, porquanto recebeste sempre um prêmio desprezível e não renunciando, o resultado será pior. Segue o meu conselho e só poderás lucrar, por serem tua e a Existência da Divindade eternas!" Minerva, de pé no carro, figura feminina de indescritível beleza, cala-se e parece meditar, lançando vez por outra um olhar para Cado.

175.° CAPÍTULO

Prosseguimento da controvérsia. Minerva estabelece condições.

Após algum tempo, Minerva fixa o olhar em Cado e diz: "Amigo, confesso me interessares, pois em tua figura oriental e em tuas palavras transparecem mais espírito e verdade do que presumes. Contudo, não poderei atender-te antes que a prostituta da nova Babel, por mim criada, seja desmascarada. Com permissão da Divindade eu a erigi para prova de fogo de todos os batizados naquele nome desprezível, querendo apenas provar a Deus ser possível transformar-se sua doutrina num paganismo desvairado. Minha obra parece ter tido sucesso e os neo babilônicos não sabem mais o que fazer de tanta ignorância e treva. Perderam totalmente a inspiração. Do cristianismo nada mais se vê. Diante deles só há um esqueleto e se estrangulam em virtude da pele externa na qual, há quase um milênio, não existe corpo, muito menos

alma e espírito. Isto tinha que acontecer. Minhas obras cruéis tem que ser substituídas por outras e a humanidade terá que ser replantada noutra horta. Quando isto acontecer, aceitarei tua ajuda, unindo-me a ti para sempre."

Responde Cado: "Criatura mais sublime e adorável de toda a Criação divina! Não estabeleças condições tão pesadas, cuja realização não pode ser prevista. Deixa a abjeta Nova Babel. Será fácil à Divindade aplainar os tortuosos caminhos por ti engendrados. Segue-me e sê feliz. Não te prendas àquilo que foste em qualquer sentido e procura ser feliz o mais possível imaginando a minha alegria ao teu lado e. a de miríades de seres na contemplação de tua beleza infinita. Então ser-te-á fácil atenderes às minhas palavras. Calcula a minha dor se eu for obrigado a desprezar-te em virtude de tua teimosia, a ti, para quem alimento o calor de milhares de sóis em meu coração. Criatura maravilhosa, Sol Central de toda luz, deixa o teu carro, atira fora teus adornos, vem ao meu encontro, ao meu peito, e serás recompensada por tudo que sofreste!"

Diz ela: "Cado, Cado! Arriscas um jogo perigoso! Que farias se o Céu enciumado te perseguisse por minha causa? Olha para o Alto, como somos perscrutados por milhões de espíritos. Precisamente a minha beleza inaudita é minha infelicidade eterna. Devia amar somente a UM, para o qual não existe trono em meu coração. Se me entregar a alguém diferente, o Céu se encherá de ira e vingança contra mim e meu afeto. Por isto te advirto do risco. Talvez sejas vitorioso — mas ai de nós se fores derrotado!"

Diz Cado: "Também vejo os seres que nos escutam com demonstrações amistosas. Se tal atitude for embuste, terão que enfrentar-me. Jamais te deixarei. És minha e não haverá poder do mal capaz de afastar-te de mim. Também sou indestrutível e poderoso por Deus, — não pelo diabo que sou."

Conjetura Minerva: "Cado, Cado! Não desafies a Deus, pois és apenas uma criatura fraca. Os do alto dentro em breve me atirarão vestes feias — que farás então?" Responde ele: "Adorável, se assim fizerem, serão demônios, e não anjos. Entretanto me testemunham incapacidade para tanto. Todos se alegram por permaneceres tanto tempo em tua figura primitiva dando oportunidade deles se extasiarem com

a Beleza Original, o Pensamento Primário do Ser Divino, — mais linda do que tudo que a sabedoria de todos os espíritos puros poderia denominar de belo, com exceção de Deus. Portadora de luz, não estabeleças outras condições e vem! Sinto em meu coração terem todos os Céus esperado a tua volta por eões, ansiando por ver-te como coroação da perfeição final de todas as coisas e seres. Modifica tua vontade, torna-te meiga e vem gozar ao meu lado as maiores bem-aventuranças!"

Minerva dirige um olhar de agrado, mesclado de domínio sobre Cado e diz: "Acaso tencionas realmente enfraquecer-me? Julgas ser fácil vencer-me e submeter-me aos teus caprichos? Não te enchas de esperanças prematuras; espíritos muito poderosos já tentaram conquistar-me e foram obrigados a retirada vergonhosa. Como podes sonhar que eu me deixe prender por tua verbosidade? E ainda pretendes conquistar-me para os Céus odiosos, que conheço melhor do que tu? Todo ser tem que permanecer fiel a si mesmo: ou um demônio perfeito, ou tolo mensageiro celeste, jamais conseguindo algo comigo, entretanto é respeitado em virtude de sua fidelidade. Um demônio pretendendo ser uma espécie de anjo, com o tempo tornar-se-á repelente, muito embora possua qualidades respeitáveis. Estimado Cado, se quiseres conquistar o meu coração, terás que usar outros meios. Realmente me és simpático. Pretendendo conquistar-me, preciso é que venhas a mim e não vice-versa."

Obtempera Cado: "Amada, quero-te para mim e não cogito se por isto o Céu se alegra ou se aborrece. No entanto, não farei oposição aos Céus nem mesmo por tua causa, não obstante amar-te mais do que todos os tesouros de Deus no Infinito. Considero todo ser — inclusive a ti — imensamente tolo querendo fazer mais do que pode. O cúmulo da tolice consiste em alguém não aprender algo por inúmeras experiências dolorosas. Dize-me com sinceridade, quanto lucraste pela teimosia irredutível? Ficaste mais forte, rica e bela? Teriam os milhões de castigos sido prazer? Assemelhas-te em todos os pontos aos regentes terrenos que preferem arruinar o seu reino do que aceitar conselhos de um sábio.

És deveras infinitamente bela, mas igualmente tola. Se quisesse vencer-te, não necessitaria pronunciar uma palavra, pois bastariam essas pedras. Eis uma nova arma aos

meus pés: um laço com que sei lidar. Seria o suficiente lançá-lo sobre ti e não haveria diabo nem Deus de tua espécie capaz de te libertar. Não quero porém perder-te, mas deixar o assunto entregue a ti mesma, a fim de que a vitória não seja minha e sim tua obra voluntária.

Julgas que eu me alegraria se te conquistasse à força? Nem haveria de te querer, não obstante tua beleza infinita. Considerando as minhas palavras, dominando tuas tendências e te tornando minha companheira, serás um mar de felicidades para mim. Não adianta teimares, jamais te deixarei. Não conseguindo convencer-te pelo amor, usarei a força invencível!"

Diz ela: "Mas, Cado! Por que deveria eu fazer isso? Podes muito bem fazer o que exiges de mim; além do mais cabe ao noivo procurar a amada." Concorda ele: "Por certo já estaria de há muito ao teu lado, caso o solo que pisas fosse outro; ao passo que tu podes pisar qualquer um." Pergunta ela: "Que farás quando eu chegar junto de ti?" Diz Cado: "Ora, far-te-ei feliz transformando este monte num paraíso em honra de Deus que me faculta o poder para tanto."

Diz Minerva: "Já fui traída num paraíso. Adão, meu primogênito nesta Terra, pregou-me uma peça que jamais esquecerei. Não existe corpo cósmico onde a Divindade conseguisse ludibriar-me como o fez aqui. Não necessito contar-te como foi. Acontece que naquela época me opus pela primeira vez à Divindade e durante seis mil anos estou apreciando os infames resultados. Por isto não me venhas tentar com o paraíso. Se quiseres que eu me dedique à tua pessoa, faço-te a seguinte proposta: Promete jamais pronunciar o nome de Jesus, que me sufoca; atira para longe as pedras e o laço, e meu coração será teu prêmio, encontrando gozos jamais sonhados por um deus. Analisa bem a minha beleza, graça, atrativos e dignidade divinas, — e serias qual pedra caso resistisses a tais encantos."

Diz ele: "Adorável Minerva, aceitaria tua proposta se não tivesses mentido. Mostrando-se a maior artista na mentira, engano e traição, o que ficou provado pela execução fictícia, não posso aceitar tua proposta antes de cumprires a minha. Apressa-te, pois a minha paciência está se esgotando."

Miklosch prossegue: "A feição de Minerva se torna raivosa e dura. Procura argumentos, sem encontrá-los. É interessante observar-se como a inventora do orgulho e da mentira se esforça para não demonstrar fraqueza perante Cado. Ele parece ler tudo em sua fisionomia, porquanto não desvia o olhar, segurando o laço para o que der e vier. Estou curioso por observar a manobra de Satanás."

176.° CAPÍTULO

Cado recebe maior proteção. Minerva insiste em reagir.

Neste instante Roberto-Uraniel e Saariel, seu companheiro, se postam por detrás de Cado, que nada percebe. O mesmo se dá com Minerva, cuja atenção está inteiramente voltada para ele a fim de aproveitar o menor descuido de sua parte. Cado está firme qual rocha. Indecisa, Minerva faz caretas: ora expressa severidade, ora amabilidade, inteligência e domínio; — em tudo nota-se a velha pecadora.

Tal situação não parece agradar a Cado, que pigarreia e diz: "Então, como é? Não mordes a isca? Dou-te mais um pequeno prazo. Se até lá não te decidires, demonstrarei a minha agilidade com o laço. Sinceramente, desde tua existência não encontraste nos miríades de espíritos por ti tentados um que se tornasse teu mestre, porquanto não podiam concorrer com tua astúcia. Comigo tens que te precaver. O Arcanjo Miguel não foi capaz de evitar sua queda perante tua malícia pelo fato de te conceder eternidades para refletires. Temendo a Deus e imitando Sua Paciência, aquele anjo estabeleceu prazos e mais prazos que aproveitaste para aumentar tua maldade. O demônio Cado não teme Deus, morte e inferno, pois atende somente ao seu intelecto e vontade. Por isto resolve a tua situação, do contrário o laço se prenderá em tua bela nuca."

Responde Minerva: "Cado, sê mais maneiroso. Não posso, de momento, deixar os meus hábitos antigos e maldosos. Se juntares ao teu heroísmo um pouco de paciência, não levarás prejuízo. Se falei certas coisas e aparentemente não aceitei tuas ideias e vontades, — isto tem o seu motivo. Deves concordar que eu queira experimentar a fundo aquele com quem eu — a beleza primordial e inatingível de todo o

Infinito — desejo unir-me. Já me teria afastado, caso não me agradasses. Tua personalidade inédita me prende a ti com estranho poder. Suporto de ti coisas que jamais aturei da própria Divindade. Não estás satisfeito com isto?"

Diz Cado: "Criatura mais maravilhosa de Deus! Meu amor para contigo é infinito; por isto terei mais alguns momentos de paciência. Mas é só." Ela sorri e atira sua lança partida no mar de lava, cujas ondas continuam dominadas pelos espíritos. Nem bem a arma é dissolvida pelo fogo — fato que Cado presume de bom agouro — surgem subitamente inúmeras figuras horrendas que circundam a deusa. Uma, que concretiza a de todos os dragões e feras selvagens, a fulmina com milhares de vozes de tigres, leões e panteras: "Infame! É essa a gratidão por trilhões de serviços prestados durante eternidades, não temendo sacrifícios, dores indizíveis e padecimentos, a fim de nos assegurarmos de teu afeto e dedicação prometidos, para quereres nos abandonar por amor a um demônio recém-chegado que apenas por momentos meteu o focinho no inferno? Declaramos-te, em uníssono, que somos os primeiros e mais poderosos demônios, que jamais farás tal ultraje! Antes disto destruiremos a ti, o inferno e todos os Céus. Nossos súditos dominam este mar, sofrendo dores incríveis para que tu, nossa soberana, possas pisá-lo, — e agora pretendes nos abandonar e satisfazer o gozo há tanto prometido? Experimenta fazê-lo, que receberás um prêmio jamais sonhado pela fantasia da Divindade suprema. Chama em teu socorro aquele infusório no monte. Que use suas armas contra nós, se lhe for possível. Vê como teu herói perde a coragem e procura uma saída para a sua fuga? Por que não o chamas?"

Minerva treme de raiva e vergonha, sem poder falar. Cado se porta ainda mais revoltado e parece refletir acerca de sua reação. Os gigantes lhe impõem certo respeito, a ponto de não ter ânimo para abrir luta e ao mesmo tempo ouve um testemunho sobre Minerva que o faz duvidar de sua fidelidade e amor. Entrementes ela lança olhares de sedução a Cado, impedindo que ele se afaste. Por isto ele começa a organizar as suas pedras.

Após alguns momentos de terror, Cado se ergue e diz àquelas feras: "Conheço vosso poderio e fantasmagoria — não é vossa obra. Sois incapazes de qualquer ação como puras criações fantásticas desta aqui, à qual lançais ameaça

fictícia. Se fosseis criaturas reais, teria ensejo para vos agradecer o serviço prestado. Por vossa atitude, figura e palavras que ela mesma projeta, orientei-me de seu caráter. Com isto cheguei mais perto do resultado. Podeis estraçalhá-la, caso vos seja possível. Eu não o faço, porquanto não merece tanto esforço de minha parte.

Satã, demonstra mais algumas provas semelhantes, pois me facultam conhecer-te até o âmago. Convosco, fantasmas, terminarei em Nome de Deus, Jesus o Crucificado! Vêde esta pedra. Está marcada com o Nome Divino "Jesus" e três cruzes!" Com isto Cado apanha a pedra para atirá-la com violência. Minerva solta um grito de pavor, exclamando: "Cado, por tudo que te é sagrado, não faças isto! No momento em que a pedra se soltar de tua mão estarás perdido para sempre. O poder desses espíritos, que presumes fantasmas, é incontido. Fica quieto. Talvez consiga acalmá-los e em seguida iniciar minha libertação com tua ajuda."

Cado, influenciado pelos espíritos protetores, diz com rigor: "Tuas palavras são quais bolhas de ar e não contem verdade. És mentirosa como sempre, prejudicando apenas a ti mesma. Por isto te asseguro fazer estritamente aquilo que me desaconselhas. Em Nome de Deus, o Salvador Jesus!" Ele lança a pedra com violência contra a cabeça do primeiro e maior dragão e no mesmo instante se ouve um estampido de canhão. Todos desaparecem, com exceção de Minerva, de pé e desnuda em cima de um montão de areia, tentando esconder-se diante de Cado, sem consegui-lo.

Ele então lhe pergunta: "Querida, — que foi isto? Onde ficou o perigo ameaçador? Onde estão os espíritas que tencionavam dizimar Céus, inferno, Deus e a Terra, querendo castigar-te pela infidelidade? Vê no que deu teu artificio? Não valeu um centavo e todo teu esforço foi inútil. Algum outro haveria de punir-te, dotado do meu poder. Eu te perdoo. Tens que me seguir, do contrário usarei de força. Que farás? Estás abandonada de tudo que te proporcionava aparência de poder. Nada mais tens que a mim e a tua beleza indizível. Apoia-te em mim, de livre vontade, que te conduzirei ao justo caminho; não o da humilhação, mas do verdadeiro amor de meu coração para contigo. Vem!"

Diz Minerva, profundamente envergonhada: "Sim, quero e tenho que seguir-te. Terás que dar *um* passo junto de

mim, caso me ames de verdade. Isto não te custará, porquanto me aproximei de ti mais de mil passos."

Diz Cado: "Já deves conhecer minha irredutibilidade e jamais cederei a teu pedido até que tenhas transformado tua inclinação maldosa e infiel. Deixa de fazer exigências. Sou pior do que tu, não obstante tua maldade inata chegar a preencher o Infinito com o julgamento da matéria. Tendo fracassado o esforço de todos os anjos em tua redenção, um demônio tem que levar-te ao ponto de partida. Este demônio não é de tua espécie, pois recebe o seu poder do Alto, enquanto sua natureza pertence ao inferno. Tu, somente és o prêmio que ele rejeitará caso não lhe for concedido livremente. Por isto, segue-me."

177.° CAPÍTULO

Minerva pressupõe uma astúcia por parte de Cado. Uma veste caída do Céu desperta a sua curiosidade.

Diz Minerva: "Cado, realmente eu te amo! É o primeiro sentimento verdadeiro a tocar o meu coração. Se nada queres fazer por mim, explica-me ao menos o motivo de tua dureza. Deve haver um plano do Alto e tu és o instrumento, consciente ou inconsciente. Tens que me revelar o projeto, do contrário não cederei um fio de cabelo. Que vantagem levarias usando de força sobre mim? Sabes a invencível teimosia por mim usada contra a Divindade, e muito maior é ela contra ti. Deus é infinitamente poderoso e pode fazer comigo o que quiser, mas somente pela coação. Coração e vontade são meus e sabem fazer resistência, inclusive a ti, único que até hoje se aproximou de mim. Se assim não fosse, de há muito terias à tua frente um monstro, ao invés de minha figura original. Sabes qual a minha índole. Por isto dá-me explicação de tua inflexibilidade diante de minha sinceridade evidente."

Diz Cado: "Como exiges algo que já te expliquei sem tu mesma o pedires? Não posso ceder, porquanto não te poderia libertar. É preciso te submeteres à minha vontade, que farei tudo que quiseres."

Responde ela: "Seria fácil, mas onde ficaria meu livre arbítrio?" Diz Cado: "Querendo livremente aquilo que quero,

unindo tua vontade à minha. Sem esta união não poderemos cogitar de um efeito elevado e verdadeiro.

Diz Minerva: "Não te compreendo, explica-te melhor." Diz Cado: "Estranha portadora de toda luz espargida pelo Espaço! Não te sendo possível assimilar coisas tão claras, como entenderás assuntos mais profundos, do reino eterno da Sabedoria Divina? Ouve-me. Se um casal se acha em constante divergência e a mulher não quer aceitar a vontade do homem, tal união jamais conseguirá uma prole. Poderias afirmar o mesmo do marido. Certo, caso ele dissesse: Reconheço minha vontade no teu desejo; sendo também tua vontade, eu não a quero. Da parte do marido isto seria grande tolice e ela teria razão em não lhe ceder. Como a mulher desde o início aceitou o desejo do homem, sem o qual jamais poderia casar-se, ela tem o mesmo direito de exigir algo que ele, sem dúvida, lhe proporcionará tão logo esteja em harmonia com a sua vontade A menos que o desejo da mulher em si seja contrário ao expresso dentro da ordem da vontade masculina, onde ele não poderá ceder, caso não queira aniquilar-se a si mesmo. Tal desejo da mulher seria evidente adultério, caindo no julgamento próprio, porque não existe poder que se mantenha isoladamente e para tanto seria preciso ser aprisionado conforme acontece contigo desde eternidades. Se não fosses atingida pelo julgamento, de há muito deixarias de existir.

Agora deves te tornar livre e ingressar numa justa ordem. Por isto tens que te submeter à ordem de minha vontade para libertar a tua própria. Faze ao menos uma tentativa. Não te agradando, poderás voltar ao antigo julgamento."

Diz Minerva: "Muito bem, aceitarei esta tua proposta. Mas encontro-me desnuda e tenho vergonha de me apresentar diante de ti. Arranja-me ao menos um vestido." Diz Cado: "Não posso satisfazer-te antes de me obedeceres. Vem cá e vê — que veste maravilhosa acaba de cair dos Céus. É tua, — a única em todo o Universo. Recebe-a de minhas mãos como justo vestido de noiva."

Miklosch prossegue: "Minerva está perplexa, dirige o olhar fogoso ao local onde realmente se vê, aos pés de Cado, um vestido embrulhado num pano vermelho. Ávida por ver se faz jus à sua pessoa, ela força a vista, sem contudo poder vislumbrá-lo. Sua curiosidade aumenta, — e eu mesmo estou

ansioso por saber sua atitude, Senhor. Essa criatura jamais se converterá? E a situação com isto não melhorará, mormente em nossa Terra?" Digo Eu: "Caro amigo, isto ainda veremos. Continua relatando os fatos."

178.° CAPÍTULO

Minerva se aproxima aos poucos. Os últimos passos diante da meta.

Miklosch dirige novamente o olhar ao cenário e diz após alguns instantes: "Ah Minerva está irrequieta e os seus movimentos traduzem sua ânsia. Percebendo-o, Cado lhe diz: "Por acaso os teus pés estão grudados no solo? Movimenta-os, vem até aqui, que será mais fácil descobrires o conteúdo do pacote. Se estiveres presa aí, avisa-me que soltarei os teus pés daqui mesmo." Responde ela: "Não há necessidade; sou livre e posso ir aonde quiser. Como é o meu vestido? Conta-me o seu feitio."

Diz Cado: "De modo algum. Vem, que ficarás extasiada." Diz ela: "Como és duro...! Que fazer, estando enamorada de ti? Vou arriscar-me. Mas se tu me fizeres algo, voltarei para nunca mais chegar junto de ti."

Miklosch prossegue: "Ela abandona finalmente seu posto e se dirige de passos lentos para Cado, ainda protegido pelos dois mensageiros celestes. Coisa estranha. No momento em que Minerva pousa seu lindo pé no monte, desaparece o mar de lava. Nada mais se vê da gruta horrenda e o ribombar e gemer também silenciam. Que alívio. A cordilheira parece igualmente ter baixado, perdendo seu caráter assustador. Alguns rochedos são vistos apenas através de um minucioso exame. A região toda melhorou e está mais clara.

Esse Cado é um artista. Fazer com que a soberana do Infinito se apaixone por ele, é algo inédito. Não deixa de ser diabo; entretanto, impõe respeito. Deve alimentar uma irredutibilidade na qual se espatifa qualquer dureza. Se não fosse presenciado por nós, tal relato seria a coisa mais incrível que um espírito pudesse imaginar. Assim, só nos cabe admirarmo-nos, louvando-Te, Senhor, por teres permitido tal fato. É de se esperar que a Terra venha a ingressar em um estado desejado por todos os Céus.

Todavia, Minerva não tem pressa, pois seus passos são pequeninos e vagarosos. A cada movimento ela acha alguma coisa no solo, apanha-a, analisa-a por certo tempo e em seguida atira-a fora. Tenho a impressão de que o solo em direção a Cado está propositadamente coberto de preciosidades com o fito de tentá-la. Essa astúcia é inteligente. Lembro-me de ter lido uma profecia enigmática: Quando Satanás for convertido, caminhará sobre pérolas e diamantes, desprezando-os. Então o inferno será fechado e as algemas da imaginação derreterão qual cera ao Sol.

O mesmo parece dar-se aqui. Minerva se aproxima mais e mais e lhe faltam possivelmente uns quarenta passos para o final. Ah, agora achou algo de importante. Com avidez ela se abaixa e apanha coisa semelhante a um diadema, de seu agrado, pois não demonstra vontade de atirá-lo fora.

Neste instante ela se dirige a Cado dizendo: "Quem espalhou essas preciosidades? Isto foi feito por minha causa? Eis um diadema maravilhoso e merece ornar a minha cabeça. Posso guardá-lo?" Responde ele: "Guarda o que é bom e rejeita o imprestável. Não apanhes demais. O excesso de tais coisas havia de te sobrecarregar de forma a não poderes caminhar. Guarda apenas o diadema. Sê obediente e vem."

Diz Minerva: "Sim, já vou, já vou! Ah, eis aqui uma pulseira maravilhosa. Deixa que eu a apanhe, Cado. Merece o meu pulso." Diz Cado, impaciente: "Larga isto. Teu braço já é tão lindo que dispensa jóia. Aos meus pés aguarda-te um adorno, sem par em todo o Infinito. Não te entretenhas com detritos e apanha o que te cabe."

Minerva se aproxima, atirando fora a pulseira; agora, apenas três passos a separam de Cado. Por isto ela diz: "Vê, vim ao teu encontro e por certo dei alguns mil passos, faltam apenas três. Estes, naturalmente, serão dados por ti. Noto tua ânsia para apertar-me contra o teu peito, pois meus sublimes encantos te fazem vibrar. Tem a bondade de vir a mim."

Diz Cado: "Haverá oportunidades celestes em que darei milhões de passos ao teu encontro. Aqui uma ordem firme e para teu benefício exige que eu não atenda um teu pedido sequer, antes de teres cumprido o que sou obrigado a reclamar. Dá mais esses três passinhos, uma vez que deste os outros."

Pergunta Minerva: "Quem te manda estabelecer condições?" Responde ele: "Ninguém me prescreve ordens, sou meu próprio legislador e não aceito sugestões de qualquer divindade ou demônio. Tu és chefe supremo de todos os anjos do mal e além disto tão bela quanto a Menina-dos-Olhos de Deus. Entretanto, tuas palavras não são por mira consideradas. Anteriormente me achava diante de Deus através de dois espíritos sublimes, demonstrando-me com bondade e sabedoria Céu e inferno a fim de que eu me decidisse. Rejeitei o Céu e desafiei o inferno. Percebi um plano desvairado, impossível de sucesso; em seguida tu me perseguiste de toda maneira; teus artifícios fracassaram diante de minha firmeza de vontade e intenção de te libertar do jugo de tua cegueira. Quem poderia prescrever-me tal atitude?

Em todo o Infinito não existe um ser que me levasse à obediência. Sou senhor de mim mesmo e não me preocupo com alguém, com exceção de ti, porque muito me agradas e és, depois de Deus, o ser mais poderoso e perfeito de todo o Infinito, destinado a te tornares aquilo que Deus previu em Sua Sabedoria Eterna. Sinto dentro de mim a missão de transformar-te. Todavia só será possível no caminho por mim traçado, razão pela qual em nada posso ceder até que tenhas cumprido minha exigência. Nada mais de relutância nesses três passos, do contrário não chegarás à tua beleza e dignidade originais."

Diz Minerva: "Amigo, verdadeiramente amado, tudo que acabas de dizer é certo, bom e justo. Se, porém, o amor nos deverá conduzir para o futuro, não sei onde o buscarás porquanto te negas a te mover. Olha, dei mais dois passos. O último cabe a ti, ainda mesmo eu tendo de esperar uma eternidade. Já não posso mais cogitar da volta, por ter-me excedido tanto. Faze-me esta gentileza."

179.° CAPÍTULO

Luta final. A natureza diabólica de Minerva irrompe novamente.

Diz Cado: "Por que exiges algo de mim que eu teria feito sem que o pedisses, entretanto agora não mais posso fazê-lo por isto? Incorrigível coração do Infinito! Terás que fazer o

último passo. Em teu próprio benefício te peço nada mais exigires de mim. Não me é possível satisfazer teu menor desejo até que te tenhas submetido à minha vontade. Basta apenas um passo para salvar todo o Infinito e libertá-lo do peso da condenação eterna. Em seguida resplandecerás como o ser mais feliz, com a luz de todos os sóis no Espaço sem fim."

Retruca Minerva: "Creio que assim seja, — se ao menos eu fosse tão tola de fazer o que exiges. Falta apenas um pequeno passo. Mas se eu não o quiser dar de livre e espontânea vontade, escarnecendo de toda a tua persuasão, — que meio empregarias? Externamente talvez fosse possível; intimamente, jamais.

Sabes ser eu a entidade que supre de seres o Infinito. Sou a entidade de todas as entidades, — o poder negativo, correspondente ao Poder positivo de Deus. Sou o solo imensurável no qual a Divindade constrói Suas Obras. E tu, miserável, pretendes dominar-me com algumas palavras e subornar-me com tuas lisonjas tolas capazes de satisfazer uma camponesa, mas não a mim, o ser mais perfeito do Espaço. Tolo. Vejo-te vibrar de volúpia e reconheço tua ânsia por um abraço meu. Não te entregues a pensamentos desta ordem se não quiseres arriscar este último passo por meu amor e benevolência. Não cedo nem um milímetro. Eis a Minha vontade irredutível.

Diz Cado: "Como és inteligente! Tencionas fazer-me esperar uma eternidade? Desejo-te para tanto a devida paciência, pois a minha não dominarás. Posso, através de minha vontade, fazer contigo o que quiser; por isto nada mais necessito e não perderei palavras. Estás em minhas mãos. Não mais podes te transformar em dragão e até prefiro permaneças assim. Salve, Salve, — pelo visto também já tenho pão e vinho! Viva!"

Diz Minerva: "Nunca pensei que fosses tão ladino. Poderia estourar de raiva por não poder reagir. Mas ai de ti, se lançares mão de minhas artimanhas. Se ao menos pudesse livrar-me do maldito afeto para contigo. És o nó górdio que até hoje ninguém conseguiu desatar em todo o Infinito. Precisamente tu havias de descobrir a minha fraqueza. Isto não suporto. Maldição a quem te criou. Mas espera, descobrirás em mim teu satanás!"

Diz Cado, com fleuma: "Oh, não importa. Tenho-te junto a mim, isto é, a maior beleza, incapaz de se enfeiar e isto basta. Aliás, não te é vedado dares o último passo. Se te cansares de esperar, virás automaticamente. Até lá, viva, meu amorzinho!"

Prossegue Miklosch: "Minerva dá impressão de querer estourar de ódio e tenta transformar-se num monstro. Além disto deseja ocultar sua nudez, mas não encontra coisa alguma para tal fim. Procura fugir — seus pés estão presos ao solo! Só conseguiria movimentar-se em direção a Cado. Que pezinho bem feito! Esta harmonia incrível em toda a sua figura — até eu mesmo poderia entusiasmar-me. Meus respeitos a Cado em poder controlar-se diante de tamanha beleza que se encontra em seu poder. Para conseguir isto é preciso mais do que eu entendo até agora. Não fui propriamente impudico e as grandes beldades às vezes me deixavam frio; mas frente a esta, a situação é outra. O comportamento de Minerva não tem palavras. Esforça-se em fazer caretas. Quanto mais enruga o rosto, mais bela fica. Ele até lhe diz: "Não te canses, querida. O efeito é contrário e és realmente uma deusa."

Quase chorando de raiva, ela esbraveja: "Ainda mais esta? Vida maldita! É preciso eu ser dominada e achincalhada por tamanho asno? Por acaso não posso voltar atrás, conforme prometeste?"

Retruca ele: "Tal promessa não terá efeito até aceitares minhas condições. Continuarás no julgamento enquanto fores escrava de tua obstinação. Alguém se encontrando em grande perigo e um piloto oferece socorro, que todavia não é aceito, muito embora não haja outro recurso, ele continuará presa do perigo.

O mesmo acontece com tua pessoa. Achas-te num pico que surge do mar onde a tempestade por ti gerada te atirou. Sou o piloto a te estender as mãos para te afastar do perigo, levando-te à plena liberdade. Rejeitas minha ajuda. Teu orgulho cego e tolo não te deixa agir em teu benefício, mas te impele a fazer tudo para teu aniquilamento. Por isto não podes voltar e precisas permanecer nesta rocha. Se eu não te protegesse da queda e não sustasse as ondas que te atirariam ao abismo — onde estarias? Há século e meio te firmaste no palácio dos "Sete montes". De lá foste expulsa

há dois anos e dificilmente subirás ao trono antigo e roído com teu poder sanguinário, a fim de dominar os tolos fracos da Terra e os demônios do inferno. Como já disse, não conseguirás fugir. Que farás como escrava minha? Serás capaz de resistir eternamente?"

180.° CAPÍTULO

Cado se alimenta, aborrecendo Minerva.

Miklosch prossegue: "Diz Minerva: Sim, caso o quisesse. Muito embora esteja destituída de poder e força externos, posso intimamente alimentar eterna obstinação. Talvez não o faça em virtude de minha tola afeição para contigo e prefira refletir. Caso descubra vantagens para o meu coração, aceitarei os teus conselhos." Diz Cado: "Está bem, querida. Quanto mais persistires em tua teimosia, tanto mais prolongarás a tua infelicidade, dificultando o último passo." Com isto ele se senta e saboreia com prazer pão e vinho. Minerva o observa atenta e aborrecida, e diz de si para si: Bela situação! Que educação pavorosa tem esse sujeito. Não é capaz de me oferecer algo. Claro que nada aceitaria desse mal-educado, cuja voracidade animai me causa mal-estar.

Se ao menos pudesse sentar-me! Morro abaixo seria muito incômodo e para cima não é possível por estarem meus pés como que pregados ao solo. Se me ajoelhasse um pouco para mudar de posição, esse idiota poderia interpretá-lo de outra forma. Se fosse possível puxar o embrulho mais para perto, teria boa distração com meu vestido. É incrível o procedimento dele, pois enfia pedaço após pedaço de pão para dentro da boca e toma um bom gole de vinho sem ligar a menor importância a mim. Não lhe dirigirei palavra, pois não há garantia de ele me responder. Isto seria um ultraje jamais sonhado no Universo.

Cado se alimenta com satisfação e diz consigo mesmo: "Que coisa saborosa! Sou realmente mau sujeito e até me vanglorio de ter confundido o próprio Satanás com a minha maldade. Que caretas estás fazendo, Minerva, quando eu me sinto confortado e bem disposto? Devias estar satisfeita. Vem cá, senta-te ao meu lado. Se isto fizeres, dispensarei o último passo. Dá-me este prazer. Observa a alegria dos

espíritos nas alturas — e nós dois aqui estamos acocorados como burros infelizes. Esforcemo-nos por estar mais alegres que os do Alto. Vem ao meu lado."

Diz ela, ofendida em seu orgulho: "Cala-te, beberrão! Que pretensão é esta? Um colóquio naturalmente seria de teu agrado. Frutos como eu, meu caro, não amadurecem para burros de tua espécie. Entendes?"

Conjetura Cado: "Como não? Já estás madura devido à tua idade e seria um gozo inédito alguém te poder abraçar. Tua figura sedutora me tonteia. Vem, Minerva, alivia o meu coração." Retruca ela: "Um pouco de paciência, meu caro. Já sabes de minha alegria em poder satisfazer os teus desejos? Resta apenas aguardar algumas eternidades. Não duvido ser de teu agrado pores tuas mãos imundas em cima de mim. É realmente lastimável eu não poder satisfazer-te."

Diz ele: "A mim não faz diferença se isto acontecer agora ou daqui a milênios. Estás em meu poder e para mim basta. Não sendo egoísta e visando somente o teu bem, desejo livrar-te de tua ignorância e fazer-te feliz. Preferindo continuar escrava de teus erros, — és tu a única prejudicada.

Ergue os teus lindos olhos, mas excessivamente tolos, e observa como trilhões de seres se regozijam de sua existência divina, muito embora saibam seres a criatura mais infeliz do Universo. Deste modo, também posso alegrar-me sem tua colaboração. Além disto, acrescento não mais insistir na tua conversão. Sei, tanto quanto Deus, de tua índole perversa; mas não importa, uma vez que consegui o que queria: és minha e inofensiva qual víbora a quem se tirou o veneno. A partir de agora não farei mais convites. Colherás o que semeaste."

Diz ela, perplexa: "Que será de minha reputação que desfruto desde os primórdios?" Responde ele: "Não sejas ridícula! Qualquer asno te escarneceria quanto ao teu saber. Uma criatura indescritivelmente bela, mas ignorante na mesma proporção, não pode gozar de conceitos. Guarda as tuas pretensões, que me causam náuseas."

Diz ela: "Não sejas tão explosivo! Se realmente sou tão ignorante, mereço ao menos que me ensines aquilo de que careço." Diz ele: "Minha amiga, falta-te muito, isto é, tudo. Assim sendo, ainda terei muita coisa a te dizer."

Diz Minerva: "Ensina-me e tem paciência com minha falta de conhecimento. Se sou o prêmio de teu esforço,

serás bem recompensado." Obtempera Cado: "Sim, caso aceites qualquer sugestão, do contrário não me interessas." Diz Miklosch: "Minerva queda pensativa, enquanto ele vira o rosto para nós, como se sentisse nossa presença. O que me causa admiração é o fato dele não ver Roberto-Uraniel e Saariel, seu companheiro, muito embora veja os anjos celestes no Alto."

181.° CAPÍTULO

Minerva dá o último passo.

Diz o Conde Bathianyi, a quem essa cena começa a enfadar: "Amigo Miklosch, não resta dúvida seres bom relator e o fato é deveras interessante. Todavia, torna-se cansativo. Admiro apenas a enorme paciência do Senhor, dos patriarcas, profetas e apóstolos. Observam a cena como se contivesse importância relevante. Cado é dotado de grande inteligência. Ela, mais astuta, e duvido que ele a faça obedecer."

Responde Miklosch: "Entreguemos o caso ao Senhor, no final tudo dará certo." Diz Bathianyi: "Sim, mas quando? Só o Senhor o sabe. E diante da teimosia de Minerva chega-se à conclusão de que jamais haverá um fim."

Conjetura Miklosch: "Quanto a mim, isto não me preocupa. Além do mais, essa história é inédita: dois espíritos do inferno se desafiam e é interessante saber-se quem sairá vitorioso. Estou a favor de Cado." Diz Bathianyi: "Eu também e espero que o bem venha a sobrepujar o mal. Continua a relatar os fatos."

Diz Miklosch: "Fixa igualmente teu olhar no cenário e verás que neste instante Minerva estende sua linda mão para Cado, que lhe diz: Isto não é suficiente; levanta o pé e firma-o perto do meu, que terás solucionado tua tarefa, alcançando a liberdade. A partir daí muita coisa poderei fazer em teu benefício."

Diz Minerva: "Bem, a fim de experimentar tua promessa, assento o meu pé junto do teu. Todos os Céus e infernos hão de testemunhar ter eu jamais cedido deste modo. Mas ai de ti, se me traíres. Minha Vingança será tenebrosa. Que mais desejas?" Responde ele: "Falta o outro pé, que terás

concluído as condições, e eu te direi meus futuros planos." Diz Minerva: "Tenho a impressão de serem teus desejos intermináveis. Já tendo feito tanta coisa, farei mais essa. Mas tem cuidado em não me abandonares, pois sabes que em tal caso tenho direito de retornar ao estado anterior."

Com isto ela assenta o outro pé junto de Cado e diz: "Pronto! Que será agora?" Responde Cado: "Querida, desata o embrulho e cobre tua figura tentadora." Minerva assim faz. Quando vê um vestido vermelho irradiando mais do que o Sol devido à grande quantidade de diamantes e rubis que o enfeitam, ela tem uma vertigem, e cai aos pés de Cado. Ele então pergunta: "Minerva, que se passa? Agrada-te esta veste régia? Não te disse a verdade? Que pensas de mim?"

Com voz trêmula, ela balbucia: "Oh, Cado, isto é por demais maravilhoso! Conheço todos os habitantes celestes. Nunca vi alguém enfeitado com vestido semelhante, nem a própria Divindade em Sua Luz impenetrável. Como poderei, surgindo de minha baixeza, ser capaz de aceitar e finalmente usar esta veste de fogo? Não terei coragem. O mais abjeto do inferno não pode entrar em união repentina com o mais elevado do Céu. Para tal necessito de muito tempo, a fim de meditar acerca de minha ação maldosa e procurar sair dela. Considera ser eu a base de todo mal e julgamento. Quão longe estará a realização de minha conversão."

Diz Cado: "Tola. Conta os sóis no Espaço Infinito, os planetas que não raro giram aos trilhões quais átomos ao redor de um Sol Central, longe de ser o principal Sol desta categoria. Soma os grãos de areia de um pequeno planeta. Junta-lhe as partículas atômicas a navegarem no éter, carregando a luz de uma eternidade para outra. Tudo isto é apenas a matéria surgida através de teu julgamento. Quanto tempo não necessitarias para contar e meditar até que tivesses analisado a causa de cada átomo, a fim de te livraras de sua influência! Tal hipótese é simples tolice. Faze o que te aconselho para tua libertação e para te tornares agradável à Divindade Onipotente, encarnada em Jesus."

Diz Minerva: "Reconheço teres razão. Entretanto não pronuncies mais aquele nome insuportável. Não posso dizer-te a razão; o fato é que ele me queima mais que todo o fogo do inferno."

Diz Cado: "Eis outra tolice de tua parte. Justamente neste Nome é possível conseguirmos a verdadeira salvação.

É preferível ele ser por ti louvado a ponto de venceres todo o mal em teu coração, triunfando sobre as tendências que te levaram à apostasia da Divindade."

Diz ela: "Tu podes falar facilmente; considera apenas quantos milhões de seres padecem no pior sofrimento, por minha causa. Como poderia ser feliz sabendo de sua desdita? Achas que eu deva brilhar nessa veste enquanto eles continuam infelizes? Não, isto não pode ser."

Diz Cado: "Preocupa-te com outra coisa. Desde que Deus tornou-Se Homem, creditou a Criação material em Seu Próprio Nome. Facilitou ao homem a livrar-se de ti, entregando-o à própria consciência. Todo o Cosmos pousa nos ombros de Deus e das criaturas livres. Tu de há muito não tens contas com Deus; por isto, faze o que te disse, que serás inteiramente livre."

182.° CAPÍTULO

Novas objeções de Minerva. Penitência e conversão.

Miklosch continua: "Diz Minerva: A Divindade impôs uma espécie de penitência para o perdão das culpas, sem a qual nenhum homem, muito menos um diabo, consegue a bem-aventurança. Fui até então a causa de todos os pecados e um alicerce do julgamento e da morte. Como me tornar livre e feliz, sem penitência? E além disto, — poderia praticá-la nessa veste luminosa? Arranja-me outra que sirva para minha mortificação."

Diz Cado: "Seria deveras interessante tu fazeres penitência! Que entendes disto? Presumes que uma veste de crina perfaça a mortificação? Ou acreditas ser preciso empreender um ritual católico para alcançares a remissão de tuas faltas? Quiçá pretendes fazer confissão plena, pagar milhares de missas e comungar, a fim de exterminares dentro de ti todos os teus pecados? Na Terra, não longe do meu vasto território de assaltos, existia um claustro franciscano, muito mal construído, entretanto prestável para abrigar algumas dúzias de sujeitos preguiçosos que se chamavam frades. Deles ouvi tal tolice de uma penitência agradável à Divindade e indispensável à bem-aventurança. Numa ocasião propícia eu lhes apliquei uma nova espécie de mortificação

e presumo que aqueles assassinos do espírito dela tiraram maior proveito do que os pobres coitados que seguiram suas ordens. Eu, muito embora como tu, considero verdadeira penitência a criatura deixar o mal de livre vontade, sujeitando-se à Ordem Eterna de Deus, querendo estritamente aquilo que reconhece ser da Vontade do Pai. Se assim agires dentro de tua vontade organizada na Ordem Divina, farás justa penitência. Veste de crina, cinza, confissão plena, comunhão e milhares de missas fazem parte das maiores tolices humanas, porquanto não melhoram, mas tornam a criatura cada vez mais negativa. Só poderá melhorar através de sua própria vontade.

Bem que o compreendes, dotada de sabedoria que és; desiste de quereres algo a teu gosto, une tua vontade à minha que te livrarás de teu próprio algoz, ou seja, tua consciência. Enquanto me enfrentares com teus desejos, levarás tempo para melhorar. Nunca foste isenta de sabedoria e conhecimento. Faltou-te somente boa vontade, razão pela qual te tornaste base para todo mal. Se alguém quiser se tornar bom e nobre terá que fazer o mesmo que o jardineiro com o arbusto silvestre: corta-lhe a coroa, dá um talho no tronco, implantando um galho frutífero. Assim surgirá uma árvore nova e de bons frutos. O mesmo terás que fazer. Não te preocupes com a tristeza de perderes tua coroa, pois alcançarás outra, muito melhor e sublime."

Diz Minerva: "Cado, és teimoso qual demônio verdadeiro, todavia sábio qual deus." Retruca ele: "De que me adianta, se além de mim ninguém pretende seguir-me? Falo a ouvidos surdos e faço encenação aos cegos. Tu me ouves como o profeta Bileam ouvia a seu burro, mais inteligente do que o dono, ignorante e tirânico. O animal sentia por que tinha de parar, enquanto o dono o maltratava. Se me consideras sábio qual deus, por que não fazes o que mando? Diante de ti se acha a veste mais rica e maravilhosa, emanando seu brilho qual Sol Central para todo o Infinito! Sua forte luz, destinada a penetrar o teu íntimo, projeta-se inutilmente. Por quê?"

Responde Minerva: "Já te falei anteriormente, mas tu me apresentas argumentos irrefutáveis. Contudo insisto não me sentir com mérito para vesti-la. Se tiveres coragem, cobre-te com ela e dá-me o exemplo. Além disto, — que aspecto

terá o Universo eu me adornando com ela? Qual a situação dos espíritos ainda encobertos pela matéria grosseira?"

Diz Cado: "Sabia encontrares outros subterfúgios. Que tens a ver com a Terra e os mundos? Deus saberá lhes dar destino. Cabe-nos apenas nossa atitude. Todo o resto são fatos desconhecidos até recebermos ordem do Alto para nos preocuparmos. De mais a mais, já te falei teres sido destituída de toda influência nos mundos desde a Encarnação da Divindade, pela qual um segundo Adão tomou a Si todos os males, guiando tudo conforme manda Sua Ordem Eterna. Tens de te preocupar apenas contigo. Põe o vestido e saberás o que fazer." Diz ela: "Falas qual aluno de Salomão. Reconheço teres em parte razão. Serei vaidosa para satisfazer teu desejo. Não me apresentes outro."

183.° CAPÍTULO

Minerva de veste celestial. A verdadeira liberdade.

Miklosch continua: "Minerva se veste realmente e — mas isto não é suportável, Senhor! Seria impossível fitar-se prolongadamente tamanha beleza! As formas delicadas, o rosto de traços perfeitos. Não só isto, ela se torna cada vez mais bela. Não compreendo como podem Cado, Roberto-Uraniel e Saariel, suportar sua presença sem perturbação. Mormente o primeiro. Bathianyi, toma o meu lugar, estou por demais perturbado."

Diz aquele: "Isto é impossível. Lancei apenas alguns olhares furtivos para lá e já me sinto desequilibrado. Prossegue, que deduzirei o que me interessa."

Diz o amigo: "Está bem. Agora, — oh! Os dois anjos se aproximam de Cado e Minerva, perplexos de sua presença. Ele os fita dos pés à cabeça e parece querer indagar-lhes sua procedência. Nesse instante ele afasta com a mão direita os cabelos da testa, toma atitude heróica e diz: "Quem sois e qual vossa intenção? O demônio Cado exige resposta precisa."

Roberto se adianta e diz: "Somos teus amigos dedicados e nos originamos espiritualmente tanto do Alto como de baixo. Observamos-te e te protegemos, do contrário não terias tido sucesso com a soberana de toda matéria. Como te

achas no final de tua grande incumbência, aqui vimos para te felicitar, porquanto muitos espíritos mais poderosos do que tu fracassaram em tal empreendimento. Caso precises de nossos préstimos em algo justificável diante de Deus, estamos às ordens."

Responde Cado: "Agradeço pela ajuda e proteção proporcionadas em segredo; confesso, entretanto, teria sido mais do meu agrado se não o tivesseis feito. Bastam o Nome e a Força de Jesus; todo o resto nada vale para mim, inclusive vós. Por isto, não posso fazer uso de vossos préstimos por ter confiança de sobra em mim mesmo. Peço-vos por tal razão que vos afasteis, do contrário agirei pela força. Minha amada Minerva ainda não está em condições de suportar hóspedes estranhos; quando tiver alcançado a perfeição, podereis voltar para vos regozijardes de sua convalescença. Adeus, amigos."

Intervém Minerva: "Cado, tendo vestido esta indumentária celestial, portanto cumpri tudo que exigiste, presumo ter direito para falar. Desejo e quero que essas duas entidades espiritualmente do Alto e da Terra, aqui permaneçam e me ajudem, caso necessário."

Opõe Cado: "Só se fará o que ordeno. Se concordasse, estarias perdida por muito tempo. Não te esqueças sermos diabos, obrigados a trilhar outro trajeto para a perfeição do que os anjos, já perfeitos. Por isto, amigos, fazei-me o favor de afastar-vos. Em vossa presença não poderei conduzir Minerva."

Diz Roberto: "Cado, não nos conheces, presumindo sermos empecilhos na execução de teu plano com Minerva. O que até então falaste e fizeste, — foi-te possível por nossa causa. Deus, o Senhor, cujo Nome seja louvado, proporcionou-nos força e poder necessários para tanto. Se tivesses que enfrentar completamente só Minerva, de há muito terias sido sua vítima. Falaste tudo através de nossa intuição; abençoamos e fortalecemos essas pedras que usaste como armas, e impedimos o crescimento do mar de fogo, a fim de que encontrasses abrigo nesse monte enquanto teus adversários foram aniquilados nas ondas do Mar da Ira Divina. Se assim é, como poderíamos ser empecilhos no futuro prosseguimento de teu plano com Minerva, bastante melhorada? Pelo contrário, seremos úteis em tudo que for necessário, uma vez que somos os reais empreendedores de tua tarefa.

Por isto ficaremos algum tempo contigo, a fim de fazeres independentemente o indispensável para o desfecho. Muito embora continuemos a postos, nosso conselho será aberto e uma ação somente efetuada a teu pedido para a libertação de ti e de Minerva. Se continuássemos a influir secretamente não poderias te tornar livre e feliz, sendo apenas instrumento em nossas mãos. Agora libertamos o instrumento das algemas do julgamento para proporcionar-lhe livre ação e desenvolvimento próprio perante Deus. Por tal motivo, o instrumento, se bem que prestável, porém fraquíssimo, terá de reconhecê-lo e determinar sua própria conduta para em breve alcançar a verdadeira liberdade. Assim seja, em Nome de Jesus, Deus Único de Céus e mundos."

Aquiesce Cado: "Então ficai, pois tenho que agir livremente para libertar-me de qualquer jugo. Quanto à Minerva, anteriormente a favor de vossa permanência, não posso responder."

Diz ela: "Não retrocederei. Mas esses dois patifes celestes tem que sumir, pois não agiram honestamente comigo. Se ficarem, nada mais farei em teu favor."

Diz Roberto: "Não faças isto, Minerva. Iremos tão logo nos proves termos feito algo de prejudicial. Terás de confessar ter sido nossa ação benéfica pelo Poder de Deus, em ação dentro de nós. Libertamos-te das presas do inferno, fazendo com que se calassem aos poucos em teu coração onde reside o gérmen de todo mal e todos os infernos. Medita sobre isto e te recorda das eras pavorosas onde passaste os piores sofrimentos, em virtude de tua obstinação, — e nossa presença dedicada ao teu futuro bem-estar não te será desagradável."

Diz Cado para Minerva: "É isto mesmo. Faze isto que tudo sairá bem. Eles ficarão com minha ordem. Terás alguma objeção a fazer?" Responde ela: "Como não? Ordenas por eles te obrigarem." Protesta Cado: "Enganas-te muito. Não me deixo forçar por ninguém. Se for obrigado a assim agir, não te poderás opor à minha vontade, por ser ela a Vontade de Deus. Portanto, fica naquilo que eles determinaram e eu acabo de mandar. Ouviste?"

Responde ela: "És grande na teimosia e sabes torcer a situação de forma tal a nada perderes de teu prestígio, de certo modo, roubado. Eu, primogênita de todas as criatu-

ras, terei que pedir-te alguma consideração. Seja como for, sujeitar-me-ei externamente por ser muito fraca para enfrentar-te numa luta. Meu íntimo me pertence e de agora em diante te amaldiçoa e a teus amigos, amém! Sabes interpretar este amém?"

Responde Cado: "Oh, sim. Tenho inteligência para tanto — e algo mais. Quando teu exterior for bastante triturado, teu íntimo se inclinará àquilo que quero dentro da Ordem Divina. Para tanto expresso o meu irrevogável amém."

184.° CAPÍTULO

Declaração de amor de Minerva.

Miklosch prossegue: "Nisto se aproxima Saariel e diz: "Também me assiste direito de pronunciar o meu amém; entretanto não o faço porque todo "amém" contém julgamento. Por isto vos aconselho retirardes o vosso. Ninguém tem a prerrogativa de fazê-lo num assunto que não esteja de acordo com a Ordem Divina. Só nesta hipótese é admissível o amém por ser a Vontade de Deus a Base de todos os seres e seu valor a máxima liberdade, tão logo a aceite espontaneamente. Qualquer amém é julgamento, morte e inferno, produzindo orgulho, altivez, desprezo e despeito de tudo que seja verdadeiro, bom e divino. Constrói cárceres, forja algemas e incendeia o fogo da perdição. Retirai portanto vosso amém e aceitai o verdadeiro e eterno de Deus. A partir daí estareis livres do inferno, ainda em plena função dentro de vós, qual fogo num vulcão."

Diz Minerva a Cado: "Ouviste, sabichão convencido? Eis palavras de bálsamo celeste sobre as quais se pode construir. Em tuas, sem base e fim, nem é possível erigir um castelo no ar. Segui tuas insinuações por apresentarem uma boa finalidade. Quanto mais refletia, notava seres apenas aventureiro com algum poder, útil somente para realizar tuas fantasias. Guarda tua sapiência e as pedras, pois não foram elas que me venceram, mas sim esses dois mensageiros. A eles cabe todo louvor e honra. Saariel, sou tua! Um prêmio que mereceste!"

Diz Saariel: "Bela coroação de toda beleza externa! Nem eu, nem Uraniel e Cado, temos o direito a prêmios,

porquanto somos simples servos no plano sábio do Senhor e instrumentos em Suas Mãos. Ainda que tivermos feito tudo, nada mais seremos que servos inúteis. Se dermos a impressão de fazer algo, é somente Ele o Realizador de tudo. Tu, como nós todos, somos do Senhor, um prêmio que Lhe compete, de acordo com o grau de nossa humildade e amor para com Ele. A nós só cabe o que nos oferecem Seu Grande Amor, Graça e Misericórdia. Não te entristeças por não te poder aceitar como prêmio, muito elevado para o meu pequeno esforço, porquanto pertences unicamente ao Senhor, Deus, Jesus, Jehová, Zebaoth. Caso Ele Mesmo te prender a mim devido ao Seu Amor Imenso, — aceitar-te-ei com o máximo respeito. Agrada-te isto, maravilhosa portadora de luz?"

Diz Minerva: "Magnífico Saariel! Tua humildade e modéstia quase ilimitadas, levam-me a patentear-te justa admiração, pois a doçura do teu discurso celeste fluiu qual mel no meu peito sensível, inspirando apenas amor para contigo. Teu rosto de adolescente irradia rigor divino, porém amável. Toda a tua natureza transborda de nobreza celestial. Que harmonia perfeita ilumina qual estrela d'Alva todos os teus membros! Confesso amar-te acima de tudo, e caso não me dediques teu afeto serei o ser mais infeliz do Universo. Olha-me. Também sou bela. Mas infelizmente não sou boa. Talvez possa ficar tão boa quanto bela, com tua ajuda. Com prazer te ofertaria o coração mais puro — caso fosse meu. Aceita-o como é e dá-lhe oportunidade para se tornar nobre. Não rejeites a minha proposta, baseada no primeiro amor de meu ser eterno."

Diz Saariel: "Maravilhosa Minerva. Tua existência é pelo cálculo terreno, muito longa, — mas não eterna. Não existes desde o princípio. Só Deus é eterno. Todos os seres Nele tiveram seu início. Todos nós, seres incontáveis, permaneceremos eternamente, sem contudo, existirmos desde eternidades. Ainda que um de nós possa contar mais alguns decilhões de anos terráqueos, longe está de ser eterno. Exageraste um pouco em teu zelo; mas não importa. Se além disto, sentires realmente um afeto sincero para comigo — do qual duvido — posso desconsiderar teus exageros poéticos. Aceito o teu amor, sob uma pequena condição: acompanha-me junto do Senhor, levando também o amigo Cado. Se isto fizeres, estaremos quites."

Responde Minerva: "Essa condição é simplesmente impraticável. Que pensas, — eu me encaminhar para o Senhor do Universo e levar Cado, que odeio acima de tudo? Impossível! Antes disto, terás o trabalho de purificar e enobrecer o meu coração. Só então poderás estabelecer condições desta ordem. O pronto cumprimento de tua cláusula não constituiria honra tua perante Deus, porquanto darias testemunho de pouco respeito ou ignorância de tua parte, fator inadmissível tratando-se de ti. Sugiro me aceitares incondicionalmente. Compra o gato no saco, que serás bem servido."

Responde Saariel: "Isto será difícil porque ainda abrigas em teu coração muita coisa sujeita ao julgamento, que poderá ser amenizado desde que te submetas à nossa vontade, equilibrada em Deus. Se tua vontade se submeter à Vontade de Deus, poderás pedir a mim o que quiseres que tudo será feito. Por ora isto é impossível. Se fizéssemos o que pedes aceitaríamos teu julgamento, aumentando-o e endurecendo-o, enquanto nos cabe amenizá-lo e diminuí-lo.

Seria o mesmo que dois poços, juntos; um, com água cristalina, outro, cheio de lodo. Conduzindo bastante água do primeiro para o segundo, com o tempo este se purificaria e no final seria idêntico àquele. Agindo inversamente, ambos ficariam poluídos. Acaso alguém lucraria com tal manobra errada?

Dei-te um exemplo palpável e por ele deduzirás por que razão deves permitir, em teu próprio benefício, que a água de nossa vontade venha fluir na tua. Faze o que queremos e te tornarás pura e plena de água potável. Afirmaste há pouco ser teu desejo te purificares por mim. Para tanto terás que seguir o meu conselho, em Nome do Senhor e de todos os Céus."

Após ensinamento tão simples e sábio, Minerva se cala e parece procurar um meio de se livrar do grupo que se lhe torna incômodo. Cado, percebendo-o, vira-se para os dois mensageiros e diz: "Caros amigos, muito embora como demônio não mereça levantar os meus olhos para vós, plenos da Verdade e Sabedoria de Deus, ouso observar nada conseguirmos com esta serpente. Sua astúcia maldosa sobrepuja os limites de minha compreensão. Não cogita ingressar numa situação melhor, assim como nós não pretendemos aderir ao seu julgamento. Sua Vontade diabólica continua a mesma.

Aparentemente aceita nossa vontade, entretanto faz tudo para nos meter no saco. Nada feito, Satanás. Conhecemos-te a fundo."

185.º CAPÍTULO

Minerva justifica-se como polo negativo.

Miklosch continua: "Diz Minerva: "Cala-te, idiota. Que sabes daquilo que me compete fazer? Julgas cuidar a Ordem Divina apenas da polaridade positiva de coisas e seres? Armênio ignorante! Acaso a polaridade negativa não tem que ser desenvolvida na medida da positiva? Não é a vida luta constante entre ambas? Experimenta cortar as raízes de uma árvore para verificares sua produção. Se a força positiva do sangue é reconduzida ao coração e de lá novamente impelida por uma outra, negativa, caso a vida deva perdurar, qual das duas é mais vantajosa, a de atração ou a de repulsão? Vês que tolice proferiste? Subentende-se ser necessário a negativa continuar sujeita à positiva, de onde ela surgiu; a água pura terá que sanear a impura, e não inversamente. Isto tudo faz parte da Ordem Divina. Se Roma não fosse tão cega e ignorante, a humanidade não clamaria pela luz. Assim, eu também sou de Deus e continuarei deste modo, como tu, um asno em toda a eternidade."

Responde Cado, lacônico: "Princesa da ignorância, extraída de todas as estrelas! Pretendes explicar-me a necessidade das forças positiva e negativa? Teria que me envergonhar caso aceitasse tal sugestão. Responde-me: Acaso é Deus uma Força Total ou dividida, sem ti? És tu necessária, para que Ele exista? Ou poderia subsistir sem ti, conforme fez durante eternidades? Criatura inútil, queres convencer-me da necessidade do mal para justificar o bem? Em que se baseia o puro Amor, Bondade e Onipotência Divinas? Porventura teria a Divindade que ser má, a fim de que Se tornasse boa? Desta sapiência riem-se todos os Céus. Consta ter surgido Minerva, fabulosa, da cabeça de Júpiter. Por certo não és tu a mencionada. Tua veste brilha qual Sol, mas que adianta, se oculta um ser extremamente tolo? Contigo se aplica o provérbio: Nem tudo que brilha é ouro. Por que não segues o conselho de Saariel, a quem anteriormente fizeste tantos elo-

gios, e agora pareces odiá-lo como a mim? Ponto central de toda maldade! Conheço-te a fundo e saberei domesticar-te. Não poderás fugir, tampouco voltar à antiga forma diabólica devido à veste radiosa. Que farás?"

Diz ela: "Sinto repugnância ao falar-te. Presumes que eu não possa executar meus planos nesta veste tanto quanto na pele de dragão? Fica sabendo: precisamente agora mostrarei o que posso fazer. Ainda disponho de meus regimentos, mormente os da hierarquia romana, e deles me servirei. Então verás o meu poder. Surgirão inquisições, forcas, patíbulos e antigas fogueiras, desempenhando um papel cem vezes pior que anteriormente! Os regentes castigarão seus súditos com açoites incandescentes, fazendo-os enforcar aos milhares! Daí deduzirás o que consigo, sem pele de dragão!"

Diz Cado: "Acrescento: Até aqui e não mais além! Concluíste tua confissão, denunciando em tua grande tolice teus planos "humanitários". Ótimo. Trabalhaste bem. Nada mais necessito dizer. Saberemos fazer o que nos cabe."

Acrescenta Roberto: "Já foram tomadas as medidas secretas. Desta vez Satanás determinou sua própria destruição. Seu prêmio será tremendo."

Intervém Saariel: "Caros amigos, não vos agiteis por causa desta entidade incorrigível. Seu poder principal lhe foi tirado e pouco poderá conseguir pela aparente força. Essa serpente primitiva ainda aplicará muitas picadas venenosas. Sua ação, entretanto, será interceptada para sempre. O Próprio Senhor virá junto dos mortais para impedir prossiga em sua maldade. Agora poderá fazer o que quiser. Quanto mais perverso o início, tanto mais rápida terminará sua obra tenebrosa. Basta de trabalharmos no inferno; iniciaremos a volta para o Senhor e nossos queridos irmãos. Ela ficará abandonada sem encontrar tolos para ridicularizá-los. Levanta-te, Cado. Deus te concede Sua Graça, porquanto transformaste tua maldade em obras de bem e justas. Acompanhar-nos-ás junto ao Senhor, que te facultará grande poder para vigiares o inferno. Minerva continuará sujeita a ti por a teres vencido com a arma da Justiça Divina. Vem e caminha em nosso meio para junto do Pai."

Esbraveja Minerva: "Ah, é? Eu, a pérola do Universo, serei por vós abandonada sem mais nem menos, como se enxota uma rameira? Bonito! Anteriormente soubestes ten-

tar-me, a ponto de me aproximar de vós. Agora, quando deveríeis ter alguma paciência com minhas fraquezas, quereis me abandonar julgando ser eu incorrigível. Isto não se faz! Sou capaz de regeneração como talvez não haja outra entidade. Mas somente triunfará quem manifestar a devida paciência e o justo amor. Fiquei pobre e desamparada e sempre se fala de mim com desprezo. Acaso não se justifica minha desconfiança contra todos, se o resultado sempre foi este? Em todos os tempos me fizeram promessas para eu voltar a Deus. Quando bem próxima da regeneração, os doutrinadores me abandonavam, entregue ao meu destino. Fazei o que quiserdes; também saberei agir. Cado, se pretendes ficar, serei tua companheira. De modo algum seguirei esses dois."

186.º CAPÍTULO

Minerva continua discutindo. Bathianyi cai no erro da contestação.

Diz Cado: "O que fiz até então não foi minha obra, e sim a desses excelsos amigos de Deus. Onde chegaria, enfrentando-te sozinho, quando és por demais poderosa para mim? Faço de bom grado o que eles de mim exigem. Tudo te foi dito. Recebeste tantos ensinamentos e advertências quanto há mundos no Espaço Infinito. Tudo foi inútil. Teu orgulho desvairado não admite a sabedoria radiosa dos inúmeros mensageiros. Teu lema é: Domínio exclusivo sobre todos os Céus, infernos e matéria. Queres três coroas, três cetros e três espadas. E eu, pobre diabo, deveria continuar contigo, prosseguindo em tentativas de conversão, já externadas, para no final ser devorado qual lebre pela cobra. Isto nunca! Prefiro a companhia dos dois anjos. Querias tua liberdade. Agora a tens, podendo usá-la à vontade. Estamos convictos de não fazeres boa coisa; no entanto, também sabemos que hás de cavar tua sepultura eterna por não quereres nos acompanhar, exigindo de nós o que temos direito de reclamar de ti: tua libertação."

Diz Minerva: "Então peço permanecerdes mais um pouco e tentardes minha conversão. Não me falta vontade."

Diz Saariel : "Certo que não — mas que vontade é esta? Ainda assim, satisfaremos teu pedido e agiremos por mais

alguns instantes com a maior paciência. Se não te modificares, serás abandonada para sempre."

Pergunta Minerva: "Então vos peço dizerdes claramente o que devo fazer para me libertar diante de Deus e da: Criação." Responde Saariel: "Para tanto basta continuares como és, pois és livre desde tua origem. A questão é se realmente queres te tornar livre — em Deus, Teu Criador e Senhor? Sabes tão bem quanto nós qual Tua ação para esse; fim. Meu conselho é: Age de acordo. Amolda tua vontade e ação como nós, que alcançarás o que prometemos em Nome do Senhor. Não o querendo, nossa paciência foi inútil."

Diz Minerva: "Quer dizer que eu teria primeiro de; me tornar escrava para em seguida entrar numa liberdade: aparente? Será difícil, porquanto no meu íntimo se manifesta uma tendência pronunciada contra qualquer submissão. Não haverá outro meio?"

Responde Saariel: "Assim como existem apenas um Deus, uma Ordem Divina e uma Verdade, há igualmente um. só caminho justo que leva a Deus e à liberdade eterna. Quem; não quiser palmilhá-lo estará sempre longe do Pai, de Sua Ordem, Verdade e Liberdade. Quem não se libertar na Verdade Única desde Eternidades em Deus, ficará como tu escravo miserável para sempre. Agora decide-te se queres acompanhar-nos para junto de Jesus, o Senhor."

Responde ela: "Bem que o quisera, mas por ora não me é possível. Esforçar-me-ei para tanto, se tiverdes um pouco de paciência." Diz Saariel: "Está bem. Cederemos ainda nesse ponto. Agora domina o teu orgulho."

Prossegue Miklosch: "Vêde só, como essa criatura se porta e vira os olhos como se realmente tencionasse sua regeneração. É por demais astuciosa."

Diz o Conde Bathianyi: "Com essa criatura nada se consegue. Uma tríplice coroa no coração e na cabeça não trazem humildade. Tampouco eu voltar a ser conde na Terra — ela melhorará. De que adiantaram todas as polêmicas? Cado e Minerva se acham no mesmo ponto de partida. Usou a veste radiosa, aumentando seu orgulho e vaidade dominadora. Até mesmo um Papa cederia mais facilmente uma sugestão qualquer do que esse genuíno anjo do mal. Talvez fosse melhor baní-lo para um local qualquer e não mais nos incomodarmos com ele."

Obtempera Miklosch: "Entreguêmo-lo ao Pai que saberá melhor o que fazer com essa entidade estranha. O caso em si é muito interessante: primeiro, pela enorme paciência de nosso queridíssimo Pai. Segundo, em virtude da maneira especial de Minerva conseguir escapulir no momento preciso da conversão. Somente não compreendo como pode ser tão linda, tendo caráter tão maldoso. Todavia, temos o mesmo fato na Terra. Os irracionais mais bonitos são geralmente traiçoeiros; as flores mais deslumbrantes venenosas, e as mulheres mais vistosas de caráter duvidoso. Entre todas as instituições religiosas a católica está na vanguarda quanto à beleza e pompa externas, e no interior é sem dúvida a pior. Parece-me que precisamente na forma perfeita da beleza externa reside o traço primordial da atitude infernal!"

Diz Bathianyi: "Tens razão. Os países mais belos são comumente habitados pelos piores povos e animais, onde a selva viceja em abundância, Nos palácios deslumbrantes moram as criaturas fisicamente opulentas, mas qual sua índole? Toda aparência de brilho excessivo é geralmente diabólica."

Concorda o general: "É isto mesmo. Quanto maior o número de condecorações na farda, tanto maior o de homens aniquilados em tempo de guerra. Elas enfeitam o militar, no entanto prejudicam a consciência, caso exista. Eis outra forma da apresentação satânica."

Conjetura o conde: "Nem sempre isto se dá; também existem homens que conquistaram suas condecorações de modo honesto. Nunca liguei tais coisas, inclinando-me para os americanos. Presumo ser melhor mantermo-nos no meio. Nem oito, nem oitenta."

Diz o general: "Ambos temos razão. Não considero um peito condecorado. Sua maior jóia é e será sempre o amor puro e verdadeiro a Deus e ao próximo. Onde este falta, todas as insígnias honrosas perdem seu valor. Se o Próprio Senhor disse: Se tudo tiverdes feito, confessai serdes preguiçosos e inúteis!, — como permitir que sejamos condecorados? Presumo não haver objeção à Palavra Divina."

Diz o conde: "Sim, sim. É lógico não haver direito de justiça sem amor." Aparteia Miklosch: "Noto que começais a discutir diante do Senhor e Juiz único, por somenos importância. Perguntai-Lhe e Ele vos dirá qual de vós tem

razão. Quem no Reino de Deus pretender iniciar uma disputa, cometerá a maior incoerência."

187.° CAPÍTULO

Retirada teatral de Minerva. O Senhor recebe Cado.

Interrompo: "Alto lá! Nada de excessos e altercações. A parturiente não pode ser perturbada durante o parto. Afirmo-vos estar a colheita madura, e os ceifeiros a postos. Vejo na Terra grande miséria e Satanás quer castigá-la com treva decuplicada. Desta vez — a última — não acertará seu alvo. Maldito seja seu esforço! Atenção, Miklosch! Cada passo de Satanás será de grande, mas temporária importância para a Terra, local de provação de Meus filhos."

Miklosch volta-se para o cenário e diz: "Oh! Coisa tremenda! Minerva se enfurece e exige uma espada para lutar na Terra contra a descrença e a heresia. Saariel, porém, aponta a língua, dizendo: "Se essa espada viva não frutifica, toda e qualquer outra é inútil. A arma viva ligada ao coração atua para a Eternidade, pois o Senhor falou: Céus e Terra desaparecerão; Minhas Palavras, jamais! — Se tuas intenções forem honestas, procura agir com palavras e desiste da espada. Pretendendo pregar por meio dela, ela será teu fim irrevogável. Inclina-te à paz; do contrário teu tempo será breve."

Esbraveja Minerva: "Quero uma espada; aconteça o que acontecer! Dai-me uma espada. Quero varrer a Terra com violência, de hoje para amanhã." Diz Roberto: "Pois bem, toma aqui! Faze uso dela com equilíbrio e consciência. A recompensa te seguirá nos calcanhares." Ele lhe passa a arma, que ela arranca de suas mãos. Ri com escárnio diabólico, dizendo: "Hahaha! Isto é de papelão ou de chumbo? Acaso apresenta o símbolo de vosso poder, força e solidez?"

Diz Roberto: "Não, querida. É bem o emblema de teu poder. Vai, miserável. Luta e conquista a vitória indigna. Se quiseres nos acompanhar, o caminho está aberto. Que farás, Hércules, na eterna encruzilhada?"

Responde ela: "Lutarei com essa arma." Diz Roberto: "Pois bem. Desta vez, a última peleja ser-te-á permitida, por tua conta, Agora basta de contendas com Satanás. Sigamos. O Senhor te julgue de acordo com Sua Vontade."

Prossegue Miklosch: "Satã desaparece de repente! E os três espíritos se dirigem com rapidez para nós. No mesmo instante Saariel se aproxima de Mim, curva-se com respeito e diz: "Senhor, Pai Amoroso e Santo! Parti, em Teu Nome, com Roberto-Uraniel, a fim de lhe mostrar um vislumbre de Tua Glória Infinita. Viu ele sua pátria original (Urano) com grande alegria. Lá todos louvam o Teu Santo Nome. Na volta, Teu Espírito Santo nos conduziu a um grande acontecimento, de máxima importância para todos os Céus e a pequena Terra, local de nascimento de Teus filhos. A cena foi obra diabólica contra Ti e Teus Céus. Satã se enfeitou, tornando-se de beleza celeste para atrair os Teus Céus.

Aqui, porém, está um espírito forte, bom e mau, criatura estranha. De livre vontade ele atirou o desafio à soberana radiosa do inferno, lutando com ela como Teu filho Davi contra o gigante Golias. Dominou qual mestre seu exterior; seu íntimo continua o mesmo. Esse intrépido espírito se chama Cado. Assim voltamos enriquecidos junto de Ti, Senhor. Não suplicaremos o aceites em Teu Reino, porquanto Tua Bondade e Amor Infinitos de há muito isto fizeram. Queremos, apenas, manifestar a nossa imensa alegria por nos teres deixado encontrar um irmão tão querido. Rendemos-Te louvor, amor e honra."

Digo Eu: "Meus caros, transmito-vos igualmente todo Meu Carinho. Ele já estava perdido. Uma fagulha ainda existente tornou-se viva pelo padecimento produzido pelo chefe terreno. Isto salvou o seu coração e lhe deu grande força com a qual Me prestou valioso serviço, espontaneamente. Em compensação receberá grande prêmio e se tornará mestre na luta contra o inferno.

Meu querido Cado, aproxima-te de Mim. Tenho a dar-te coisas importantes." Ele se achega de Mim, curva-se e diz: "Senhor, tinha outra idéia de Tua Pessoa. Nesta simplicidade Te tornas mais Atraente, despertando em mim uma alegria enorme. Sempre desejei que a Divindade fosse simples, embora respeitável. Minhas fracas forças, Senhor, estão a Teu serviço. Não me deixes sem atividade. Que será de Minerva? Não conviria tentar outros meios de conversão? Da maneira que está, provocará muita infelicidade na Terra."

Digo Eu: "Não te preocupes, Cado. Desta vez cairá na armadilha, ela e seus afins. Entrementes faremos outra coisa."

188.° CAPÍTULO

Reencontro de Roberto e Helena.

Digo Eu: "Roberto, vem cá. Aquela a quem amas repousava em Meu Peito durante tua ausência. Enriqueceste em grandes experiências. Pergunta-lhe quais foram as conquistas dela nesse importante período. Penetraste em Meus Céus, — Helena ingressou profundamente nos grandes segredos de Meu Amor. Qual dos dois teria feito maiores progressos referentes às experiências espirituais?"

Responde Roberto-Uraniel: "Ó Senhor, certamente ela; pois quem se abastece na Fonte Original recebe a luz pura da Vida. Quem é obrigado pela Tua Ordem Santificada a estudar nas vastas projeções de Teu Amor, Sabedoria e Poder, os Milagres de Tua Misericórdia, — sorve Tua Graça apenas em gotas, enquanto Helena assimilou, em largos haustos, rios inteiros de Tua Luz Original. Um simples momento de visão imperturbável em Teu Coração lhe revelou mais do que a mim em milênios, num visível afastamento de Ti. Como poderei apresentar-me perante ela?"

Digo Eu: "Não te preocupes. Alguém se casando na Terra, a mulher será alvo da maior simpatia se, além dos dotes espirituais, também tiver bens terrenos. Assim sendo, por certo não será do teu desagrado ser tua esposa ricamente agraciada com um tesouro recebido de Mim, que vos suprirá por uma Eternidade. O tesouro dela consiste em uma plenitude inestimável de amor; o teu, na maior sabedoria.

É bem verdade teres sido alimentado a gotas, enquanto ela sorveu torrentes, mas se deitares uma só gota na plenitude de seu amor, surgirão inúmeros milagres, criaturas e obras, de sorte a jamais poderes saciar a tua visão. Então começarás a vislumbrar, admirar e adorar mais e mais o Meu Poder, Imensidade, Amor e Sabedoria. Tudo que até então sucedeu contigo foi apenas o preparo do que iniciarás.

Primeiro viste tua habitação externa, que muito te agradou. Ao penetrares na primeira sala teu prazer cresceu porquanto achaste companhia, se bem que bastante rude, mas que correspondia ao teu interior. À medida que este se tornava mais claro e aconchegante, o aspecto ia-se transformando. Abriu-se então outra sala, o grande refeitório, onde tinhas que organizar as mesas, causando-te grande embaraço.

Em seguida, penetraste na terceira, denominada "Museu". Lá ficaste conhecendo, num vasto âmbito, todas as tuas faltas e o gérmen da morte, cabendo-te ingressar na base do inferno (desde a tua origem), para te purificares. E ainda te encontras no mesmo museu, diante de Mim.

Por ora não podes permanecer aqui. Por isto nos dirigiremos ao grande tesouro onde verás as preciosidades que receberás junto com Helena, como dote Meu. Chama a enorme assembleia para que nos acompanhe ao tesouro. Antes cumprimenta Helena, tua esposa celeste." Roberto o faz com ternura especial, e ela lhe estende a mão carinhosa. Comovido, ele exclama: "Ó Helena minha, como és sublime, — e eu, tão pequenino diante de ti."

Diz Helena: "Querido, perante Deus, o Senhor, Pai pleno de Amor puríssimo, não existe algo grande ou pequeno, pois tudo é apenas Sua Obra. Determina uma finalidade diversa a cada uma. Esta sendo divina, o meio pelo qual é alcançada é bom. Ambos somos um instrumento na Mão do Amor Divino, portanto, nem grande, nem pequeno; deixemos os elogios e juntemo-nos na mesma finalidade. Tua Sabedoria deve esposar o meu amor amadurecido em Deus. Nessa união seremos um casal verdadeiro no Céu, podendo viver e agir dentro da Ordem Divina. Não concordas ser isto melhor do que cansarmo-nos com elogios fúteis?"

Responde Roberto: "Irmã adorável em Deus, o Pai e Senhor, esposa de meu coração. Estás muito certa. Como tuas palavras me tornaram feliz, pois vi o espírito do amor divino e puro afluir ao meu coração! Que êxtase sublime invade o meu peito. Meu Deus, inúmeras bem-aventuranças se me deparam! Quais não serão os tesouros que se apresentarão aos meus olhos?" Comovido, ele abraça Helena e lhe dá um beijo na testa. Eu os abençoo de novo e relembro que ele deve chamar a todos.

189.° CAPÍTULO

A maior gratidão. Diretrizes de Roma.

Enquanto Roberto se dirige à assembleia, o Padre Cipriano, deixando a companhia de Dismas e do Padre Thomás, aproxima-se e diz: "Senhor, o entreato infernal durou

longo tempo e não foi muito interessante. O melhor de tudo foi que pelo afastamento de Satã desapareceu também aquela imagem dentro de mim. Eu, Dismas e Thomás aplicamos o mesmo exorcismo feito por Cado em Minerva. Agora estou isento de tudo que em mim tinha influência romana, como: avareza, inveja, cobiça, tendência de domínio e altercação. De consciência leve e tranquila estou diante de Ti, Senhor, e peço que me abençoes. Confesso ser isto atrevimento. Tendo cumulado Roberto de tantas bênçãos, por certo levarás em conta minha atitude."

Digo Eu: "Como não; entretanto o teu pedido chega atrasado, pois já te havia abençoado." Diz o Padre Cipriano: "Nesse caso, chegou a minha vez de agradecer-Te à altura."

Respondo: "Isto também já foi feito, porquanto leio em teu coração o agradecimento mais valioso e agradável. Por que acrescentares outro, de menor valia?" Diz Cipriano: "Senhor, como pode uma ação minha quase inconsciente ter mérito para Ti?" Respondo: "Pelo fato de se enquadrar no Meu Ensinamento Evangélico, onde a mão esquerda não deve saber o bem feito pela outra, em Meu Nome. Ainda julgas ser preciso que se Me apresente a gratidão à moda romana, com estrondoso repicar de sinos, cânticos imponentes, hinos em latim, órgãos e trombetas? Amigo, tudo isto é um horror para Mim. Quem quiser agradecer-Me com justiça, que o faça no coração de modo tal que seu intelecto elevado seja apenas simples operário numa obra de mestre. Gratidão nesses moldes já foi por ti externada. Se eu estou satisfeito — que mais haverias de querer?"

Diz Cipriano: "És demasiado Bom e Misericordioso por considerares os pensamentos do coração como algo de meritoso. Todo louvor, amor e honra são Teus! Organizas tudo e conduzes os Teus filhos pelo caminho certo, impedindo sua futura queda. Encontrava-me em grande erro e meu coração batia com imensa tristeza; entretanto, não permitiste viesse estarrecer em sua treva, a ponto de não mais poder pulsar por amor a Ti.

Os acontecimentos na Terra são tenebrosos, todavia se justificam por Tu os permitires. É preciso o joio amadurecer e suas raízes se tornarem secas a fim de que possam ser destruídas totalmente. Tanto o bem quanto o mal tem que se externar, para que o perverso possa ser reconhecido e con-

denado. Uma pedra jamais atirada ao ar não poderia cair. Se permites aos padres se elevarem mais e mais, sua queda também será certa.

O mais pronunciado mal na Terra é o atual sacerdócio romano, elevando-se sob a máscara da beatitude. Tão logo suas asas orgulhosas atinjam o teto dos Teus Céus, elas serão queimadas pelo fogo celeste, concretizando sua ruína, incapaz de nova ascensão. Tal destino não deixa de ser doloroso; entretanto, é um benefício e atinge a meta prevista.

Eu na Terra andava errado, mau e perverso diante de Ti. Subi e subi, para depois cair tanto mais profundamente. Só então vieste, Senhor, e me ajudaste fazendo de um demônio, um homem de acordo com Tua Medida. Tua Misericórdia é Infinita; Teu Amor e Graça preenchem o Universo. Fazes com que o simples seja humilhado para se tornar perfeito, podendo aproximar-se de Teu Coração. Aos importantes no mundo elevas e lhes preparas a queda, a fim de que reconheçam a futilidade de seus esforços. Felizes os que percebem sua provação e se humilham perante Ti. Ai dos que pretendem equilibrar-se em sua derrota, pois seu caminho será duro e a volta quase impossível.

Ó Roma! Em vão bates nos portais de aço de teu antigo poder. Os ferrolhos estão enferrujados, as vergas não se dobram e com elas tu mesma trancaste a porta do Céu a todos que queriam penetrar. Acho-me diante de Deus, o Poderoso, e Sua Face me diz: teu último esforço há de trazer-te um prêmio ignóbil. Tens sede de sangue e queres fazer jorrar fogo sobre as planícies terrestres. Mas, ai de ti. O Senhor preparou-te uma noite tão trevosa que te tragará como a serpente devora o pardal." Acrescento: "Amém! Falaste com justiça perante Mim."

190.° CAPÍTULO

Pedido dos patriarcas. Preparativos para a Volta do Senhor.

Nisto, todos os profetas e apóstolos se adiantam e dizem: "Amém! Teu Nome, Senhor, seja abençoado aqui, nos Céus, bem como na Terra que, de acordo com Tua Ordem Eterna, é uma verdadeira escola de provação para as gerações

a surgirem de Teu Coração, à Vida Eterna. Todos nós temos apenas um pedido a fazer, emanado de todos os corações. Impede a Satanás prosseguir em sua obra nefasta. Tira de Tua Terra a púrpura, faze desaparecer ouro, prata e pedras preciosas, a fim de que as criaturas não sejam mais tentadas pelo brilho de coisas tão abjetas, mas suspirem somente pelo amor e a verdade puros. Quantos tesouros espirituais são levados à sepultura sem poderem ser irradiados pela Luz de Teu Sol, porque a ânsia pelas coisas fúteis impede a humanidade de despertar o seu espírito dentro de Tua Ordem Santificada, para poder saciar-se nos tesouros imorredouros para sempre.

Susta as traficâncias do anjo do mal. Com seu desaparecimento da esfera ativa o gênero humano terá que se inclinar ao bem e à verdade, porquanto nós, Teus servos, assumiríamos maior âmbito de ação. Do contrário tudo submergeria no aniquilamento. Teus Desígnios são insondáveis e Teus Caminhos impenetráveis. Somente Tu sabes como prosseguir para no final atingir a meta certa. Entretanto, há determinados seres que necessitarão de intermináveis épocas até alcançarem seu destino. Por isto seria de nosso desejo uma redução dos caminhos extensos, conforme Tu Mesmo prometeste a todos os povos.

Será doloroso para a Terra tão linda se não conseguir refazer-se das feridas constantemente aplicadas, se Tu, Senhor, não afastares seus algozes. Não demores em executar os Teus Planos. As criaturas sucumbiriam diante da incerteza dos fatos esperados. Nossa situação é mais favorável porquanto também para nós mil anos se assemelham a um dia primaveril, em virtude da felicidade de Teu Convívio. Enquanto para os pobres irmãos na Terra alguns minutos se tornam milênios de sofrimento. Abre a Fonte de Teu Amor e Graça, socorre aos aflitos na Terra e encurta esta época de provação. Tua Vontade Se faça hoje e sempre."

Digo Eu: "Fazeis bem pedindo pelos outros. Todavia sucede com os vossos pedidos o mesmo que aos atrasados, portanto chegam tarde por ser Eu, em toda parte, e mormente nos Céus, o Primeiro, condição indispensável para vos capacitardes de um pedido ou ação qualquer. Sois idênticos aos Meus Membros, agindo apenas quando o Meu Espírito os instiga para tanto. Se em tudo necessitais do Meu Espírito,

como admitirdes ser preciso Eu ser movido para algo imprescindível ou não, previsto por Mim antes que um espírito tivesse noção de sua consciência? Em suma, sempre vindes atrasados, Meus filhos. Quando começais a refletir acerca de um assunto, Eu isto previ há milênios, tomando as necessárias providências, de sorte que efeitos e sucessos se apresentam. Se assim não fosse, jamais poderia ser alcançada a finalidade comum, isto é: uma existência livre, criadora e eterna, frente à Minha Presença Divina.

Se atualmente, em quase todos os estados católicos, a religião inclusive a romana, é livre, resultado conseguido através de Minha Influência na compreensão dos estadistas, — eles, porém, se veem obrigados a determinar organizações pelas quais a hierarquia mais orgulhosa tem que sucumbir, presumo não ser possível Eu fazer ainda mais. Deveria por acaso exterminar todas as hierarquias através de um fogo do Céu? Isto não é possível dentro da Obra de Salvação.

Não haverá mais Dilúvio geral, nem extermínio de Sodoma e Gomorra. Todo mal na Terra é seu próprio juiz, e o castigo segue ao pecado nos calcanhares. As hierarquias exigiram independência do paganismo cruel. Esta lhes foi concedida, mas sem poder material. O poderio do Governo é livre sob seu regente e não pode ser subjugado pela igreja. Se esta fizer o menor uso de sua liberdade julgadora, milhares serão movidos a ingressarem numa comunidade melhor, para cujo fim cada um tem caminho aberto para alma e espírito. Se tais conversões crescerem dia a dia, em breve a hierarquia estará isolada com alguns tolos podendo contar pelos dedos seu fim certo. Se Eu providencio tais fatos, cujos efeitos devem ser evidentes, — que mais deveria fazer? Enquanto externais vosso pedido, milhares apostataram em Roma. O tempo de provação poderia ser encurtado mais ainda? Se o veneno é dado à serpente para o seu próprio suicídio, porquanto em sua impotência não consegue atingir alguém, — não foi feito tudo para o seu aniquilamento indispensável?

Como poderia Eu voltar à Terra se a hierarquia não fosse impedida de agir como sempre fez? Se voltasse sem essa precaução junto dos pobres, a igreja possivelmente Me prenderia para novamente crucificar-Me. Eu Me aproximando dos ricos, seria exilado e instigaria todo inferno a uma carnificina prolongada e horrenda. Se viesse como Deus... — bem, já

deveis compreender ter com isto selado o julgamento de todo o orbe e nenhum ser seria capaz de uma respiração livre.

Só poderei voltar para junto dos pobres. Por isto, a classe abastada tem que cair na maior pobreza em tudo. O perdido tem que se alimentar com os suínos, e os ricos nem isto lhe permitirão. Só assim será possível um breve e justo nivelamento de todas as tendências orgulhosas, facilitando Meu Socorro aos perdidos. Ainda assim, vosso pedido foi justo, porquanto vos foi inspirado deste modo. Minha Ação, porém, já se havia antecipado de há muito. Eis que vem Roberto-Uraniel com sua assembleia. Preparai-vos para o necessário prosseguimento."

191.° CAPÍTULO

Partida para a sala de perfeição. Roberto e Helena na vanguarda, seguidos por Cado, diante da porta celeste.

Todos obedecem e Roberto-Uraniel se apresenta dizendo: "Senhor e Pai, está tudo organizado segundo a Tua Santa Vontade." Digo Eu: "Bem, vamos em direção ao Levante, onde vês em aparente distância duas colunas imponentes. Lá se encontra o quarto salão do aperfeiçoamento onde começa o Céu para a esfera de teu amor e conhecimento. Leva tua esposa, a fim de que possas pelo Meu Especial Amor em ti, ingressar naquele Reino. Assim seja."

A estas palavras, Roberto abraça Helena com todo amor e pede que Eu, se possível, os acompanhe entre ambos. Eu, porém, lhe digo: "É preciso começares a agir independentemente, do contrário necessitarias de um constante guia: Além disto, estarei naquela sala quando lá chegares. Não te preocupes Comigo e não penses se estou aqui ou acolá. Para onde te dirigires com amor a Mim, estarei contigo, por ser Eu Mesmo teu amor. Estou sempre Presente onde se manifesta o amor puro e verdadeiro, em justa abundância. Vai em frente e abre, para todos, o portal do reino do aperfeiçoamento de teu coração."

Curvando-se com respeito, Roberto inicia a trajetória. Caminha bem disposto com Helena, que lhe pergunta a impressão provinda do Reino de Deus, se realmente está à vontade ou se vez por outra não se parece qual um estranho.

Responde ele: "De fato, o ambiente se toma algo peculiar, principalmente quando o Senhor não Se acha ao meu lado. Em tua companhia, Helena, a situação é menos embaraçosa do que escoltado por Saariel. Apenas as aparições a se desvanecerem tão rápidas, são algo irreal, não obstante as entenda bem. Todavia já me habituei. Eis que chegamos ao portal, — fechado. E agora?"

Diz Helena: "Ora, tentaremos abri-lo, em Nome do Senhor. Eis até uma chave de ouro." Roberto, de pronto, começa a voltar a chave à direita e à esquerda. A porta, porém, não se abre. Ele dá outras voltas, empurra com força os batentes, — mas, em vão. Não cedem a seu esforço.

Um tanto acanhado, Roberto diz a Helena: "Eis a resposta flagrante à tua pergunta. Confesso sentir-me abandonado por todos os amigos e ajudantes. Dize-me se consegues ver alguém atrás de nós. Com exceção de Cado que nos seguiu em silêncio, não descubro viv'alma. Que me dizes desta situação?" Responde Helena: "Realmente esquisita. Não vejo nenhum da assembleia, — e a porta não se deixa abrir. Entretanto, o Senhor nos mandou aqui. Experimenta outra vez. Ajudarei, — talvez consigamo-lo."

Novamente Roberto pega da chave de ouro, vira-a para ambos os lados, enquanto Helena empurra a porta com toda força. O empreendimento leva bastante tempo, mas sem resultado. Finalmente, cansada, ela diz: "Sabes, Roberto, ninguém pode sentir-se num dever além das possibilidades. Empenhamos todo esforço para abrir a porta celeste. Não temos culpa disto não nos ser possível. Que fique fechada, em Nome do Senhor! Aliás, poderíamos pedir socorro ao amigo Cado que, talvez, conheça outro recurso." Concorda Roberto: "Tens razão."

Em seguida, ele se vira para o outro e diz: "Foste o único a nos acompanhar, enquanto dos demais não se vê um átomo. Também ouviste a incumbência conferida pelo Senhor de eu aqui chegar para abrir a porta do Céu. Nem eu, nem Helena conseguimos resolver a tarefa. Por isto, peço-te nos ajudares. Talvez seja possível com nosso esforço triplicado. Caso contrário, — que o Senhor faça o que Lhe aprouver."

Diz Cado: "Amigo, essa torrente de acontecimentos faz de mim um autômato e minha ajuda não será de grande proveito. Foste chamado e escolhido. Eu, — nem recebi cha-

mada. Mas não importa. Ajudarei, todavia não posso garantir sucesso. Sabes necessitar o Reino dos Céus de violência. Possuí-lo-ão apenas os que usarem de violência. Ajamos, pois, deste modo."

Encorajado, Roberto pega a chave e vira sete vezes para a esquerda. A porta não cedendo, ele movimenta igualmente tantas vezes a chave para a direita, impelindo os batentes com força. A porta continua trancada. Finalmente ele para e começa a coçar a cabeça. E Cado diz: "Já te avisei não dar resultado. Muito embora esteja aqui há pouco, sei que as coisas espirituais são mais difíceis do que as da matéria. É muito mais fácil remover-se um monte na Terra do que abrir-se uma porta espiritual. Aconselho esperarmos. A região é aprazível, existem jardins e frutos em grande quantidade. Que mais haveríamos de querer? Deveis compreender tanto quanto eu não se resumir nossa finalidade em estarmos sempre ao lado do Senhor. Por isto nos foi designado um local no mundo dos espíritos onde teremos que permanecer até que esse grande portal seja aberto por forças superiores. Podíamos seguir o conselho evangélico que diz: Procurai, que achareis. Pedi e recebereis; batei, que abrir-se-vos-á. Quem sabe se a porta já não estaria aberta se isto tivéssemos feito. Que me dizes?""

Responde Roberto: "Sim, sim, tens plena razão. Mas não deixa de ser estranho, o Senhor me concitar a ir na frente e abrir o portal, porquanto grandes acontecimentos esperariam por nós. Seja como for, seguirei o teu conselho."

Aduz Helena: "Não é coisa fácil ingressar-se no Reino de Deus. Ainda que a pessoa, como eu, repousasse no Peito Santificado, no puro amor a Deus, de nada adiantaria. Quando se chega à porta, esta se acha tão fechada como se viéssemos diretamente da Terra. Agora só me perturba essa veste luminosa. Um vestido de camponesa seria mais apropriado à situação. Um tratador de suínos tem que usar indumentária adequada, do contrário sentiria insuportável sua profissão. Nesse ponto poderia ficar-se aborrecida com o Senhor. No começo se recebe leite e mel — agora uma gota de fel. Ao invés do pão celeste, já experimentado, apresenta-se papa de aveia. Se ao menos me pudesse livrar desta veste tola. Ainda te agrada tua roupa cheia de estrelas, Roberto?" Responde ele: "Sinceramente preferia outra qualquer, diga-

mos: uma calça de couro e um paletó de pano grosseiro. Nunca me senti tão envergonhado em minha existência terrena e espiritual." Diz Helena: "Eu trocaria a minha por um trapo sujo."

Diz Cado: "Amigos, falais como eu sinto. Certamente foi esta a intenção do Cristo, porquanto muito se alterou contra o luxo das vestes. Ele, o Senhor de Eternidades, traja a veste mais simples e sem o menor brilho. Eu mesmo sou inimigo do luxo, seja na Terra ou aqui, no Reino do espírito. Certamente, são as vestes luxuosas dos anjos celestes aquelas manchas vistas pelo Olho de Deus. Pois na Escritura se lê: Nos próprios anjos, Teus Olhos percebem máculas, Senhor. Por isto concordo desprezardes vossas vestes maravilhosas, porém impróprias. Onde arranjaremos outras? Continuai assim mesmos, ninguém nos vê e sabemos como pensar a respeito. Não merecendo especial valor aos vossos olhos, tudo está bem e certo. Para mim, tais trapos nunca tiveram valor. Mas que faremos antes de abrir a porta? Começaremos a pedir, procurar e bater?"

Diz Helena: "Qual nada. Se o Senhor não quiser abri-la, que fique trancada para sempre! Amém." Diz Roberto: "Não estás de todo errada. Mas, se já chegamos até o último portal, devíamos nos empenhar em passar por ele. Não há vexame num pedido, muito menos na procura e, quanto ao bater, prontifico-me a fazer uma barulhada que nada deixará a desejar. Realmente, isto é de estourar. Anteriormente fiz como anjo expedições celestes com Saariel, — e agora estou qual asno diante da cerca. Falta-nos apenas a famosa Minerva. Seria interessante ouvi-la blasfemar contra esta porta."

Diz Cado: "Não chames o lobo, que ele se apresenta. E se não me engano, — lá vem ela para nos fazer uma visita. Agora resta-nos aguentá-la." Diz Helena, perplexa: "Que ouvido apurado! Meu caro Roberto, a situação está melhorando. Por que foste mencionar o nome dela? Quiçá nos levará ao pior...!"

Diz Cado: "Nada disto. A única fatalidade consiste não ser fácil a pessoa se livrar dela." Acrescenta Roberto: "Procuraremos impedir sua aproximação, pois ainda devemos estar munidos de bastante poder e força divinos." Diz Cado: "Faze uma tentativa. Presumo não obtermos resultado: pois dirá possuir ela o mesmo direito de chegar à porta celeste

e pedir ingresso. Será duvidoso se este lhe será concedido. Deixemo-la vir e façamos de conta não a termos visto. Se ainda assim nos abordar, ouvirá coisas desagradáveis. Não podemos manifestar amabilidade ou rigor, mas simples indiferença, o que ela menos suporta. Desse modo será mais fácil nos livrarmos dela. Creio conhecê-la a fundo."

192.° CAPÍTULO

Altercação entre Minerva e Helena.

Diz Roberto: "Ótimo, teu conselho é realmente aceitável e logo se vê não seres europeu, que igual a mim, é incapaz de uma opinião tão equilibrada. Mas, eis que ela se aproxima. Ainda está de veste radiosa e munida da espada de zinco e papelão. Sua beleza extraordinária nada perdeu e é impossível imaginar-se coisa mais bela. Julgo não ser aconselhável elogiar-se sua figura, pois torná-la-ia mais vaidosa e orgulhosa." Diz Cado: "Convém não falar com ela ou de sua pessoa, do contrário será difícil livrarmo-nos de sua presença."

Prontamente Minerva se faz ouvir nas costas de Cado: "Acertaste como sempre o alvo. Tolinho! Querendo ensinar aos outros a maneira de se descartarem de mim como se eu alguma vez me tivesse tornado importuna. Tenho honra e orgulho de sobra para impedir atitudes de tamanha baixeza. E tu, amigo Cado, não tens motivos para temer a minha presença. Bem sabes há quanto tempo nos conhecemos. Por acaso *devo chamar-te pelo nome verdadeiro?"*

Responde ele: "Cala-te! Do contrário sentirás uma pequena prova de minha gentileza. Lá está o portal trancado; tenta abrí-lo. Será igualmente melhor para ti estares lá dentro." Minerva solta um palavrão e diz: "Deixa-me em paz. Faço o que quero e jamais o que tu queres. Entendeste?"

Diz Cado: "Perfeitamente. És vaidosa e altiva, portanto tola. Como poderás fazer algo em teu benefício? Além do mais, percebo não teres aumentado tua educação e te peço sublimares tuas expressões, mormente em presença de uma entidade celeste, gentil e delicada como Helena. Se já não consideras a minha presença, faze-o ao menos por ela."

Diz Minerva: "O quê? Ela, — uma entidade celestial? Proletária do mais baixo quilate, — e eu devia respeitá-la? Tens realmente uma ideia absurda a respeito de um anjo. Meus parabéns. Fizeste progresso no Céu com tua sapiência."

Interrompe Helena, cheia de raiva: "Verme abjeto! Vê se o Infinito não se torna apertado para tua presença imunda. Tratarei tua pele de burro, porquanto parece coçar-te. Sai andando, do contrário mostrarei onde os eternos operários de Deus deixaram um buraco para tua fuga."

Intervém Roberto: "Peço-te, Helena querida, esposa maravilhosa dada pelo Próprio Senhor, — não te alteres. Seria uma lástima eterna para tua boca delicada. Essa Minerva fictícia nem Deus consegue modificar. É como é. Cardos não produzem tâmaras! Deixa-a falar à vontade. Sua voz não penetra em nossos ouvidos, muito menos em nosso coração."

Concorda Helena: "Bem o sei. Mas é preciso tapar-se a boca do demônio quando se é cristão honesto. Agora eia se cala por ver que é impossível ser mais rude do que nós. Quando ela abrir a boca ouvirá de mim uma cantiga que a satisfará para sempre. Eu seria capaz de dizer umas verdades ao nosso Senhor e Pai se por acaso Ele lhe concedesse uma Graça. Não presta nem para o inferno, por isto foi de lá expulsa. Por que a chamaste?"

Diz Cado a Minerva, que treme de ódio: "Então, teu vocabulário de impropérios já se esgotou a ponto de não seres capaz de responder à altura aos gracejos respeitosos de nossa querida vienense? Ao que parece encontraste uma mestra e pelo silêncio confirmas ter ela razão." Diz Minerva: "Peço-te, nada mais digas dessa indecente."

Interrompe Helena: "Vai-te embora, a menos que desejes levar uma surra! Conheces isto? (Mostrando seus punhos cerrados.) Se não te fores, eu te assento uma...!" Diz Roberto: "Pelo amor de Deus, Helena! Ao invés de ingressarmos no Céu, aproximamo-nos da mais ínfima gentalha de Viena. Considera já teres repousado no Peito do Senhor onde sorveste todas as Graças, — e agora te apresentas tal qual foste na Terra. Deixa isto, do contrário a porta levará tempo para se abrir."

Diz ela: "Pareces sentir pena em ter eu dito algumas verdades a essa abjeta criatura da Eternidade." Diz Ro-

berto: "Não, isto não. Considero apenas tua boca já espiritualizada que, após ter falado com o Próprio Pai e me tendo proporcionado muitos ensinamentos no amor, novamente se afunda em baixo calão, — precisamente aqui, no Portal da Vida Eterna."

Diz Helena: "Que boca, o quê! A verdade tem que ser dita. É fato conhecido que a verdade em uma linda boca não se apresenta com muita graça. Como então a verdade por mim proferida soa tão mal, enquanto tal não sentiste pela mentira por ela pronunciada? Se te apiadas de minha atitude dentro da verdade, quanto mais não o devias fazer com aquela boca tão linda, cujos lábios jamais pronunciaram uma palavra sincera? É preferível transmitires algumas reprimendas a ela e deixar-me falar quando estiver com vontade."

Diz Minerva: "Chegaste a um fim, amostra grátis da ralé? Nunca meus ouvidos sentiram tamanha grosseria." Diz Helena: "Devia eu aceitar teus impropérios com humildade qual penitente jesuíta quando é alimentado com fogo e inferno por parte de representante de Deus? Espera um pouco! Repito, se não sumires, haverá barulho entre nós."

Intervém Cado: "Silêncio, Helena e Roberto. Falarei a sós com Minerva e tentarei combinar algo de importante com ela. Talvez consiga aproximá-la mais um passo do Senhor." Diz Roberto: "Isto mesmo. Ficaria satisfeito se fosse possível nos descartarmos dela. Lança a semente da discórdia em todos que se lhe aproximam. Se fosse possível ela ingressar nos Céus de Deus, dentro em breve confundiria todos os anjos. Desejo-te o maior sucesso para tua empresa louvável. Duvido do menor êxito. Este ser só fará o bem sob coação; jamais em plena liberdade. Nisto empenho minha própria felicidade."

Diz Cado: "Talvez não estejas errado; todavia não empenharia a minha felicidade em tal hipótese. A Eternidade é demasiado longa. Em épocas e eras infinitas, muita coisa poderá suceder, que até hoje nenhum espírito pôde imaginar. Por isto aceita como possível tudo que não esteja em completa contradição com a Ordem Divina. Apostar que algo seja possível ou não, é tolice e equivale a duvidar da Sabedoria de Deus. *Para Deus todas as coisas são possíveis. Por que não incluirmos a completa conversão de Satanás?"*

193.° CAPÍTULO

Importante esclarecimento acerca de Satanás.

Cado prossegue: "Li certa vez num antigo livro de sabedoria hindu uma passagem interessante que soava mais ou menos assim: No eterno ser existia apenas Deus. Infinito e Eternidade eram Deus Mesmo na plena consciência de Seu Eu. Seus Pensamentos e Ideias eram sem fim. Assim como em uma noite de verão inúmeros enxames de efêmeras cruzam em liberdade e sem ordem visível, Pensamentos e Ideias de Deus se manifestavam num vaivém constante. O Espaço Infinito, porém, estava vazio. A Divindade apenas percebia Suas Projeções em uma liberdade perfeita. Eis que Ela resolveu separar as Ideias do Pensamento, iniciando a Ordem primitiva Nela Mesma. Pouco a pouco foi fixando as Ideias, deixando livre curso aos Pensamentos.

Após se terem concretizado as Ideias, a Divindade verificou não serem elas todas puras. Eis que resolveu purificá-las, separando o puro do impuro. Isto feito, Ela afastou de Si as impurezas, fixou-as pela Onipotência e as vivificou peio Espírito dos Pensamentos libérrimos.

Eis que surgiu um grande espírito cheio de impurezas, a fim de ser purificado por sete outros, projetados pela Divindade e provindos das Ideias puras, através do Espírito livre de Seus Pensamentos.

Diante de nós, Roberto-Uraniel, acha-se o primeiro e grande espírito de impurezas, em cuja purificação ainda se trabalha. Por isto não devemos manifestar dúvida por tal empreendimento durar mais do que os outros. Este espírito não deixa de ser o mais impuro que possas imaginar, — entretanto é capaz de regeneração em tempo oportuno. Não nos cabe perder a paciência por ter sido a nossa conversão mais simples. Um pequeno local é mais facilmente varrido do que o solo do Universo. Esse espírito é a expressão total da Criação Infinita, enquanto a Terra com seus seres nem pode ser considerada um simples átomo de sua natureza individual. Compreenderás tanto quanto eu, ser mais fácil purificar-se um espiritozinho como tu, do que o maior dos espíritos criados, a totalidade da Criação. Assim sendo, convém refletir sobre esse problema de Deus e submetermo-nos às

Suas Determinações. Contestar a possibilidade da purificação de um ser, seria algo de grande risco e ao mesmo tempo mesquinho, caso fôssemos medir as Condições divinas, de grande vulto, com as próprias relações opostas. Por isto, amigo, convém considerá-lo e te submeterás mais facilmente aos meus esforços. Agora vamos à Minerva."

194.º CAPÍTULO

Tese satânica de Minerva.

Virando-se para Minerva, Cado diz: "Quanto tempo abusarás de nossa paciência, Satã? Pretendes fazer apenas o mal? Se a Divindade há tempos tivesse criado um diamante tão grande que um raio necessitasse um milhão de anos para chegar de um pólo a outro e tivesse destinado um colibri a tocar com seu biquinho o diamante uma vez em cada mil anos, — ele já teria dissolvido sua matéria duríssima até o último átomo. Contigo já se empregou milhares de épocas, entretanto continuas a mesma que foste nos primórdios. Nenhum espírito pode compreender a paciência usada pela Divindade para tua purificação. Todavia, nada foi alcançado. Presumo, por isto, ter chegado a época de equilibrares tua natureza na Ordem prevista por Deus desde eternidades."

Responde Minerva: "Que fiz eu contra a Ordem Divina? Falas dela constantemente e no final não pareces saber em que consiste. Se eu, como parte impura e projetada, represento o permanente polo oposto à parte pura da Divindade, e isto de modo imutável, assim como também Ele é imutável, acaso não é isto a Ordem Divina em Sua Totalidade? Que estou fazendo que pudesse ser apontado perante Deus como injustiça, ou seja, maldade? É verdade ter sido o Gênero Humano sempre tentado em sua virtude perante Deus e Seu Amor. Resistindo à prova de fogo, minha tentação era inócua. Não sendo firme, a tentação era apenas oportunidade para fortificar-se nas virtudes.

Aumento o orgulho do orgulhoso para ser finalmente humilhado por essa fraqueza. Nada melhor para sua cura do que o próprio excesso, se bem que não no mundo material, mas cedo ou tarde aqui, fato que um certo Cado poderia testemunhar. Do mesmo modo faço com que os impudicos

se tornem mais sensuais até que se tenham prendido à última fibra de sua vida onde sua inclinação se torna sofrimento atroz, e de livre vontade viram as costas ao vício palmilhando a trilha da castidade. Se isto não der resultado tenho aqui meios de sobra, mais fortes, para que as almas desprezem esse vício. No mundo material impus limites à sensualidade através de certas moléstias.

Essa medida é empregada em todas as fraquezas. Sou aparentemente estimuladora dos vícios. Jamais, porém, uma fraqueza foi por mim recompensada a menos que o viciado o fosse apenas o suficiente para desprezar o vício. Em tal caso eu tinha que instigá-lo pelas tentações até levá-lo ao auge, onde reconhecia o mal e podia detestá-lo. Eu e a Divindade visamos o mesmo fim, isto é, a purificação das almas criadas para capacitá-las a receber o espírito incriado, puro e poderoso, de Deus.

Deus é o Oleiro; eu, o fogo. Assim como uma panela é imprestável antes de ser queimada no fogo, — *não haverá alma capaz de suportar o fogo do Amor Divino* antes de se tornar resistente à prova do meu fogo. Se portanto faço o que preciso, — como ousas afirmar eu não viver e agir dentro da Ordem Divina? Terias razão caso provasses ter eu alguma vez recompensado o vício. Sendo eu a maior e mais inclemente punidora do vício, tua fala é tola, raspando apenas a casca onde jamais verás a semente.

Por acaso poderias imaginar uma atividade puramente positiva? Não é preciso que um pé descanse — portanto faça movimento negativo — a fim de que nesse intervalo o outro empregue movimentação positiva e livre? Um pé terá sempre que contrapor-se ao movimento, a fim de que surja pelo outro a ação positiva. Porventura não devem permanecer certos pontos e locais em estado de repouso, ou seja, reação contra o movimento, para serem alcançados pelo viandante? Não deveria existir, ao menos aparentemente, a morte para com ela ser glorificada a vida? Que seria a felicidade para o espírito desconhecedor da infelicidade? Se não houvesse dor, qual seria a sensação da saúde? E se não existisse o mal, qual seria o aspecto do Bem? Tudo tem que ter seu contraste, a fim de existir. Se sou a base de todo contraste, como sou contra a Ordem de Deus?"

Diz Cado: "Cara Minerva, se na cátedra de uma universidade terrena, em Friburgo, Stuttgart ou Berlim tivesses

proferido tão eloquente discurso acerca da Ordem Divina dentro da tua natureza satânica, terias feito sucesso naqueles grêmios eruditos, muito embora afirmassem ser fato conhecido uma vasilha passar pelo fogo antes de ser usada; como também alguém precisar erguer um pé para caminhar. Se pretendias levar-me a uma boa convicção de tua índole, deste com os burros n'água. Primeiro, demonstraste jamais teres chegado ao conhecimento de ti mesma, portanto não podes saber de tua constituição e qual a direção a tomar dentro da Ordem Divina. Segundo, não me conheces, nem pelo nome, arriscando-te a proferir tamanha tolice."

Interrompe Minerva: "Chamas-te Cado." Diz ele: "Sim, na veste que ora uso. Meu nome é outro. Como podes imaginar que Deus queira melhorar a alma através de vícios ou permitir que ela se torne pura, forte e nobre pelo acúmulo de fraquezas e capaz de abrigar o Espírito Divino? A fim de te demonstrar tua tolice pergunto se uma veste melhora e se torna mais perfeita quando, materialmente falando, se lhe faz novo rasgo dia a dia? Ou se um pano branco com algumas manchas fica mais limpo quando se lhe acrescenta nódoas de pixe em vez de lavá-lo em água limpa? Uma casa avariada ficaria mais sólida e habitável caso se arrancasse partes já soltas, aumentando sua ruína? Uma harpa desafinada adquiriria som mais claro se se lhe tirasse uma corda após outra? Um recinto ficaria mais alegre ao se tapar janelas e apagar a luz de uma lamparina? Acaso surgiriam criaturas cordatas, meigas, honestas e amáveis de uma escola onde se ensina prevaricar, amaldiçoar, assaltar, roubar e matar? Um mendigo enriqueceria caso se lhe tirasse o pouco dinheiro conseguido pela mendicância, ao invés de se lhe acrescentar mais algum? Um enfermo poderia ficar bom ao ser tratado com remédios nocivos, venenosos, pancadas e outras crueldades?

Tola e ignorante, poderia apresentar-te milhares de exemplos para provar a inocuidade dos teus sofismas. Que pretendias provar com isto? Acaso tua inocência, por jamais teres recompensado um vício? Cúmulo da estultície! Como poderias dar um prêmio a um morto? Como indenizar uma pedra por um serviço prestado pelo peso inconsciente? Qual seria a recompensa a ser dada a uma ave por se deixar pegar, matar, assar e comer?

Deste modo presumes estar agindo inteiramente dentro da Ordem Divina? E ainda afirmas que tu e Deus visais o mesmo fim? Miserável! Pretendes igualar-te a Deus, sim, tomar-Lhe a dianteira como se fosses melhor do que Ele! Isto ultrapassa as medidas e não pode ser permitido. Por isto, tua liberdade aparente será reduzida. Abusaste dos Direitos de Deus e na Terra abusas dos servos de "Baal" que alegam servir a Deus com ouro e prata. Além disto te excedeste nos direitos dos regentes e seus povos. Eles em breve te aniquilarão. E não te restará senão compartilhares com alguns suínos de reis e príncipes, no que se entende os cegos adeptos de tua doutrina pagã, atraídos pela tua moral de relíquias e contos milagrosos. Afasta-te de mim, tua presença se torna asquerosa."

195.º CAPÍTULO

O verdadeiro respeito provém do amor.

Diz Minerva, com intenção de afastar-se: "Irei quando quiser. Não admito que me ordenem, nem Deus nem qualquer pessoa, julgando ter poder sobre mim. Sou a majestade primordial do Universo e todos os seres estremecem quando levanto minha fronte e meu braço. Mudarei de tratamento para convosco, pois meu poder e força me facultam pleno direito para tanto. Quem mo poderia tirar? Eu somente sou soberana, Todo o resto desde eternidades está sob meu serviço."

Interrompe Helena: "Caros amigos. Não a suporto mais. É incrível sua presunção. Pretende ser mais do que Deus, o Senhor! Vai andando, do contrário meus punhos entrarão em atividade." Diz Minerva: "Cala-te, imunda, pois te destruirei."

Helena, crescendo Visivelmente na raiva, explode: "O quê? Tu me queres destruir? Não basta quereres ser mais do que todas as criaturas e anjos, não basta te elevares acima de Deus?" Ela dá um salto e aplica uma bofetada em Minerva, que dá uns rodopios, para em seguida cair exangue. Satisfeita com sua proeza, Helena acrescenta: "Eis uma pequena prova dos meus punhos; se te agradou o tratamento, poderei prosseguir."

Diz Minerva, levantando-se e esfregando o rosto: "Estou satisfeita e posso fazer uma ideia do humanismo e da amabilidade dos filhinhos do Senhor de Céus e Terra. De tua parte, Cado, foi realmente louvável permitires que eu fosse esbofeteada como qualquer uma na Terra."

Diz ele: "Foi bem feito! Por que não foste embora quando te mandei?" Diz Minerva: "Por acaso recebi de Deus o livre arbítrio para imprensá-lo numa camisa de força? Se Ele quisesse minha obediência certamente me teria dotado de vontade submissa. E se isso tivesse feito com todos os seres e espíritos — quem na Terra seria imperador, rei, duque e príncipe? Sabes que esses a ninguém obedecem — a não ser a um conselho."

Diz Cado: "Isto sei. Foi o motivo por que Jeová falou pela boca de Samuel aos filhos de Israel: A todos os pecados praticados por esse povo acrescenta mais este, pedindo um rei. Fá-lo-ei, para castigá-lo e levá-lo à prisão. — Eis o Testemunho de Deus. Talvez queiras deduzir daí terem surgido os regentes pela Vontade Divina? Todos eles, inclusive os melhores, saíram da vontade dos povos da Terra e assim ainda hoje se mantêm. Se um povo chegasse à compreensão de instituir Deus como Regente Eterno, Ele o libertaria do açoite, conduzindo-o pelos anjos encarnados. Fazendo o contrário e pedindo pela constante conservação de tal flagelo, o povo terá que suportar os revezes.

Teu exemplo, pelo qual procuraste justificar tua desobediência, cai por terra. Todos os soberanos, bons e maus, são obra da vontade e do orgulho das criaturas que desejam se engrandecer pelo brilho do regente. Preferindo um homem a Deus, Senhor da Glória Infinita e Eterna, Ele faculta ao soberano poder de domínio, de acordo com a índole dos súditos e pelo qual pode conduzi-los e puni-los, caso não respeitem Suas Leis. Tal poder é igualmente do Alto e o rei tem que empregá-lo, pois consta: Em Sua Ira Deus deu ao povo um rei. — A ira não é amor que liberta, mas um julgamento que tudo coage e domina. Não penses que um soberano faz o que é de sua vontade — ele fará o que a Ira Divina lhe obriga. Ainda que não obedeça às criaturas, ele o faz a Deus, consciente ou inconscientemente. Aplicando amor em vez de justiça, Deus abrandará Sua Ira no rei, transformando-a em amor.

Se compreendes isto, torna-te meiga e aplica amor, que "Deus te considerará, abrandando o teu coração. Um coração meigo te preservará para sempre de um mau-trato, assim como os regentes compreensivos nada precisam temer caso suas leis sejam justas. Age deste modo que terás paz, fazendo-te respeitar. O verdadeiro respeito, bem como a plena liberdade, são conseguidos unicamente pelo amor. Quem pretende alcançar respeito por obrigação, recebe-o aparentemente pelo medo. Isto não é respeito, mas uma maldição que desde o início é parte integrante do teu "eu". Vai e modifica-te."

Diz Minerva: "Sim, me esforçarei para tanto!" Com isto vira as costas aos três, afasta-se e em breve desaparece da vista de Helena e de Roberto, — mas não de Cado. Diz Helena em seguida: "Graças a Deus que me deu coragem para afugentar essa inimiga de toda a vida. Espero que tenhamos sossego." — "Oh, sim", diz Cado. "Mas na Terra provocará grande desgraça. Mas, aos poucos há de cair em si, através de flagelos e humilhações. Agora resta saber o que faremos, pois a porta ainda não se abriu."

196.° CAPÍTULO

Roberto e Helena são humilhados por Cado.

Diz Roberto: "Meu amigo, meu intelecto continua qual animal diante da cerca. Se o Senhor tivesse dito: Esperai por Mim lá na frente da quarta sala de tua casa, para abrir-vos a Porta da Vida!, isto seria suportável. De acordo com minha interpretação de Suas Palavras Ele falou de uma porta aberta, onde eu e Helena devíamos receber os demais amigos. Referiu-se principalmente à pressa necessária em virtude de fatos importantes que nos aguardavam. Obedecemos, aqui chegamos e encontramos o portal trancado. Que representa isto? Já é demais. Na Terra se admite tais peças. Mas aqui, no Reino dos espíritos, e partindo do Próprio Senhor, é algo estranho.

Até então cumprimos estritamente a Vontade do Senhor. Agora estacionamos, contra nossa vontade. Parece estarmos supridos de tudo; por isto não darei importância a essa sala. Bem consta ser preciso conquistar-se o Reino do Céu com violência. Seria possível usarmos mais força do que possuí-

mos? Fizemos tudo nesse sentido; quem quiser, experimente sua sorte." Diz Helena: "Concordo contigo. O que não se consegue, convém deixar-se de lado."

Diz Cado: "Falais, como se diz, dentro da razão; entretanto não posso aderir à vossa opinião porque não duvido da possibilidade de se abrir essa porta. Por acaso já tentamos tudo? Realmente não. Se no final ela se abrisse, caso o experimentásseis inversamente?

Empregamos todo o esforço para impelir a porta para dentro, após várias voltas da chave de ouro. Eu mesmo vos ajudei dentro de vosso conhecimento, desejo e vontade, pois sabeis que aqui tudo ocorre conforme é desejado, por ser esta a Ordem dos Céus. Bem vi o engano. Não podia revelar-vos antes de chegardes a tal conclusão após determinada procura, pedido e esforço. Dei-vos esse conselho. Não o seguistes, portanto não pudestes descobrir ser impossível abrir-se essa porta para dentro, mas para fora, pelo simples motivo de representar ela o Reino do Céu em menor proporção e devendo ser atraído com força e não impelido. Até mesmo em sentido natural é preciso tomar a si o que se deseja, e não empurrá-lo para longe.

Nos Céus há em tudo, do menor ao maior, a mesma Ordem fixa e imutável, que por coisa alguma pode ser invertida. O mesmo se dá no abrir da porta. Agistes contrariamente a essa Ordem, nada conseguindo. Experimentai, em Nome do Senhor, proceder dentro de Sua Ordem, que alcançareis bom resultado."

Diz Roberto: "Agora compreendo o meu engano. O que foge ao meu entendimento, és tu, caro amigo. Onde colheste tanto saber, perante o qual me vejo reduzido a nada? O mais sábio querubim teria que te respeitar. Se o Próprio Senhor aqui estivesse, não poderia expressar-Se de modo mais profundo." Aduz Helena: "É verdade. Nosso amigo é dono de profundo saber, como ficou provado naquele monte quando desafiou o chefe do mal. Por isto lhe dedico grande respeito."

Diz Cado: "Minha amiga se esquece ter sido ele um demônio? E que naquela ocasião um desafiava o outro?" Diz Helena: "Se Cado foi demônio, eu fui dez vezes pior. Ele nunca o foi na realidade, mas apenas aparentemente para poder enfrentar os verdadeiros. Eis grande conhecimento, impossível ao demônio verdadeiro, porque nele não existe amor."

"Bravo!", diz Cado, "falaste bem. Enquanto não havia amor em Cado, não tinha sabedoria. À proporção que o recebia aumentava a sua sabedoria, com ela lutando contra os demônios, impondo maior respeito. Agora tentai abrir a porta; pois ao longe vejo aproximar-se a multidão. Que dirá ao nos encontrar nessa situação?"

Diz Roberto: "Tenho receio de acordo com o Evangelho, para tal empreendimento. O Próprio Senhor disse: A porta que dá para o Céu é estreita. Deveis passar por ela, caso quiserdes entrar. — Observai essa aqui, sua altura e largura. Julgais ser realmente a entrada celeste?"

Diz Cado: "Interpretas materialmente as Palavras de Deus. Não representa a porta estreita do Evangelho a humildade do coração? Abre-a! Ainda será estreita."

Concorda Roberto: "É, às vezes, estranho como nos tornamos tão tolos. Piores que animais. Eles estacam diante da porteira, enquanto pretendemos furar a parede com a cabeça. Helena, deves estar satisfeita com minha burrice."

"Não vem ao caso", diz ela, novamente feliz, "sou também ignorante. Ainda não sabemos ao certo se a porta se abre para fora. Ambos fomos muito ignorantes por não termos feito esta tentativa. Vai e experimenta mais uma vez, como no início — depois farás o que nosso amigo aconselhou."
Protesta Roberto: "Qual nada. Farei a coisa certa."

197.º CAPÍTULO

Importante ensinamento sobre as aparições no Além.

Com isto Roberto se dirige ao portal, faz a tentativa com pequeno esforço — e os batentes largos e pesados se abrem instantaneamente. Quando abertos, Roberto dá uma gargalhada e diz: "Eis o Céu mais peculiar deste mundo. Isto é para rir. Vem cá, Helena, dá uma olhada."

Rápido ela se aproxima, olha com atenção e diz após algum tempo: "Mas, — isto é Viena, legítima! Eis a quarta sala de tua casa, gloriosa e celeste. Não há quem nos impeça de procurar um emprego. Subirei nas barricadas e como fantasma incendiarei um canhão após outro. Talvez isto venha a sustar o estado de sítio? Falando seriamente, esperávamos o Céu e chegamos a Viena. Que dizes a isto?"

Responde Roberto: "Já te falei, por ocasião de tua atitude "vienense" para com Minerva, que ainda chegaríamos a Viena em vez de ingressar no Céu. Certamente ainda estacionaremos no subúrbio onde moraste. Chamarei Cado para que veja esta surpresa."

Neste ínterim Cado se entregava a observar a chegada da multidão; convidado por Roberto para olhar pela porta, este lhe diz: "Então, amigo, agrada-te o Céu residencial da Áustria? Vês as paliçadas, canhoneiras, canhões e morteiros? Descobres os vigias e suas casas de guarda? Que beleza, a cidade celeste em estado de sítio!"

Diz Helena: "Cado, não seria possível tornarmo-nos visíveis, temporariamente? Tinha vontade de brincar uni pouco de fantasma. Talvez isso ajudasse aos vienenses a desistirem de sua situação revolucionária. Caso eu e Roberto viéssemos a morar novamente em Viena seria preciso transformá-la." Diz Cado: "Minha amiga, julgas realmente ser isto a Viena verdadeira? É simples aparição, nada mais. Há pouco Roberto falou de uma porta estreita pela qual se ingressa no Reino Celeste. Ei-la diante de nós. Ao transpô-la ainda passareis por várias aperturas — todavia será possível passar por elas."

Diz Roberto: "Não duvido. Mas de que maneira? Aliás é essa Viena cópia autêntica da verdadeira. Acabaste de dizer ser isto apenas aparição; entretanto, é tão real como nós. Seríamos também somente aparição? É este portal igualmente aparência? Não consigo fazer uma idéia exata. Ela é, a meu ver, nada mais que reflexo de uma coisa real ou, então, é criação momentânea para explicação ou análise de um espírito. Após cumprir sua missão ela desaparece da esfera visual. Julgo difícil dar-lhe outra interpretação. Preciso chegar a uma definição clara; do contrário serei obrigado a tomar como aparição tudo o que até este momento se apresentou aos meus olhos, neste mundo."

Diz Cado: "Tua concepção do assunto é certa e pouco terei a acrescentar. É algo exagerada tua afirmação ser a aparição algo de fútil. Em meu critério, no mundo espiritual uma aparição reflete uma coisa existente ou um plano para nova criação, no começo somente visível ao Senhor; a seguir, a qualquer espírito que se acha em união com a Ideia criadora através de sua natureza amorosa. O fato de

tal ideia se apresentar qual cópia dentro da esfera espiritual do observador, é determinação da Sabedoria Ilimitada do Senhor até que o espírito tenha adquirido poder e força de reconhecer realidade e constância dentro da aparição.

Ao ingressar aqui, o espírito é muito delicado e fraco para poder enfrentar as realidades mais fortes. Haveria de se ferir e no final se desintegraria assim como sucederia a uma criança recém-nascida que fosse deixada em cima de paus e pedras. Nem tudo o que enfrenta um espírito novato nessa região é aparição, mas realidade, de acordo com a sua força.

A porta é uma realidade espiritual, e nós, igualmente. Aquela Viena é apenas aparência, mas, como tu mesmo observaste, cópia autêntica da metrópole terrena que tu e Helena conservais em vossa alma. Esse quadro vez por outra a perturba e projeta impurezas que numa irritação procura extravasar, apresentando-se pelo pronunciamento. Tal projeção não pode encontrar acesso na Luz do Amor Divino, ou seja no puro Céu, e lá perdurar, pela impossibilidade de algo impuro entrar no Reino Celeste. Deste modo se projeta de vossa alma — que se encontra no limiar dos Céus Puríssimos de Deus e já é bafejada pela brisa pura e celestial — o último quadro impuro, isto é, a cidade de Viena, a ser por vós analisada e em seguida expulsa para todo o sempre. Como já disse, ainda vos dará muito trabalho. Com a Ajuda constante do Senhor isto será conseguido de modo mais fácil do que presumis. Coragem, que tudo sairá bem."

Diz Roberto: "Meu amigo, onde foste buscar tua sabedoria? Falaste como o Próprio Senhor. Explica-me isto. Sempre pensei que nos acompanhavas a fim de seres preparado para os Céus de Deus, por mim e Helena. Agora dá-se justamente o contrário. És tu nosso perfeito mestre, e temos capacidade para entender-te. És realmente o mesmo Cado que lutou contra Minerva, por palavras e atitudes? Ou te fantasiaste de Cado e em verdade és um arcanjo? Só assim se explica teu saber. Eu, Graças a Deus, não sou ignorante. Mas ao abrires a boca, fico fulminado. Onde foste buscar tão profundo conhecimento?"

Responde Cado, sorrindo: "Em tempo oportuno saberás de tudo. Agora não te preocupes, por haver coisas muito mais importantes Eis a assembleia se aproximando. Chega ¨ porta."

Diz Roberto: "Está bem, mas tens que me acompanhar, por seres mil vezes mais perfeito do que eu." Diz Cado: "Não te posso deixar, tampouco a Helena, muito querida." Diz Roberto: "Como receberei essa gente? Que direi ao Senhor? Como desculpar-me de minha tolice perante Ele, os profetas, apóstolos e demais personagens realmente abençoados? Ajuda-me nesse conflito."

Diz Cado: "Não sejas pueril. Podes ser filial o quanto quiseres, mas não infantil. O intelecto das crianças é pueril e inútil. Sua alma infantil é de máximo valor diante de Deus. Inspirar-te-ei o que deves falar; será pouco, mas deve ser razoável."

Opõe Roberto: "Como farás isto? Para tanto terias que ser Deus, ou o Senhor te daria força especial para tal fim." Diz Cado: "Tens a mania cansativa de pesquisar as coisas. Seria preciso compreender-se tudo a fundo? A Eternidade é longa e dará tempo para compreensão e entendimento maiores. Atenção, aí vem os apóstolos, na dianteira Pedro, João e Paulo. Terás que começar com eles teu desempenho."

198.° CAPÍTULO

Roberto e Helena reconhecem seus amigos divinos.

Os apóstolos se dirigem ao portal, curvam suas frontes e cumprimentam Roberto e Helena expressando sua grande alegria, enquanto a multidão se prosterna e exclama um "hosana ao Senhor". Roberto se vira para todos os lados a fim de ver a Chegada do Senhor, mas em vão. Descobre, porém, atrás da multidão alguém idêntico a Cado. A manifestação de regozijo não acaba e Roberto nota que os três apóstolos não conseguem dizer palavra, tal a profunda emoção.

Não suportando mais a situação, Roberto vira-se para Cado e diz: "Todas essas pessoas estão como que arrebatadas, em êxtase incompreensível. A própria Maria, ao lado de José, não faz exceção. Meus olhos quase saltam das órbitas e vejo tudo numa contrição inconfundível, e na retaguarda percebo um espírito ajoelhado que poderia ser teu sósia. Porque esta manifestação de respeito invulgar, quando o Senhor

não está Presente? Talvez todos O vejam — eu e Helena não o conseguimos."

Diz Cado: "Caro amigo, que farei contigo? Aqui não há binóculos e telescópios." Diz Roberto: "Aponta-nos o Senhor, nada mais. Tenho que saudá-Lo! Mas onde está? De onde vem?" Diz Cado: "Se não consegues vê-lo, és realmente cego. Pergunta a esses três, talvez também não O vejam."

Diz Roberto: "Coisa estranha, tu me dares uma resposta ambígua quando preciso de uma definitiva. Também não te admiras pelo fato de se encontrar a multidão toda prostrada diante dessa porta, sem ousar erguer os olhos. Realmente, nada te altera nem Céu, nem inferno. És impecável, tanto em tua sabedoria cada vez mais enigmática quanto na tua paciência infinita e nas respostas, dando a impressão de falares apenas por falar."

Diz Cado: "Não, dou-te respostas completas que entendes apenas pela metade. Por que não inquiriste os três apóstolos, como te aconselhei? De há muito teriam dito qual a finalidade disto tudo e onde Se encontra o Senhor. Careces, pelo visto, de coragem, o que não deixa de ser tolice. Como cidadãos celestes, não hão de querer ser mais do que nós. No Céu todos são iguais. O mais simples é o melhor, representado pelo Próprio Senhor. Procura-O, e tê-Lo-ás em breve. Aliás já O tens. A teu ver é Ele simples demais, de sorte que não podes reconhecê-Lo, embora, de há muito O vejas."

Diz Roberto: "Embora O veja há tempos? Ora, isto seria estranho — vê-Lo e não reconhecê-Lo. A Ele? Desde o princípio privei com Ele neste mundo e não haveria de saber estai com Ele? Amigo Cado, és muito inteligente. Tal afirmação foi algo exagerada. A julgar por ti deverias tu mesmo ser o Senhor ou, finalmente, a Helena. Eu não O sou e os apóstolos tampouco. Helena é mulher e além disto de trajes riquíssimos. Tu és evidentemente o mais simples, pois tuas peças orientais carecem de qualquer enfeite e apenas te cobrem. Deves ser o Senhor, não obstante te pareças com Cado. A fisionomia do Senhor é muito parecida com a tua; entretanto és o mesmo Cado que lutou com Minerva. Hum, — és realmente o Senhor?

Se isto fosse real, teria eu uma síncope de vergonha. Quanta coisa confusa e imperdoável foi por mim pronunciada! Agora está se fazendo em mim a luz. Sempre me indi-

caste o Evangelho quando não havia mais saída para mim. Tal não seria possível ao verdadeiro Cado, porquanto não podia estar tão bem orientado no assunto. Agora compreendo tua sabedoria ilimitada! És Tu Mesmo, — e nenhum outro!

Sendo isto reconhecido pela multidão, Senhor — permite que eu e Helena nos ajoelhemos aos Teus Pés e Te ofertemos a gratidão sincera de nossos corações. Helena, este nosso Companheiro, este Amigo dos amigos, este Cado divinamente sábio, não é o Cado. Cado é apenas Sua veste, na qual Se oculta o Próprio Senhor!"

Quase fulminada por esta certeza, Helena atira-se ao solo e exclama: "Senhor, não me condenes pela minha brutalidade. Meu Deus, que fiz eu?" Digo Eu, ainda como Cado: "Filha querida, amo-te precisamente porque és e foste como devias ser, dentro de Minha Vontade, pois temos que ir a Viena."

199.° CAPÍTULO

Estranha entrada na Viena, aparente.

Diz Roberto: "Senhor, não estarias disposto a nos informar o que faremos nessa Viena aparente? Ao entrar a Teu lado, em companhia da enorme multidão, sem preparo algum, não posso imaginar como seremos recebidos ou qual a minha atitude em ocasiões curiosas, por certo inevitáveis."

Respondo: "Se estou contigo, isso não te deve preocupar. Além do mais, não virá a multidão, mas apenas Eu, os apóstolos, tu e Helena. Os outros aguardarão nosso regresso.

Observa a cidade, inteiramente habitada como na Terra, e isto pelas mesmas criaturas que lá viveram de 1848 até o ano atual, 1850, encarnadas ou desencarnadas. Vamos até lá, a fim de que tenhas, em breve, passado pela "porta estreita". Aos vossos pés se acham túnicas mais escuras que devem cobrir vossas vestes celestiais."

Roberto, Helena e os apóstolos assim fazem semelhando-se a simples peregrinos. Minha indumentária é a do mais simples judeu. Assim disfarçados encetamos a curta trajetória para Viena. Ao chegarmos à divisa, isto é, à chamada "Fiandeira da encruzilhada", diz Roberto: "Senhor, acaso somente nós vemos essa gente da alfândega? Se tam-

bém nos perceberem, teremos dificuldades por não termos passaportes."

Digo Eu: "Somos visíveis pelos que se acham realmente no mundo espiritual; entretanto, influenciarão os encarnados, chamando a atenção para a nossa presença, de sorte que haverá certa confusão. Deixa Pedro tomar a dianteira. Sabe melhor como tratar tais inspetores alfandegários."

Imediatamente Pedro se dirige ao aduaneiro, dizendo: "Amigo, somos viajantes de muito longe; no entanto não temos passaportes posto haver plena liberdade no Reino Celeste, por todo o sempre. Como criaturas realmente honestas e nada havendo que nos desabone, conseguimos passar por toda parte sem a menor dificuldade. Julgo dar-se aqui o mesmo."

Responde o fiscal: "Meu amigo — presumivelmente da China! Se nada tiverdes a ser taxado, podereis passar sem susto. Lá na frente existe outra alfândega onde se visam passaportes. — Sois realmente chineses?" Diz Pedro: "Sim, sim. Quer dizer que lá está o guarda-mor? Grato pela informação." Diz o fiscal: "Ora veja, essa gentalha andrajosa quer passar por educada."

Diz Pedro: "Não deves considerar as pessoas pela roupa, pois ignoras quem poderia estar dentro de vestes simples." Conjectura o fiscal: "Por certo raras vezes outra coisa senão vagabundos, merecedores de serem presos e repatriados. Compreendeu?"

Responde Pedro: "Como não; esse linguajar é tão comum hoje em dia que a classe simples o entende sem dificuldade. Naturalmente lidarás de outra maneira com pessoas que passarem de carruagem de luxo e serviçais agalonados. Nós, descalços, somos tratados como animais, o que não testemunha em teu favor. Deixa-nos passar; talvez os fiscais da outra aduana não sejam tão grosseiros como tu." Diz ele: "Sim, lá não se fará muito luxo convosco. Vão andando, do contrário vos mandarei prender."

Vira-se Roberto para Mim: "Viu como são? E ainda é um dos melhores. Poderia estourar de revolta." Acrescenta Helena: "Se nos tivesse importunado por mais tempo com seu menosprezo, teria dito algumas verdades, pois conheço esse malandro. Algumas bofetadas teriam enfeitado aquela cara quadrada."

Interrompo: "Filhinha, não fales tão alto. Esse aduaneiro tem bom ouvido e caso te ouvisse enfrentarias situações difíceis." Obtempera Helena: "Não seria pior que Satã?" Digo Eu: "Depende. Os cães acorrentados como guardas dos ricos são a seu modo piores do que os donos. Esses apenas falam, os cães mordem. Fica satisfeita por não teres sido atacada pelo cão de seu senhor. Eis que chegamos à segunda aduana. Pedro, dirige-te ao oficial. Veremos o resultado."

Diz Helena: "Seremos presos, caso não fizeres uso de Teu Poder, Senhor." Respondo: "Não te preocupes. Que importância teria se esses cegos nos prendessem? Qual seria a prisão capaz de nos trancar? Bastaria o mais leve Hálito de Minha Boca, para desaparecer a Terra com todos os seus cárceres. Ouçamos Pedro, que neste momento é inquirido: "De onde sois? Viajais todos com um só passaporte? E onde está?"

Diz o apóstolo: "Um momento. Acaso ninguém, inclusive um radicado, pode passar sem documento?" Responde o sargento: "Não sendo vienenses necessitais de documentação e além disto tereis que ser examinados para eu saber de vossa índole."

Diz Pedro: "Pois não. Darei as informações exatas." Prossegue o sargento: "Como te chamas?" — Responde o apóstolo: "Simão Judá, filho de Jonas, chamado Pedro." — Diz o policial: "Isto soa estranho. Qual é tua profissão?" — Responde Pedro: "Sou pescador de nascença e há cerca de dois mil anos me entrego à pesca humana."

Vira-se o sargento para o assistente: "Vigia este homem, faz jus a uma casa de loucos, dizendo-se Pedro, o célebre apóstolo. O que não se passa nesta barreira...!"

Em seguida ele se dirige a Paulo, dizendo: "Como te chamas e qual teu ofício?" — Responde Paulo: "Sou tecelão de tapetes e, além disso, apóstolo dos pagãos. Meu primeiro nome foi Saulo. Posteriormente mudei para Paulo." — Diz o sargento a outro ajudante: "Deve também ser vigiado, pois é igualmente louco." — Em seguida diz a João: "Acaso também és apóstolo do Cristo?" — Diz este: "Sou o evangelista João e ao mesmo tempo apóstolo do Senhor." Diz o policial a um terceiro assistente: "Pertence também à mesma categoria, pois os afins se atraem."

Nisto, Helena se adianta e diz ao sargento, em genuíno dialeto vienense: "Seu idiota da Boêmia! Tem cuidado

que eles não lhe escapem." — Reage ele cheio de ódio: "O quê...? Que foi que disse? Espera que expulsarei tua grosseria." — De um salto, Helena se posta ao lado dele e diz: "Tem cuidado para tua sensibilidade boêmia não sofrer algum incômodo intestinal. Imagina, querendo ser orgulhoso com *essa* cara? Desiste da raiva, do contrário digo-te algo inconveniente."

Diz o sargento: "Onde é teu local de nascimento?" Responde ela: "Ora, basta te lembrares do boteco de onde foste expulso por três vezes por causa de imoralidades e brigas." — Diz ele: "O quê? Então és produto da ralé suburbana de Viena?" — Responde Helena: "Exatamente. Não te recordas de Helena?"

Admirado, ele prossegue: "Como te juntaste a esse grupo de doidos? Que fim levaste após a revolução? Ninguém mais soube de ti." — Diz Helena: "Ora, morri! Agora estou novamente viva e visito minha pátria com esses amigos, caso o sr. não se oponha. Garanto não se tratar de doidos." — Obtempera ele, mais cordato: "Qual nada! São doidos varridos. Analisarei a tendência com os dois últimos."

Adianta-se Roberto e diz: "Pretendes examinar a mim e a Este meu Amigo Santo, para ver se somos mentalmente sãos? Pobre coitado! Isto deverias ter feito contigo mesmo, a fim de que tivesses chegado à noção de que há tempos não te encontras em corpo na Viena terrestre, mas na metrópole espiritual correspondente à vida na Terra. Julgas ser realmente fiscal de divisas? Tu o és apenas em tua imaginação. Crês possuir poder ou justiça para analisar-nos? Tens somente o direito de um desvairado, cego e surdo.

Morreste de cólera, no ano de 1849. Mensageiros celestes disso te informaram no momento em que desencarnaste. Tu os ridicularizaste, dizendo: "Loucos que sois! Acaso não vedes ser eu primeiro-sargento, forte e cheio de saúde? Não acreditando, meto-vos na cadeia, e então sabereis se morri ou não!" — A essa reação, os mensageiros te deixaram e há mais de um ano persistes em tua tolice, considerando de loucos, espíritos bem-intencionados. Pensas realmente seres sargento de Viena, residência do Imperador austríaco? Analisa a barreira. Não percebes como neste momento se torna cada vez mais transparente?"

Diz o sargento: "Isso tudo é bobagem. Como é teu nome? Tens algum documento de identificação?" — "Não!" brada Roberto de forma a deixar o policial tonto, gritando por socorro. Novamente Roberto lhe grita: "Tolo, que queres que te faça? Queres viver ou morrer para sempre? Quem morre aqui, fá-lo para toda a Eternidade."

O sargento grita de novo e de pronto aparecem três guardas para aprisionar Roberto. Este os fulmina "Alto lá"!, com tamanha veemência que caem por terra, como fulminados. Roberto, então, diz: "Senhor, se for de Tua Vontade, podemos caminhar sem susto. Aqueles três a vigiarem Pedro, Paulo e João serão afastados com um sopro, não havendo mais impedimento na barreira,"

Digo Eu: "Estaria tudo bem, mas este sargento ainda terá que examinar-Me. Isto feito, prosseguiremos incólumes, sem gastar nossa energia." Diz Roberto: "Está bem, Senhor. Tua Vontade é Santa."

Ergue-se o sargento cheio de raiva: "Quem é senhor, cuja vontade é suprema? Aqui só rege o Imperador. Guarda! Prende essa gentalha e esclarece ao delegado quanto à sua atitude suspeita. Esse brigão receberá vinte e cinco cacetadas pelos gritos, o que deverá ser levado a protocolo. Carrega com ele."

Três homens rodeiam Roberto para lhe porem as algemas. Helena dá um salto junto do marido e diz: "Será morto quem puser as mãos em Roberto." Um deles insiste em pegá-lo pelo pescoço, mas leva uma bofetada de Helena, e cai por terra. Os outros querem agarrá-la, no entanto recebem a mesma medida, de sorte a se evadirem, inclusive os que vigiavam os apóstolos. Em vão o sargento procura retê-los, pois sentem não convir procurar atritos conosco.

200.° CAPÍTULO

O sargento examina o Senhor.

O sargento ainda se acha imbuído de sua posição, nada vendo e ouvindo além daquilo que faz parte de seus deveres fictícias. Tornou-se apenas mais modesto pelo abandono da guarda. Dirige-se a Mim e indaga de Minha Procedência.

Respondo: "Vimos diretamente dos Céus mais elevados. Sou Cristo, o Senhor, e aqui vim para despertar os mortos, procurar os desviados e curar os enfermos. Todos os de boa vontade receberão grande Graça."

Diz o sargento, ao qual se haviam juntado alguns indivíduos da alfândega: "Falaste certo. És o louco mais inteligente, pois os outros, ainda manifestavam boa porção de astúcia. Ocultavam em suas loucuras tendências criminosas, querendo ludibriar-me pela aparente boa vontade. Dotado eu de olhos de lince e ouvindo nascer até o capim não conseguiram sua intenção. Sei muito bem com quem estou lidando. Podereis passar em virtude de ter sido dispensada a documentação de permanência e facultado à Igreja Católica livre ação em sua esfera clerical. Deste modo, um sargento, evidentemente em uma fronteira, não se deve admirar se, de quando em quando, enfrenta jesuítas e ligurianos disfarçados. Dentro em breve começará a chover indulgências e milagres. A escada de Jacó será consertada e erguida entre Céu e Terra a fim de descerem e subirem anjos, apóstolos, a Virgem Santíssima, outros santos, inclusive o próprio Cristo, — naturalmente mediante pagamento e demais sacrifícios. Sois disto a primeira prova.

Podeis passar. Se soubesse disto antes não vos teria jogado pedras no caminho, pois tenho ordem secreta para tanto. Vossa organização é muito original, com exceção de Roberto Blum e a presença patente de Helena, conhecida de todos os vienenses farristas. O verdadeiro Blum por certo não sofrerá mais dores de cabeça. Mas a invenção do pseudo-Blum é boa! Seu nome ainda exerce poder oculto em Viena, e uma heroína das barricadas, disfarçada, não deixa de ter seu efeito. E tu, és Cristo, o Próprio Senhor? Muito bem! Se cópias iguais a ti não ajudarem a Igreja Católica a ficar de pé, adeus Papa, Roma e seu sacerdócio! Falta apenas uma dúzia de padres — e tudo entrará nos eixos."

Digo Eu: "Sei que és protestante e tua opinião acerca do cristianismo romano é justa, porquanto constitui um horror, perante Deus, em seu empenho dominador, porém inútil, pelo que garanto. Entretanto, não Me conheces e a Meu pequeno grupo. Não quero impor-te seja o que for. És livre e podes fazer e crer o que te agrade. Somente serás esclarecido, mais uma vez não te encontrares no mundo da

matéria e sim no dos espíritos. Aquilo que vês além de Mim e Meu grupo é simples aparência, entretanto poderia tornar-se realidade espiritual caso aderisses e seguisses as Minhas Pegadas. Estás, todavia, por demais afastado de Meu Reino, em teu coração, não Me podendo reconhecer em tua cegueira. Continua o que és e onde estás, talvez haja um outro encontro."

Responde o sargento: "Com muito prazer, se não aqui, quiçá num outro mundo. Além do mais desejo bom sucesso na capital, onde o estado de sítio será favorável à vossa empresa. Adeus." Sem mais delongas, nos dirigimos ao centro de Viena. O sargento e seu pessoal nos acompanham de vista. Quando deles se aproxima o cobrador de taxas para se informar de nosso grupo, se chinês ou hindu, o sargento responde: "São jesuítas espertalhões disfarçados de missionários. Desde que a Igreja tem liberdade de ação em nossa pátria, os padres reerguem a escada de Jacó, em linha reta ao Céu.

Imagina, esses seis personagens se diziam, primeiro, o próprio Cristo que curará todos os enfermos, etc.! Talvez consiga pôr as finanças de pé para marcharem a Roma. Em seguida, Pedro, Paulo e João evangelista. Que me dizes a isto? Acompanhados de uma pequena formidável, chamada Helena, heroína das barricadas. Agora não vás ter uma vertigem: o Blum também lá estava. Minha guarda, algo temerosa, fugiu, deixando-me sozinho. Que dizes a essa conquista do ano de 1848?"

Responde o cobrador: "A primeira vista tem aspecto de comédia; meu íntimo me diz ser aquilo bem mais sério. Concordo, que os padres tudo empreendam para vivificar a desejada superstição popular após a conquista da liberdade clerical. Mas deste modo, nunca. No passado pode um padre lúbrico ter se tornado importuno com uma jovem freira em horas noturnas. Mas, perante a autoridade e num estado de sítio da capital austríaca, o mais astucioso jesuíta não teria coragem para tanto. Sabes não ser eu amigo dos padres; julgo, porém, nenhum se prestar para negócio dessa ordem, ainda que visando as maiores vantagens.

Meu parecer quanto ao grupo é: ou se trata de altas patentes disfarçadas, ou são realmente o que dizem. Falando com sinceridade, nossa existência atual é algo estranha, le-

vando-me à suposição de me encontrar em um sonho ou num torpor. Além disto, fiz certas observações e me admirei de não as ter feito há mais tempo. Há dois anos não vejo carroça ou carruagem; raras pessoas passam por aqui, sem falar de transporte de víveres. Geralmente são levadas batatas e ervas desconhecidas, lobos defumados, raposas e pequenos ursos e coisas semelhantes despertando o franco riso. Como não se enquadram na tarifa, não posso cobrar imposto. Caso exija explicação, ninguém me responde.

Quando há algum tempo me entregava a meditações, vi a alguns passos uma grande moeda de ouro, de cunho recente. Abaixei-me para apanhá-la e eis que em seu lugar se achava uma serpente venenosa, morta e toda preta. Ao tocá-la com minha vara ela se transformou numa ave de rapina, de aspecto repugnante. Outra aparição me deixou estonteado: estava na janela observando a chuva, recordando-me de não ter visto chuva ou neve durante todo esse ano. Saí ligeiro para apreciar melhor a benéfica chuva — e eis que havia desaparecido. Só, então, comecei a refletir acerca da peculiaridade atmosférica, pois nunca vi o Sol e ignoro a origem da luz. Acaso já assististe a uma noite? A um inverno, primavera, verão ou outono? Tudo aqui se passa numa constante monotonia, sem percebermos a situação real. No que não tem culpa o estado de sítio e os jesuítas.

Devido a tais ocorrências estou inclinado a crer: primeiro, termos morrido; segundo, serem aqueles personagens o que dizem. Queres saber de uma coisa? Irei com eles! Estão lá na frente de uma casa. Tenho que saber o que há."

Diz o sargento: "Espera um pouco, também vou." Ao se juntarem a nós, à porta de uma casa, onde Pedro tenta curar os enfermos, o cobrador de impostos diz: "Caros amigos, mormente, Tu, Sábio de Nazaré! Vossa palestra me despertou para observar diversos fatos, anteriormente despercebidos. Ao mesmo tempo senti uma sensação tão agradável em vossa presença que mal me contive em seguir-vos. Procurei me descartar, alegando meus deveres de autoridade. No final meu coração disse: Quando Deus te chama, termina todo compromisso imperial. — Aqui estou e vos peço permissão para ficar até que, pelo vosso esclarecimento, saiba quem sou e onde estou. Tenho dúvidas ser esta vida, terrena, e não compreendo como só agora tal fato me perturba. Se for pos-

sível, acendei uma lamparina em minha caixa de pensamento."

201.º CAPÍTULO

Missão de Pedro junto à hospedaria "Ao bom Pastor".

Digo Eu: "De bom grado será feito tudo que estiver ao nosso alcance. Não deves esquecer tua tarefa. Fica em nossa companhia, presta atenção às palavras e acontecimentos, faze o que achares certo e dentro em breve receberás esclarecimentos."

Adianta-se o sargento, dizendo: "Amigo, posso ficar também, pois mudei de opinião." Respondo: "És qual raposa e te consideras muito. Entretanto nem todos que pedirem licença para ficar, serão aceitos. Quem quiser privar Comigo, deve ter coração mais puro do que o teu. Se nunca acreditaste em Jesus, como pretendes seguir Àquele que consideras jesuíta esperto? Oportunamente teremos novo encontro; para o teu conhecimento atual seria inoportuno. Volta ao teu ofício imperial e dá primeiro o que compete ao Imperador e depois trata de dar a Deus o que é de Deus. Consta o seguinte: Naqueles tempos haverá dois homens no moinho; um será aceito, o outro não. Igualmente se encontrarão dois no campo, cuja situação será idêntica. Foste convidado e não aceitaste o convite. Por isto virão primeiro a Mim os que se encontrarem nas ruas e encruzilhadas e se regalarão Comigo no banquete dos convidados."

Diz o sargento: "Com linguagem desta ordem sinto até náuseas. Passe bem." Assim ele volta ao posto, reclamando. Observa o cobrador: "Não teria esperado desse homem atitude tão contrária ao Cristo. É bem difícil aceitá-Lo como Deus Onipotente, por ser Ele demasiado Santo e Grandioso. Cristo foi apenas homem perfeito como qualquer um, com a diferença de ter sido pleno do Espírito de Deus, mais do que Moisés, Samuel, Elias e os outros profetas. Relegá-Lo e nem ao menos creditar-Lhe a dignidade de um sábio, é forte demais."

Digo Eu: "Qual é, pois, tua opinião do Cristo?" — Replica o cobrador: "Oh, considero-O o Ser Supremo até que

se apresente uma Divindade mais poderosa e perfeita. De nada me adianta um Deus Infinito, jamais podendo ser visto pelas criaturas. Cristo me agrada muito. Um Deus-Pai e Espírito Santo alhures nas alturas, não me interessam. Considero o Cristo e tudo a Ele entrego."

Digo Eu: "Muito bem, agarra-te a Ele o quanto puderes. Todo o resto se fará por si só. Eis que Pedro sai da casa. Ouçamos o resultado de sua missão." — Diz o apóstolo: "Senhor, a situação é realmente difícil e nada se conseguirá sem julgamento. Prevalecem teimosia, ignorância e desvario, piores do que em Sodoma e Gomorra. Se tivesse sido possível agarrar-me, aquela gente me teria estraçalhado. Necessitam de médico e remédios especiais."

Digo Eu: "Deixemo-los e prossigamos, pois não nos imporemos a quem quer que seja." Diz Roberto: "Ó Viena, julgaste os que te foram enviados! Que o Senhor te perdoe. Não me vingarei; querendo esquecer ao Senhor por te achares forte pelo poder militar, serás castigada. Grande tribulação, sofrimento e vexame virão sobre ti, levando-te a exclamar: "Senhor, ajuda-me". Ele, porém, passará ao largo e o socorro virá tarde." Acrescento: "Sim, tens razão. Nada quero prever neste caminho, mas aceitar tudo como vier. Se em toda parte tivermos tal recepção, cumprir-se-á o que disseste."

Continuamos nossa caminhada e em breve deparamos com outra casa, em cuja parede frontal lêem-se os dizeres: "Ao bom pastor." Helena, então, diz: "Senhor, com essa recomendação talvez encontremos moradores mais acessíveis." Respondo: "Não quero prevê-lo. Entrai e informai-vos." — Opina o cobrador: "Que eu saiba, gente boa nunca frequentou essa hospedaria." — Aduz Roberto: "Façamos uma experiência."

Aparteia João: "Se quiserdes, eu entrarei." — Diz Paulo: "Sei melhor do que tu lidar com os pagãos. És por demais meigo e dócil para tratar com tais pessoas. Eu sou ríspido e enérgico, exigindo, enquanto pedes. Se ainda existe possibilidade para alcançar algum êxito, serei bem sucedido. Assim não sendo, tu e Pedro também nada conseguireis." — Diz João: "Com prazer te entrego essa tarefa em casa de Roberto. Penso serem inúteis também os teus passos; pois onde se desconsidera o amor, o rigor não terá sucesso."

202 .º CAPÍTULO

Paulo no clube dos proletários.

Paulo entra naquela casa e diz a um grupo de pessoas em reunião secreta para organizarem uma demonstração política contra o Ministério da Fazenda: "A paz seja convosco! Eu, o apóstolo Paulo, servo de Jesus Cristo, fui por Ele enviado para vos advertir com todo o amor, paciência e verdadeira meiguice, escudo eficaz e proteção segura contra qualquer inimigo, a fim de desistirdes de vossa reunião maldosa e infrutífera, dos desejos impuros e suas ações subsequentes. Inclinai vossos corações ao Senhor e externai-Lhe vossa aflição, que Ele vos auxiliará. Não existe exemplo na História em que Ele não tivesse atendido a quem Lhe pedisse com sinceridade, ainda que fosse o maior pecador. Assim, também, não fechará Seus Ouvidos e Coração, caso Lhe disserdes: Senhor, Pai de Amor e Bondade, ajuda-nos que também somos Teus filhos! Considerai que a ajuda humana não é socorro e às vezes é até mesmo prejudicial."

Adianta-se um homem, dizendo: "Que queres, padre disfarçado e por certo membro da seita paulina que empreende suas maquinações de modo inescrupuloso? Vai andando, do contrário conhecerás, aqui, Jesus Cristo." Diz Paulo: "Amigo, afirmo-te que tu e toda essa gente já vos encontrais há certo tempo no mundo dos espíritos, entretanto agis como em vida. Aceitai a advertência, para perceberdes a situação verdadeira."

Esbraveja o homem: "Rua! Padre imundo! Vêde só que figura! Pretende nos convencer já termos morrido. Isto é demais. Dizendo-se Paulo, por astúcia sectária, faz jus ao manicômio. Fora com ele!"

Diz Paulo: "Ouvi apenas mais uma palavra, depois podeis enxotar-me. Quando, há quase dois mil anos, fui por Deus escolhido em Damasco para mensageiro de Cristo, acontecia não raro ser atacado por judeus odientos e outros inimigos da Doutrina de salvação. Mas, tão logo dizia a alguns: Analisai a Doutrina e conservai o que vos parecer bom; ela requer apenas vossa vontade e um pouco de inteligência para estudá-la, acalmavam-se e no final se dedicavam ao assunto. O mesmo vos digo. Medita! primeiro sobre o que vos disse e se tiverdes encontrado algo que tenha eco em vosso íntimo, por-

que não aceitá-lo e moldar vossa vida dentro de tal compreensão? Achando boa essa vossa existência, embora não tenha aparência feliz, e se um outro vos oferecer coisa melhor, — sereis loucos não aceitando o maior benefício. Por isto, analisai primeiro e depois julgai.

Além disto, que tenho a ver com a seita paulina? Afirmo-vos: Eu, o verdadeiro Paulo, e tal seita temos em comum apenas o nome. Quanto à Doutrina e à tendência utilitária, ela dista de mim mais do que o Céu da Terra. Desta minha declaração podeis concluir não ser eu padre ignorante e muito menos sócio de um grêmio."

Dizem alguns, secamente: "Tal explicação não seria errada, entretanto contém dois pontos duvidosos: quereres ser o apóstolo e nós já termos morrido. Se assim fosse não teríamos corpo de carne e osso. Acaso o tem também os espíritos? Em tal caso, terás razão."

Replica Paulo: "Já vos disse: Analisai primeiro e tirareis a prova se pronunciei uma inverdade." — Falam vários: "É fácil dizer, mas como provar? Acaso devemos considerá-lo ministro?"

Indaga Paulo: "Tendes algum dinheiro?" — Respondem eles: "Dinheiro? Que pergunta! E isto em Viena, onde há muito não existe moeda corrente? Papel, sim. Se serve, podemos fornecer-te algum." — Diz Paulo: "Deixai-me ver."

Dizem os oradores da sociedade: "Pretendendo seres o célebre apóstolo Paulo, falar-te-emos dentro da Escritura. Consta ter Pedro dito a um mendigo aleijado, às portas do Templo de Jerusalém: Meu caro, não possuo ouro e prata. Dou-te, contudo, o que tenho. — O mesmo afirmamos. Entretanto Pedro ainda deu saúde ao pobre em vez do dinheiro, o que não podemos fazer contigo. Primeiro, estás com a saúde perfeita e, além disto, não temos poder curador. Toma aqui a nossa fortuna, um simples "Kreutzer" de papel (dinheiro da Áustria). Transforma-o em "dez ducados" e conta com a nossa gratidão."

Paulo pega da nota e a transforma em reais moedas de ouro. Sobremaneira estonteados, os associados dizem: "Isto ultrapassa todos os prestidigitadores e seria do agrado do Ministro das Finanças e de muitas outras pessoas. Com tua arte poderias conseguir um ágio fantástico com nosso dinheiro. Fica em nossa companhia, pois nos poderás ser muito útil."

Diz Paulo: "Não podemos cogitar de amizade por esse motivo, mas para perceberdes em mim o Poder de Deus, o Senhor, dando prova não ser eu um mentiroso e impostor. Pedi apenas uma moeda, entretanto só tinheis um "Kreutzer". Isto indica o estado de vossa existência, considerada por vós materialmente, mas no fundo contém tão pouco de matéria quanto vós possuís ouro e prata, não obstante vossa pretensa afirmação e conceito errôneo.

Através da nota de um "Kreutzer" destes-me um testemunho certo sobre o valor de vossa vida, atualmente idêntica a dinheiro de papel cujo valor é nulo. Serve apenas externamente por algum tempo. Assim como na Terra os donos do dinheiro em papel se cansam em especulações para transformarem seu crédito monetário em moeda corrente, procurais igualmente extrair de vossa vida sem valia, uma real. Todo o esforço é inútil, pois o irreal não se pode tornar verdadeiro através de algo sem valor. Se trocardes papel por papel, que valor terá? Nenhum, pois quanto maior for a emissão, menos valor ter§ (teoria da inflação).

O mesmo se dá na vida terrena, em si inteiramente sem valor. Sua real valia consiste em se poder, por uma especulação inteligente e equilibrada, receber uma legítima, pelo Divino Banco de Câmbio Vital. Se pretendo valorizar a vida terrena em busca de uma pior e mais vazia, troco apenas o papel monetário de origem boa por um pior, fazendo parte dos tolos e especuladores desvairados.

Já assististes a uma corrida onde bons corredores procuram ganhar o prêmio dado a quem chegar primeiro? Digo-vos, muitos são os concorrentes, entretanto só um ganha o galardão. Acaso é este destinado apenas àquele? De modo algum. Destina-se a todos. Mas quem não se esforçar será culpado por nada ganhar. Aconselho-vos: Correi todos, o prêmio é enorme e dá para todos. Querendo ser bons corredores tereis que estar livres de todas as coisas fúteis e tolas, a fim de que nada vos impeça, sobrecarregue e canse vossos pés antes do tempo. A corrida é uma verdadeira batalha. Quem dela participa deve fazê-lo com rigor para uma finalidade determinada, sem arremessar a espada ao ar. O prêmio é bom. Mas quem não o almeja com dedicação, continua um pobre diabo para sempre.

Transformei, a vosso pedido, os dez "Kreutzer" em dez ducados, provocando grande alegria. Não pretendia um

benefício material, e sim, demonstrar-vos o que podereis fazer de vossa vida fictícia se tiverdes o mesmo desejo demonstrado pelo ouro. Até então ela teve a mesma importância que o dinheiro em papel, de valor aparente e provocado pelas circunstâncias porque nada possui de real para cobertura do seu valor nominal e conseguir fazer o aceite. Alguém podendo como eu, depositar dez ducados em seu lugar, fará ágio elevado, conforme observastes. Aceitai vossa transformação; despi-vos de tudo que é vão. Tornai-vos lépidos e iniciai a corrida pelo destino da vida verdadeira. Ao meu lado recebereis um prêmio justo."

203.° CAPÍTULO

A conquista de seis almas. A época da grande Graça.

Dirige-se o primeiro sócio aos demais: "Este homem fala qual Salomão e além disto entende algo de magia. Sua índole é estupenda e muito embora soe estranho ele dizer-se Paulo, o apóstolo, e afirmar sermos espíritos, não me parece de todo errado. Também já me admirei de muitos fatos e apenas não os mencionei para não aumentar a dúvida sobre nossa existência. A questão é real e não a podemos modificar. Por isto acho melhor seguirmos a este amigo bem intencionado."

Concordam alguns: "Podemos tentá-lo. Se tivermos sucesso, será em nosso benefício. Muito bem, somos seis a concordar e os outros não nos interessam." Diz o primeiro: "Se houvesse mais um, seríamos sete, o número cabalístico. Não haverá quem se anime?"

Apresenta-te um outro: "Sendo o mais ignorante, entrarei no conchavo, entretanto tereis que permitir que eu vá na retaguarda. Sabeis o sentido do número sete? Representa um burro: duas orelhas, dois olhos, duas ventas e uma boca perfazem sete. Nada disto nos faltando estamos em condições de aceitar como verdade o que profere esse Paulo caído do Céu. Vamos andando. Tão logo o negócio começar a perigar, serei, como último, o primeiro, como consta do Evangelho.

Sou humorista, como sabeis, todavia não concebo já termos morrido, pois saberíamos algo a respeito. A morte não

é fato tão insignificante que se possa esquecê-la. Seja como for, tomo parte nessa brincadeira e se porventura o bom prestidigitador quiser transformar mais algumas notas de dinheiro em ouro, ficaria plenamente satisfeito." Virando-se para Paulo, ele prossegue: "Não poderias trocar-me isto por ouro?" Diz Paulo: "Por que não! Se te faço um favor."

O apóstolo toca de leve as notas e as transforma em sessenta ducados. O outro quase desfalece de estupefação e diz, após alguns instantes: "Isto é milagre verdadeiro. Agora acredito em todas as provas milagrosas do Cristo, como também seres tu o verdadeiro Paulo e nós já termos morrido."

Diz o primeiro orador: "Sou da mesma opinião, mas não pelo milagre e sim pelo seu discurso anterior quando queríamos expulsá-lo. Naquela ocasião, foi Paulo tal qual consta na História dos apóstolos e suas palavras me calaram fundo. Quanto mais medito a respeito, tanto mais sinto a verdade nelas contida. A produção monetária é brilhante e perturbadora. Se realmente é boa e real, — eis outra pergunta. Suponhamos nos encontrarmos no mundo dos espíritos onde seria fácil surgirem tais fantasmagorias e seria suficiente o bom Paulo fixar seu pensamento em cem ou mil ducados — e nós, como espíritos, veríamos tais projeções, de modo real."

Diz aquele que concordara por último: "Como então não conseguimos realizar a menor moeda de cobre não obstante nossas inclinações monetárias? Por aí vês existir algo mais do que simples pensamento de Paulo."

Conjectura o primeiro: "Sem dúvida nenhuma. Entretanto, persisto em afirmar ter sido seu discurso mais importante do que sua ação fantástica." Diz o outro: "Além disto, demonstrou o que representa espiritualmente sua produção para nós."

Manifesta-se Paulo: "Vosso grupo perfaz cento e vinte cabeças e somente sete seguiram as minhas palavras. Que há com os outros?" — Diz um dos cento e treze: "Ficaremos aqui e dispensamos tua doutrina e teu ouro." Insiste o apóstolo: "Por ora a Porta do Reino de Deus se acha aberta e quem quiser poderá ingressar. Será difícil quando a Porta da Graça especial estiver novamente fechada. Muito embora seja o Senhor Imutável em Seu Amor e Graça para com todos os seres e filhos, Ele não o é na Dádiva de Sua Especial

Graça. Nem todos a recebem e sim poucos escolhidos, criados e preparados desde o início para a assimilarem e a suportarem sem prejuízo para seu espírito. Igualmente não existem profetas em todos os tempos. Surgem de século em século, inspirados pela Vontade do Senhor por uma Graça Elevada, a fim de que possam ver as coisas do espírito, ouvir a Palavra de Deus e transmiti-La aos fracos e ignorantes da Terra para se tornarem felizes, podendo ingressar no Céu da Graça Divina.

Ouvi e vêde, surdos e cegos! Eis atualmente a época da Especial Graça do Senhor. Mensageiros dos Céus mais elevados atravessam em todas as direções as esferas mais inferiores do mundo das trevas. O Próprio Senhor Se entrega a essa tarefa para a felicidade dos sofredores. Na Terra e em todos os mundos são inspirados profetas especiais e servos do Senhor, transmitindo aos outros a Luz e o Verbo Celestes.

Infelizmente, são poucos os que ligam para isto. Muitos vos imitam. Ridicularizam os profetas ou talvez os ameacem — mas esta época em breve passará e a Porta da Graça Especial de Deus será fechada por muito tempo para os filhos do mundo e do julgamento. E se clamardes em vossa grande aflição, não recebereis resposta. Mesmo que procureis, nada achareis. Não obstante todos os pedidos e súplicas,— nada vos será dado. — Agora, nessa época da Especial Graça, não necessitais procurar, chamar, pedir e bater, basta quererdes que sereis aceitos. Agora sois chamados, procurados, implorados e batemos na porta de vosso coração. É suficiente nos convidardes para entrar — e se realizará a admissão no Reino de Deus. Que mais quereis? Agora tudo é feito pelo Senhor em benefício de vossa eterna bem-aventurança. Após o breve término dessa época incomum, fareis todo o possível sem algo alcançardes, como disse.

Vejo vossa índole. Não quereis pertencer ao espírito e seguir a sua meiga voz vinda dos Céus abertos porque dais ouvidos à voz mortal de vossa suposta matéria, desejando mulheres para com elas pecar o resto da vida. Vossa desprezível figura não lhes agrada, sentindo asco tal como da peste, pelo vosso desejo condenável. As que ainda achassem algum prazer em vós não satisfariam os vossos sentidos por serdes excessivamente impudicos querendo somente um físico voluptuoso.

Esperai um pouco. Essa temporada especial não durará e então virão criaturas às quais servireis em excesso. Em breve começareis a chorar e clamar querendo afastar-vos da carne feminina. Tudo será em vão. Elas atirarão em redor de vosso corpo algemas incandescentes, feitas de ofídios, soterrando-vos para sempre na cova da destruição, onde não haverá época de Graça Divina para vos salvar. Ai de vós e de todos os impudicos no mundo dos espíritos e na Terra, caso seja desviada a atenção da Graça e dirigida ao físico voluptuoso das mulheres! Tão certo existe Deus e Sua Palavra vos é transmitida por mim, transformar-se-á o que vossa impudícia imagina como céu cheio de prazeres e êxtases tentando o vosso coração, em um inferno da pior espécie.

Invectivais constantemente contra o Governo porque seus dirigentes necessitam de grande pompa e luxúria, lesando-vos. Esse prejuízo aborrece especialmente por causa da volúpia insatisfeita. Se tivésseis milhões, todo Governo seria de vosso agrado, pois poderieis organizar um céu carnal a vosso gosto. Se vossas finanças não dão margem para isto e sendo obrigados a vos satisfazer com o refugo, mesmo assim muito raramente, estareis cheios de revolta contra soberanos que possuem as mulheres mais bonitas a toda hora.

Não compreendeis ter sido isto organizado por Deus Mesmo, que o permite a fim de que vejais a realidade e reconheçais terdes sido criados e destinados por Deus para algo melhor do que apenas para obras da carne. Enquanto o homem viver no mundo na verdadeira carne da morte, tem que efetuar tais atos dentro da medida sábia, nunca porém considerá-la como finalidade de sua vida. É prática ocasional, conforme existem várias para uso da carne temporária, sendo o ato o menos importante.

Quem o pratica dentro da justa medida, faz bem. Quem o evitar, fará melhor. O Senhor deu esse sentido não como necessidade, mas como qualidade para uso sábio e moderado. Quem dela faz necessidade é miserável pecador, e a Graça de Deus se afasta de seu coração por obedecer à lei carnal, construindo um céu cheio de animais pela justificação da morte e do julgamento.

Compreenda quem puder. Quem achar prazer numa lei pesada pelo julgamento, considerando-a pela volúpia e praticando-a, já sente o julgamento. Esse homem é escravo e condenado a não ingressar na liberdade e Verdade Divinas.

18) Por isto, deveis estar acima do julgamento da carne pelo livre poder da renúncia e pelo amor e fé viva em Deus, o Senhor, a fim de que possais vos libertar de todas as leis e condenações. Um escravo da lei, moral ou natural, não pode entrar no Reino de Deus antes que se tenha libertado de toda lei. No Reino de Deus ninguém será julgado pela lei, ela mesma é o julgamento. Somente quem se erguer acima de todas as leis por amor a Deus, será livre em Deus e toda verdade. O Amor em Deus é a Única Verdade. Todos me ouviram e ninguém poderá desculpar-se. Fazei o que mais vos agrade."

204.° CAPÍTULO

Um sócio dá boa resposta.

Externa-se um homem dos cento e treze sócios: "Esse discurso foi importante e me esclareceu muitos segredos da vida. Quem está preso à lei se acha atado ao patíbulo do espírito. O pecado e o castigo subsequente são apenas filhos da lei. Quanto maior o número de leis, tanto mais numerosas as infrações e punições. Por que atualmente quase todas as prisões da Europa estão abarrotadas de criminosos? Em virtude de as forças militares terem inventado quantidade de novas leis, enquanto as criaturas procuravam desfazer-se desse jugo, caindo nas celas amaldiçoadas do castigo, através da lei.

Fossem os homens verdadeiros e sinceros não necessitariam de leis, achando-se acima do julgamento. Em virtude de sua natureza animal, é necessária a instituição de leis correspondentes, pelas quais as paixões desenfreadas são subjugadas. Que seria de uma escola sem organização? A sociedade sem lei? As leis são somente um mal contra outro mal; entretanto, é possível imaginar-se um grupo de pessoas inteligentes, dispensando todas as leis para se tornarem livres e felizes. Compreendemo-lo perfeitamente e nos cabe fazer justiça a Paulo.

Mas de que modo seria possível um povo de componentes variados elevar-se acima da lei, seja moral, natural ou política? Cumprindo-a, o homem é escravo. Não o fazendo, é chamado à responsabilidade e a lei se torna maldição. Nela se integrando como segunda natureza e seu cumprimento

lhe dando verdadeiro prazer, qual carrasco, que às vezes semanas antes da execução goza o ato a ser consumado — ele se tornou vivificação da lei. Poderia exclamar: Senhor, quem nos libertará da lei?

Somos um conglomerado de deveres e obrigações, ambos de efeito diabólico. Aquilo que tem que acontecer pela Vontade da Onipotência Divina tornou-se condenação. Aquele que for submetido ao livre arbítrio ainda não está condenado, porém na constante expectativa do julgamento.

Que faremos? Esse homem com o nome do apóstolo ou talvez ele mesmo, já que nos encontramos no mundo dos espíritos, aliás hipótese do meu agrado, pois o pensamento da morte sempre me foi da maior aflição, — deu-nos uma explicação clara e verdadeira. Segui-lo-emos? Certamente não nos conduziria ao inferno — pois não existe em parte alguma — tampouco ao tribunal. Vamos com ele à rua e saberemos de sua intenção."

Concordam os outros: "De fato seríamos tolos caso não seguíssemos o apóstolo. Se porventura não nos agradar outra situação, poderemos voltar aqui. Não poderá haver coação, dentro ou fora de casa."

Paulo novamente toma da palavra: "Pela aceitação de meu conselho sereis tão livres como aqui e ainda muito mais. Que perdereis ao deixar este recinto? Nada mais do que a fútil esperança da chegada de algumas garotas sensuais, criadas pela vossa fantasia e inexistentes em estado natural para vós e vossas semelhantes. Que vem a ser uma fantasmagoria perto da verdade integral? Quem vos poderia impedir de seguir-me às esferas abençoadas da Luz, da Verdade e da Vida, ou seja do Amor de Deus, Cristo, o Eterno e Verdadeiro?

Há muito vos encontrais aqui nessa expectativa fantasiosa. Quais as seus efeitos? Nulos. A não ser a aparição nebulosa de um ser feminino, que se apresentava por alguns momentos e se desvanecia em seguida. Tais instantes foram a única felicidade. Nem ao menos conseguistes alimento e bebida. Ainda assim não quisestes, no começo, aderir ao conselho de abandonar essa esfera fútil e vã.

Agora sois felizes por terdes tomado a boa decisão de seguir-me. Chegareis lá onde habitam verdade e realidade originais de todo ser e vida. Tudo que se vos apresentou no mundo foi mentira e engano: vossos bens, ciências, artes e tesouros, a própria vida. E se o mundo da matéria fosse algo

melhor, seria constante como a Verdade eterna. O que perdura no mundo como permanente? Nem a Palavra Divina, mesclada o quanto possível da mentira mundana que a transforma em tolice, erro e maldade|. Razão pela qual foi dada aos homens de modo velado a fim de que não fosse vilipendiada no seu sentido santificado e intrínseco. O mundo nada mais é que mentira em julgamento, por determinada época de provação. Tão logo termine, inicia-se o Reino de Deus da Verdade eterna. Ponde término ao mundo dentro de vós para que o Reino Divino possa estabelecer-se. Segui-me."

Diz um homem, sempre bem humorado: "Queira-me bem, residência do silêncio em cujas paredes foram colocadas apenas duas janelas pequenas, como medida de economia. Cada qual é feita de seis pequeninos pedaços de vidro repassados com chumbo, de sorte que a claridade só consegue penetrar por orifícios diminutos. Amigos, é evidente só podermos lucrar com o abandono dessa casa.

O mais interessante é termos deixado o corpo; não obstante, somos almas de pele, ossos, cabelos, etc.; temos que satisfazer as nossas necessidades e sentir fome e sede, sem poder satisfazê-las. Estranho. Certamente é esse o motivo por que se diz na Terra: eis uma pobre alma, faminta e sedenta. Não há o que ultrapasse a vida miserável em Viena. O populacho canta de estômago vazio uma alegre canção da morte. Os ricos nada dão. Os ministros inventam impostos. O Imperador está ocupadíssimo com a vida social da corte e presta atenção ao que diz seu avô, Nicolau da Rússia. Só isso tem valor e caso alguém se externar devido à sua situação aflitiva sentirá a reação no estado de sítio. Estejamos felizes por não vivermos mais na Terra. Mas, que vejo? Durante o meu monólogo paramos todos na rua. Como foi possível? Não me lembro de ter movido um pé."

Diz um outro, tipo rude do povo: "Como podes ser tão tolo e fazer tal pergunta? Não vês logo ser feitiçaria? Deus nos socorra." Diz o humorista: "É pena um tirolês abrir a boca, pois faz estremecer a Terra."

Diz o outro: "Deixa de me achincalhar, do contrário te aplico uma bofetada em condições." Diz o primeiro: "Não vês logo sermos espírito, sem corpo, dotados apenas de vontade e razão? Se levantares a mão contra mim, tocarias somente o ar. Além disto, consta na Escritura: Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Conheces a Bíblia?" Respon-

de o tirolês: "Tolo, como poderia, se nunca fui à escola? Ainda assim, sei mais do que tu." Replica o humorista: "Ora, não te dês importância semelhante às montanhas de tua pátria. É preferível observarmos Paulo em palestra com o homem simples, ao qual o apóstolo aperta a mão, de alegria. Mais além vês uma moça bem mais apetitosa que tua Nani com suas falhas de dentes. Daria preferência a ela à dívida do Governo austríaco." Diz o tirolês: "És muito ignorante por não veres que tais frutos não se destinam a nós."

Diz o primeiro: "Não tens coragem, não é isso? Sempre ouvi dizer que os tiroleses são valentes atrás das rochas, mas em campo raso se entregam à fuga. Por isto, externarei a Paulo a minha gratidão por nos ter conduzido ao ar livre e isto já é um alívio muito grande." Diz o outro: "Pensas que eu não percebo tua intenção oculta? Aquela moça te atrai?"

Vira-se o humorista para o vizinho: "Amigo, terias vontade de me acompanhar até o apóstolo? Com este tirolês nada se arranja. Mal se lhe diz alguma coisa, ele se porta qual touro raivoso." Responde o vizinho: "Irei tampouco quanto ele. Ofendeste-me, pois também sou tirolês, se bem que mais educado. Se negas a coragem do meu povo provas tua ignorância, pois os tiroleses são os guerreiros mais valentes. A passo que os vienenses são desprezíveis e não constitui honra o convívio com eles."

A essas palavras, o humorista se dirige a Paulo dizendo: "Prestaste-nos um grande benefício, sem contudo receberes de nossa parte uma palavra de reconhecimento. Por isto, tomo a liberdade de expressar minha gratidão."

Diz Paulo, sorrindo: "Tua atitude é louvável, no entanto terias que externar o motivo principal de teu desejo. O tirolês um tanto rude teve razão quando afirmou não ser eu o ponto de atração, e sim, aquela moça. Sê sincero, no futuro. Aqui não há alma que se possa disfarçar. Achega-te a ela e a cumprimenta. Mas não esqueças ser a esposa do homem ao seu lado."

Diz o humorista: "Agradeço-te pelo ensino acertado. Considero impróprio aproximar-me daquela senhora tão atraente enquanto se acha em palestra com seu esposo. Quanto mais os observo tanto mais se positiva a impressão de conhecê-los. Se não me engano é um dos democratas — no momento não me ocorre o nome."

Diz Paulo: "Não vem ao caso, pois temos coisas mais importantes a resolver. Dar-te-ei um conselho e não terás prejuízo se o aceitares. Ajoelha-te aos Pés deste meu maior e mais elevado Amigo e pede-Lhe: Senhor, sê misericordioso para comigo, pobre pecador! Aceita-me como ovelha há tanto tempo perdida e permite que eu usufrua do bafejo de Teu Amor e Graça! — Pede isto com todo fervor do teu coração, que receberás grande alívio."

Opõe o humorista: "Exiges muita coisa de mim. Imagina como serei ridicularizado por todos os meus conhecidos! Que direi, caso algum me vier perguntar: Quem é aquele perante o qual te portaste como se fora Deus?"

Responde Paulo: "Nada mais que: Faze o mesmo, pois será melhor do que expressares perguntas tolas. Prosternei-me diante de Jesus Cristo, Senhor de Céus e Terra." Desatando numa franca gargalhada, o humorista exclama: "Isto é demais! Ou és um louco, ou te apraz fazer chiste, regozijando-te com nossa fraqueza. Basta te venerarmos sob o nome de um apóstolo antigo e célebre, porquanto te tornaste um verdadeiro amigo através de teu ensinamento. A afirmação que esse teu amigo, simples, deva ser Cristo, sem mais nem menos, os outros alguns colegas teus, e aquela senhora talvez a Virgem Santíssima com São José, — isto é piada da boa!

Dou-te conselho amigo. Não nos importunes com gracejos desta ordem, pois poderiam ter efeito nocivo para tua pessoa. Muito embora não seja fariseu, isto é, à moda católica, que produz o Cristo de farinha e se prosterna diante de uma hóstia, enquanto odeia e despreza a todos que consideram Sua Doutrina no coração, sou admirador sincero do Cristo e confesso Sua Divindade Santa e Sublime e não posso admitir Sua Presença na poeira de Viena. Não obstante não ser trapista em muitos pontos, principalmente no que diz respeito ao sexo fraco, tampouco me assemelho a Platon e Sócrates; sou grande amigo e adorador do Cristo. Por isto te peço usares este Nome de todos os nomes com mais cuidado."

Acrescentam os sete que já haviam aderido a Paulo: "É isto mesmo. É preciso maior respeito com Cristo, o Senhor. Não é louvável nosso amigo querer reduzí-lo a um simples homem." — Diz Paulo: "Acalmai-vos. Além do mais, veremos dentro em pouco se tenho razão ou não. Prossigamos, pois o Senhor já está Se afastando."

205.º CAPÍTULO

Suposições fantásticas. Os antepassados da Casa Habsburgo-Lorena.

Conjetura o humorista, enquanto caminha: "Que quer dizer isto? Quem é o Senhor? Talvez queira afirmar ser esse judeu polonês, realmente Cristo, o Senhor?" Diz iam outro: "Agora estou compreendendo a verdadeira origem dessa multidão. Trata-se de espiões russos sob o manto de uma certa devoção transcendental com que ofuscam a humanidade. Esse Cristo será sem dúvida um mago sem par e falará em parábolas, caso o faça. Tais pessoas geralmente não abrem a boca. O dito Paulo é sua mão direita com prática na magia e muito mais na oratória. Os outros parecem ajudantes. Aquele que vai na vanguarda com a beldade deve ser espertalhão a usar sua contraparte como isca. Que me dizes?"

Responde o humorista: "Bem, o caso dá tal impressão; ainda assim, não estou inclinado a aceitá-lo em definitivo. Paulo é deveras sábio e não haverá outro igual em toda Viena. O suposto Cristo parece bom homem sem a menor astúcia judaica. Os demais, inclusive a beldade, parecem honestos. O próprio taxador da alfândega dá impressão de se sentir à vontade, sem mais ligar a seu posto. Do mesmo modo nós os acompanhamos sem que alguém nos obrigue a tanto. A história começou a mudar de feição. Observa o firmamento. O Céu límpido, sem Sol, entretanto é dia claro. Vê essa rua, tão conhecida. Percebes viv'alma? Está vazia, as casas trancadas. Na calçada, porém, nasce o mais viçoso capim. Já viste coisa igual?"

Responde o outro: "Tens razão. A claridade é semelhante ao meio-dia, no entanto, não se vê sombra de algum objeto. É realmente estranho." Conjetura o primeiro: "A cidade, ruas e praça são as mesmas. O estado de sítio com os canhões, etc., continua na mesma forma. Apenas o policiamento não é tão rigoroso contra os visitantes das fortificações, dos quais não se pode discernir o sexo. Parecem estrangeiros, tolos como chineses, tristes e melancólicos como se estivessem gravemente enfêrmos. Frente àquela casa estão alguns personagens. Vê só que fisionomias e atitudes."

Diz o outro: "É verdade. Ora, quem vem lá, dobrando a esquina? Assemelham-se a enormes avestruzes negros,

de pescoços e pernas compridíssimos. Vêm-se aproximando. Realmente, não tenho vontade de entrar em luta com eles. Pergunta ao Paulo que vem a ser isto."

Diz o humorista: "Pergunta tu mesmo. Essas aves certamente fugiram do Jardim Zoológico e não terás medo delas?" Diz outro: "Claro que não. Mas quero saber de onde são. Talvez sejam maus espíritos."

Responde o primeiro: "É bem possível serem espíritos, pois quem vive tem que ter elemento espiritual. Agora estão à nossa frente e não resta dúvida estarem inclinados à luta. Talvez sejam maus. Falarei com Paulo." Dirigindo-se a esse, ele diz: "Prezado amigo, que função tem esses avestruzes negros? São agressivos?" Diz Paulo: "Ora, não! Nada farão contra vós. Vêm a fim de nos convidar a visitar seu palácio. Tende calma. Em breve saberemos quem são."

Os dois acalmam-se e orientam os demais, igualmente perplexos com a aparição. Quando bem próximo das aves, estas perdem sua figura de avestruz e se tornam criaturas esquálidas. Apenas algumas se adiantam pedindo a Roberto que conduza a assembleia ao seu antigo palácio feudal. Roberto responde não ser ele o Senhor e Me aponta como Tal. Ao que elas retrucam: "Não sendo senhor, por que vais à frente?" Diz ele: "Por ser da Vontade do Senhor, assim como também é da Vontade Dele vos dirigirdes à Sua Pessoa, caso pretendais alguma ajuda. Nós outros só podemos socorrer-vos pelo conselho e ensino. A ação é unicamente do Senhor. O que Ele ordenar, sucederá."

A essa observação os dois se encaminham para Mim e dizem: "Se fores o Senhor, pedimos acompanhar-nos com toda a assembleia." Digo Eu: "Que faremos em vossos palácios? Que dignitários sois, que Eu não vos conheço?"

Dizem eles: "Não somos espíritos, e sim, duques e arquiduques, reis e algo mais. Moramos todos num palácio de alta nobreza. Deves vir conosco, pois lá o entendimento será melhor." Viro-Me para Roberto: "Leva-nos até lá, e veremos o que nos será revelado."

Roberto se vira para os dois dizendo: "Se ouvistes o que disse o Senhor, guiai-nos à vossa casa." Dizem eles: "Não temos casa; temos um palácio da alta nobreza, por sermos dessa linhagem."

Intervém Helena, algo irritada com a maneira cansativa de expressão: "Ora, ora. Tende cuidado se vosso palácio não vier a ser um chiqueiro. Isto é para rir. Sujeitos tão esquálidos pretendem morar num palácio!" Diz um deles: "Cala a boca, do contrário a poremos em cadeados. Deve-se considerar feliz que Nosso Senhor a deixe viver. Compreendeu?"

Diz Helena: "Dizei-me, há quanto tempo já morrestes? A julgar pela maneira de expressão, talvez vivestes antes de Adão? Pelo que vejo, o caminho nos leva aos Capuchinhos. Seria lá o palácio da alta nobreza?" Retruca um deles: "Contém tua língua. Não nos entendes por seres muito jovem. Estamos com os Capuchinhos, não em cima, mas debaixo da terra." Concorda Helena: "Também tenho a impressão de serdes habitantes subterrâneos. Certamente estais pela primeira vez por cima do solo?" — Diz ele com raiva: "Já te disse, para calares. Não obedecendo, levarás castigo, compreendeste?"

Diz Roberto a Helena: "Querida, não deves discutir com esses seres; são muito rudes e poderiam prejudicar-te. Além do mais, percebo para onde nos conduzem, dispensando outras perguntas. São todos regentes da dinastia Habsburgo e Lorena, falecidos há muito. Repousam na cripta imperial dos Capuchinhos, dos Agostinhos e alguns nas catacumbas da Catedral de Estevão, seu palácio de alta nobreza. Não demora e estaremos diante de seus esquifes. Silêncio."

206.° CAPÍTULO

Na cripta imperial dos Capuchinhos. A questão principal é — Jesus!

Entrementes chegamos à cripta, fato de pouco agrado dos nossos acompanhantes; pois o humorista de pronto observa: "Agora pergunto, que lucramos nós com essa história? Nada. O bom Paulo conseguiu tirar-nos de um buraco a fim de que fôssemos metidos num pior. Amigos, sabeis o que é a vida? Apenas movimentação contida, constituída de fome, sede e misérias. E tudo isto é levado de tumba em tumba, no que parece concretizar-se sua finalidade. Inicia-se a peregrinação no ato da fecundação, até o Infinito.

Aqui, nessa antiga cripta, podemos fazer estudos filosóficos e até mesmo ajudar aos habsburguenses a desempenhar algum papel de almas do outro mundo. Tal encenação, partindo de Carlos, Rudolfo e Leopoldo da Áustria seria verdadeiro bálsamo para os estômagos vazios de alguns capuchinhos, pois as missas pouco lucro dão. Além disto, seria útil à liberdade clerical de Roma. Se tal aparição de fantasmas pudesse ser apreciada por muitos, e isto numa cripta da nobreza, — a fé nas missas e nas indulgências seria colossal."

Diz um outro: "Como te é fácil pronunciar tolices! Quem disse devermos ficar aqui só porque viemos com os amigos que nos libertaram da nossa reclusão anterior? Presumo terem esses soberanos o desejo de despertar de seu sono secular, por isto se dirigiram da melhor maneira possível aos amigos de Deus. A responsabilidade de aqui estarmos cabe somente a nós mesmos, pois poderíamos ter ficado lá fora. Ouçamos as opiniões dos outros."

Aduz o fiscal da alfândega: "Bem falado. Cada um desses esquifes contém a História de povos que viveram sob a direção de seu soberano. Mas, quando Deus Mesmo visita local dessa ordem, convém calarmo-nos. — Vede como o Senhor, Jesus, observa com tristeza os velhos esquifes, em companhia de Seus amigos. Neste momento, Paulo diz: "Senhor, Teu Amor, Graça e Misericórdia não tem limites, no entanto existe muito elemento morto nesses caixões."

Diz o tirolês: "É lógico não haver representações coreográficas dentro de um esquife. Sei que esses monarcas produziram situações escabrosas devido à tirania aplicada aos povos. — Questão diferente é, se aquele simples judeu, em palestra com Paulo, é realmente o Filho de Deus. Tudo é possível! Falta a certeza. Julgas eu ser inimigo do Cristo ou talvez não acredite Nele? Enganas-te. Venero-O muito e tão logo perceba Sua Identidade Real, verás minha atitude para com Ele. Amo-O acima de tudo."

Responde o fiscal: "Está muito bem. Não teria deduzido isto de tuas palavras anteriores." — Diz o outro: "Só porque não falei em favor dos padres? Só se pode ser adorador devoto do Cristo quando se é inimigo do papismo, pois ambos não combinam."

Opõe o fiscal: "Nunca achei a religião católica tão ruim, e bem se pode ser feliz com ela." — Diz o outro: "Sim,

quando a pessoa se dá por satisfeita com o Céu do calendário camponês."

207.° CAPÍTULO

Pedido dos espíritos regentes. O cavaleiro de fogo e sua profecia do fim do mundo.

Neste instante, Paulo se dirige aos moradores da cripta, dizendo: "Fomos desviados de nossa rota e incitados a seguir-vos. Que esperais de nós? Quais as aptidões atribuídas às nossas pessoas? Falai, a fim de que vos socorramos de acordo com vossa capacidade psíquica."

Adianta-se um deles e diz: "Sou alemão, católico, e em virtude de meu nome e posição, o primeiro regente, e me chamo Rudolfo. Não faz muito percebi grande movimentação no ar e um cavaleiro de fogo aproximou-se de mim, dizendo: "Esta vossa residência ficará deserta e nenhuma pedra continuará em cima da outra. A Terra será purificada pelo fogo e o sangue. A peste dizimará os pobres aos milhões, e um enorme clamor se fará ouvir pela boca dos potentados. Assim virá o fim do mundo!" Tais foram as palavras horríveis do cavaleiro de fogo, enchendo-nos de tanto medo que começamos a gritar.

Ele, então, prosseguiu: "Antes disto, Deus, o Senhor, chamará a todos, inclusive os mais pervertidos. Ele até mesmo Se dirigirá ao mundo dos espíritos, revelando-Se aos presos nas trevas. Serão conservados os que se entregarem a Ele. Seus predecessores serão Pedro, Paulo e João, incumbidos de transmitir a Luz aos presos, projetada pelo Nome de Deus Onipotente. Quem aceitar Este Nome em seu coração, receberá um outro nome e o Senhor reerguerá suas fortalezas frágeis e seus burgos roídos.

O Senhor também virá à Terra, primeiro pela palavra surgida de coração e boca dos sábios por Ele inspiradas, havendo posteriormente muitos a serem despertados deste modo. Tão logo a Terra estiver purificada, Ele virá em Pessoa, junto de todos que O amarem, possuindo corações puros e bondosos." — Após tais palavras, o cavaleiro de fogo se afastou qual raio, sem que tivesse jamais voltado.

Ultimamente ouvimos o boato de terem surgido na divisa da "Fiandeira na encruzilhada" certas criaturas dizendo-se mensageiras de Deus e igualmente fazendo milagres para positivar a veracidade de sua missão. Sem mais delongas deixamos nosso palácio de alta nobreza e bem organizados procuramos contato com elas. Sois vós, indubitavelmente, tais pessoas.

Nós, regentes, depositamos o pedido aos vossos pés para erigirdes nossos antigos burgos e fortalezas para impossibilitar sua destruição pelos adversários. Nesta reedificação incluímos o nosso palácio imperial. Se fosse atingido pela destruição, tal infelicidade teria efeito tanto no passado quanto no futuro para a dinastia de Habsburgo e Lorena, arriscando sua subsistência.

Em 1848 apenas uma pedra começou a afrouxar e muito custou à dinastia manter a antiga pompa. Firmou-se novamente e está com a melhor intenção de reger seus súditos, premiando os bons e aplicando punição à medida das infrações, atitude de acordo com a Vontade de Deus."

Diz Paulo: "A profecia do cavaleiro de fogo foi certa, entretanto ainda não se cumpriu. Vosso pedido e preocupação política são fúteis e tolos. Em que vos poderiam ajudar os antigos burgos e palácios na Terra? Se bem que o cavaleiro falasse no reerguimento, não se referiu às construções materiais e sim, à vossa fé e esperança pelo poder do amor a Jesus, Deus, o Senhor. A esses Ele de há muito desejava edificar em vós, que padeceis em treva espiritual devido à vossa própria índole. Se isto quiserdes, afirmo-vos em Nome do Senhor, aqui Presente, por vós entretanto desconhecido, que Ele atenderá as vossas súplicas quando as externardes.

Considerará igualmente a dinastia terrena, enquanto se justifique e aja de modo tal a evitar a miséria dos povos. Se estes começarem a se queixar de viva voz, o Senhor saberá pôr término à dinastia. Tanto ela quanto seu trono nada valem para Deus, por servirem unicamente para conduzir os Seus filhos. A dinastia não sabendo apresentar o rebanho do Pai, não considerando-O como deve, — ela não serve mais. E o Senhor saberá como finalizar uma dinastia orgulhosa."

208.° CAPÍTULO

Advertência à humildade.

Prossegue Paulo: "Eu, Paulo, servo fiel do Senhor, Jesus, declaro a vós todos: Perante Deus, o Senhor, todos os tronos e dinastias são um horror. Se a dinastia respeita a Vontade Dele e age dentro de princípios derivados do Verbo Divino, Seu Amor e Misericórdia, ela está acima do trono e justificada perante Deus e pode contar com a Graça, Força e Poder Divinos. Ai do inimigo que a ataque! Lembrai-vos disto, antigos dinastas, cujo espírito se acha profundamente enterrado na matéria. Não existem dinastia e trono de consistência se não forem ocupados por enviados de Deus.

Um império como o de Habsburgo há tanto em função deve se justificar perante Deus, do contrário não existiria. Precisamente por alimentardes compreensão diferente da dinastia, como se fosse o mais elevado poder que existe tanto na Terra quanto no Céu, sendo Deus obrigado a empenhar todo Poder em sua conservação, — encontrai-vos em tamanha cegueira e treva. Eis um erro capital, pois o Senhor é o Poder Único das dinastias e dos tronos, mas apenas por causa dos povos.

Deus aplica à dinastia a mesma medida que um fazendeiro emprega ao seu rebanho: quando vê que um ou vários animais estão doentes, ele tudo faz para recuperá-los. Se o empregado for preguiçoso e displicente, ver-se-á mal com seu patrão, e caso não se emendar será despedido. Se o proprietário de grandes manadas dispensar cem pastores em virtude de sua deficiência no trabalho, de modo algum excluirá uma ovelha doentia e sim, procurará curá-la.

Lançai um olhar sobre a Terra: os povos ainda são os mesmos. Onde se acham as dinastias que os regeram, há tempos? Tornaram-se maus pastores perdendo seu emprego. Por isto, afastai de vosso coração o que é fútil perante Deus. Despi vosso orgulho dinasta como se fora roupagem imprestável e cobrí-vos da veste da humildade e do conhecimento verdadeiro a fim de que possais ser incluídos nas fileiras das ovelhas de Deus, Seus filhos verdadeiros.

Ouvistes as palavras do cavaleiro de fogo, dizendo que os mensageiros por vós procurados seriam acompanhados

pelo Próprio Senhor, para erguer vossos castelos e fortalezas destruídos. Eu, Paulo, acrescento mais: Ele já Se acha aqui, à minha esquerda. Aproximai-vos e externai-Lhe os pedidos de vosso coração. Ele, unicamente, possui a Fonte Original da Água Viva. Tão logo a tiverdes tomado, vossa sede será saciada para sempre. Ofereci-vos algo real e bom, entretanto não satisfará a ânsia ardente de sede vital. A Água do Senhor sacia a sede por toda Eternidade. Ele pode ajudar. Nós outros não temos poder para tanto, mas apenas a capacidade de preparar nossos irmãos ignorantes para o auxílio de Deus,"

Diz o primeiro dinasta, Rudolfo: "No início teu discurso foi bom e nos demonstraste a situação real. Alegar ser este homem ao teu lado, o Senhor, Deus Mesmo de Eternidades, é demasiado tolo. Se um soberano na Terra não apresentar condecoração, caminhando qual empregado burguês, será culpado pelo mau trato recebido. Se tal acontece com regente do mundo, o que esperar-se partindo do Eterno Soberano de todos os soberanos? Além disto, consta: Deus habita na Luz inconfundível."

Responde Paulo: "Sim, mas não para todos. Justamente a Luz que ora envolve o Senhor, é para ti e os teus a mais impenetrável, por ser a luz da humildade e submissão algo inadmissível para seres como vós. Declaro-vos, teríeis imediatamente reconhecido o Senhor caso Ele de vós Se aproximasse radiante qual Sol. Nesta veste, porém, Ele Se torna impenetrável. Ser-vos-á difícil, no futuro, aproximar-vos de Sua Pessoa. Sabeis de tudo. Fazei o que vos agrade, pois disse o que tinha que dizer."

209.º CAPÍTULO

Um antigo dinasta palestra com o Senhor.

Nisto se adianta um outro dinasta, espiritualmente morto, e Me diz: "Ouviste o que falaram de ti aquele Paulo e o velho Rudolfo. Soou tudo muito estranho. Por isto desejava saber de ti se naquilo existe algo de verdade. Não que pretenda considerar o primeiro como mentiroso, pois sua pessoa inspira a maior confiança. Facilmente poderia estar demasiado imbuído de ti, chegando ao ponto de divinizar-te em virtude de seu grande amor.

De modo algum tenciono elogiar ou criticar esse bom homem. Quero analisar os fatos e conservar o que for bom. Dize-me, que devemos pensar de ti. É possível Deus Se apresentar às Suas criaturas, a teu modo? Seria admissível o Onipotente ser visto pelos seres?"

Respondo: "Exiges de Mim não palavras, mas ações. Agindo Eu qual homem em sua importância, dirás: Isto qualquer um pode fazer, sem ser Deus. Realizando algo incomum, tomar-Me-ás por mago ou naturalista, dizendo: É muito fácil fazer tal coisa quando se tem as necessárias noções e prática; não é preciso ser-se deus efetuando-se milagres aparentes. — Se Eu realmente operasse uma ação exclusivamente possível a Deus, de nada te adiantaria e sim, prejudicaria muito. Com isto estarias condenado, pela segunda vez, à morte eterna. Uma entidade coagida não pode entrar no Meu Reino. Crê nas palavras de Paulo que viverás. Nada mais poderei acrescentar acerca de Minha Pessoa, por não estares preparado para tanto."

Diz ele: "Tens razão; todavia não compreendo por que um genuíno milagre que prove tua origem divina, pudesse ser nocivo e até mesmo mortal. Tudo que vejo é milagre da Onipotência e Sabedoria de Deus — e eu mesmo sou a maior prova disto — entretanto, não me prejudica. Não vem ao caso, um milagre a mais ou a menos. Não me toca a maneira pela qual Deus pretenda mostrar-Se diante das criaturas. Continuarei espiritualmente livre e poderei pensar e agir como agora, onde só tenho a convicção da Divindade de acordo com a minha fé.

Podes fazer o que quiseres, e eu continuarei o mesmo que fui. Se fores Deus, serei eu tua criatura, satisfeitíssima em poder conhecer meu Criador. Não o sendo, serás para mim algo extravagante, fato de somenos importância para nós dois.

Quando ainda era regente em Viena, fui procurado em audiência por um homem esdrúxulo, pois, ao lhe perguntar qual seu desejo, ele disse: Sou o deus Mercúrio e opero grandes milagres. Quereis ouro, pedras preciosas e pérolas? Âmbar e vinhos finos? Desejais a Lua? Ver o vosso inimigo? Paz ou guerra? Proporciono-vos a paz. — Disse-lhe: De tudo isto desejo apenas ver os meus inimigos e qual o preço para tanto. — Respondeu ele: Sois o soberano e o país é vosso. Dai-me crédito apenas, como prêmio.

Estendi-lhe a mão, dizendo: Se isto for possível e eu vencer os inimigos, ninguém me tirará a fé em ti. — Ele em seguida mandou que eu observasse dentro de um grande espelho e vêde, percebi enorme número de pessoas conhecidas, adversas, sempre em trama contra mim. Entre elas, outras, que eu julgava meus melhores amigos: Irritado, virei-me para ele: Se tiveres algum poder sobrenatural com o qual consigas realizar tais coisas — aniquila esses meus inimigos. Dar-te-ei em troca o que estiver em meu poder.

Disse ele: Será feito, mas de modo natural e o mais agradavelmente possível. Organizai uma grande festa. No teto do salão de jantar mandai fazer uma vasta abertura, cuidando de fechar portas e janelas. As mesas devem ser postas com as iguarias e bebidas mais finas, e não devem ser esquecidos cantores e músicos. Enquanto permanecerdes à mesa deve reinar a maior alegria. Após algumas horas, ordenai que se afastem os músicos e cantores e em seguida mandai abrir o teto de onde surgirá um canto muito suave acompanhado de enorme quantidade de pétalas de rosas e jacintos. Trancai todas as saídas da sala, — e dentro de uma hora os inimigos serão sufocados pelo perfume.

Perguntei: Quanto queres por esse conselho? — Disse ele: Nada mais do que tua crença, — Prossegui: Mas, o que afinal devo crer de ti? — Respondeu: Ser eu realmente o deus Mercúrio, para o qual deves construir um templo. Não terás carência de ouro e preciosidades, pois entendo atraí-los num só ponto da Terra. — Disse eu: És um homem esquisito. Atrai a Lua para junto de nós, e eu cumprirei tua exigência. — Eis que ele tirou do bolso um espelho redondo, depositou-o em uma mesa perto de uma janela aberta, pela qual a Lua começava a projetar sua luz. Ele se postou a certa distância e eu vi a Lua flutuando em minha sala de audiência como se estivesse no firmamento.

Em seguida lhe disse: Vejo seres mais que um homem comum e creio-te sábio dotado de talento por Deus como já os houve sobre a Terra. Não posso considerar-te deus perfeito porque usaste de meios externos para realizar alguma coisa. Uma divindade tem que possuir o dom de criar espontaneamente. Afirmaste poderes arranjar-me ouro e pedras preciosas, portanto projeta-os do nada como prova de tua divindade. — Respondeu Mercúrio: Não podes ver a minha

divindade e continuar vivo; por isto não posso operar milagre real, porquanto te mataria. Incubro o meu ser através de meios externos e aparentes. Dar-te-ei ouro e jóias em abundância. Basta arrumares ferro, cal e carvão.

Prontamente isto tudo foi trazido. Em seguida ele apanhou um vidro de dentro de um bolso e umedeceu o ferro com algumas gotas de seu conteúdo, e imediatamente aquilo se transformou em ouro puro. Após isto, deitou cal e carvão num grande recipiente, regando-os com outro líquido. Ouviu-se um forte ruído no vaso e um odor estranho encheu a sala. Afirmou ser aquilo inofensivo e que eu tivesse paciência. Como o mau cheiro me incomodasse, fui para a sala contígua. Passada meia hora ele me chamou — e vi dentro do recipiente um diamante formidável. Cal e carvão haviam desaparecido e o salão estava repleto de perfume.

Mandei vir o joalheiro da corte para examinar os objetos. Para minha maior estupefação ele constatou sua genuinidade. Todos os químicos e farmacêuticos ficaram perplexos, sem saberem dar explicação. Insistiram para que aquele homem lhes desvendasse o segredo. Ele respondeu: O mistério consiste em eu ser um deus, — e vós, criaturas, cegas, fracas e mortais. — Dando de ombros, os cientistas responderam: Não seria tão difícil provar-se tua identidade, divina ou humana. Bastava matar-te qual criminoso e tua morte determinaria o julgamento.

Retrucou ele: Desisti dessa prova e considerai não ser aconselhável provocar-se os deuses, pois antes de vos aperceberdes já estaríeis reduzidos a pó. — Eis que os outros tentaram agarrá-lo. Ele os repeliu quais insetos, subitamente desapareceu da sala e ninguém mais o viu.

Amigo, tal fato foi deveras raro, no entanto continuei o mesmo e minha crença não sofreu coação. Pensei que também fosses algo mais que simples homem. Mas pode ser possível quereres impor-te como deus, por conta de ciências ocultas, elevando-te a soberano mais favorecido do que eu te recompensando regiamente pelos teus milagres.

Mostra-me algo milagroso, cria um mundo diante de meus olhos, que continuarei tal qual sou. Para mim não existe milagre maior ou menor. E Deus é sempre Deus, na criação de um inseto ou de um elefante, se na veste luminosa do Sol ou Se revelando aos Seus filhos como mendigo. Qual

foi o efeito produzido por todos os milagres do Cristo em seus conterrâneos? Quase nenhum, com exceção em alguns pescadores e parentes. Os outros tomaram-No por mago, médico e tudo, menos Deus. Entretanto, foi realmente o próprio Deus."

210.° CAPÍTULO

Milagres e seus efeitos. O dinasta reconhece a Sabedoria do Senhor.

Digo Eu: "Sei melhor do que tu qual o efeito de um milagre da Criação material, sua conservação e manutenção, Aliás, não deixa de ser justa a tua observação quanto ao milagre da Criação material, sua conservação e manutenção, demonstrando Poder e Sabedoria Divinos. Os habitantes deste como de todos os planetas podendo observar tais milagres, testemunhos evidentes de Deus, tem que morrer fisicamente, pois o físico também não deixa de ser milagre.

Cada milagre é para a alma observadora um julgamento, do qual ela só pode ser libertada pelo poder da máxima renúncia. Esta só pode consistir no afastamento de tudo que tenha o mais leve traço de coação. O afastamento, por sua vez, é o que chamais de morte física ou material.

Tudo que não for posse do espírito tem que morrer dentro da alma, pois enquanto qualquer algema externa a mantiver presa em algumas fibras vitais, a centelha divina não poderá expandir-se inteiramente para libertá-la de todo o julgamento.

A Divindade pode operar milagres a fim de levar a alma à convicção; como tais realizações só conseguem agir sobre ela externamente, elas atam e algemam a psique de tal forma a impossibilitar a recordação de um livre movimento, condição única de vida perante Deus. Por isto ela tem que chegar a tal ponto em que se liberta de toda manifestação externa para se poder expandir o espírito, proporcionando-lhe consistência eterna, frente ao Pai. Com relação a Ele, nada pode subsistir que não seja divino.

Compreendes agora por que te privo de milagres? Se Deus não tivesse deitado o espírito na alma inteligente e compreensiva, nem um minuto ela poderia existir como entidade independente: passaria pela sensação de uma gota

d'água em ferro incandescente. Por isto, os animais vivem sem inteligência e conhecimento; do contrário sua existência seria impossível. Compreendes?"

Responde o dinasta: "Tenho a impressão de entendê-lo, entretanto isto não sucede e para tal fim seria preciso mais do que a pessoa ter usado coroa e cetro, por alguns anos. Agora percebo o motivo pelo qual és o primeiro de teu grupo. És o mais sábio, conheces a fundo o mundo espiritual e material e as relações intermediárias. Se em virtude disto és realmente Cristo, o Senhor, — eis uma questão diferente.

Ignoras que um verdadeiro cristão deve ter cuidado na aceitação de qualquer indivíduo ser o Cristo apenas porque pratica milagres idênticos a Mercúrio? Na Escritura se lê que em determinada época surgirão muitos falsos profetas fazendo milagres e dizendo-se o Cristo, mas que não se lhes deve dar crédito? O aparecimento do Cristo será qual raio, do levante ao poente. Além disto a Chegada do Senhor será à noite, como se fora ladrão. Assim sendo, deves perdoar-nos a dúvida de seres o Cristo. Pedro, Paulo, João e Jacó, — serão aceitáveis. Mas o Cristo...?"

Digo Eu: "Não vos faço tal exigência; é o bastante confessardes ser Cristo, Deus e Senhor de Céus e mundos. Mister se torna chegardes a esta convicção; pois todos os presentes seguiram-nos por tal motivo, recebendo sua salvação. Imitai-os que encontrareis o mesmo."

Diz o dinasta: "Será feito neste momento." Em seguida ele se vira para a família real, moradora da cripta e diz: "Ouvistes as palavras deste amigo e não necessito repeti-las. Sou de opinião devermos aceitar sua proposta, porquanto nesse estado nada lucramos, nem perdemos. Meditai com calma e dizei-me vossa decisão. Poderemos em seguida deixar este local, ou ficar, sabe Deus, quanto tempo.

Fui e ainda sou cristão e meu lema foi sempre: Sem o Cristo tudo estaria perdido. Assim também creio devermos fazer tudo em Sua conquista. Se este prêmio não for nosso ou o Cristo sendo apenas um mito para nós, seremos as criaturas mais infelizes. Mas se Cristo é Deus, Senhor de Céus e Terra, teremos Nele um Pai, visível e eterno, cheio de Mor, Bondade e Misericórdia, não expulsando Seus filhos qual Divindade poderosa e justa na qual habita Sabedoria, nunca porém Amor Paternal e Graça.

Eu, chefe de Habsburgo, penso e sempre pensei da seguinte forma: Quem é orgulhoso e altivo faz questão de um deus altivo, orgulhoso e insondável — pecado do aristocrata que muitas vezes também influenciou minha alma. — Este amigo esclarecido explicou-me há pouco no que consiste a impenetrabilidade da Luz onde Deus reside, isto é: na humildade e submissão incompreensível de Deus — um horror aos orgulhosos. Por isto, digo: Mea culpa, mea maxima culpa! Como Imperador sempre agi dentro de princípios monárquicos, muito embora não me largasse a idéia ser aquilo atitude do orgulhoso. Agora fez-se a luz em mim e convido todos os meus descendentes a acompanhar este bom amigo. Afirma Ele ser Cristo. Por ora deixemos isto de lado. Tudo é possível. Em virtude do Evangelho, que aconselha a máxima prudência neste sentido, vamos analisar o assunto a fundo. Que me dizeis?"

Diz um do grupo: "Sabemos seres tu Rudolfo de Habsburgo, o primeiro em virtude de nome e dignidade. Teu palácio de alta nobreza não está aqui, mas alhures. És apenas morador e não podes assumir a direção. Nós outros sentimo-nos bem aqui. Somos justos e igualmente cristãos. Por isto ficaremos até o Dia do Juízo Final, quando pediremos a Deus, Graça e Misericórdia. Fomos justos e severos com os pecadores, de acordo com a nossa consciência e as circunstâncias. Muitas vezes também perdoamos aos infratores. Assim, queira Deus perdoar-nos no Dia Final — e até lá continuaremos em paz."

Inquire Rodolfo: "Por que nos acompanhastes quando nos dirigimos a este grupo?" — Respondem alguns pretendentes ao trono: "Assim agimos por causa da *parada* e receosos da profecia do cavaleiro de fogo. Vendo que nada disto é real, permaneceremos neste nosso palácio de alta nobreza."

211.º CAPÍTULO

Maria Thereza e outros dinastas concordam com Rodolfo.

Diz em seguida Rodolfo: "Espero haver alguns mais inteligentes entre vós, tolos. Aliás, é verdade ninguém passar privações neste palácio, além de certa falta de liberdade e alegria, pois essa existência semelha-se a um "dolce far nien-

te." Agradeço por tal vida. Prefiro ser pastor de carneiros a morador dessa residência imperial. Qual é vossa opinião, vós três, últimos descendentes de Lorena, e tu, minha filha Maria Thereza? Ficareis aqui até o problemático Dia do Juízo Final?"

Responde ela: "Caro tio-bisavô! É preciso u'a mudança, do contrário nos tornaremos estátuas." — Concorda José da Áustria: "Convém aproveitarmos a oportunidade. Quem perdê-la terá perdido coroa e cetro e não haverá época que os devolva." — Aduz Leopoldo, seu irmão: "Tomo a liberdade de juntar-me a vós. É impossível continuarmos deste modo." — Diz Francisco: "É isto, e não importa sermos ridicularizadas pelos outros. Muito sofri na Terra, Minha mocidade consistiu de guerra, perseguição, aborrecimento, medo e ódio. A velhice era somente atribulações, enfermidades e, no final, a morte dolorosa. Aqui, no mundo dos espíritos, é-se aniquilado pelo tédio mortal. Vamos quanto antes."

Diz Rodolfo para Mim: "Amigo, estamos prontos para seguir-te. Alguns parentes se juntarão a nós; assim podemos sair, se for de teu agrado."

Digo Eu: "Um pouco de paciência, prezado amigo. Sempre te apreciei e nunca incorreste em uma injustiça, pois alimentavas um grande amor para com Deus, Jesus. Eis a razão pela qual foste ungido para guia dos povos. Recebeste da Força Divina o direito hereditário para teus descendentes, de sorte que após alguns séculos ainda ocupam o trono, por parte de mãe e segundo as ações dos súditos.

Tendo agido sempre com justiça, receberás o prêmio pelo qual há alguns séculos estás esperando. Julgas isto uma certa injustiça por parte de Deus; mas tal não se dá. Um soberano, por mais justo que for, de modo algum pode descer de sua posição elevada ao pó da humildade. Tem que se deixar honrar e adorar qual deus, do contrário não seria potentado. O Reino de Deus só pode se tornar posse daqueles que se humilharem até a mais ínfima fibra da vida.

Quem ocupou em vida simples posto, fácil é descer às profundezas da humildade; entretanto, tal não se dá com quem obrigatoriamente exerceu a direção máxima da dignidade e grandeza humanas. Os cientistas atingiram o alvo ao determinarem o mar como superfície mais baixa do planeta, calculando dali a altura das montanhas. Quem habita na

praia, com alguns passos recebe a bênção das águas profundas. Ao encontrar-se no cume da montanha mais elevada, necessitará de mais tempo para chegar à margem.

Espiritualmente falando, os soberanos se encontram em tais alturas e precisam de muito tempo para chegar ao mar. Davi foi um rei segundo a Vontade de Deus, bom e justo. Todavia, teve que esperar vários séculos no Além até receber a salvação plena. Deves, portanto, aceitar Minha Determinação recebendo a maior justificativa de Minha Justiça, Graça, Amor e Sabedoria.

O que acabei de explanar serve para todos os que usarem na Terra a coroa sobre os Meus povos. Quem quiser aceitá-lo, siga-Me. Quem não quiser, fique. Infelizmente aqui há muitos de má vontade. Antes de deixarmos este local quero que Paulo, Meu Instrumento, faça ouvir a voz despertadora sobre o sono dos ignorantes. Talvez alguns possam ser conscientizados. Sua vontade é tão livre quanto seu espírito; por isto não posso afirmar: Serão estes ou aqueles; pois não quero prever e sim, considerar com Meiguice e Misericórdia. Minha Indulgência é maior para com os que muito tiveram que responder e tornaram-se cansados e sonolentos sob o peso enorme da responsabilidade. Levanta-te, Paulo, e desperta os que o quiserem."

212.° CAPÍTULO

Discurso veemente de Paulo e seu efeito.

Paulo se levanta e se dirige aos dinastas sonolentos e diz: "Caros amigos e irmãos em Cristo, o Senhor!" Prontamente é interrompido pelo pai de Maria Thereza, que reage com desprezo: "Quando teríamos cuidado de suínos para que se atrevesse a tratar-me de irmão? Por acaso ignora quem somos? Seja mais educado, seu judeu atrevido, do contrário saberá quem é o Imperador."

Paulo o ignora e continua dizendo: "Consta que terão que responder por pouca coisa os que obtiveram missão pequena. Mas, quem recebe tarefa grande, prestará conta maior. — Todos vós fazeis parte dos que receberam por Deus uma grande incumbência, portanto o ajuste de contas é enorme. Eu, Paulo, asseguro-vos que estais cheios da antiga teimosia

enferrujada da nobreza, que vosso Dia Final chegou e tereis que prestar contas, caso não desistais de vossa teimosia. Deus, Jesus, nosso Senhor e Pai, muito embora pleno de máximo Amor, Meiguice e Paciência, não aceita gracejos, porquanto visa apenas o bem para Seus filhos. E Este Jesus, que nos libertou do poder de Satanás por meio de Sua crucificação, encontra-Se aqui, Paciente e Meigo qual ovelha. Mas Sua Meiguice e Paciência não são ilimitadas. Ai de vós quando começar a discutir convosco. Não haverá uma justificativa de vossa parte, pois sois todos grandes pecadores perante Ele.

Quantos não foram por vós executados somente pelo vosso orgulho desmedido, e não raro por meios cruéis. Quão duramente perseguistes sempre uma criatura inspirada e iluminada. Que crueldades foram usadas contra irmãos evangelistas. Que inomináveis tristezas levastes a milhares de famílias. Que fúria não foi aplicada contra a Doutrina Pura de Jesus durante a guerra de trinta anos! Quantas injustiças não pesam em vossa consciência. Vossa aspiração se concentrava exclusivamente no crescimento de vossa pompa às custas da vida e do sangue de milhões de criaturas igualmente filhos de Deus como vós. Quantos milhares paderecem inocentemente nas prisões devido à preguiça e incompetência dos juízes que usufruíam de vossa proteção. Rios de sangue injustamente derramados gritam por vingança contra vós. Caso o Senhor vos julgasse dentro da justiça teríeis de pagar vossas crueldades no fogo do inferno, por eternidades afora.

No entanto, Ele resolveu empregar Sua Graça Paternal porque não Lhe aprazem os sofrimentos dos pecadores, embora merecidos. Ele vos considera muito enfermos e aqui veio para vos curar. Que vos impede a seguir a Chamada de Sua Voz? O que tendes aqui? Nada mais senão o que cria vossa imaginação dominadora. Ainda assim não estais dispostos a seguir o exemplo de vossos irmãos que, cientes de que diante de Deus toda grandeza de nada vale, aderiram ao Senhor conquanto ainda não O conheçam a fundo.

Considerai Rudolfo, um regente segundo o Coração de Deus, Thereza, José, Leopoldo, Francisco e outros, — eles também cometeram muitas coisas fora da Ordem do Amor Divino. Mas Deus pesou o jugo que tiveram que suportar, apagou-lhes a culpa como a Davi e já os aceitou em Seu Reino. Os que se encontram junto Dele também estão no Reino Dele. Agora o Senhor está disposto a conceder Sua Graça a

todos. Forque não a quereis aceitar? Não é preferível seguir à Chamada Dele a amadurecer para o inferno devido à vossa teimosia?" Esse discurso abala a todos, com exceção de um que afirma: "Serei Imperador para toda eternidade, também perante Deus."

213.° CAPÍTULO

Um Imperador teimoso.

Intervém Paulo: "Podes elevar tua concepção da soberania de um imperador; mas de que adianta se ele não possui país, povo e poder? Acaso é ele imperador por si mesmo ou pela Graça Divina? Quem dá ao homem poder para governar, e aos povos vontade para obedecer? Deus, o Senhor, Único, de todo poder e força. Se Ele te fez regente, como podes insistir na dignidade imperial como se fora posse tua?

Se fosse tão fácil ao homem se tornar imperador sem ajuda do Senhor, haveria muitos imperadores na Terra. Tal hipótese seria um horror para Deus, razão pela qual instituiu um para muitos países e lhe faculta poder, força e grande pompa, mas apenas durante sua vida e dentro de sua capacidade.

Após a morte o imperador deixa de sê-lo para sempre, tornando-se idêntico ao mais simples súdito. Poderá no Reino de Deus alcançar algum mérito pela humildade e o grande amor a Deus e ao próximo. Uma obstinação naquilo que alguém foi na Terra, não faculta vida e suas vibrações e sim, a morte real e seus efeitos. Reflete bem no que farás. O portal da Graça e Misericórdia, especiais, não se acha constantemente aberto, tampouco é sempre dia e verão. No verão poderás deitar as sementes nos sulcos da terra, que elas germinarão e trarão frutos. No inverno teu esforço será inútil, pois em tal época a porta da Graça especial está fechada para certa parte do orbe e será aberta somente na primavera. Lá, o abrir e fechar se dão regularmente por ter o Senhor organizado a natureza deste modo. Aqui tal não sucede. Tudo é livre, mormente a Vontade Divina. Ninguém poderá afirmar antecipadamente: Agora vem a primavera e em seguida, o verão da Graça. Tudo isto está oculto nos Desígnios do Senhor.

Neste momento, a porta da Graça acha-se aberta para todos. Aproveitai a oportunidade, pois quando estiver fecha-

da, ninguém poderá desfrutar da mesma. Acaso supões descer o Senhor diariamente dos Céus mais elevados, a fim de ensinar, curar e agraciar Suas criaturas e delas fazer Seus filhos? Por certo que não, e Ele sabe porque não o faz. É o Amor e a Misericórdia Personificadas; todavia não dá Sua Graça excepcional a toda hora e a qualquer um.

Fui outrora o maior e mais feroz perseguidor do Senhor, entretanto me proporcionou a maior Graça e me fortaleceu para me tornar apóstolo dos pagãos, enquanto determinou os demais para os judeus. E muitos outros, mil vezes melhores e mais dignos do que eu, não foram agraciados. Aos sábios Ele priva da Graça e aos pequeninos e simples Ele revela o Seu Reino e Misericórdia.

Daí se deduz fazer o Senhor o que quer, de acordo com Sua Sabedoria Intrínseca. Nunca Ele dá em abundância, para mais tarde tirar tudo. Quem se julga garantido está muitas vezes rodeado por mil perigos; e o temeroso que receia ser tragado por milhares de perigos, muitas vezes é de tal forma protegido pelo Senhor a ponto de ele nada sofrer, ainda que o mundo caia em frangalhos. Assim, Ele faz o que quer e não necessita de conselho humano. Por isto é tolice imperdoável não aceitar as Dádivas de Sua Mão Santíssima quando Ele a estende para alguém. Desiste de teu posto de imperador e aceita a Graça de Jesus, que viverás, do contrário morrerás em tua fantasia."

Responde o teimoso imperador: "Falas com inteligência como se foras ministro. Mas que diferença existe entre ministro e imperador! Apresenta-me o Senhor. Ouvi-lo-ei com magnanimidade e dar-lhe-ei audiência especialmente prolongada."

Diz Paulo: "Essa é boa! Pretendes dar audiência ao Senhor, caso eu to apresente? Tolo desvairado! Dar audiência ao Senhor! Eu, Paulo, estremeço diante de tal idéia! Não pode ser criação tua, e sim, de Satanás! Aconselho-te a teres um pouco de bom senso."

Diz o teimoso: "Um regente fala a seu modo e um apóstolo como o entende. Não acho algo por demais uma audiência e não pode ser errado eu pedir ao Senhor para aproximar-se. Na Terra também se chama um padre para vir em companhia do Cristo, quando se é tão enfermo a não poder procurá-lo.

Se te achas tão inteligente deves convir haver grande diferença entre um imperador, embora humano, e um homem simples. A esfera de cada um constitui sua própria natureza, Se eu aqui falo das alturas de minha natureza psíquica, não erro como se algum outro te dirigisse a palavra desse modo.

Fui imperador e nem Deus me poderá tirar tal noção, a menos que me tire a recordação do passado. O fato de eu nada mais ter que mandar aqui, sei tanto quanto tu; portanto, nada mais necessito Dele. Cuidarei de meu futuro. Nunca suportei alguém me obrigar a aceitar o melhor que fosse. Queira desistir de me impingir algo, que aceitarei o bem e a verdade quando quiser. Do contrário, continuarei o que sou, bom ou mau. Compreendeste?"

Responde Paulo: "Perfeitamente. Apenas acrescento que enquanto o teu "ego" for juiz de tuas ações, o Ego de Deus não habitará em teu coração. Considerando apenas circunstâncias e diferenciações externas, tens razão em tudo. As relações internas da vida são, porém, muito diferentes. Como as desconheces, é preciso te submeteres a elas; do contrário não darás um passo no mundo dos espíritos, cujo habitante és há séculos. Não sou teu inimigo quando por Ordem do Senhor te revelo a plena verdade. Por que me tratas como se fora teu adversário?" Diz o outro: "Não te maltrato; todavia, não me agradas. Por isto quero ouvir algum outro para saber como agir."

214.° CAPÍTULO

Contagem de tempo, no Além.

Prossegue Paulo: "Receberás um outro, quando não fores tão material como pedra, no teu pensar e julgar. Sou Paulo, simples apóstolo, pelo motivo de raspar dos filhos, a matéria grosseira e batizar as crianças de certo modo ainda no ventre materno a fim de capacitá-las a receber o poderoso batismo do espírito. Enquanto não trocares teus pensamentos e desejos materialistas pelos do espírito, não te verás livre de Paulo. Como já disse, a tarefa dele é limpar o local para que os construtores possam iniciar o edifício que pelo Grande Construtor receberá as ornamentações correspondentes e as organizações internas.

Sê, no início, satisfeito comigo, pois quem aceitar Paulo chega a Pedro, João e, finalmente, ao Próprio Senhor. Todo principiante no caminho da evolução tem que começar com Paulo, do contrário não alcançará Pedro e muito menos João. Quem não encontrar João, no chegará ao Senhor, pois João é idêntico ao Amor de Jesus para com Seus filhos."

Retruca o ex-imperador: "Está certo. Entretanto, não és fiel nos detalhes e não posso confiar em ti. Alegaste eu me encontrar cerca de duzentos anos no mundo do Além. Isto é mentira, pois aqui estou apenas há cento e dez anos; faltam portanto noventa para teu cálculo. Acaso não seriam espíritos como tu capazes de precisar a existência de uma entidade nessas paragens? Se conseguires explicar isto, ficarei contigo."

Diz Paulo: "Queres discutir assunto desse teor? Fica sabendo ser Paulo um judeu genuíno. Tolo, aqui no mundo espiritual a contagem é a seguinte: Desde o momento em que pelo Senhor é depositada a centelha divina na alma (fato que ocorre quando a psique se capacita do primeiro pensamento, isto é, às vezes no primeiro ano da vida), a criatura se torna habitante do mundo espiritual onde vive metade de sua existência, o que provam os seus sonhos. Somente durante o dia é na maior parte habitante da Terra, muito embora se encontre através de pensamentos, meditações, preces, amor a Deus e obras de bem, no mundo dos espíritos. Eis o cálculo daqui. Ao acrescentá-lo aos cento e dez anos, constatarás não ser eu mentiroso."

Diz o teimoso ex-imperador: "Desconhecia tal contagem de tempo, e se me tivesses feito alusão anteriormente não te teria chamado de mentiroso, nem tu me classificarias de tolo. Estamos quites, não achas?"

Aduz Paulo: "Perfeitamente, entretanto tens que ouvir algumas palavras minhas." — Aquiesce o outro, mais cordato: "Podes falar à vontade. Dize-me, o que há na Terra e como passam os meus descendentes. Ouvi dizer ter havido grandes revoluções na Áustria."

Diz Paulo: "Encontramo-nos em Viena, aparente, e teremos muitos assuntos a liquidar. Nessa ocasião saberemos dos acontecimentos no mundo material. Por enquanto se trata cuidar de coisa mais importante. Ainda estás compenetrado da grandeza da corte, alimentada pelo sacerdócio riquíssimo e presumes ser apenas possível impressionar o mun-

do pela pompa externa para levar a plebe à obediência. Afirmo-te não haver compreensão mais errada.

Vê, um escamoteador entretém sua assistência ofuscada somente enquanto ela não descobrir a futilidade de sua arte. Quando for explicada por pessoa entendida, o falso feiticeiro tem que fugir porquanto pretendeu vender uma feitiçaria como ato real. O mesmo acontece com o brilho da corte: pode ser real ou falso. Ai do regente que tentar ludibriar o povo com falso brilho. Quando descobrir a trama, como aconteceu na Espanha e França, etc., o resultado será penoso.

O verdadeiro brilho imperial consiste antes de tudo na sabedoria e bondade do regente, numa prosperidade bem dividida e empregada aos súditos, na disciplina segura de um exército real e não apenas como medida de parada militar e em várias organizações governamentais, inspiradas no bem, perante as quais o mundo tem que render o maior respeito. Só então o rei poderá aparecer em palácio de acordo com sua dignidade, isto é, sábio governante de um povo feliz.

Que utilidade tem os passeios de um rei em carruagem de Estado, se o povo andrajoso, triste, cansado e faminto, chora e se queixa em desespero? De que adianta sobrecarregar os fracos com todo peso, enquanto se eleva o regente qual condor às alturas, ridicularizando a miséria da humanidade? A pobreza se vingará em tal rei que merecia o titulo de vampiro popular.

Vê os orgulhosos reis da Espanha, França e Inglaterra. Tombaram, vítimas da ira do povo revoltado. Ainda te encontras preso nessa grandeza externa, inútil para Deus e aos homens. Abandona isto, pois nunca te trouxe nem trará benefícios. Não fosse tua filha (Maria Thereza, 1780), de índole diversa da tua, de há muito não existiria mais a Áustria. Teria sido assaltada por todos os lados, como foi posteriormente feito pelo teu neto (José II) e mais ainda por Leopoldo II e Francisco II. Foste tu a lançares a semente desses males. Enquanto teus descendentes andavam em tua carruagem dourada, não eram livres de provações. O Senhor poderia modificá-lo e abençoar os carros transformados; entretanto não é fácil, mormente tal carro sendo adquirido através das lágrimas ocultas dos povos.

Ó Carlos, foste regente severo! Torna-te mais dócil diante de Deus, teu Senhor, para poderes curar as feridas que teu

orgulho desmedido aplicou aos povos. Se bem que não foste mau, eras severo. Sê meigo para com Deus e um bálsamo para os que, sob teu regime, feridos mortalmente, se encontram nas trevas. Muitos se acham aqui, por ti cegados. Dirige-te ao Senhor, nosso Deus e Pai, deposita o peso de tuas culpas aos Pés de Jesus, para que te fortaleça e cure todos os teus males."

215.° CAPÍTULO

Relato da vida de Carlos VI. Sua palestra com Jesus.

Diz Carlos VI: "Onde está o Je- Je-..., ora não consigo pronunciar o nome! Como era o segundo nome?" — Diz Paulo: "Jesus Cristo, isto é, o Salvador, Ungido. Não podes pronunciá-Lo porque nada Dele se acha em teu coração. Além disto não precisas indagar orgulhosamente onde Ele Se acha, porquanto está a meu lado e é sempre o meu próximo. Basta te virares para Ele e estarás junto Dele, à medida que isto te seja possível. Dize ao menos: Senhor, sê misericordioso com este grande pecador. Não mereço erguer os meus olhos para Ti! — E Ele fará o que for justo dentro de Sua Meiguice."

Diz Carlos VI: "Quer dizer que este judeu comum é Jesus, o Senhor?" Responde Paulo: "Exatamente." O ex-imperador coça-se atrás da orelha e diz (Trata-se do Imperador alemão Carlos VI (1.10.1685-20.10.1740) filho de Leopoldo I e pai de Maria Thereza. Época desta revelação: julho 1850) de si para si: "Credo! Este, o Senhor de Céus e Terra! Quase que Lhe teria dado uma esmola, tomando-O por mendigo. Às vezes os regentes também viajam incógnitos. Por que deveria ser impossível a Deus? Aceitarei tal hipótese, Paulo assumindo a responsabilidade, muito embora me seja enfadonho como todas as pessoas vulgares me eram insípidas. Por tal motivo só conseguia assistir a missas de grande pompa, onde não se admitia a ralé, mas somente a nobreza e altas patentes governamentais em trajes de gala. Do mesmo modo só dava audiência à plebe, no máximo, quatro vezes ao ano, e criei exércitos efetivos para evitar o contato do povo, em caso de emergência bélica. A própria vida matrimonial me era enfadonha e agora — terei que me submeter novamente a uma situação insípida? Este judeu tem que ser por mim consi-

derado Deus, quando, como Imperador, poderia ter executado todos eles? Que insipidez horrível!"

Diz Paulo: "Julgavas ser o Senhor arquiaristocrata como tu, achando enfadonho quem não se apresentasse como nobre? Trata de não te tornares insípido para Ele, pois em tal caso merecerias toda compaixão. Quem acha as organizações de Deus enfadonhas, é filho do orgulho e da altivez, portanto um horror para Ele. Deus Se inclina somente para os pequeninos e quem não se tornar como filho do mendigo mais paupérrimo, não compartilhará do Reino Celeste.

Supões que Ele aprecia os regentes mundanos? Ele os tolera como provação de povos corruptos. Jamais representam Seu Amor, e sim, Sua Ira justa. Ele Mesmo falou pela boca de um profeta: A todos os pecados praticados perante Mim, esse povo acrescenta mais este: exige um rei. Dar-lhe-ei um rei, em Minha Ira! Portanto, não foi movido pelo amor que Deus satisfez tal pedido do povo judeu, cioso de maior pompa através de um soberano, que o obrigou à servilidade e escravidão. Daí se conclui serem os regentes muito mais castigo do que bênçãos, porque as criaturas preferem o mundo a Deus. Se assim é, como podes te envaidecer de teu posto? Apenas Deus é Regente! As criaturas, irmãos. Vai, confessa tua culpa, do contrário tua situação será lastimável."

Diz Carlos VI: "Mas por quê? Agi como regente de tal forma que a História é obrigada a dar de mim testemunho digno perante Deus e os homens. Que deveria temer? Não usufrui o amor de meu povo, a ponto de levá-lo à sepultura? Que mal fiz para aguardar castigo?"

Diz Paulo: "Quanto ao teu regime foi castigo permitido por Deus para um povo pervertido e não vale a pena estender a crítica. Trata-se não tanto de tua ação referente aos súditos e sim daquilo que foste intimamente. Se disseres: Governei pelo meu poder! — teu regime foi péssimo. Afirmando ter sido a Força e o Poder Divinos que determinaram teu governo, a questão muda de aspecto, pois o Senhor não considera somente a ação, mas o motivo da mesma.

Seja a atitude mais justa que for, o indivíduo a fazendo por honra própria e não de Deus, ter-se-á prejudicado. O Senhor Mesmo afirmou: Se tudo tiverdes feito, dizei: Fomos servos inúteis e preguiçosos. Se alegares: Fui Imperador! — terás agido contra Deus e dás mau testemunho de ti. A passo

que se afirmares: Fui apenas mau instrumento na Mão de Deus, e o Senhor foi Regente usando minha vontade, fazendo de minha péssima semente um fruto bom, — estarás justificado por Deus.

Em tuas guerras prolongadas anos a fora não mataste tantas criaturas como fizera Davi, às vezes, num dia. Entretanto, foi ele um homem como Deus o quis; mas tu, não, pois julgavas agir pela própria força. Uma única vez Davi incorreu num erro por causa da mulher de Urias — e muito teve que padecer. Possuías a simpatia do povo, mormente da nobreza; teria sido melhor se o Amor e a Graça de Deus tivessem sido tua posse. Somente o Senhor é tudo em tudo, e nós, — nada somos perto Dele. Assimila isto no coração, dirige-te a Ele que melhorarás. O Senhor seja contigo."

Levado deste modo a refletir, Carlos VI diz após algum tempo para Mim: "Segundo o pronunciamento de Paulo serias realmente Cristo, o Senhor, crucificado pelos maus judeus, motivo por que me são extremamente repugnantes, de sorte a eu lastimar não os ter liquidado, ao menos no meu reinado."

Respondo: "Sim, sou Eu Mesmo! Se tiveres alguma objeção, fala o que Me falta para poder Me apresentar como Cristo perante ti."

Diz Carlos VI: "Pergunta estranha que jamais poderia ter sonhado. A julgar pela minha compreensão mundana, careces de muita coisa para seres reconhecido condignamente como Cristo, Senhor de Céus e Terra. Entretanto já não sou mais tão sensível e aceito chicote como metro e carapuça como coroa. Por que não aceitar-te como Cristo? Satisfaço-me contigo até que me apareça um melhor. Aliás tenho que confessar me agradares muito como Cristo, ao menos sabes desempenhar o teu papel. Teu benevolente rigor, tua cabeça majestosa e os grandes olhos azuis perfazem um digno representante daquilo que dizes. Não posso positivar a realidade. Contando com a responsabilidade daquele que te apontou a mim, ajoelho-me como o maior Imperador da Alemanha católica e digo: Senhor, sê misericordioso para comigo."

Digo Eu: "Estou satisfeito por teres chegado a este ponto, facilitando nossa saída da cripta, pois aqui habitam defuntos e é impossível falar-se em vida. Lá fora, onde uma luz mais pura penetra a imensidade do mundo espiritual, é mais fácil ver e sentir Quem é Aquele que ora te fala. Vamos."

Exclamam todos: "Salve, Senhor, por nos ajudares! Começamos a compreender por onde andávamos. Tu, somente, és nosso Salvador! Mereces todo amor e veneração!" — Diz Carlos VI, erguendo-se do solo: "Senhor, acompanho esta saudação com todo o fervor de minh'alma. Para onde nos levarás?" Respondo: "Às ruas de Viena. Lá veremos onde nos acomodarmos. Roberto, toma a dianteira em companhia de Helena."

216.º CAPÍTULO

Padres mendicantes.

Roberto se dirige à entrada da cripta onde encontra dois monges com vasta bolsa que lhe pedem um óbolo para as pobres almas do purgatório. Ele se desculpa por não ter dinheiro. Os dois cochicham com despeito: "Mais um miserável neste mundo!" Em seguida se dirigem aos dinastas que pelo mesmo motivo nada lhes dão, e os monges comentam entre si: "Com esta gente é preciso fazer-se requerimento a fim de se aguardar resposta alguns anos mais tarde. Estamos cansados de verificá-lo. Aí vêm quatro estranhos. Talvez larguem alguns fios de cabelo."

Prontamente Eu, Paulo, Pedro e João somos abordados. Paulo então lhes pergunta onde se acha o purgatório, e um monge responde com gravidade: "Duzentas milhas debaixo do solo, e cem milhas mais abaixo está o inferno com os condenados ao eterno fogo porque nunca fizeram algo às almas do purgatório."

Diz Paulo: "Tal fato é de vosso maior regozijo, não é?" Dizem eles: "Certo. E mesmo que fôssemos capazes de ajudá-los, não o faríamos. Essas pestes devem arder eternamente. Nem um Pai Nosso rezaremos por elas." Conclui Paulo: "Não sois muito caridosos. Que tal se estivésseis no inferno e ninguém de vós se apiedasse? Teríeis vontade de arder lá, eternamente?" Diz um deles: "Mas, que pergunta tola. Um monge não pára tão facilmente no inferno, pois está protegido pelas inúmeras missas, rezadas em benefício das almas. Compreendeu?"

Diz Paulo, com humor: "Ah, naturalmente. Esqueci as missas. Por certo socorrem aos aflitos. Que espécie de missas usastes, pagas ou gratuitas?"

Respondem eles: "Outra pergunta imprópria. Quem poderia celebrar missas gratuitas em Viena quando o tempo não chega para as pagas? Os abastados tem que pagar, do contrário será mais fácil um camelo entrar no Reino celeste. Quem tiver o Céu na Terra, merece o inferno no Além s caso queira ser feliz terá muito que pagar. Nós, ministros de Deus, temos o direito de abrir e fechar o Céu."

Diz Paulo: "Quem vos deu tal direito?" — Respondem: "Ora, o Papa, representante do Cristo na Terra. Se não for herege, o sr. sabe disto." Diz Paulo: "Muito bem, entendemonos e não necessitamos discutir. Dizei-me apenas se sabeis não estardes mais na Terra, e sim no mundo espiritual?" — Desatando a rir eles respondem: "O sr. está de miolo mole? Se estivéssemos mortos, estaríamos no Céu ou no inferno e jamais celebraríamos missas. Não vê que estamos na igreja?"

Responde Paulo: "Já compreendi serdes eternamente incuráveis; por isto vos deixaremos como sois. Sou Paulo, o célebre apóstolo do Senhor. Estes lá atrás: Pedro e João e em seu meio está Cristo, o Próprio Senhor, que queria ajudar-vos. Estais ainda muito cegos. Somente o abismo da noite trevosa onde existem clamor e ranger de dentes vos curará. Passai bem. Daqui a alguns séculos teremos outro encontro."

Paulo se afasta. Quando Me aproximo dos monges com Pedro e João, eles repetem seu pedido. Como não são satisfeitos, começam a nos mandar para o inferno e nos classificam de imundos e sujos. Nisto se aproximam os vienenses e agarram os monges para aplicar-lhes boa surra. Eu os impeço, dizendo: "Deixai-os. Já estão bastante castigados. Todo o seu esforço na Terra e mormente aqui, será a partir de agora, inútil. Secarão lentamente qual capim cortado e serão guardados para forragem de animais, na treva densa. Vamos. Vejo ainda algumas hortas onde temos que fazer colheita."

217.° CAPÍTULO

Diante da Catedral de S. Estevão. Cura difícil do orgulhoso clerical.

Dentro em pouco estamos defronte da Catedral e alguns dinastas Me pedem: "Senhor, já que tiveste a magnanimidade de visitar nossa capital, vivificando os espíritos erran-

tes e libertando-os das trevas através de Teu Amor, Graça e Misericórdia, lembra-Te dos infelizes enterradas nas catacumbas desta Igreja. Já compreendemos considerares os que na Terra eram simples. O erro deles constitui apenas na carência de educação apropriada, enquanto nos ricos os pecados derivam do orgulho e amor-próprio, mais tenazes do que nos outros. Necessitam de médico especial, como Tu."

Digo Eu: "Alegro-Me sobremaneira em vos lembrardes desses mortos e satisfarei vosso desejo. Entretanto aviso-vos ser a colheita aqui muito escassa. Nada há mais difícil de se arrancar de uma alma, sem prejuízo ou destruição total, do que o orgulho teosófico.

Imperador, rei e príncipe se julgam inalcançáveis entre os homens, estado natural devido ao seu posto. Coisa diversa sucede aos que se acham aí embaixo, na maioria representantes hierárquicos de épocas passadas. Julgam-se tão importantes a ponto de a Divindade ser obrigada a lhes obedecer. A essa idéia desvairada eles chegam pela doutrina errada de Roma que classifica todo sacerdote duas vezes mais elevado do que Maria Santíssima, enquanto ela é superior a Mim, de sorte que só por ela se consegue algo de Mim. Além disto as missas, onde podem fazer Comigo o que quiserem, exclamando qual Papa Alexandre: "Quem se arriscaria a discutir comigo? A Terra toda estremece sob meu passo, e tenho Deus à minha direita."

É fácil compreenderdes a dificuldade de se reconduzir tais espíritos à justa humildade, pois não só se consideram deuses e sim superdivinos. Tais são os moradores dessas catacumbas e dificilmente se alcançará algum êxito com eles. Assistireis a excessos de teimosia, mas não vos aborreçais e portai-vos como se eles fossem loucos. Não vos deixeis amedrontar, pois farão ameaças pela fixação de sua fantasia. Aliás, deveis considerar tudo fantasmagoria sem realidade alguma. Assim orientados, vamos."

Descemos às catacumbas onde deixo que se faça iluminação suficiente para que os dinastas possam vislumbrar os acontecimentos. Quando estamos no centro, Roberto Me aborda dizendo: "Senhor, permite achegar-me de Ti. Tenho que confessar, não obstante meu ilimitado amor para Contigo, jamais na Terra nem no mundo dos espíritos ter experimentado tamanho pavor como nessas galerias subterrâneas. Não

vejo ninguém. Somente um ou outro crânio nos assusta e um odor pastilento toca as narinas, contudo sinto uma vibração estranha pelo corpo todo. Os cabelos se arrepiam. Coisa esquisita! Quando há anos fui condenado à morte pelo príncipe Windischgraetz não senti tanto medo. Permites que eu fique ao Teu lado durante esta expedição?"

Respondo: "Está bem. Quero que todos venham a Mim quando estiverem aflitos, para poder aliviá-los. Fica aqui, que a dança macabra não demorará."

218.° CAPÍTULO

O Clero e o Imperador José II, designado para anjo de Justiça contra Roma.

Nisto se adianta o Imperador José II e diz: "Senhor, sê magnânimo para comigo. Não devia manifestar-me por ser grande pecador. Tratando-se do alto clero romano não posso silenciar. Conheci essa casta como talvez nenhum outro e foi por mim tratada de modo a não me esquecer. É quase impossível eu relatar diante de Ti o que passei com esses indivíduos. Sua perversidade e inescrupulosidade atingem um tão elevado grau que se torna impossível descrevê-las. Suas mistificações em Teu Nome são inomináveis.

Se tivesse sido possível, eu teria exterminado o papismo, pois como confessor de Tua Doutrina observava grande diferença entre o Teu Verbo e o catolicismo. Teria levado a efeito tal plano, caso minha vida se tivesse prolongado por mais doze anos. Essas víboras souberam fazer definhar o fio de minha existência sabendo que eu era uma pedra de escândalo para elas.

Alegro-me entretanto ter contribuído para o início de sua queda, pois sempre que recebo informações da Terra consta sofrer a prostituta de Babel de consumação incurável. Eis uma grande alegria para mim. Abençoa, Senhor, meu trabalho para que dê bom fruto na Terra."

Respondo: "Foste Meu servo como poucos antes de ti e nenhum após. Agiste como desejava o Meu Coração e foste fiel em tua vida doméstica. Deixei que Me servisses apenas por pouco tempo porque a humanidade não te merecia. Por isto castiguei-a por meio de guerras e outras atribulações,

fazendo com que ricos e pobres fossem humilhados. Tais humilhações continuarão até que a última semente seja destruída na Terra.

Dar-te-ei uma boa espada com a qual poderás atacar a prostituta de Babel de modo mais potente do que poderias ter feito em vida. És para Mim um lutador justo nessa causa importante. Não é preciso Me relatares os horrores desses servos negros e de púrpura; sei de tudo, razão pela qual chegou a época do julgamento. Atenção! Daquela cripta negra se encaminha para nós um arcebispo de teu tempo. Reconhecê-lo-ás de pronto e ele também a ti. Responde com calma, que Eu te inspirarei."

219.º CAPÍTULO

A verdadeira natureza do arcebispo Migatzi.

Diz José II: "Sim, sim — é ele! Reconheço-o pelo andar. Que aspecto assustador! Por cima do esqueleto está pendurado um velho manto. No crânio, u'a mitra cheia de imundícies. Deste modo ornamentado ele se dirige para cá, com passos cambaleantes. Estou curioso de sua atitude." Digo Eu: "Dar-te-á o que fazer. Não te deves aborrecer, pois todos esses seres são mais ou menos loucos."

Diz José II: "O que me admira é ter sido ele um dos mais inteligentes e sempre procurou concordar comigo. Os arcebispos de Salzburgo, Praga, Olmutz, Gran, Erlau, Agram, Trieste, Veneza, Trento e Milano me deram mais dores de cabeça do que o de Viena. Confesso até ter ele me prestado bons serviços no Governo. Por isto não compreendo como pôde chegar a esse estado deplorável."

Digo Eu: "Ele foi um dos mais entendidos vira-casaca de acordo com o vento. Analisava os porretes para ver se podiam ser dobrados por cima do joelho. Alguém se apresentando por demais forte e maciço, ele o fazia dourar para que nenhuma alma percebesse fazer parte do que se lhe atirava nos pés. Além disto deviam todos reconhecer o novo poder nas mãos do arcebispo. Quem caminha de mãos dadas com importantes imperadores, é respeitado quase tanto quanto o próprio soberano.

O arcebispo Migatzi percebeu que alguém se exporia sob teu Governo caso demonstrasse grande intimidade com o Papa, dependente da Áustria, naquela época, pois te havia honrado com sua própria visita, bem calculada em benefício da hierarquia. Por isto preferiu aderir, tornando-se legislador secreto do Papa. Mantinha correspondência contínua com a Santa Sé, orientando-a, para se manter contra teu poder e conhecimento. Isto naturalmente constitui o maior triunfo para Migatzi, que de certo modo era Papa, acima do Papa. Seu máximo regozijo era existir um representante de Deus em Roma obrigado a dançar com o assobio do arcebispo de Viena.

Eis o motivo de sua consideração para contigo. As dificuldades que lhe impunhas ele sabia aproveitar, dourar e transformar em pequenos cetros que lhe traziam grandes juros, poder e consideração. Se presumes ser ele intimamente como se apresentava, estás muito enganado. Era mais Papa que o Próprio Papa e muito mais ultramontano do que todos os seus colegas. Odiava-te mais do que a morte. Como foste o móvel de ele se tornar orientador do Papa, favorecia-te e te ajudava no Governo. Estás informado da índole daquele teu colaborador?"

Diz José II: "Imagina só! Podia supor tudo, menos isto. Realmente, quem quiser aprender a política negra e se tornar mestre, que procure os de batina preta e manto de púrpura onde a encontrará mais elevada do que na cabeça de Satanás. Espera só, político negro, terás que roer um osso duro comigo!" Digo Eu: "Tem cuidado para ele não se tornar mais duro contigo. É ungido com todos os óleos e não será tarefa fácil encaminhar alma dessa espécie. Controla-te, que ele vem aí."

Eis que o arcebispo avista José II, aproxima-se e diz com voz esganiçada: "Salve, irmão José! Como vieste parar neste buraco miserável?" Responde José II: "Vim visitar-te." — Diz o arcebispo: "Muito bem; mas se fores o mesmo herege da Terra, serás aqui mal recebido."

Diz o ex-imperador: "Não importa. Sabes que José entende ser considerado. Poderás alegar o que quiseres, que te darei a mesma resposta dada por mim ao patriarca de Veneza quando me mostrou um quadro onde o Papa usa as costas de um soberano enfraquecido para montar sua mula, lançando um olhar de desprezo ao regente." Pergunta Mi-

gatzi: "Qual foi a resposta?" — Diz José: "Tempi passati! O mesmo te direi se me apresentares algo que me desagrade. Com relação à tua pessoa não deixei de ser imperador. Dize-me como estás passando e o que fazes?"

Diz Migatzi: "Que pergunta mais imprópria! Olha para mim, meu estado de magreza e terás a resposta. Minha veste traduz meu trabalho. O mundo quer ser enganado, portanto enganemo-lo. Foi este nosso lema de sempre e ainda o é. A humanidade não quer fazer uso do maior milagre: razão e intelecto divinos. Prefere um espetáculo enfadonho a pensar e estudar, pois é por demais preguiçosa. Exige fé milagrosa para fugir da análise. Daí deduzir-se querer ela ser enganada.

Se reunires artistas de várias espécies para fazerem demonstrações individuais e em sala contígua um prestidigitador produzir suas magias conhecidas, este terá maior auditório. Assim é o mundo e sempre será. Por isto, o princípio jesuíta é a melhor invenção, pois se baseia em a natureza.

Os antigos egípcios criaram uma das melhores religiões baseada somente em mistérios e superstições, por isto conservou-se além de dois mil anos. Quando alguns amigos do povo começaram a esclarecê-lo quanto à mistificação de sua crença fielmente cumprida, em breve surgiu uma quantidade de inimigos dos sacerdotes. Os templos eram destruídos e seus representantes assassinados ou expulsos. Qual o lucro disto para o povo? Nada mais que misérias, tristezas, desespero e no fim a completa ruína de sua nacionalidade e celebridade quase divina. Não teria sido melhor se tais esclarecedores jamais tivessem surgido no povo egípcio? Dentro da ignorância teria continuado feliz, e o sacerdócio, único sabedor da nulidade do homem, teria gozado seus lucros, imperturbavelmente, pois toma a si o maior peso da responsabilidade, certo do aniquilamento após a morte, entretanto procura manter a crença popular em Deus, imortalidade, etc.

Bastaria se divulgar não haver vida após a morte e a multidão cairia nas piores loucuras. Em poucos instantes muitos se tornariam verdadeiros tigres e hienas. O sacerdócio assume tudo isto e enfrenta a destruição eterna porque compreende a grande vantagem do não-ser sobre a existência. É, portanto, a maior ingratidão da humanidade para com esses grandes benfeitores quando são traídos por revolucio-

nários. Realmente não deixam de sê-lo, mas apenas em benefício do povo.

Em que se baseia a felicidade de chineses e japoneses? Nunca foram perturbados em sua ignorância, pois seus regentes cultos esperavam que seus povos jamais conseguissem esclarecimentos. Os que se atreviam a transmitir algum ensino, foram maltratados.

Tu mesmo, caro amigo, ao invés de caminhar de mãos dadas com o sacerdócio, aplicaste-lhe um ferimento incurável. Qual seria o critério de um arcebispo em relação à tua pessoa, e o da própria humanidade? Tiraste-lhe algo sem recompensá-la. Se alguém é feliz em sua ignorância, — para que esclarecê-lo tornando-o infeliz? Todas as criaturas são delinquentes expostos à morte. Quando adormecidos, alegram-se com seus sonhos. Mas, ao despertar, são assoladas pelo pensamento da morte, afligindo-se sobremaneira.

Não é por menos que a Igreja se cognomina de "mãe", pois é realmente qual genitora para os filhos. Dá-nos toda sorte de alimento e bebidas que induzem ao sono, a fim de que não se venha a sentir a miséria humana. Quem se mantiver firme na Igreja e usar os seus meios, não sentirá a dor da morte. Ai dos orientadores do povo! A morte se vingará horrendamente. Que me dizes? Ainda pretendes consolar-me com o "tempi passati?"

Responde José II, lacônico: "Através de tuas palavras sem base apenas provaste encontrar-se o sacerdócio na pior ignorância, procurando incuti-la aos povos, por muito dinheiro. Eu e milhares de outros nunca duvidamos da imortalidade da alma, e nossa fé não era cega, mas lúcida. Sentimos ser possível a todos reconhecê-lo caso não sejam impedidos pelo sacerdócio. É nesse ponto que me referi ao "tempi passati", e nos agrada sobremaneira termos conseguido alguma elucidação."

220.° CAPÍTULO

O arcebispo Migatzi considera demente o Imperador José.

Prossegue José II: "A prova de serem tolas e infundadas tuas afirmações em favor da Igreja se evidencia pelo fato de termos morrido há sessenta anos, entretanto continuamos

bem vivos. Fosse o povo ensinado na verdadeira crença, mais fácil seria conduzi-lo ao bem e à verdade. Uma vez se entregando ao sono, não se pode esperar evolução espiritual. Quão rápido surgiram na Inglaterra as invenções mais úteis desde que o povo recebeu alguma instrução. E qual foi o nosso progresso na Áustria sob o regime de minha mãe?

Meu primeiro ministro perguntou-me certo dia como era feito um alfinete após tê-lo examinado prolongadamente, e eu, verdade seja dita, não pude responder. Se eu, como Imperador, desconhecia a maneira de se fazer um alfinete, o adiantamento do meu Estado devia ser precário. Além disto, me contaram ter um frade esbravejado contra os alfinetes por tomá-los como feitiçaria. Ele mesmo havia tentado durante uma semana confeccionar apenas um, sem consegui-lo. Durante a experiência lhe apareceu o espírito do mal, dizendo: Entrega-me tua alma, que te ensinarei a fazer alfinetes aos milhares! — O susto dele foi tão grande que desfaleceu, e não fosse Nossa Senhora, por ele venerada, estaria perdido.

O povo estando entregue a imbecis dessa ordem, que esperar de seu adiantamento? Esse e outros motivos me levaram a acabar com tais absurdos e, graças a Deus, meu esforço foi coroado de êxito. O Papa já perdeu a consideração perante muitos fiéis. Em compensação fui excomungado ao pior inferno, sem sofrer o menor prejuízo. Aqui, a meu lado, está Cristo, o Senhor de Céus e Terra, em Pessoa, portanto sou feliz."

Retruca o arcebispo, nervoso: "Já eras herege no ventre materno e sê-lo-ás no pior dos infernos. Alegas já termos morrido. Tolo! Politicamente morremos porque fomos aposentados. Na realidade continuamos em Viena e há bem pouco estive em "Hietzing", passando um dia bem contente. Acaso existe este local para excursões também no mundo dos espíritos? Eu, como arcebispo, estou bem informado se realmente há tal mundo. Não havendo vida após a morte, a tua afirmação é inócua. O mesmo sucederá com a Divindade do Cristo. Vês a que ponto chegou o teu desvario, considerando um reles judeu como Cristo, morto na cruz, jamais podendo voltar à vida? Teu estado mental não te faz recordar teres sido levado qual louco ao sanatório? Certamente este fato te deu a impressão de tua morte. Se quiseres, poderei curar-te para poderes gozar a liberdade da vida."

Diz José II: "Eu, um louco? Muitas mentiras já proferiste sobre minha pessoa, mas esta ignorava. O fato de não acreditares na imortalidade da alma e no Cristo não me perturba e tampouco me esforçarei nesse sentido. O que me irrita é tua afirmação de ser eu louco, quando sei positivamente como faleci.

Com toda certeza foi a consideração por parte da Igreja que me enviou um ramo de flores especiais, provocando-me uma forte dor de cabeça e resfriado. Não liguei importância, esperando que ele passasse. Como demorasse, consultei meu médico que me aconselhou a ficar alguns dias de cama, tomar suadores e fazer inalações. Melhorei um pouco; entretanto, comecei a sentir certa pressão no cérebro até que se apresentou um tumor maligno, crescendo constantemente.

A junta médica, com exceção de um facultativo chamado Quarin, alegava não haver perigo. Notando, pelo espelho, sua expressão preocupada, perguntei se havia cura. Quando me respondeu pela negativa, fiz com que fosse elevado à nobreza pois sentia entender ele mais do que os outros. Piorei dia a dia e morri em plena consciência e sem medo. Tive a impressão de adormecer; em breve, porém, despertei no mundo espiritual. Por este relato provo não se ter apagado a minha memória. Que achas?"

221.º CAPÍTULO

Migatzi alega outra causa da morte de José II.
O amor como único testemunho de Deus.

Diz o arcebispo Migatzi: "Caro amigo, não me altero com tuas palavras, pois não fui daqueles que se opunham ao teu Governo, muito embora o pudesse ter feito como arcebispo e cardeal. O que me aborrece é tu me culpares indiretamente de um atentado à tua pessoa. Fui teu amigo mais íntimo e tanto quanto tu, livre maçom, razão pela qual tinha meus motivos para concordar com tuas inovações. Dou-te minha palavra de honra haver engano quanto à minha participação na tua morte.

A razão de tua moléstia se baseava num defeito orgânico, apresentando-se em escrófulas latentes, enquanto tua vida era controlada em relação ao sexo feminino. Quando come-

çaste a te exceder e finalmente foste contaminado por uma criatura infeccionada, algo desse veneno localizou-se na cabeça. Não ligaste a menor importância e os médicos, como sempre, não reconheceram a moléstia, tratando-te indevidamente. Assim te tornaste vítima do mal. És tu o culpado de tua insanidade ou morte, já que pretendes estar morto. Não culpes a Igreja, inocente de tua enfermidade, pois terias sucumbido de qualquer forma.

Teria me alegrado muito se tivéssemos podido reger por muitos anos os povos da Áustria. A fatalidade quis que ambos saíssemos do palco da atividade. Não podemos alterar as leis do Cosmos, de sorte que ou morremos, como afirmas, ou fomos enclausurados num sanatório após a aposentadoria, de onde nos deixam sair algumas vezes ao ano. José, sê inteligente e não consideres esses judeus mais do que são. Se realmente isto for o mundo espiritual e houver algo de verdadeiro na pessoa do Cristo, — ele se apresentaria frente a um imperador e a um cardeal de modo diverso ao de um reles judeu!"

Diz José II: "Peço-te mudares de atitude, em Presença de Jesus, o Senhor. A paciência Dele deve ser enorme, suportando nossa palestra. Entretanto, duvido ser ela ilimitada. Sempre que as criaturas começam a pecar obstinadamente, não pretendendo abandonar sua evidente maldade, Ele toma outras medidas. Se eu, por exemplo, tivesse renunciado ao sexo fraco alguns anos mais cedo, quando justamente o Pai me mandava sérias advertências, poderia ter prolongado minha vida por dez a vinte anos e reger os povos em Nome de Deus. Não ligando aos avisos recebidos, a Paciência do Senhor se esgotou e tive que deixar o palco da vida, dolorosamente. Por isto, não desafies a Paciência Divina, compreendeste?"

Responde o arcebispo: "Tudo isto é possível. Antes de me apresentar de modo diferente, devo estar certo de ser ele mesmo. De que me adianta o teu falatório? Dá-me provas de sua identidade que mudarei de atitude."

Diz José II: "Enquanto o teu coração não disser, movido pelo espírito do amor: Ei-Lo!, todas as provas serão inúteis. Quem quiser reconhecer Jesus terá que amá-lo. Quem O amar, tê-Lo-á vivamente dentro de si. Eis a única prova pela qual alguém pode e deve reconhecer Jesus. Ama ao Cristo neste judeu tão simples, com todas as forças de tua alma, e verás se Nele se oculta algo mais."

Opõe o arcebispo: "És realmente esdrúxulo. Como poderia amar Jesus neste judeu antes de saber ser ele o Cristo? Não seria reduzir e vilipendiar a Divindade do Cristo, caso seja Deus como diz a lenda, alguém amando e venerando o primeiro judeu que aparece? Venerá-Lo simbolicamente no pão e no vinho, admite-se por ter sido isto instituído por Ele Mesmo como Sua Personificação. Se o Cristo é apenas um mito, a veneração é tolice. Caso contrário, seria blasfêmia que merece o inferno."

Responde José II: "Não me digas. Eis a própria orientação do Cristo: Se alguém acolhe uma criança ou um irmão, pobres, ter-Me-á aceito. Quem Me aceitar, terá acolhido Aquele que Me enviou. Se o Próprio Senhor Se põe em pé de igualdade com os pobres, porque deverias adotar outra medida? É o nosso orgulho que imagina uma Divindade Grandiosa, deixando passar ao largo o Cristo em veste modesta. A alma orgulhosa não suporta o que é humilde e simples. O orgulhoso almeja Deus com cetro e coroa. O humilde, de modo a poder erguer seu olhar ao Pai, dizendo: Senhor, vem junto a mim na veste da humildade sincera; todavia, não sou digno de Te fitar. Qual dos dois seria do Agrado do Senhor?"

222.º CAPÍTULO

Autoconfissão do arcebispo.

Diz o arcebispo: "Tenho que meditar um pouco para dar-te resposta condigna." Esfregando a testa, ele caminha de cá para lá, dizendo de si para si: "Esse imperador é mais ortodoxo do que eu, arcebispo e cardeal. Se não me envergonhasse, ver-me-ia obrigado a aceitar o que disse desse judeu. Se eu estivesse só, já o teria feito. Meus inúmeros colegas, que aqui moram comigo, chamariam todos os demônios caso eu fizesse tal coisa. Bastaria fazer apenas menção para aderir a assembléia, que eles me atacariam quais hienas, ó José, tiveste razão quanto ao teu critério sobre Roma. Sei que assim é. Mas, que fazer quando se pertence a esse grêmio?

É-se obrigado a enganar o mundo com atitudes enfadonhas e fazê-lo crer em algo impossível. Além disto, temos que nos rodear de um nimbo divinizador, enquanto o valor individual estiver abaixo de um tratador de suínos. Que vem

a ser um arcebispo e cardeal? Nada. Quase nada mais sabe daquilo que aprendeu no Seminário. E no posto eclesiástico não se adquire outros conhecimentos, a não ser a conservação de suas finanças e da dignidade religiosa, mantendo-se o inferno aberto ao invés do Céu. Eis a função de um arcebispo. Ninguém pode viver sem sapateiro e alfaiate, — entretanto, se passa muito bem sem arcebispo. Quem se atreveria a dizer tal verdade?

Ó José, tens razão, entretanto não posso confessá-lo. Se assim fizesse, seria atacado por todos os lados. Se ao menos soubesse como livrar-me dos colegas. Estaria disposto a adorar não só esse judeu de aspecto honrado, mas qualquer engraxate mereceria ser considerado por mim, que nada sou. Sei, como tu, já ter morrido, encontrando-me há sessenta anos ou mais no mundo dos espíritos, muito embora não tivesse acreditado em tal possibilidade.

Ó José, liberta-me dos meus colegas e verás a minha transformação. No íntimo não fui amigo de Roma, mas tive que enganar o mundo. Tu mesmo, bom José, desconhecias teu amigo Migatzi, sempre pronto para ajudar-te. Conheces Roma externamente. Eu, sua base. Enquanto não aparecer um Hércules para destruí-la, jamais se fará a luz na Terra."

Finalizando esse monólogo, o arcebispo dá um suspiro e diz a José: "Caro amigo, pedi que esperasses por uma boa resposta. No entanto não consigo formulá-la, pois existem coisas entre Céu e Terra que jamais alguém sonhou. Espero que me entendas?"

Responde José: "Como não? Nesses recintos há grande número de padres que temes tremendamente. Teu pavor é tão fútil quanto tua dignidade clerical. O Senhor abriu o ouvido do meu coração e assisti ao teu monólogo, de sorte que não necessitas dar-me resposta. Já te tornaste meu amigo sincero, e o Senhor te dará o que te falta. Abandona o medo dos colegas. Garanto que nada te farão. Não viemos por causa deles, e sim para ajudar-te. Dirige-te ao Senhor. Basta uma palavra Dele para te salvares."

Diz o arcebispo: "Sabes eu concordar contigo. Custa-me aceitar esse filho de Abraão como Jesus, o Divino Mestre de Nazaré. Mas, seja como for. Cristo, o Ungido de Deus, Verdadeiro Sumo-Sacerdote Eterno, é o Amor Divino para as criaturas. Se me tratar com amor, pecador miserável, será o

Cristo e Salvador Eterno ainda que em trajes de sapateiro. Não me tratando com amor qual padre católico, não o considerarei.

Infelizmente também fui clérigo e tive que pregar e condenar todos os que não se ajoelhavam perante a tiara. Minhas condenações não tinham efeito porque nunca acreditei no purgatório e muito menos no inferno, pois não os podia atribuir ao Amor e à Sabedoria de Deus. Além disto, sentia grande amor para com as criaturas, a ponto de não poder realmente condená-las.

O homem mais perverso o é apenas por algum tempo e no começo tinha certamente a tendência para não agir de outra forma. Se ele, após analisar sua natureza, educação, motivos e circunstâncias que o levaram a assim agir, for condenado na Terra ou aqui até que se tenha regenerado, o castigo é justo. A passo que uma pena eterna por crime temporal, não pode ser aceita e muito menos determinada pelo Amor e a Sabedoria Divinos.

Por aí vês não ter sido eu propriamente clérigo na acepção da palavra. Encontrando o Cristo como realmente é e não como foi instituído em Roma, aceitá-Lo-ei em vestes simples. Se for à moda católica, nosso destino estará selado e o inferno não terá saída para mim."

Diz o Imperador José: "Concordo plenamente. Neste verdadeiro Cristo encontrarás tudo o que desejas. O fato de não conceber um Deus vingativo e, sim, um Pai Magnânimo e cheio de Amor, provou a minha abolição da pena de morte, aplicando aos piores criminosos penas tais a lhes facilitar sua regeneração. Apliquei o castigo capital, no início, em apenas perversos diabólicos. Um deles havia esquartejado sua amante por maldade e espalhado as diversas partes pela rua, durante a noite. O outro era vampiro sem escrúpulos. Tive que dar um exemplo, entretanto me arrependi em seguida. Se os tivesse entregue às galeras, talvez se tivessem transformado. Não obedeci tanto ao meu critério, mas à voz do povo. Tanto vês que..."

Interrompe o arcebispo: "Sim, vejo que foste regente nobre e dentro da Vontade de Deus. Por isto aceito este teu amigo como Cristo, sem considerar o que será de mim. Meus colegas farão escândalo. Já os ouço esbravejar. Será algo horrível."

223.º CAPÍTULO

Critério do Senhor quanto a Roma.

Súbito, cerca de cem indivíduos esquálidos, em farrapos, tiaras amassadas, surgem de todos os cantos com gritos estridentes e se destacando o dirigente com aspecto de asno. Não deixa de ser o mais ignorante. Mas não importa, pois nomeiam sempre o menos preparado a fim de agirem à vontade, conforme acontece na eleição do Papa, onde os espertos cardeais escolhem o mais fraco e teimoso ultramontano. De um salto, o superior está ao lado de Migatzi e mostra uma expressão de grande rigor provocando o franco riso da assembleia do Senhor. Procurando dar-se maior respeito, tal indivíduo acentua seu desagrado e colhe apenas gostosas gargalhadas.

O chefe dos clérigos perde a paciência, abre a boca o quanto pode e se esforça por pronunciar uma maldição dentro dos moldes católicos. Eu o impeço, de sorte que só consegue zurrar. Helena e Roberto quase sufocam de rir e mesmo os apóstolos não conseguem se dominar. Todos os monarcas se divertem e José II assegura jamais ter visto fisionomia tão ridícula.

Roberto vira-se para Mim e diz: "Senhor, não compreendo como pude apavorar-me quando entrei na cripta, pois agora quase estouro de rir com o zurrar do superior. Na realidade interpreta ele os protestos de Roma em épocas de Lutero e atualmente o faz contra os neo-católicos. Essa gritaria é o zurrar de um asno e o superior, um quadro fiel do papismo."

Digo Eu: "De modo semelhante será o efeito do esforço e zelo do Vaticano. As criaturas começarão a ridicularizar seus servidores e quanto mais se aborrecerem tanto maior será o deboche, até que finalmente sejam aniquilados pela própria ira. O que ora vês em moldes diminutos acontecerá na Terra, em larga escala. Os servos de Bileam tudo empenharão, fazendo magias, gritando e urrando — o povo, porém, se divertirá como faz nosso grupo frente a esse asno. Tal humilhação será o melhor meio de cura para esses tolos.

Dentro em pouco verás o motivo do teu medo anterior. O íntimo desses padres se apresentará e ficarás admirado de

suas fantasmagorias. Entrementes, influenciarei a assistência para se portar qual público descontrolado, em comédia de pouco valor. O efeito será ótimo."

Nisto se adianta Migatzi e diz: "Senhor Jesus, Tu O és em Verdade! Só agora Te reconheço na íntegra. Honra Te seja dada para sempre!" Pegando de sua mão, digo: "Irmão, sê perfeito!" Imediatamente ele adquire aspecto saudável. Sente-se leve e fortificado e sua visão clareia gradativamente. Somente a roupa continua a mesma, fato que o perturba consideravelmente. Analisando-se, diz, após certo tempo, cheio de amor e confiança: "Jesus, Deus Verdadeiro e Filho Eterno do Pai! Como já me libertaste do antro de perdição sem que o tivesse merecido, livra-me desse resto de aspecto nojento e odor desagradável. Essa roupa, repugnante, do orgulho e da fraude, desejo trocar pela do mendigo mais pobre — e me sentirei feliz."

Digo Eu: "Irmão, tua indumentária representa orgulho para quem a usa com vaidade e altivez. Tu não o fizeste mas a usaste apenas pelo ritual prescrito pela Igreja. Assim, foi realmente uma veste de honra e não repugnante como julgas. Nem tudo é deplorável em Roma. Um horror é ela usar de meios diabólicos por causa do dinheiro, tais como: milagres, curas fictícias, indulgências, relíquias e estampas, santinhos, frases beatas, cerimônias tolas, locais de peregrinação, arrecadação de dinheiro para o luxo das igrejas, postos e honrarias, domínio e autoridade. Não quero mencionar os óbolos, a confissão, templos, sinos e órgãos, obras de arte, conservação das casas de oração e as cerimônias pomposas de sepultamentos; — tudo isto, usado com pureza, se presta a elevar e enobrecer a alma. A Igreja católica usando tais recursos a fim de cegar o coração humano no sentido da criatura somente poder ingressar, por intermédio dela, na vida celeste e receber a Minha Graça, é maldade.

Por este meio faz-se de Mim, o Pai, um tirano temido pelos ignorantes; nunca, porém, amado. Os compreensivos e intelectuais começam a se envergonhar de Minha Pessoa e não querem saber de um Salvador nos moldes da Igreja católica. Isto ela consegue pelos ensinos autocratas, ditames, concessões e privilégios que alega ter recebido de Mim, alimentando contudo as superstições. Deste modo ela se aniquila a si mesma — e já o fez.

Isto tudo não provém da veste, mas do incrível abuso da mesma. Por ora guarda tua indumentária. Ao deixarmos essa Viena e após termos visitado outro local, ela se transformará." Satisfeito, Migatzi Me agradece por este aviso. Nesse instante ouve-se dos cantos escuros uma gritaria incrível: "Fora com esses hereges, apóstatas amaldiçoados por toda eternidade!" Migatzi tem quase uma vertigem e diz, tremendo: "Senhor, em Teu Santo Nome, — como podes ouvir tamanho horror sem aniquilá-los com fogo e enxofre? Que acontecerá?"

Respondo: "Nada. Não sou qual homem que pretende destruir com fogo e espada algo que o contraria. Que espécie de criaturas vivem na Terra? Ainda assim faço com que o Sol irradie e aqueça o planeta, à medida da necessidade terráquea. O maior poder reside na paciência e no amor. Quem jamais desconsiderá-los alcançará coisas fabulosas. Assim também temos que empregar paciência e amor com os fracos e nosso esforço será coroado. Deixa-os gritar. Hão de se calar quando se cansarem. Não há motivo para medo e aborrecimentos."

No momento em que pronuncio a última palavra, ouve-se na retaguarda um forte trovão. Serpentes em brasa surgem de todos os cantos, em movimentos de ataque. Não faltam esqueletos, corujas e morcegos, e no fundo se vê uma goela horrenda com dentes em brasa. Ela projeta fogo e fumaça e na testa se lê: Sou o eterno dragão infernal para tragar os hereges atrevidos. Nesses incluo todos os luteranos, calvinistas, melantonistas, hussitas, gregos não unificados, quakers, livre-maçons, puritanos, anglicanos, sofistas e intelectuais que desconsideram a Igreja Católica, rindo-se dos cinco Mandamentos, incluindo os neocatólicos, heguelianos, straussianos, matemáticos e astrônomos."

Tal inscrição desperta forte gargalhada e Helena, antes receosa, diz: "Essa cena faria sucesso, principalmente em circo de macaquinhos. Em que se baseia a Catedral de Santo Estevão? Se tivesse tido uma idéia disto, em vida, teria sido a primeira a atirar um archote nesse templo. Ah, eis que aparece enorme falange em seus paramentos arquiepiscopais, acompanhada de grande séquito. Que será?" Digo Eu: "Calma, filha, e presta atenção."

224.º CAPÍTULO

Ódio, inclemência, cobiça e fraude dos padres católicos.

Nisto recua o dito personagem de aspecto ridículo. Os outros o recebem com profunda reverência, dizendo: "Reverendíssimo Núncio Apostólico do Santo Padre em Roma! Como pode hesitar com esses hereges? Condena-os ao inferno, sem dó nem piedade."

Diz ele com voz rouca: "Já o fiz. Esses diabos são muito teimosos e não obedecem, achincalhando minha pessoa. Conseguiram até seduzir um dos nossos. Pobre diabo, estarás perdido para sempre. Ainda que te defendas do inferno, um dia terás que entrar ali com os teus companheiros. E não haverá misericórdia."

Aproxima-se o Imperador José II e diz: "Reverendíssimo! Não seria suficiente atirar-nos no purgatório, por alguns dias? É muito duro de vossa parte condenar-nos ao inferno onde não haverá salvação. Tende piedade de nós. No purgatório a pobre alma já sofre bastante, entretanto pode esperar salvação. Do inferno, nunca."

Gritam todos: "Qual nada, malvados! Ide para o inferno mais profundo onde o calor derrete diamante e ouro. Ensinar-vos-emos a ridicularizar a Santa Igreja Católica," Propõe José II: "Caso pagássemos, digamos, dez mil missas a cem ducados, poderíeis isentar-nos do inferno." Gritam eles: "Isto é muito pouco! Seriam precisas dez vezes mais. Sabemos quanto custa salvar um diabo do inferno."

Pergunta José II: "Que teríamos de fazer enquanto fossem rezadas tais missas? Poderíamos ficar aqui?" Esbravejam todos: "Idiota, Como salvar-vos do inferno se não vos encontrais lá dentro? Preciso é entrar primeiro. Antes, pagai as cem mil missas papalinas."

Diz José II: "Quanto tempo levará a leitura?" Gritam os arcebispos e padres: "De tais missas santíssimas só podem ser lidas apenas três por ano e isto pelo próprio Papa. Só ele tem direito a tanto. Antes de trinta mil anos não haverá solução."

Diz José II: "Bem, já estou informado. Desejava apenas saber o motivo das missas papalinas terem tamanho poder, pois pela dignidade e valor, todas deveriam ser iguais." Diz o primeiro orador: "Isto só sabe o Núncio. Através da leitura por outros clérigos, seja qual for o grau, sacrifica-Se somente Deus-Filho ao Pai Celeste pelas almas sofredoras no purgatório e pelos pecadores penitentes na Terra. Em tal ocasião está presente na hóstia, somente o Filho de Deus. Em uma missa papalina Se apresenta a Santíssima Trindade na hóstia, no que consiste o poder incrível daquela. Então somente arcanjos podem ministrar e isto, apenas, quando escalonados pela Virgem Santíssima, para celebração tão abençoada. Compreendes?"

Responde José II: "Quase. Por isto desejava saber por que o Papa não pode ler mais do que três missas, aliás nem são lidas por ele, mas por um cardeal ou arcebispo." Diz o Núncio: "Que pergunta herética; se fosse na Terra, nem lhe poderia responder. Mas aqui onde já pertence ao demônio e dentro em breve ao inferno, poderá sabê-lo para apressar seu ingresso. Pois bem, o Papa não pode ler mais do que três missas porque por elas é representada a Santíssima Trindade, de modo vivo e por todos os tempos. O fato dele mesmo não celebrá-las mas apenas pontificá-las, glorificá-las e assisti-las, prova ser ele servo dos servos de Deus e representante de Jesus Cristo na Terra, servindo a todos sem se deixar servir. Compreendes agora?"

Diz José II: "Sim, sei perfeitamente o que julgar do papismo." Diz o Núncio: "Qual o teu parecer?" Responde José II:"Nada mais do que ser precisamente o perfeito anti-cristo e todos vós, seus asseclas. Se fosseis cristãos na íntegra, como eu, teríeis reconhecido Cristo, o Senhor, a meu lado. Como sois anticristãos, somos por vós condenados ao inferno, inclusive o Cristo, enquanto vós de há muito lá estais.

Conseguistes transformá-Lo, Ele que veio ao mundo como Amor Eterno e Puro, Deus e Criador, para abrir os olhos aos cegos — num verdadeiro demônio. Vosso cristo se chama ouro e prata. O Verdadeiro, que na cruz estendeu Seus Braços Divinos a todas as criaturas, perdoou aos inimigos e pediu ao Próprio Pai perdão para eles, tornou-Se algo repugnante para vós, porquanto vos dizendo ainda Seus servos, assassinais inescrupulosamente todos os Seus fiéis e, no final, ainda

o mandais para o inferno. Não fosse o Senhor de Paciência ilimitada, Meiguice e Amor, não haveria inferno a que faríeis jus. Não quero e não devo ser vosso juiz. Que o Senhor julgue vossas ações escabrosas. Competisse isto a mim, faria castigar-vos como nunca sucedera na História. Senhor, sabes ter eu tido sempre a maior paciência e indulgência para com os padres. Com esta corja infernal, — aberração de Tua Criação — estremeço e sinto ter-se esgotado a minha paciência.

Na Terra, onde essa casta usava máscara e indumentária de cordeiro quando era simples lobo, eu a conheci de uma forma infernal. Eu mesmo destruí um crucifixo que suava sangue, por dinheiro, e um outro em que a barba crescia. Era incrível ver-se como os servos do anticristo extorquiam o último centavo dos ignorantes. Entretanto, percebia-se neles qualquer coisa de humano após advertência que me levava ao perdão. Aqui, mostram-se de modo horrendo em sua figura real. Senhor, Tua Vontade Se faça — minha paciência esgotou-se."

Digo Eu: "Meu irmão, tem calma e não te aborreças. Tudo tinha que se dar assim, do contrário Davi e Isaías seriam mentirosos. Suas profecias tem de se cumprir. No futuro verás a razão disto tudo. Presta atenção que virá outra cena da qual muito poderás aprender. Não te irrites mais." Entrementes, todos os padres e servos voltam aos cubículos a fim de conjecturarem sobre as medidas a serem tomadas pelo ultraje e a nossa condenação.

225.° CAPÍTULO

Providências místicas dos clérigos. As derrotas são recursos contra o orgulho.

Após certo tempo ouve-se um órgão tocar o "Tedeum laudamos". José dirige-se a Mim dizendo: "Senhor, que vem a ser isto? Qual seria o Deus louvado pelos Teus antagonistas? Não podem referir-se a Ti."

Digo Eu: "Julgas terem eles considerado um deus qualquer? É-lhes completamente indiferente. Tal canção de louvor faz parte de sua cerimônia fútil e só tem importância por lhes trazer bastante dinheiro quando não efetuada no

culto geral. Aqui só deve servir de meio apavorante para nos afugentar como supostos demônios, julgando sermos tão ignorantes para fugirmos de coisas de aparente beatitude. Deste modo divulgam a ignorância." Diz José: "Ótimo. Não haveria um recurso para assustá-los? Talvez se modificassem."

Respondo: "Isto não pode suceder por dois motivos. Primeiro, para não perturbá-los em sua liberdade, pois um espírito algemado nada poderá fazer para melhorar, estando quase que morto. Segundo, não se poderia levar esses infelizes a qualquer espécie de fé por não acreditarem em milagres, muito embora procurem ofuscar o povo por meio de fantasias. Haveriam de considerar os milagres mais extraordinários da mesma forma que os fariseus e escribas.

Por ocasião de Minha morte rompeu-se em dois o véu do Templo; a Arca desapareceu e nunca mais foi vista. Sol e Lua perderam sua luz. Os túmulos se abriram e os mortos deram honras a Mim. Muitos pagãos batiam no peito, dizendo: Foi Deus em verdade!, e acreditaram em Meu Nome. Os sacerdotes e fariseus se tornaram mais renitentes e perseguiram com ódio a Minha Doutrina e os Meus adeptos. Não é possível fazer-se mais do que despertar Lázaro, há quatro dias dentro da tumba, e entregá-lo são e salvo aos seus. Qual foi o resultado entre os do Templo? Conjecturaram meios mais enérgicos para a Minha extinção. Daí poderás deduzir qual o efeito de um milagre entre esses espíritos. Um discurso bem dirigido é ainda mais aconselhável para levar tais seres a melhor caminho, apesar de não haver grande esperança no caso.

Observa a goela infernal. De lá surgirá outra cena espetacular. Não te aborreças, pois tudo fazem para tal fim. Este triunfo não lhes será proporcionado, a irritação voltará a eles pelo choque de retorno, demonstrando sua impotência.

Um espírito orgulhoso só pode ser levado à humildade pela intercepção de seus planos. Considera os orgulhosos generais. Que opinião convencida tem de si mesmos após uma vitória sobre o inimigo. Basta dizer ter sido simples acaso para ver-se a reação. Faço com que sofra uma derrota após outra e em breve o grande general se encontra aposentado e no final esquece suas ações heróicas. Assim agiremos com esses e todos os padres na Terra. Será sua melhor cura."

Diz José II: "Senhor, vejo seres Tu somente Perfeito em tudo. Quanto ao não aborrecimento, — será difícil. Se Tu, Senhor e Pai, não encheres de meiguice o coração humano, a criatura poderá fazer o que quiser, pois não conseguirá esquivar-se do aborrecimento quando vê tais espíritos fazerem tanta fraude e mistificação. Tive centenas de oportunidades para ver como os padres me importunavam com petições e recursos por motivos egoísticos, perceptíveis ao longe. Toda e qualquer outra pessoa tinha respeito diante de mim, seu Imperador; essa raça, quando previa um lucro, apresentava-se tão atrevida até que, não conseguindo por via direta, usava meios subversivos e rastejantes para alcançar que ambicionava. Tal descoberta me causava grande aborrecimento. Aqui se percebe isto de modo mais revoltante, pois todo movimento revela sua intenção de baixeza.

Fazem-se de beatos para despertar a confiança financeira de suas ovelhas. Andam descalços para fazer crer em sua humildade. Oram em público, com expressão beatífica, para soltar as minas de ouro de seus fiéis. Suas reverências tocam qua.se o solo a fim de demonstrarem sua veneração perante o altar. Entretanto, nada crêem e aquilo tudo só serve para enganar os pagadores de missas, que acreditam ser a missa lida com visível contrição de efeito rápido para todos os males. Os paramentos novos e ricos tem dupla consagração e custam mais do que os velhos e rotos.

Inúmeros fatos como estes provocam aborrecimentos. É difícil suportá-los, e se Tu não me detiveres, não garanto fugir de tal fraqueza. Eis que sumiu o inferno e nos encontramos no meio da catedral de Santo Estevão, tal qual como na minha época. Os de manto de púrpura acendem agora as velas e descobrem o altar-mor. Amigo Migatzi, qual tua impressão?"

Responde ele: "Ora, mera tolice. Tinha vontade de rir a valer. Ninguém poderia aborrecer-se por isto. Entreguemos tudo ao Senhor, pois não adianta enumerar mentiras e crueldades desses seres."

Diz José II: "Tens razão. Meu temperamento se sente aliviado após o relato feito perante o Senhor, a fim de que se realize o que Ele disse: Cantar-se-á dos telhados o que fizestes de mal em segredo! — Celebram uma missa fantástica; enquanto isto, me livrarei de minhas recordações."

226.º CAPÍTULO

Importante elucidação quanto ao culto missal e ¨ eterna condenação.

Prossegue o ex-Imperador José II: "Senhor, dize-me se existe alguma utilidade no ofício da missa, com a qual Pedro certamente jamais sonhou. Talvez houvesse benefício caso um sacerdote bondoso ofertasse com boa intenção missa devotada a Ti, sem remuneração, porquanto não pretende vender o Salvador por algumas moedas."

Respondo: "Meu filho, o que poderia ser inútil para Mim quando feito com a justa compreensão? Se recompenso cem vezes cada copo d'água dado a um sedento, incapaz de colhê-la numa fonte qualquer, quanto mais considerarei e abençoarei missa devota de um padre de sentimentos nobres, incluindo-o nessa bênção. Só vejo o coração e jamais a forma. Através de um coração amoroso e justo, toda forma externa — seja qual for — se justifica perante Mim, muito embora não tenha valor externo ou interno.

Eu Me sacrifiquei uma só vez, para todas as criaturas, Àquele Que em Mim é um Santo Pai desde Eternidades. Não existe outro sacrifício semelhante. Se os filhos bons e devotos de um grande herói apresentam uma ação heróica de seu pai, dentro de seu conhecimento e capacidade e com sentimento de humildade, acaso não será do agrado dele? Sua alegria será enorme, muito embora não seja liberto um povo oprimido do jugo tirânico através de tal encenação. O mesmo acontece Comigo. Nada sucede pela simples missa e sim pelo coração nobre de quem a celebra. É realmente abençoada, não como sacrifício, mas como cena ocorrida durante Minha Passagem terrestre. Jamais haverá outro sacrifício, pois já foi realizado uma vez para sempre, razão por que exclamei na Cruz: Tudo está consumado! Aquilo que ficou consumado para todos os tempos, não pode ser repetido.

Se no entanto um sacerdote bem intencionado for de opinião de operar sacrifício idêntico ao Meu na cruz, em virtude do ensino recebido, tal não será pecado por não ter noção de sua atitude. A passo que serão condenados os ridicularizadores que alegam: O mundo quer ser enganado, portanto, enganemo-lo. — Quem procurar fazer crer algo por causa do lucro próprio, enquanto se ri intimamente, não é

sacerdote, mas demônio verdadeiro. Seu prêmio corresponderá ao esforço e zelo mistificadores. Entendeste, José?"

Responde o ex-imperador: "Como não, Senhor e Pai, pois esclareceste o assunto tal qual eu o imaginava. Existe ainda um ponto que impede a paz do meu coração: A ideia do castigo eterno, encontrado em todas as religiões. Existe ou não? Se a criatura recebeu prêmio eterno pela conduta honesta e justa em sua vida, é de supor a existência do castigo eterno. Acho-o muito lógico."

Respondo: "Eu não, porquanto só podia ter visado uma finalidade com a Criação. Eu Mesmo sendo a Vida Eterna, jamais poderia ter criado os seres para a morte eterna. Um castigo, seja qual for, só pode ser um meio ao alcance de um só fim, nunca por motivo inverso. Por isto, é impossível falar-se de castigo eterno. Compreendeste?"

Diz José II: "Senhor, eterna gratidão por este ensinamento. Na Escritura, no entanto, Tu Mesmo falas do fogo eterno que jamais se apagará e de um verme que nunca morrerá. Consta literalmente: Afastai-vos de Mim, malditos, e dirigí-vos ao fogo eterno, preparado para os demônios e seus servos. — Conheço muitos textos onde se fala de inferno e fogo eternos. Se não existe castigo e dependendo da criatura evitá-lo ou livrar-se dele, não vejo por que tanto se fala em fogo e verme eternos."

Digo Eu: "Bem que se lê da morte eterna, ou seja, de um julgamento eternamente fixado, como emanação de Minha Ordem Imutável. Esta é o fogo da ira, ou melhor ainda, do Zelo de Minha Vontade que naturalmente terá de continuar nesta Imutabilidade, do contrário deixaria de existir a Criação.

Quem se deixar tentar pelo mundo e sua matéria — indispensavelmente condenada para tal fim — deverá ser considerado perdido e morto, enquanto perdurar tal atração. Em virtude dos seres criados, existe julgamento, fogo e morte eternos. A consequência não será a duração do julgamento para um espírito preso ao mesmo, tampouco quanto na Terra os presos de uma penitenciária, capaz de durar milênios como as pirâmides, seriam condenados pelo tempo de sua duração.

A prisão é e será eterna e o fogo de Meu Zelo jamais se apagará. Os prisioneiros ficarão no cárcere até que se tenham convertido e melhorado. Além do mais, não se lê uma sílaba

da condenação eterna de um espírito, mas da contra-ordem face à Minha Ordem Eterna, necessária à existência. O vício, como desordem ou contra-ordem, está realmente condenado para sempre — o viciado apenas enquanto alimentá-lo. De igual modo existe um inferno real, nunca, porém, um espírito a ele condenado para todos os tempos, mas até sua melhoria. Bem que disse aos fariseus: Eis porque caireis no julgamento, mais ou menos longo!, nunca porém: Sereis eternamente condenados. Compreendes agora os textos de aparência tão perigosa?"

227.° CAPÍTULO

O abismo intransponível e os pecados mortais.

Diz José II: "Senhor, compreendo perfeitamente o que acabas de explicar. Existe ainda um ponto na Escritura de difícil interpretação: o abismo intransponível na parábola do rico que parou no inferno. Se entre os que se encontram no seio de Abraão, Isaque e Jacó e os habitantes do inferno se acha um abismo jamais transponível, como será possível a salvação? Positiva-se essa dificuldade num outro texto em que aos pecadores contra o Teu Espírito Santo é garantida a impossibilidade de salvação. Qual o sentido de tais textos por Ti Mesmo proferidos?"

Digo Eu: "O mesmo dos advogados terrenos: Ninguém sofre injustiça no uso do livre arbítrio. Quanto ao abismo representa ele a intransponível diferença entre Minha Ordem libérrima nos Céus, face à contraordem no inferno. Prova somente a incompatibilidade da ordem com a desordem e já mais um eterno impedimento para os que nela se encontram.

Subentende-se não ser muito fácil alguém sair do inferno quando em seu íntimo se tornou infernal devido ao seu voluntário afastamento de Minha Ordem livre, porquanto é compreensível a dificuldade de um orgulhoso, mau e preso à tendência dominadora, ingressar na meiguice e humildade celestes. Não é propriamente impossível, entretanto dificílimo. Perceberás ainda quão trabalhoso se torna tirar-se uma alma do inferno. O orgulhoso voltará sempre ao orgulho, o impudico à impudicícia, o preguiçoso ao ócio, o invejoso à inveja, o avarento à cobiça, o mentiroso à mentira, o rico

e depravado às suas tendências, o ladrão ao roubo, o salteador ao assalto, o criminoso ao assassínio, o bruto à brutalidade, etc. Ainda que recriminados em suas fraquezas condenáveis, recaem nas paixões pecaminosas tão logo se lhes proporcione liberdade plena e necessária à autoeducação. Quanto mais frequentes as recaídas, tanto mais fracos se tornam, dificultando a libertação das paixões desenfreadas e o ingresso na liberdade verdadeira, eterna e divina. Aos espíritos humanos muita coisa é impossível, enquanto a Mim tudo é realizável."

Diz José II: "Senhor, agora me são claros todos os textos que aceitava em vida, muito embora não me impressionassem de modo agradável, pois como Imperador tinha que manter justiça conscienciosa sem poder usar de clemência.

Nunca suportei um juiz severo e impiedoso e os muitos delegados sujeitos ao meu regime, inclinados ao abuso de sua função, não recebiam minha benevolência. Amigo se tornava quem mostrava ao réu o delito condenável, seu castigo prescrito no código penal, no entanto reduzia ao arrependido a prisão de cinco anos para três.

O mesmo se dava na leitura do Evangelho: na passagem do filho perdido, do bom pastor, da adúltera, de Zaqueu e no pronunciamento do publicano justificado, nunca pude conter as lágrimas. Quando, embora com justiça, condenavas os pecadores ao inferno, perdoa-me, Senhor, sempre senti certa implacabilidade de Tua parte.

Eu obrigava o meu coração a amar o Deus Onipotente e imaginava as consequências desastrosas se assim não fizesse. Todavia, tenho que confessar que meu íntimo não vibrava de amor. E quando deparava uma garota simpática e ouvia meu coração pulsar mais acentuadamente, me perguntava: que aspecto tem o teu amor para com Deus? É mais forte ou mais fraco do que o sentimento para com essa criatura? E meu coração vibrátil achava maiores atrativos na meiga rapariga do que na Justiça rigorosa da Divindade trovejante. Em virtude de tais exames e confrontos tornei-me livre maçom a fim de chegar a um conhecimento mais profundo de Deus. Muito lucrei naquela fase; todavia o Juiz implacável não mudava de feição. Lia muito a respeito do puro amor a Deus. Imaginava o Teu sofrimento e morte e como Tu, por amor às criaturas, tanto padeceste para fazê-las felizes. En-

tretanto, eras inclemente para com os pecadores e suas tendências, motivo de Teu sofrer. Contudo, meu coração não conseguia conformar-se ao amor sublime a Ti."

228.° CAPÍTULO

O exorcismo e o socorro atrasado.

Prossegue José II: "Agora estou no justo caminho. Compreendo Teu Santo Verbo e representas o Amor do amor. Estou curado e desejava que todas as criaturas o fossem. — Eis que termina a missa. Que acontecerá agora?"

Digo Eu: "Verás como aplicarão o exorcismo em nós. No entanto não seremos atingidos empregando um contra-exorcismo. Ficarás admirado. Mas, como já disse, nada de aborrecimentos. É condição primordial, sem a qual pouco ou nada alcançaremos."

Neste instante termina a bênção da custódia com o fútil "Genitore, Genitoque", e nós, pretensos maus espíritos, não disparamos. Isto causa grande aborrecimento aos padres, e sua considerável criadagem começa a externar suspeitas contra a missa. Alguns opinam que tenha sido vilipendiada a louça sagrada, motivo por que o ofício não teve valor e efeito. Um outro alega que talvez os paramentos fossem limpos por uma prostituta ou adúltera ou até mesmo por luterana, ultrajando-os e possibilitando ao demônio ridicularizar a missa. Um terceiro conjectura que as reverências do primeiro acólito não foram bastante profundas, desagradando a Rainha Celeste. Ela não acrescentou sua Graça e o ofício ficou sem efeito. Conviria fazer-se mais um culto com as reverências mais contritas, do máximo agrado de Maria, garantia única para o afastamento dos demônios.

Mais outro observa que um acólito não bateu com a devida força no peito durante o "Confiteor" e "Mea culpa". Além disto aplicou uma pancada na barriga por causa de uma pulga renitente, fato que destruiu o efeito da missa. É incrível de que minúcias depende o efeito da missa; isto lhe fora explicado, minuciosamente, por um capuchinho.

Um quinto percebeu que a almofada epistolar estava do avesso, motivando a nulidade do ofício, pois a Mãe Santíssima

nela deita o Menino Jesus quando o missal passa à almofada evangélica. Quando do avesso, o Menino a tira e o efeito é nulo. Por isto é preciso que tais almofadas santificadas sejam bordadas a ouro, à esquerda com a inicial de Jesus e à direita com a de Maria, a fim de se evitar qualquer engano.

Um acompanhante da cerimônia indaga se porventura alguém tinha colocado erradamente a estola sobre a cruz. Imediatamente é feita a investigação e um assistente descobre que a parte esquerda da estola está por cima da direita, ao invés do contrário, e se o referido não fosse cardeal, sujeito a castigo. Intervém um prior dos capuchinhos: "Havendo tamanho descuido na celebração da missa, não adianta nos cansarmos. Virar a estola! É fato conhecido que em tal hipótese se retiram todos os anjos assistentes da missa. E a Mãe Santíssima nem pode chegar ao altar, pois tal desleixo lhe provoca as sete dores."

Nesta altura José II quase tem náuseas, e Roberto e Helena mal conseguem refrear o riso. O Imperador Francisco se aproxima e diz: "Senhor, nunca simpatizei com os padres e fui obrigado a fazer umas tantas coisas por causa do povo, pois conheço o Papa e a Santa Sé melhor do que muitos. Se tivesse tido noção dessas tolices, teria concluído a obra de meu tio José."

Digo Eu: "Acalmai-vos. Isto nada é. Quando começarem o exorcismo, depararareis verdadeiros absurdos da estultície sacerdotal. Desconheceis o que venha a ser tal exconjuração católica, mormente em se tratando de demônios que ocuparam o dito templo de Deus. A função não levará muito tempo, no entanto será elucidativa, mormente para vós, imperadores, porquanto tolerastes tais babozeiras, muito embora pudessem ter sido abolidas."

Nisto, um levita e alguns serviçais trazem um livro negro, em cuja capa se vê o desenho de uma caveira cinza claro, e uma quantidade de paramentos pretos de exéquias. As vestes são trocadas sob murmurações em latim e em poucos minutos todo o sacerdócio mudou de traje. Ergue-se um cadafalso, mas inversamente, e uma quantidade de velas negras são colocadas em castiçais pretos e na maior desordem. Não faltam turíbulo e aspersório, negros.

Agora se adianta o acólito principal, murmura qualquer coisa do livro, enquanto os outros o interrompem a todo mo-

mento com o "amém". Após prolongada murmuração acendem metade das velas, esfumando-as com incenso e regando com água benta. Duas vezes é repetida tal encenação. Em seguida colocam um cordame no chão e o acólito nele pisa em nome de Maria, demonstrando ter pisado a cabeça da serpente. Então os empregados trazem uma grande tina preta, repleta de brasas. O fogo é três vezes amaldiçoado e o cordame atirado nele. Após tal operação, é lido outro trecho do livro e em seguida carregam a tina e seu conteúdo. Agora é trazida da sacristia uma quantidade de porretes e cada clérigo se apodera de um. Nesta ocasião acendem-se as restantes velas enquanto se apagam as outras. Os porretes são abençoados, defumados e espargidos. Isto feito, o primeiro acólito diz: "Hiscum fustibus percutiantur omnia!" Quer dizer: Com esses porretes deve ser destruído tudo que fora vilipendiado pelos demônios. A tais palavras batem nos castiçais, em seguida é destruído o cadafalso e estraçalhada a mortalha. Ao mesmo tempo o acólito aplica pequeno rasgo na veste branca, e então faz-se uma barulheira infernal! Cada qual grita o quanto pode, desconjurando-nos da igreja. Todos os bancos são atingidos pelos cacetes e apenas poupam os altares e órgãos, e enquanto não estiver tudo quebrado a agitação não cessa.

Quando, após algumas horas terráqueas, os porretes também estão quebrados e nós estamos firmes, sem arredar pé, o principal acólito chama os assistentes e diz: "Tudo foi feito para o exorcismo, mas em vão! Por isto opino entoarmos a grande ladainha, frente à imagem da Mater Dolorosa. Ide buscá-la no recinto secreto dos tesouros de Maria e postai-a diante do tabernáculo. Acendei todas as velas para começarmos incontinenti. Maria é e será nosso último escudo e refúgio."

Opina um deles: "Se isso também não der resultado, o que faremos? Se o exorcismo completo baseado no nome da Virgem Santíssima, nada adiantou, que esperar da ladainha diante de uma simples imagem? Não vos aconselho a isso. Além disto, tais personagens não me dão impressão de demônios." — Responde o principal: "Podem facilmente tomar figura de anjo. Por isto, é melhor fazer todas as tentativas. Rápido, trazei o que vos disse."

Ao voltarem com a imagem de madeira, notam estar adulterada: faltam as sete dores representadas por sete es-

padas no corpo de Maria. Além disto faltam coroa, metade da cabeça, uma das mãos e o Salvador morto, que costuma estar em seus braços. Do colorido e dourado não há vestígio. Tudo está bichado e só serve para ser atirado ao fogo.

Ao fitá-la, o acólito exclama: "Pelo amor de Deus! Que aconteceu a essa imagem tão gloriosa e milagrosa? Que faremos? Não há outra?"

Diz um assistente: "Eminência! Lá embaixo, numa capela à parte, existe uma, exposta à adoração pública. Poderíamos buscá-la?" — Diz um outro: "Qual nada! Tem que ser transportável para ser colocada no tabernáculo. A fixa no altar serve para devoção geral. Em ocasião tão excepcional temos que lançar mão de algo extraordinário. Carregai com esta e tratai de encontrar outra." Os assistentes retiram a imagem e voltam, após certo tempo, com feições acabrunhadas, anunciando não terem encontrado outra Mater Dolorosa. Irritado, o superior os insulta, chamando-os de burros.

229.° CAPÍTULO

Discurso do acólito herege.

Diz um dos clérigos: "A meu ver podemos procurar durante um ano por todos os cubículos sem algo encontrarmos. Que tolice tal capricho com a imagem de Maria. Não consegue efetuar milagres e quanto à verdadeira Maria Santíssima não importa qual a efígie por nós adorada. Confesso jamais ter achado atração nas melhores imagens. Servem apenas em memória da religião. Atribuir-lhes força mágica, é puro paganismo. Se o próprio Papa me fizesse tal afirmação, não lhe daria crédito. Se os vivos não conseguem fazer milagres, muito menos as estampas sem vida.

O Senhor por certo veio ao mundo somente por causa das criaturas, portanto devem ter maior valor do que simples imagens. Na realidade prefiro uma réles mosca varejeira à mais bonita estampa, pois aquela tem vida e representa obra artística da Onipotência, Sabedoria e Amor de Deus. A passo que a efígie nada mais é do que obra da ignorância humana, pretendendo apresentar Deus Vivo e a vida eterna de espíritos puros por imagens mortas. Eis minha opinião e fé, e os

senhores poderão fazer o que quiserem, pois em nada modificarei meu modo de pensar. Juro que não irei à procura de qualquer imagem."

A essas palavras todos se atiram sobre o herege para castigá-lo, e o acólito principal diz em tom profético: "Se isto se dá com principiantes, que esperar dos outros? Por isto este herege deve ser punido para servir de exemplo e entregue aos demônios, ao eterno martírio. Ultrajar as relíquias da Igreja tornando-se pecador contra o Espírito Santo! Tal criatura jamais poderá aguardar perdão! Fora com ele! Levai-o ao fogo, de lá à câmara mortuária e no final, atirai-o aos demônios!"

O outro se irrita, pega de um cacete e diz com voz estertórica ao chefe: "Atreve-te a pôr as mãos em mim, aliás qualquer um de vós, que haveis de conhecer-me de um lado inesperado. Vilipendiadores de Deus, dos regentes e do povo! Pretendeis exterminar-me só porque vos disse a verdade? Julgais ter alguém respeito a vossos paramentos episcopais? Talvez os respeitem conforme acontece com cães raivosos e serpentes venenosas. Quereis entregar-me aos demônios? Quem sois? Podia haver demônios piores do que vós? Sois lobos vorazes em pele de cordeiro. Expulsai a vós mesmos que tereis agido com justiça, mas não com homens honestos que merecem mil vezes ser colocados nos altares do que vossas imagens pagãs.

Acaso representa culto a Deus, ao Espírito Divino, a pessoa ajoelhar-se diante de uma imagem para enganar o povo, fazendo crer em algo jamais aceito por vós? Cristo referiu-Se a vós quando disse no Templo: Sobrecarregais os pobres e fracos com pesos insuportáveis enquanto não mexeis um dedo sequer. Aconselhais às viúvas e órfãos longas preces para poderem entrar no Reino Celeste, no qual nunca acreditastes, em compensação açambarcastes seus bens. A maldição cairá sobre vós!

Vosso culto religioso é e sempre foi um horror para Deus, pois Cristo disse Pessoalmente: O que fizerdes aos pobres, tereis feito a Mim. Se eu porventura não fosse à missa num domingo ou feriado para poder visitar e fazer a caridade aos necessitados, ter-me-íeis condenado, muito embora confessasse minha falta. Que servos sois ao condenardes o verdadeiro culto determinado por Deus, entretanto afirmais convir fazer-se ambas as coisas, porquanto isoladas não teriam valor?

Fariseus! O que teria maior valor perante Deus: fazer o que ordenou e aconselhou, ou honrá-Lo com os lábios afastando o coração dos que sofrem? Eu mesmo me certifiquei como se prendiam os mendigos na cidade, aplicando-lhes corretivos caso tivessem pedido esmolas durante a missa. Deste modo trancou-se aos pobres os verdadeiros altares, únicos mercadores da caridade, ofertando-se em compensação um óbolo às imagens. Julgais ser isto do Agrado do Pai?

Fostes vós os guias cegos dos ignorantes e no final caístes com eles na cova. Nunca destes crédito ao Cristo! Se assim tivésseis feito seguiríeis o Seu Exemplo. Considerastes apenas vossos princípios, imagens valiosas para as quais Cristo devia servir de moldura. Considerais-vos deuses e condenais tudo que representa perigo para vosso lucro. Assim, condenais o Verbo Divino quando não se presta para aumentar vossa renda,

Mistificadores! Por que proibís aos povos a Palavra Pura de Deus condenando quem a lê? Alegais o perigo da falsa interpretação, cabendo somente ao sacerdote transmiti-la. Sabeis qual o motivo? Por causa do dinheiro e de medo que a Palavra de Deus possa desmascarar-vos diante do povo. Precisamente a proibição fez com que a Bíblia fosse divulgada e todo mundo sabe qual vossa índole.

Prendei-me, se tiverdes coragem. Por que hesitais? Há pouco S. Eminência me mandou para o inferno, certamente por simples amor do próximo ao qual não se deseja o que não se quer. Direi o motivo de vosso receio: V. Eminência se vê presa de pavor por ter eu tomado a liberdade de expor sua vergonha e maldade perante criaturas que por ela foram exorcizadas.

Os olhares que me dirige deviam estraçalhar-me. Por que razão empreendeu a excomunhão de homens honestos, declarando-os demônios? Não querendo responder, tomarei a liberdade para tanto. Aqueles personagens que estudaram a História da Igreja, ou seja a nossa ilimitada ignorância, não foram considerados demônios, pois V. Eminência jamais acreditou neles?

Muito embora uma missa em latim contenha para o verdadeiro cristão tolices tamanhas que lhe causam náuseas, não surtiu o efeito desejado. Por isto efetuou-se um verdadeiro exorcismo como coroação da burrice humana, produ-

zindo apenas enfado. No final, recorreu-se à ladainha, expressão máxima do tédio. Para tanto era preciso a imagem milagrosa, aliás toda bichada. Assim, não há mais o que inventar para aborrecer esses personagens. Que será agora? Acaso V. Eminência ainda pretende mandar-me para o inferno?"

230.° CAPÍTULO

Verdades duras ouvidas pelo Núncio.

Diz um padre ao lado do clérigo: "Miserável! Agradece unicamente à paciência e meiguice da Santa Igreja Católica por ter em silêncio orado por ti, ovelha tresmalhada, enquanto te esforçavas em aplicar-lhe ferroadas mortais. Deixa de ultrajar a noiva de Deus, regiamente enfeitada, do contrário não pedirei mais em teu favor. O solo se abrirá sob os teus pés para tragar-te para sempre."

Desatando a rir, o outro diz, lacônico: "Realmente, quando nada consegue pela crueldade infernal, tampouco pela estultície, o lobo novamente se veste com a pele de cordeiro a fim de poder atacar. Qual foi a manifestação de meiguice, por parte da Igreja, durante as Cruzadas? Recebeu com satisfação viúvas e órfãos abandonados, cujos maridos e pais fez matar pelos sarracenos no Oriente, trancando-os em claustros após ter recebido seus bens terrenos, evitando impostos de herança. Isto quando ainda na Terra, pois presumo terem ciência de não estarem mais no mundo material."

Grita um padre: "Mentira! Encontramo-nos todos no mundo, do contrário estaríamos no inferno, no purgatório ou, talvez, no Céu!"

Diz o clérigo: "Não vem ao caso se credes ou não. Por isto repito: Quando ainda vivia na Terra acreditava na Igreja. Tão logo chegaram notícias da Santa Inquisição e de seu tratamento para com as ovelhas transviadas, mudei de idéia. Qual a culpa de milhares morrerem no fogo paira maior Glória de Deus? E a resposta era ríspida e bastante nítida para ser ouvida do Pólo Norte ao Sul: Por terem lido a Bíblia, tornando-se hereges amaldiçoados. Senhor, exclamava eu no íntimo, não terás enxofre, raios e dilúvios para exterminar Espanha e Roma?

A resposta veio vagarosa, porém certa, das Alturas. Não a presenciei em vida, mas nitidamente no mundo espiritual. Onde está a orgulhosa Roma? Qual é o valor do Papa? Com exceção de alguns ignorantes a homenageá-lo como orgulhoso representante de Deus, ele é ridicularizado e odiado.

Na própria Itália já se começa a restringir os poderes arcebispais — e com justiça. Para os senhores dos Abruzos não há outra medida. Foram e ainda são os maiores inimigos da humanidade, entretanto amantes de riquezas e jóias.

Certa feita disse Pedro — de quem todo Papa se declara sucessor — a um pobre: Não tenho ouro e prata. Dou-te com prazer o pouco que possuo. Poderia o Papa falar deste modo sem enrubecer de vergonha? Ainda assim se diz sucessor de Pedro. Sua resposta deveria ser: Tenho ouro e prata de sobra. Dar-te-ei minha bênção apostólica porque nada me custa. Vai em paz. Se morreres, a caminho, de inanição, tua alma irá para o Paraíso após três dias no purgatório e então passarás bem. Se o Papa assim falasse, estaria proferindo pela primeira vez uma verdade.

Não invectivou Paulo, qual leão, contra feriados, paramentos e honrarias, tão prazerosamente aceitos? Quando teria o Cristo ordenado a construção de templos e casas de oração, deixando-se morrer à míngua milhares de pobres? Qual foi o apóstolo a instituir o idioma latino para linguagem divina como se Deus, o Senhor, entendido em todos, preferisse aquele? Provai-me tal fato pela Escritura, e eu acreditarei. Não o podendo, sois os verdadeiros anticristos, tão claramente descritos por Daniel e o apóstolo João."

Diz um arcebispo, espumando de raiva: "Não deu Cristo, o Senhor, à Sua Igreja, isto é, a Pedro e seus sucessores o poder exclusivo de unir e desatar? Ao soprar-lhes o Seu Hálito, disse: Recebei o Espírito Santo! A quem fordes absolver os pecados, serão absolvidos. E a quem não sustardes os pecados, serão culpados. O que fordes unir ou desatar na Terra, sê-lo-á nos Céus. Eis prova concludente ter a verdadeira Igreja direito para instituir novas leis, quando achar necessário, e igualmente revogar outras, ainda que dadas pelo Senhor, quando perceber não serem úteis à salvação das almas, em determinadas circunstâncias.

O fato de a Igreja se servir do latim durante o ritual, tem dois motivos. Primeiro, foi o idioma mais aperfeiçoado e digno para honrar e adorar a Deus. Segundo, foi instituído para

defesa de poderosos segredos do Verbo Divino, para evitar sua profanação. Existe ainda um terceiro que se baseia na plenipotência da Igreja pela qual ela pode determinar o latim para uso ritual, dentro da legislação. Presumo ter dissipado tua dúvida."

Responde o acólito: "Realmente, os textos se baseiam na Escritura; entretanto, provam o contrário. Caso o Cristo, o Senhor, tivesse tido a intenção de dar plenipotência à Igreja, conforme V. Eminência interpreta, não teria sido preciso Êle doutrinar durante três anos e talvez já antes, acerca da Lei do Amor, da Vida e dos grandes mistérios do Reino Celeste. Bastaria para tanto que Êle transmitisse plenos poderes aos apóstolos, para poderem fazer o que quisessem, no que o Pai no Céu haveria de concordar. Seria possível imaginar-se tal coisa?

Para que finalidade Deus haveria de doutrinar e revelar a Santa Doutrina da Vida, se com um simples texto outorgasse poderes quase ilimitados, fazendo desmoronar toda a obra? Isso acontece com a Igreja Católica, onde nada mais se encontra senão o Nome do Senhor e de Seus Apóstolos, nada de humildade, paciência e, muito menos, amor ao próximo! Não vamos falar de fé. Ela acredita no poder do ouro e da prata. Abalou-se algo porque obriga os homens a acreditarem que papel também é ouro e prata. O Papa atual deveria estar em situação idêntica, e talvez por esse meio possa ser levado a crer que o Reino de Deus não consiste nos tesouros perecíveis, mas unicamente em um coração puro e humilde.

A Plenipotência transmitida pelo Senhor aos Seus discípulos foi e é o poder pleno do Espírito Santo na criatura. Quem viver de acordo com o Verbo de Deus, pelo Qual todas as coisas e seres foram feitos, receberá o Espírito de Deus, pois o Verbo é o Próprio Espírito Santo projetado pela Boca Divina nos corações humanos. Dotado deste poder, que transforma o meu coração em um templo de profunda sabedoria, posso dizer a um pecador arrependido: Teu pecado te é perdoado! Persistindo na falsidade e maldade, geralmente filha daquela, poderei afirmar: Enquanto insistires no erro, não poderás ser remido. Acreditar na transmissão do Espírito Santo através de um ritual como: batismo, crisma e ordenação pela qual o neófito continua o mesmo que dantes, teve como

consequência a criação sacerdotal, enquanto o Espírito Santo dela se acha mais afastado que o Céu da Terra. Essa alma jamais aceitou um versículo do Evangelho como norma de vida. Primeiro, por ter estudado sob certa coação clerical e, segundo, jamais viu a completa Escritura, onde poderia ter recebido o Espírito Santo.

Afirma o Próprio Senhor: Não sejais apenas ouvintes e sim executores de Minha Doutrina, que descobrireis o poder do Espírito de Deus. Como poderia um novato chegar a tal conhecimento se a leitura é estritamente proibida? Deste modo ele não consegue se tornar ouvinte, muito menos praticante do Verbo. Não podendo seguir a ordem dada pelo Cristo, como alcançaria o Espírito Poderoso de Deus sem o qual se outorgaria a Plenipotência Divina pelo dogma, enquanto Dela se acha eternamente distante?

Prezada Eminência, medita acerca da adaptação desses textos por parte da Igreja pagã de Roma e confessa: "Mea culpa, mea maxima culpa!" Infelizmente também fui usurpador do Espírito Divino. Senhor, perdoa-me! Era totalmente cego pelas tentações do mundo e de Satanás, não sabendo o que fazia. Quiçá o Pai Se apiade da humanidade ludibriada, muito embora não o faça com os cardeais — nunca instituídos pelo Cristo, nem tampouco por Pedro e Paulo."

231.° CAPÍTULO

Igualdade cristã e desigualdade clerical.

Após tal discurso, o Núncio coça atrás da orelha e diz aos demais: "Esse acólito é tremendo. Não fosse eu cardeal, tinha vontade de lhe dar razão. Assim, não posso aceitar sugestões por parte de um sacristão."

Obtempera este: "Eminência, tão certo como Deus existe, todos nós nos encontramos no mundo dos espíritos, fato facilmente perceptível, desde que haja vontade para tanto."

Responde a Eminência: "Como poderia? Nunca senti minha morte e caso me encontrasse no Além, estaria lá como espírito e não como criatura física. Ao que me parece, estás doido e fazes jus "ao manicômio."

Diz o sacristão: "Ora, enquanto me encontrar entre vós estarei num colégio de doidos, pois não constatando sua exis-

tência no mundo espiritual, deve V. Eminência estar completamente cega e louca. Dize-me, quantos arcebispos e cardeais estavam na catedral de Santo Estevão, a um só tempo? Aqui sois ao todo cerca de cem. Quando teriam trabalhado tantos ao mesmo tempo? Sei somente de um de cada vez. Se aqui as Eminências se juntaram há alguns séculos — só pode ser no mundo dos espíritos e não na Terra.

Nessas circunstâncias, afirmo, apesar de ser por vós declarado louco: Aqui, somos todos iguais, muito embora a loucura do mundo nos tenha separado pelo estado social, fato que jamais deveria ter ocorrido pela Doutrina de Jesus. Ele disse expressamente aos discípulos desejosos em saber quem seria o primeiro no Reino Celeste: Quem entre vós for o mais simples, servindo a todos, será o primeiro para Mim. Quem não se assemelhar à criança pela imaginação, ideia e atitude, não participará do Meu Reino. Só Um é vosso Senhor! Todos vós, irmãos sem distinção. Pelo amor fraternal provareis Meu discipulado. Todo aquele que amar o próximo qual irmão sem sobrepor-se, a não ser no amor, é Meu discípulo e tem o Reino de Deus dentro de si.

São Palavras do Cristo, evidenciando que na Terra, mormente em assuntos espirituais, não deveria haver classificação social. O Senhor jamais falou de uma Eminência episcopal, muito menos referiu-se a um Papa! Devem ser todos iguais, porquanto Ele é o Senhor Único sobre Todo o Infinito material e espiritual.

Como podiam ter surgido diferenciações tão colossais na Igreja, declarada como única e verdadeira, se Jesus, Senhor de Eternidades, serviu a todos e ofereceu-Se um holocausto? Seu declarado antagonista, vindo de baixo, quer ser servido por todos, estabelecendo tantas classificações para dar a impressão de seu posto inatingível.

Sabemos ter o Senhor ungido alguns filhos para regentes com todo o poder. Por isto nos cabe obedecer a tais soberanos ungidos por Ele, pois seu poder é do Alto. O poder que os Papas se conferiram pela fraude, vem de baixo. São os primeiros a pisarem as leis fraternais, pois quem poderia igualar-se a um Papa? Quem se atreveria tratá-lo como irmão? Não compete a todo católico pronunciar o nome do Papa com a máxima veneração e respeito como se fora o Nome de Deus

e, caso fosse a Roma, considerar como Graça imerecida poder beijar o chinelo do Papa?

Por aí podem Vv. Eminências deduzir terem sido na Terra presas da maior tolice anticristã, ingressando no mundo espiritual com tais ideias tolas. Precisamente por isto julgais viver na Terra.

Além disto, concebe-se poder um simples sacristão orientar uma Eminência e vice-versa. Afirmo até mesmo ter o primeiro maior direito para tanto enquanto um cardeal insistir nas honrarias fraudulentamente outorgadas a si mesmo. Ao passo que o sacristão se acha muito inferior ao posto cardinalício, portanto mais próximo da exigência cristã do que qualquer capelão e muito mais que um orgulhoso cardeal."

Diz o Núncio: "Será rebaixado quem se eleva, entendeu?" Responde o sacristão: "Claro, e sempre o entendi pelo lado prático, pois nunca tratei de me elevar. Se dou louvores ao Cristo e ao Seu Santo Verbo, comparado a V. Ex.ª anticristã, não elevo a minha pessoa e sim a do Cristo. O fato de permitirdes o tratamento de "Eminência", sabendo que o Senhor jamais criou tal posto, é presunção tremenda e um horror para Deus. Um sacristão a engolir poeira de igreja é e será um zero, isto é, mais cristão que uma Eminência."

Interrompe o cardeal: "Peço-vos, meus irmãos, que comigo ocupais o trono dourado do Céu de Deus quais apóstolos a julgarem as gerações terrenas — desistirdes de discutir com esse herege. Conheceis vosso poder. De que adianta ao judeu nos achincalhar? Será excomungado no conclave e entregue aos demônios. Qual o lucro dos protestantes adversos à Igreja Católica? Foram condenados ao inferno. Qual o proveito de Lutero por ter apostatado por causa de uma prostituta, criando seita herética? Milhões que tombaram em virtude de sua doutrina gritam constantemente por vingança, enquanto ele se acha no pior inferno amaldiçoando o dia que lhe deu existência. Por que se acha no inferno? Porque nós para lá o condenamos no santo conclave. Em suma, de que serve a reação a todos os nossos adversários? Acham-se condenados e jamais entrarão no Reino do Céu.

Deste modo atiremos também este super-herege e verá de que forma entrará no Céu. Digo em vosso meio: "Haeretice infamis! Esto maledictus per omnia saecula saeculorum!" Como acrescentastes o "amém", já faz parte do inferno. Assim

deve ser nossa ação e não de contendas, mas usando apenas a arma espiritual dada por Deus. Devem os hereges perambular pelo mundo quais cães sem dono. Ao chegarem no Além saberão o que a Igreja Católica lhes poderia ter proporcionado caso tivessem continuado fiéis a ela. Estenderão suas mãos para nós e responderemos: Afastai-vos, amaldiçoados! Não prestastes ouvidos a nós quando em vida, portanto não vos ligamos." Então gritarão: Ajudai-nos, Papas, cardeais, arcebispos, bispos e todos os sacerdotes de Deus! Éramos cegos e ignorávamos o efeito de nossa atitude. Agora reconhecemos vossa grandeza abençoada por Deus e nossa nulidade miserável. Atirai-nos por cem mil anos no purgatório, mas poupai-nos do inferno horrendo.

Entretanto, responderemos: Fostes suficientemente doutrinados e advertidos. Enviamo-vos seguidas cartas pastorais, proporcionamo-vos inúmeras absolvições contra pequenos óbolos, indicando a confissão e penitência. Difamastes e ridicularizastes vossos benfeitores, pois como grandes senhores fizestes o que vos agradava. Aqui nós nos tornamos senhores absolutos e poderíamos socorrer-vos caso o quiséssemos. Como não o queremos, Deus também não o quer. Afastai-vos, amaldiçoados, para o eterno fogo preparado para os demônios e seus servos hereges. Então o solo se abrirá e o abismo eterno há de tragá-los, inclusive seus asseclas e jamais seus nomes serão lembrados. Amém! Isto será feito por nós — e já o fizemos neste herege amaldiçoado. Que trate de fugir do inferno!"

Diz o sacristão: "Entremos num acordo. Mandai-me para o purgatório por cem mil anos, pois não vem ao caso um pobre miserável como eu, ser assado por mais ou menos tempo." Esbraveja o Núncio: "Ah, o fogo do inferno já começa a lamber a tua alma maldita e queres libertação de nossa arte. Nada disto! Para o inferno com todos os diabos!"

232.° CAPÍTULO

O Senhor proporciona recepção especial ao sacristão.

Neste momento Me aproximo do sacristão que prontamente Me reconhece, e lhe digo: "Meu caro João, basta! Tudo

foi dito por ti — eles continuam os mesmos. Vem tu ao Meu Reino, enquanto eles poderão procurar ou construir seu céu e deus a seu gosto. Dificilmente virão a Mim. Aquilo que queriam proporcionar-te, hão de sentir por algum tempo, para saberem como aplicar o amor ao próximo."

Apresento-Me também aos padres maldosos, como Senhor de Céus e Terra, de acordo com sua imaginação e digo com rigor: "Reconheceis-Me, agora?" Respondem todos, tremendo: "Sim, agora percebemos seres o Juiz Implacável. Sê misericordioso com Teus servos!"

Digo Eu: "Acaso não lestes: Sêde misericordiosos; para merecerdes misericórdia? Que aspecto tinha vossa misericórdia? Porventura alimentastes os famintos, mitigastes a sêde aos sedentos, vestistes os desnudos, libertastes os prisioneiros e consolastes os fracos? Não! Nunca fizestes tais coisas. Agistes pelo inferno e pelo purgatório de modo semelhante com os que vos pagavam à altura. Sempre fostes contra Mim, pisastes Minha Doutrina, substituindo-a por coisas fúteis, no Altar. Por serdes tão duros e incorrigíveis, — que se faça o que prometestes a este Meu irmão! Amém."

Neste instante se abre o solo da Igreja, as chamas se projetam do abismo e surgem vários espíritos que impelem os padres contra o fogo. Sua gritaria é horrenda, pedindo ao sacristão misericórdia e intercessão.

Diz o sacristão: "Sempre ensinastes, sob ameaça de condenação eterna, que os fiéis deviam crer serdes os únicos donos das chaves do Reino do Céu e do inferno. Então abrí as portas celestes e trancai as do inferno, abertas por Cristo, Senhor de Eternidades, a fim de que vos receba em seu seio católico. Se há pouco me condenastes ao inferno, como poderia interceder junto de Deus? Os condenados não fazem parte da ladainha da intercessora. Que o Senhor vos faça segundo Sua Santa Vontade, Amor e Justiça! Não vos desejo destino melhor, tampouco pretendo ser inclemente; todavia não deveis aguardar de mim coisa melhor do que do Próprio Senhor. Somente Deus é Bom. Todos nós somos maus e jamais podemos anteceder-Lhe naquilo que apenas a Ele assiste de direito, isto é, ser Bom e Misericordioso. Por isto, dirigi-vos a Ele!"

Esbravejam os clérigos, bem próximos do abismo: "Caro João! Não existe misericórdia para os condenados por Deus. Como nos dirigirmos a Ele?" Diz João: "Tolos, se não esperais clemência por parte de Deus, — onde irei buscá-la se o pouquinho que tenho é do Pai?" Clamam eles: "Não, não! Deus não pode espargir Misericórdia sobre uma alma desencarnada, pois o Amor Divino só vai até a sepultura. Em seguida é trocado pela Justiça rigorosa."

Diz João: "Ignorantes! Por acaso tem o Senhor dois corações: um pequeno, pleno de Amor e Misericórdia, e um grande, cheio de volúpia vingativa? Vós mesmos ensinastes ser Deus eternamente Imutável. Como atribuir-Lhe transformação tão horrenda? De que modo poderia Ele, o mais Perfeito Ser, espargir ira imperdoável ao lado de meiguice e amor supremo, de um só Coração? Como admitir-se Deus amar um espírito somente durante sua existência física, para depois odiá-lo eternamente em virtude de alguns erros, aos quais sua carne, como experiência de libertação, o seduziu?

O Senhor, Jesus Cristo, Eterno, aqui Presente, é no tempo e muito mais na Eternidade, a personificação do Puro Amor e da Máxima Misericórdia. Considerais apenas o dogma católico das três Pessoas em Deus. Neste, tanto quanto em vós, não existe Graça e Misericórdia. Felizes os que iguais a mim, sabem existir tal Deus somente em vossos corações maus e endurecidos."

Nisto os espíritos impelem os clérigos para mais perto do abismo em chamas, e Eu permito que sintam o forte calor. Novamente gritam: "Jesus, Maria e José! Todos os santos e mártires de Deus, ajudai-nos! Que calor horrendo transmite o fogo infernal, — e deveríamos aqui permanecer eternamente? õ Jesus, Maria e José! Jesus, Misericórdia!"

Eis que dou um sinal aos espíritos para não mais impelí-los, e Pedro se adianta, dizendo aos padres: "Olhai-me, sou Pedro, vivo e verdadeiro, a rocha de fé, escolhido para tanto pelo Senhor de Céus e Terra. Vós e vosso Papa vos dizeis meus sucessores. Quando teria eu vos outorgado profissão judicial? E como podia fazê-lo se, como rocha de fé, jamais recebi tal incumbência? O Próprio Senhor proibiu a crítica, sob risco do próprio julgamento, quando disse: Não julgueis a fim de que não sejais julgados. Se assim é, como vos poderia ter designado para juízes de nossos irmãos? Se nem

sonhando fazemos um julgamento, como poderíamos transmiti-lo a vós? Alegais serdes meus herdeiros. Neste caso, como poderíeis herdar mais do que vos poderia ter legado?

Se o Próprio Senhor afirmou não ter vindo para julgar o mundo mas para felicidade de todos os que crerem em Seu Nome, onde buscastes o direito de julgar os fiéis e condená-los ao inferno? Isto vos outorgastes através do domínio e da cobiça. E agora o Senhor aplica em vós o que fizestes aos vossos irmãos. A medida empregada será usada em vós. Compreendestes?"

Diz o ex-Núncio, tremendo qual vara ao vento: "Ó São Pedro, rocha de fé de Deus! Pede ao Senhor não nos atirar ao inferno, mas por milhões de anos preferimos padecer no purgatório. Sabemos que muito pecamos. E também nos arrependemos de nossa cegueira mundana. Agora nos inteiramos da morte física. Se isto tivesse sucedido antes, teríamo-nos sujeitado à penitência e contrição rigorosas. Julgando-nos ainda vivos, continuamos os mesmos pecadores."

Diz Pedro: "Era preciso sentirdes arrependimento, pois faz parte de vosso dogma; manifesta-se às portas do inferno e jamais vos abandonará. Tal arrependimento, criado pelo pavor de castigos, nada representa para nós. O justo arrependimento deve surgir do amor a Deus, não do pavor do inferno.

O mesmo acontece com a penitência. Só tem valia quando se baseia na fé viva e no amor verdadeiro a Deus e ao próximo. A penitência forçada pelo pavor da punição eterna não tem utilidade, ainda que pior do que os suplícios e martírios infernais, que em breve havereis de sentir."

Tomados de pavor indescritível, os condenados ao inferno só conseguem gemer: "Ó Jesus, Maria e José! Misericórdia!", atirando-se ao solo. Enquanto estão assim prostrados, faço desaparecer a visão do abismo em fogo e, em seu lugar, aparece um enorme cálice de vinho, sete pães especiais, com aviso de se saciarem sem distinção. Em seguida devem abandonar para sempre essa igreja cuja grandiosidade terrena só servia para aumentar o orgulho dos padres que nela trabalhavam. Tão logo estivessem lá fora, viria alguém para orientá-los a fugirem dos castigos do inferno. Após tal ordem deixamos o grupo quase semimorto estirado no solo, dirigindo-nos, inclusive o sacristão, ao ar livre.

233.° CAPÍTULO

Destino dos padres. Difícil conversão para o amor dos espíritos intelectuais.

No momento em que nos encontramos na praça da catedral, uma patrulha desfila à nossa frente. Roberto então diz: "Senhor, esses soldados são estranhos e seria difícil classificá-los. Pelo fardamento só podem ser da época atual, de acordo com o gosto do jovem Imperador da Áustria."

Digo Eu: "Exato. Neste ano muitos foram dizimados pelo tifo e a cólera, etc. e, como eram do exército, aqui se apresentam como militares. Ignoram seu passamento, lembrando-se apenas de sua internação no hospital e do pavor da morte. Presumem ter tomado um remédio ativo, uma espécie de suadouro, e de manhã acordaram sãos e salvos.

Aliás, é benéfica sua falta de compreensão, pois a realidade seria um choque. Tem de ser gradativamente orientados após aparente quitação do serviço militar, pelo fato de estranharem o mundo atual. Sua alma se inquietará, surgindo situações aflitivas e perigosas, levando-os à procura de proteção e auxílio. Não encontrando acolhida, às vezes são obrigados a se entregarem ao adversário. Não raro se perdem em desertos vastíssimos e caso cheguem ao fim, é ele pior do que o próprio deserto. Em suma, todas essas almas ainda presas aos sentidos tem de passar por uma espécie de morte até que se liberte o seu espírito.

Acabaste de presenciar tal fenômeno com os padres. O pavor do portal incandescente do inferno aniquilou-os quase totalmente. Dentro em pouco despertarão na igreja e a ocorrência terá efeito de um pesadelo. Esfaimados e sedentos — prova da libertação paulatina do espírito — se entregarão com avidez ao pão e ao vinho. O aviso explícito, ao lado do alimento, os orientará como fugirem do inferno, criado pela imaginação. Muito embora alguém não tenha crido no inferno quando no mundo, a representação psíquica perdura. Acabam de ver a goela e as labaredas por ela projetadas, percebendo deste modo a realidade da imaginação, voltando à crença total no inferno. Por isto debandarão quando receberem aviso.

Ao deixarem a catedral, não mais avistarão a cidade, mas apenas campo aberto onde encontrarão vez por outra

certos viajantes, sendo por eles guiados, em Meu Nome, a determinado destino. Dispensarão os nossos cuidados e talvez em trinta anos estejam aptos ao ingresso no Céu da sabedoria inicial. Sua evolução a fases superiores será difícil, por ser seu órgão do amor fraco e sem desenvolvimento, pois nunca fora exercitado. Ao passo que o instrumento do intelecto recebeu grande atenção e jamais poderá ser sobrepujado pelo fraco sentimento, pois se em tais criaturas o amor cresce sete palmos, o intelecto triplica. Deste modo jamais poderá se estabelecer o equilíbrio entre amor e sabedoria, necessário à subida a um céu superior.

Não é propriamente impossível tal fato, todavia é dificílimo porquanto o intelecto se apraz mais na abstração do que na ação real. O intelectual só sente prazer em externar seus profundos conhecimentos, enquanto o espírito do amor deseja apenas agir pelo bem e a verdade. Aquele representa o público num teatro a ouvir a peça com olhos de crítica. Dentro de sua compreensão julga entender tudo melhor do que o artista no palco, a passo que não seria capaz de desempenhar papel do último comparsa. Como é mais fácil assistir, observar e criticar do que agir, difícil é conduzir espíritos do céu inferior a um superior. Só podem ser estimulados à ação pela monotonia de fatos ilusórios, inclusive por exemplos humorísticos. Uma vez ativos, ainda que num campo inferior, pode-se esperar melhoria. Eis a situação desses padres. Terão que engolir muitas pílulas para chegarem ao primeiro céu do conhecimento.

Para esse grupo de soldados a situação será mais fácil. Após alguns exercícios pararam à nossa frente por termos despertado sua atenção. Pretendem inquirir-nos em virtude da grande multidão na cidade, ainda em estado de sítio. Serão devidamente orientados e convidados a nos seguir ao Reino da Vida. Então terá chegado a tua vez, Roberto, de te tornares guia. Precisas saber te conduzir."

234.° CAPÍTULO

Nova tarefa de Roberto. O militarismo.

Diz Roberto: "Senhor, sei desde já ser difícil a incumbência, pois o militarismo nunca foi do meu agrado. Bastava

ver um soldado, para apoderar-se de mim uma íntima revolta, impossível de dominar. Sinto agora a mesma sensação, muito embora me encontre entre os espíritos meio evoluídos pela Tua Graça. Pretendendo converter esses homens, deveria ao menos sentir alguma inclinação ou gosto para tanto. Quanto mais pesquiso meu coração, mais percebo a impossibilidade. Os soldados nada mais são que máquinas a se movimentarem sob determinada ordem.

Vejamos o estado de sítio. Todo guarda tem ordem para fuzilar, sem distinção, quem não responder a três chamadas. Suponhamos aproximar-se um surdo — e seu destino seria o fuzilamento. Como classificar tal atitude? Qual será o sentimento de um homem que após tal ato continua sua tarefa como se nada tivesse acontecido?

Já deves ter notado não ser eu amigo do militarismo, portanto não o sou dessa tropa. Peço-Te, Senhor, entregares a missão a um mais prestável. Toda a minha natureza se rebela contra isso, mormente aqui onde fui tratado de modo desumano. Perdoei aos que me fuzilaram; no entanto, não posso ser amigo do militar."

Digo Eu: "Justamente por tal motivo entrego-te essa tarefa. Não poderás ingressar no Meu Reino, caso não consigas livrar-te desse espinho. No Meu Reino só rege o puro amor, que deve estar livre da menor aparência de inexorabilidade. Terás que devolver ao mundo o último centavo antes de te tornares cidadão íntegro do Reino Celeste.

Afasta de ti tudo que tenha vestígio de implacabilidade. Terás, a cada momento, que abraçar milhões de criaturas com toda a força de tua alma. Teu beijo fraternal tem que ser dado a todos os seres da Criação, e não vem ao caso te serem agradáveis ou não. Amigos e inimigos devem merecer a mesma consideração. Se no Meu Reino do Puro Amor existissem certas considerações, que aspecto teria o Governo Universal?

Observaste na Terra como Eu deixava irradiar o Meu Sol sobre bons e maus, e fazia cair a chuva no campo dos que Me desprezavam, bem como nos dos Meus adoradores mais fervorosos. Por que agi assim? Por ser Eu Mesmo o Puro Amor e jamais concebo vingança ou a menor partícula de rancor. Meu Desejo mais íntimo se concretiza em libertar e fazer felizes todos os seres, com risco da Minha Própria Felicidade.

Há algum tempo privo contigo e não podes alegar Meu Afastamento. Para Mim, o Ser mais Perfeito de todos os seres, não constitui satisfação em permanecer entre criaturas imperfeitas e sem vontade de Me reconhecerem, mas guiá-las como irmãos aperfeiçoados no Meu Reino do Puro Amor e da Luz claríssima surgida do Centro do Meu Coração. Contudo, ajo desse modo porque Meu Amor Me impõe tal dever. Deves fazer o mesmo e tratar de imitar-Me.

Um soldado é em si um fogo destruidor e aniquilador. Imagina um país no qual seria impossível ateá-lo e conservá-lo. Não haveria sensação de vida, tampouco a própria existência. Se num Estado não houvesse exército, onde estaria a segurança dos bens necessários, da vida e da manutenção das leis? Aquilo que em excesso se tornaria perigoso, tem que ser mantido em virtude da existência. Por isto, o militarismo não é tão prejudicial como julgas, pois é necessário e útil. Não deves observá-lo com olhares hostis, mas com amor puro, justiça e ordem, considerando ser o soldado um teu irmão. O fato de ele ser máquina da lei não é de tua alçada. Devem existir tais máquinas para garantia da liberdade verdadeira e eterna.

Porventura não é todo corpo cósmico um maquinismo da lei para nele poderem amadurecer seres livres? Que seria das criaturas se assim não fossei Imagina um planeta com vontade própria e ilimitada — qual seria sua atitude com os habitantes a molestá-lo? Pondera isto tudo e serás mais a favor do militarismo, tornando-se tua tarefa mais fácil pois nela se baseia o motivo principal por que foste obrigado a vir a Viena em Minha Companhia. Anima-te e age com confiança."

235.° CAPÍTULO

Roberto esclarece a tropa acerca do Reino Espiritual.

Muito embora algo perplexo com Minha Admoestação, Roberto agradece, conquanto não tenha coragem para iniciar a palestra com os soldados antes que lhe dessem motivo para tanto. Eles o percebem, pois ouviram Minhas Palavras e aguardam a iniciativa de Roberto.

Como nada sucede, adianta-se a bela Helena, sempre cheia de amor para Comigo e diz para o marido: "Meu caro,

estás com medo? Como podes perder um segundo na execução da Vontade do Senhor? Se fosse comigo, de há muito teria concluído a tarefa. Movimenta-te para que a tropa venha a saber estares vivo. Ficaria aborrecida com marido dessa ordem. Lembra-te de Cado que enfrentou o próprio Satanás. Naquela ocasião desempenhaste papel angelical, e agora tremes diante desses homens. Isto não honra o nome de Roberto Blum."

Quando a tropa ouve esse nome, aproxima-se e diz asperamente: "Que "Blum" vem a ser este? Por certo não é o grande traidor fuzilado pelo General Windischgraetz?"

Tal pergunta irrita Roberto, que enfrenta os soldados com energia: "Sim, sou eu. Mas não física e sim, espiritualmente. Nunca fui traidor e para tanto tenho o testemunho de Deus, da Saxônia e da própria Alemanha. Ao passo que o meu assassino que me fez executar em seu excessivo orgulho, mais tarde tornou-se traidor verdadeiro. Somente sua alta nobreza e alguns feitos patrióticos pouparam-no da prisão. Não fosse Príncipe Windischgraetz, seu crime teria tido outro desfecho na Hungria. Aqui em Viena existem milhões de testemunhas que poderão provar ter eu aconselhado a desistência da luta. Chamaram-me de covarde. Por isto peguei novamente da arma, dizendo: "Que me acompanhe quem não teme a morte! — Seria isto crime de Estado?"

A esse discurso enérgico adianta-se um oficial e diz: "Amigo, por volta de 1848, correu o boato de ter sido o Blum posto em liberdade pelo príncipe, fazendo fuzilar um outro em seu lugar. Em seguida teria sido transportado sob outro nome até a América. Seu aparecimento nesta cidade dá motivo para crer nessa hipótese. Diga-me o que há de verdade nisto."

Diz Roberto: "Isto é mero boato, mormente na Saxônia e na Prússia. Fui fuzilado, como milhares de outros, à vista de grande aglomeração e espero não haver dúvida a respeito. O que ora vês não é carne e osso, mas o eterno espírito do Blum, destinado por Deus a vos orientar como entidades semelhantes a mim.

Eu mesmo custei a perceber minha morte após o fuzilamento. Por longo tempo perambulei em trevas e sua recordação me produz horror. Somente a Bondade e Misericórdia de Deus fizeram-me sair de tal estado trevoso para a Luz radiante da Vida. Só depois percebi ter falecido.

Desde então o Senhor está ao meu lado e milhares de almas encontraram em tal ocasião a plena liberdade da Vida eterna. Muitas habitam em zonas libérrimas dos Céus de Deus que em absoluto são quimeras, conforme julgávamos em vida. Apenas número reduzido se acha na constante Presença do Senhor, que aqui veio a fim de trazer a salvação aos de boa vontade.

Essa enorme multidão é composta de almas libertas dessa cidade onde algumas viviam há séculos animadas pela fantasia terrena. Através da força penetrante do Verbo Divino perceberam o seu engano. Reconheceram a verdadeira Luz da Vida e seguiram de modo próprio Aquele, Senhor Único de toda Vida.

Fazei o mesmo, pois na Terra que presumis habitar não há salvação para vós. Acreditai-me. Não vos falaria se assim não fosse. Deponde vossas armas desnecessárias. No futuro eterno o Nome do Senhor será vossa arma poderosa. Irmãos, resolvei vossa situação e segui-me. Disse-vos a plena verdade."

236.° CAPÍTULO

Resposta do oficial incrédulo.

Diz o oficial: "És bom sujeito, um tanto esquisito. Alegaste termos morrido há tempos, tornando-nos espíritos. Mas, vê só: A suntuosa catedral, com a torre gótica, tal qual após a restauração. Não falta nem um ninho de andorinha entre as incrustações. Aí, em redor, as casas tão conhecidas! Tudo isto devia ter alma e espírito passado pela morte deixando de existir na Terra a fim de se apresentar no teu mundo dos espíritos. Não deves tomar-nos por idiotas e exigir nossa crença nesse absurdo.

Também te referiste a Deus, entre vós, tratando de salvar almas atrasadas para levá-las ao Céu. Que afirmação mais ridícula. Deus penetra o Infinito — e deveria encontrar-Se aqui na forma de um homem? Que se passa contigo? Se és realmente o Blum, não foste de crença fácil nem supersticioso. Como se deu tua transformação? Aceitaste tais ideias na Irlanda?

Amigo, podia mandar-te prender junto com teu Papai do Céu. Não o faço por seres inofensivo. Os próprios jesuítas podiam privar contigo sem prejudicar-se. Todos vós dais a impressão de cordeirinhos e o que mais interessa é tua mulherzinha. Em companhia dela faria até uma procissão católica. É inglesa?" Interrompe Helena: "Chamo-me Helena e nasci nos subúrbios de Viena, local para os pobres pecadores. Compreendeu?" Diz o oficial: "Oba! Então és legítima funcionária da ralé. Mas como podes ser esposa dele, se foi casado e teve vários filhos na Saxônia?"

Responde ela em dialeto vienense: "Não sabes que na Terra se deve ter uma só mulher? Mas depois de morto e de ter chegado no Céu pela Graça e Misericórdia Divina, recebe-se outra, de origem também terrena, pois no Céu só existem criaturas que já viveram na Terra. Trata de lá ingressar que talvez se ache uma boa moça para ti. Antes disto é preciso amares a Deus acima de tudo."

Diz o oficial: "É lastimável usares dialeto tão horrível. Por acaso todas as mulheres se expressam deste modo no Céu? Se assim for, prefiro ficar nos meios mais educados do planeta."

Diz Helena: "Ora, julgas falar alemão clássico? Todo idioma é bom e belo quando surge de coração puro. Se o linguajar é muito elegante, mas se baseia em coração de patife — que valor tem? Que seria do teu agrado: eu falar alemão clássico para enganar-te, ou esse dialeto suburbano, mas com boa intenção? O alemão do norte é, principalmente em Viena, apenas disfarce. Quando alguém se expressa desse modo é para dar impressão de inteligente, ou para conquistar alguma garota, conforme eu mesma experimentei. Um simples caixeiro de armazém faz propaganda de sua mercadoria e não percebe como se torna ridículo ao enfrentar o belo sexo. O mesmo se dá nas repartições. Os mais entendidos no idioma são geralmente os mais estúpidos e ignorantes, pois pretendem ocultar seus defeitos."

Diz o oficial: "Não é bem isto. Julgo apenas ser necessário a pessoa falar como escreve. Quanto mais te fito, tanto mais percebo a tua formosura e chego à conclusão de jamais ter visto criatura tão bela, pois vi muitas na Europa. Se usasses expressões educadas serias uma verdadeira deusa. Se quiseres fazer jus à morada celeste, teu linguajar deve estar à altura,"

Retruca Helena: "Deixa de arrogância! Pretendes conquistar-me com teu rapapé? Agrada-te minha figura — meu coração não te interessa. Justamente meu modo de falar é proteção para mim. Fala com meu marido. Ele se expressa melhor do que eu. É preciso acreditares no que ele diz, do contrário levarás muito tempo para entrar no Céu."

Tapando os ouvidos o oficial diz: "Felizmente fechaste a boca. Isto cheira a carne assada com alhos. Roberto, acaso és surdo? Tu, homem inteligente e culto, consegues ser feliz ao lado desse bife? Em poucas horas eu estaria desesperado, em companhia de esposa de tal quilate. Se ela fosse muda e apenas se manifestasse por gestos, seria mais interessante do que por idioma desconhecido. Não precisas temer alguém ser por ela seduzido; é extremamente inculta."

Diz Roberto: "Enganas-te muito. — É muito esperta e tem a coragem de um pelotão. Nem sempre fala deste modo, mas apenas quando quer. Achando necessário, expressa-se maravilhosamente. Aceita o seu conselho, dirige-te pessoalmente a Jesus, o Senhor, e te convencerás de tudo. Só então fala e age de acordo com tua convicção." Observa o oficial: "Isto soa bem estranho. Seja como for, leva-me até lá. Se falaste a verdade, terás em mim um colaborador."

237.º CAPÍTULO

Inclinação do oficial à Pessoa de Jesus.

Roberto traz o militar junto de Mim e lhe diz: "Eis Aquele de Quem testemunham a Criação, os profetas e Seu Próprio Verbo de Puríssimo Amor."

Diz o oficial: "Ah, este aqui? É o mesmo que anteriormente elogiou o militarismo por ti criticado. Acho-o muito simpático, até mesmo não sendo Deus. Quando surgem de um coração justiça, critério acertado de todas as circunstâncias e classes, bons sentimentos, amor à ordem e ao próximo, através de palavras e ações, — tal criatura é plena do Espírito de Deus e merece a maior veneração por parte do semelhante. Por isto homenageio este homem, por ter descoberto nele tais qualidades.

Atenção, soldados! Honras a este homem! Não usa dragonas douradas na espada, muito mais porém no coração.

Homens tais são raros. Deixa-me abraçar-te, amigo! O peito de um soldado é áspero como máquina da lei. Dentro dele pulsa muitas vezes um coração amoroso para com Deus, imperador, pátria, justiça e ordem."

Com isto, ele Me abraça e beija a torto e a direito. Em seguida prossegue: "Que prazer extasiante! Na Terra maravilhosa muita coisa existe a nos preencher o coração de doce nostalgia. A coisa mais sublime é o primeiro beijo fraternal de dois seres honestos. Por isto, mais uma vez: Salve!"

A esta manifestação barulhenta aparecem várias pessoas às janelas e a curiosidade as leva ao local da confusão. Encontrando-nos completamente sitiados pela multitdão, o oficial dá ordem para dispersá-la. Eu o impeço, dizendo: "Esses ociosos devem verificar que aspecto tem a salvação do mundo. São criaturas semimortas, inúteis e, ao mesmo tempo, inofensivas. Deixemo-las."

O militar segue o Meu Conselho e diz: "Amigo maravilhoso! Lastimo imenso ter de deixar-te. Sabes ser o tempo de um guerreiro calculado a cada minuto, por isso tenho que levar minha tropa ao destino previsto. Passe bem. Será para mim a maior das alegrias encontrar-te oportunamente." De olhos marejados ele Me abraça e beija para se afastar pezaroso.

Estendendo os Meus Braços, lhe digo: "Meu filho, fica aqui. O amor que te fez atrair ao Meu Peito é justificado, pois sou teu verdadeiro Pai desde Eternidades. Que te seja tirada a venda que impedia Me reconheceres imediatamente. O Pai Se alegra em poder abraçar filho tão querido. Depende somente da liberdade do mesmo, do contrário não suportaria a Onipotência Divina. Alcançaste tua liberdade, vem abraçar o Peito de teu Pai verdadeiro e terno!"

Nisto o oficial Me reconhece, dá um grito de alegria e se atira aos Meus Pés dizendo: "Meu Deus! Sou pecador; como poderia aproximar-me de Ti?" Digo Eu: "Levanta-te e vem. Eu te chamando de "filho", estás sem pecado. Quem tem tanto amor como tu, está livre de erro. Ainda que tivesse tantos pecados quanto a areia do mar e a erva da terra, ser-lhe-iam perdoados pelo grande amor do seu coração."

A estas palavras o oficial se ergue e Me fita extasiado, dizendo: "É o mesmo Peito que anteriormente abracei como cego — por que deveria temê-lo agora? Querido Pai! És meu,

meu Pai Bondoso e Santo!" Atirando-se ao Meu Peito ele chora de alegria e Eu o abençoo para que possa suportar o Meu Amor."

Após algum tempo ele Me solta e diz de olhos úmidos: "Pai Querido! Sou tão feliz como jamais sucedera a alguém. Aceita a minha tropa e não consideres seus defeitos."

Respondo: "Filho querido, teu pedido vem tarde, por já ter sido aceita. Serás seu guia e doutrinador no Meu Reino, e com isto tua felicidade será perene. Esses homens tem muitos tesouros que descobrirás ao ajudá-los na evolução gradativa. Um deles abarca mais do que tudo que viste da Minha Criação."

Entrementes o militar percebe como a multidão se enternece com essa cena comovedora, julgando ter havido um encontro comum entre pai e filho. Por isto, ele Me diz: "Pai, essas criaturas semimortas dão impressão de quererem evoluir. Não poderiam ficar conosco? Mesmo que haja entre elas uma ovelha negra, poderia ser purificada."

Aduzo: "Também já foram lembradas, pois todas entrarão no teu regimento. Foi por isto que não permiti seu afastamento. Transmite-lhes o que sucedeu contigo e eles te seguirão."

238.º CAPÍTULO

O oficial conduz a multidão ao Vale de Josafá.

O oficial se curva com respeito diante de Mim e de todos, posta-se entre a assembleia e divulga a salvação de suas almas de modo tão incisivo a deixá-la atordoada e as mulheres principiam a soluçar. Uma delas julga ter chegado o Dia do Juízo Final, em que todos serão condenados.

Com energia, o oficial retruca: "Ó criaturas tolas! Acreditais ter o Dia do Juízo Final o aspecto dado pelos sacerdotes? Deu-se agora um Dia Final em que o Próprio Senhor nos despertou, do contrário teríamos continuado na treva eterna dos enganos da vida. Existe um julgamento mortal, até hoje por nós sentido. Tal julgamento é obra nossa e não de Deus. O Verbo Divino, pelo qual fomos criados, e o livre arbítrio perfazem nosso julgamento, do contrário seríamos quais pedras, sem vida. Quando nos tivermos aplicado o golpe mortal de modo próprio e não sendo capazes de nos socor-

rer, o Pai vem do Alto com Seus anjos e ajuda os mortos a voltarem à vida. Ao despertarem para a vida os espiritualmente mortos no Dia da Vida Eterna de Deus, surge então o Dia mais recente de modo idêntico ao de uma criança recém-nascida. Por isto não temais esse Dia, pois ao menos aqui no mundo espiritual jamais poderia surgir. Recordo-me que se lê na Escritura: Eu, o Senhor, despertá-lo-ei no Dia Final!, e não: Em tal Dia o condenarei e matarei.

Caso Deus quisesse que certa espécie de espíritos habitarem as tumbas e o inferno, tê-los-ia constituído de forma tal a se capacitarem à morte e ao inferno. Deus criou os homens para a Luz e não para a eterna noite da morte e suplício. Ele Mesmo desperta a todos os enterrados na morte. Sêde inteligentes e aceitai orientação. O Senhor pretende trazer a felicidade a todos através Sua Doutrina Sublime. Não cabe a Ele a responsabilidade de os homens a terem interpretado erradamente por tolice e ganância, pois respeita a livre vontade de cada um. Afastai de vós todos os escrúpulos e segui-me para junto Dele. Fará vossa felicidade à medida da capacidade individual."

Protestam as mulheres: "Na Escritura Sagrada consta expressamente que após a ressurreição todos serão levados ao Vale de Josafá, desde Adão até o último habitante da Terra. Lá verão a Chegada do Filho de Deus no meio dos apóstolos, os santos e mártires acompanhados de inúmeras falanges angelicais. Eis que o Juiz Implacável tomará posse do trono do Julgamento para julgar mortos e vivos. Que explicação dás a tais palavras?"

Responde o oficial: "Acreditais ser possível Deus criar uma bola quadrada?" Dizem elas: "Claro que não." "Bem", diz ele, "somos habitantes do mundo dos espíritos. Acaso tendes a impressão de terdes aumentado ou diminuído em tamanho?" Respondem todas: "Não há diferença, na hipótese de termos morrido." Diz ele: "Muito bem, Graças a Deus já nos encontramos no mundo espiritual, ou seja o da Verdade. A questão do nosso tamanho deve ser elucidada.

A catedral e as casas são tais quais as vimos em vida e nossa estatura corresponde à mesma. A maior prova disto é o Próprio Senhor cuja Figura é semelhante à nossa.

Agora vamos à matemática. Quando cadete acompanhei Uma expedição à Ásia e cheguei a ver o Vale de Josafá, perto de Jerusalém. Fiz minhas observações porquanto os vales da

Terra Prometida são muito estreitos e pedregosos e de comprimento reduzido. Além de Damasco, em direção à Babilônia e Pérsia, os vales são mais extensos e largos. Na Judéia encontram-se apenas vales pequenos e grutas estreitas. O Vale do Jordão, o mais importante, não é largo nem comprido. O mesmo se dá com o de Josafá.

Se eu lá colocasse dois mil soldados, eles poderiam escolher acampamento. Um exército de 600.000 homens ficaria qual sardinha enlatada, e um milhão começaria a suar sangue. Calculai cem milhões de homens acampados naquela região. Para povoar a Áustria bastam cem milhões. Imaginai um bilhão, que bem juntinho ocuparia sete milhas quadradas. Atualmente contamos cinco mil anos em que no mínimo habitaram a Terra dois a três bilhões de criaturas — e todas elas deveriam ter lugar no Vale de Josafá por ocasião do Dia do Julgamento?

Para tanto seria preciso transformar o planeta todo em Vale ou reduzir os homens a infusórios. E os pobres anjos do Céu teriam que usar os melhores microscópios a fim de separar os bons dos maus. Se porventura a Terra toda fosse o dito Vale, nem todos poderiam ver o Juiz Implacável, ouvir o julgamento a um só tempo, mas somente após decorridas 24 horas. O Senhor teria que pronunciar o Julgamento de segundo em segundo, e com voz estentórica, pois a Terra faz uma rotação de aproximadamente cinco milhas alemãs por segundo. Nesse cálculo seria preciso uma voz de canhão para se fazer ouvir a umas três milhas.

Por aí vêdes os absurdos que surgem ao se interpretar literalmente a Palavra de Deus. É preciso procurar o sentido espiritual, caso se pretenda chegar à Verdade, único meio para libertar a alma de todos os erros.

O Vale de Josafá foi, em virtude de sua esterilidade, usado para cemitério de famílias conceituadas e nele se aplica o dito: No cemitério todos se reencontram, grandes e pequenos, ricos e pobres, velhos e moços, amigos e inimigos. No sentido mais restrito significa ele a própria tumba devido à sua estreiteza e, espiritualmente falando, o mundo dos espíritos, onde agora nos encontramos. Este mundo é uma sepultura para o espírito até que o Senhor nos desperte pela Sua Vontade Santa e Poderosa.

Até então habitávamos o Vale de Josafá. O Senhor chegou com toda a Sua Glória, Amor e Misericórdia Infinitos,

dando-nos direção de vida pela Sua Graça. Por isto não devemos pensar naquilo que não existe, mas sim, como agradecer-Lhe por tamanha Graça. Vinde comigo e dai Honra a Ele por vos ter libertado do vale da morte e do julgamento."

239.° CAPÍTULO

A paciência do oficial é posta à prova.

Adianta-se um inculto e idoso camponês e diz, gaguejando: "O sr. é muito inteligente e alegou estar presente o Papai do Céu. Quem é, por favor?" O oficial tem vontade de explodir com uma gargalhada, mas se controla e diz: "Bom homem, lá está Ele palestrando com Roberto Blum e o Imperador José, usando linda cabeleira loura. É de seu agrado?"

Responde o campônio: "O quê? Aquele, Papai do Céu? Tão pequeno e simples? Quem teria suposto tal coisa? Desculpe, senhor, falo como o entendo." Diz o oficial: "É isto, meu amigo, não dá tal impressão; entretanto é Ele Pessoalmente. Vinde todos comigo para que sejais apresentados a Ele e saibais de vossa futura ação. Não demoreis, pois poderia perder a paciência." Aproxima-se outro grupo: "Deixamos em casa tudo em desordem e nossos familiares ignoram nosso paradeiro. Poderíamos dar um pulinho até lá?"

Diz o oficial: "Tolos! Como poderíeis ter outros desejos quando tendes oportunidade para chegar junto do Senhor? Vossa casa é nada mais que fantasia. A verdade e realidade só começam aqui — o passado foi apenas um sonho vão. Pretendeis alimentar a fantasia arriscando a realidade santa? Não lestes: Quem naquela época se achar fora de casa, para lá não deve voltar em busca do paletó? Quem estiver no telhado, não deve descer, etc. Quando Deus, o Senhor, nos chama, temos que abandonar tudo e segui-Lo, do contrário não O merecemos. Tudo que deixardes, por amor a Deus, ser-vos-á recompensado mil vezes. É preciso compreenderdes a Ordem Divina. Enchei vossos corações de amor puro para com Deus e seguí-me para junto Dele, do contrário vos abandono aqui, em vosso Vale de Josafá."

Diz uma senhora idosa, segurando o breviário e o rosário: "Não acha conveniente orarmos durante os trinta passos

que levam à Maria Santíssima, ao menos nas horas santificadas, ou talvez metade do rosário do sofrimento?"

Diz o oficial consigo mesmo: "Santo Deus, dá-me paciência! Essa beata quer me trazer dificuldades...!", e virando-se para ela, prossegue: "Acaso não deseja confessar-se e comungar? Se aqui Se encontra o Senhor e Deus Verdadeiro, certamente não precisaremos de um artificial. Velha dorminhoca, sou apenas um pouco mais inteligente do que tu, e teu pedido é para mim extremamente enfadonho. Que impressão não deve causar a Deus!

Atirai para longe todo aparato clerical que só serve para matar alma e espírito, e vinde conosco para junto Daquele que unicamente é e possui a Vida. Ele vos dirá o que vos cabe fazer no futuro. Acreditais ter Ele prazer com tais tolices? Ele tem paciência e indulgência, jamais porém sente satisfação com a cegueira humana. Na paciência, que nada mais é senão um aborrecimento recalcado pelo amor, não pode haver satisfação. Digo pela última vez: Se algum de vós me apresentar mais outra tolice dessa ordem, no momento mais importante para a Eternidade, será expulso dessa assembleia, podendo voltar à morada de fantasia."

Protesta a velhota: "Ora, sr. oficial! Ignorava serem as orações algo tão errado, embora estivesse ciente de que não fossem sempre agradáveis e por isto pensei em aceitar essa cruz de mortificação para seguir o Cristo. Pessoas abastadas só conhecem a cruz da prece, e sem ela não teriam mérito perante Deus. Pensei alcançar algum merecimento se durante as horas passadas junto do Senhor tivesse feito algumas orações. Vejo ser o senhor mais entendido no assunto, por isto faremos o que aconselha."

Diz ele: "Deixai-me em paz com o tratamento de senhor. Deus, Unicamente, é Senhor. Nós outros, irmãos. Meu Deus! A que ponto chegou a tolice de tuas criaturas. A prece, a elevação sublime da alma para junto de Ti, o ato mais celestial para os pobres da Terra, como no Céu — tudo é considerado uma espécie de penitência, uma cruz mortificadora. Infelizmente, a maneira de fazê-lo, sem nexo e sentimento, nada mais é que mortificação. Partindo desse ponto de vista, a prece é uma cruz. Essas criaturas não tem critério tão errado e é preciso ter-se paciência com elas. Haverá outras desse quilate?"

Mal ele termina, aparece outra velha com crucifixo de prata e diz: "Perdão! Esta cruz, três vezes abençoada pelo Papa, foi-me presenteada pelo Padre Quardian, dos capuchinhos, por ter eu pago uma dívida do claustro. Nessa cruz se acham guardadas algumas relíquias do Cristo. Que acha o senhor, não poderia ofertá-la a Ele?" O oficial dá um salto de revolta e exclama: "Meu Deus! Que absurdo! Ó cúmulo da burrice!", e virando-se para ela: "Em Nome de Deus, faze tua oferta."

240.° CAPÍTULO

Relato de uma vida que interessa ao oficial.

Quando o oficial faz menção de seguir caminho, apresenta-se outra criatura idosa e lhe pede atenção. Ele pára e pergunta qual seu problema. E ela responde: "Sempre tomei a vida como algo muito sério e mantive a ordem doméstica a toda risca. Os empregados se queixavam de meu pedantismo, acabando por aceitar o meu regime.

Quando mocinha tive um professor muito inteligente e dotado de capacidade de intercâmbio com espíritos, dos quais me contava fatos extraordinários. Muito embora no começo tivesse receio desses hóspedes estranhos, ele sabia inspirar-me coragem e entusiasmo, falando com tanto amor e graça que perdi o medo dos espíritos e desejei também seu convívio.

Assim, meu professor, conquanto contasse quarenta anos, porém de boa aparência, tornara-se indispensável para mim, que contava apenas quatorze. Meu modo de pensar não se adaptava ao mundo, fato percebido pelos meus pais. Instigados por alguns amigos, começaram a desconfiar de um afeto entre nós e não vacilaram em chamar o meu mentor a fim de expor-lhe a impossibilidade de continuar no emprego. A investigação paternal levara à certeza de ter ele transtornado a cabeça da aluna, pagando-lhe por isto a remuneração combinada, Assim, foi meu amigo e protetor expulso de casa e eu recebia outros,que me arrepiavam."

Interrompe o oficial: "Dize-me, o professor chegou a aceitar tal situação? Conta-me isto minuciosamente, pois começo a me interessar." Diz ela: "Que poderia ter feito? Sabia muito bem como agem os aristocratas em tais assuntos. Por isto disse apenas: Minha atitude como homem e pro-

fessor não me culpa de coisa alguma. Minha consciência de nada me acusa. A verdade é uma só e não aceita alteração; e agora sou despedido injustamente. Mas não importa. Sempre foi destino dos justos sofrerem no mundo. Alegro-me com isto, porquanto prova que Jesus, o Senhor, me aceita como discípulo. Ele, o Eterno, colheu a paga da pior ingratidão e ainda assim perdoou aos homens, pois não sabiam o que estavam praticando. Por que deveria eu, pecador, ressentir-me com vossa atitude, pois nunca procurei vantagens terrenas?

Dói-me a proibição de frequentar vossa casa, pois eduquei vossa filha para amiga verdadeira do Cristo, realização difícil nessa época. Não importa, pois quem perde algo por causa do Senhor, será recompensado mil vezes. Essa miserável indenização monetária, tão prezada por vós, pode ser aplicada como entenderdes. Aquilo que dei a vossa filha pela Graça Divina vale mais que o mundo inteiro. Ainda que ela perdesse todos os tesouros terrenos, seria mais feliz com a dádiva espiritual recebida por mim."

Meu pai, irritado com a atitude do professor, quis obrigá-lo a aceitar a soma. Ele rejeitou-a e se afastou para sempre. Eis a história do meu professor que nunca mais vi. Os posteriores mestres só se interessavam pelo ganho material, de sorte que eu nada mais aprendi.

Em compensação procurei, com a idade, realizar os princípios aprendidos com o meu amigo espiritual e quando enviuvei, soube de seu ingresso na carreira militar. Deus não permitiu o nosso reencontro. Continuei em companhia de minha filha, em tudo semelhante a mim. Há alguns anos deixei a Terra e logo procurei, aqui, saber do meu professor, sem ter tido qualquer notícia. Chamava-se Pedro, e nunca descobri, nem meus pais, se tinha outro nome — única peculiaridade de sua parte. Talvez o senhor pudesse dar-me orientação a respeito, porquanto está bem informado neste mundo. Seria para mim a maior felicidade encontrar esse espírito elevado."

O oficial vira-se um pouco de lado e diz de si para si: "Será possível ser essa criatura a maravilhosa Matilde? Que teria acontecido para ela chegar a tal ponto? Certamente foi culpado o matrimônio infeliz. Mas Deus saberá curá-la. Se aqui houver possibilidade de matrimônios celestes, farei tal pedido ao Senhor, mesmo que seu físico não se modifi-

que. Que tempos maravilhosos não passamos! Naquela época era ela um verdadeiro anjo. Os Céus de Deus devem ser de Beleza inaudita e a Terra é igualmente linda para quem conhece Deus e O ama acima de tudo."

Novamente ele se vira para ela: "Meditei acerca de tuas palavras e penso ter descoberto o referido educador. É preciso adquirires enorme paciência e afastar de ti tudo que se assemelhe a paixão, entregando Pedro ao Senhor. Ele então cuidará de tua felicidade. Para Deus todas as coisas são possíveis. Antigamente temeste a Deus. Agora deves amá-Lo acima de tudo e tal amor te proporcionará a maior bem-aventurança e beleza celestiais."

241.º CAPÍTULO

Prosseguimento do relato da vida de Matilde.

Diz ela, de si para si: "Estranho, ele usa as mesmas palavras de meu professor. Além disso é muito parecido com ele. Acalma-te, pobre coração, não deves deixar transparecer o teu pressentimento. Somente de seu bondoso coração podiam surgir ensinamentos tão celestiais na luz e no calor divinos."

O oficial também monologa porquanto ouve as mesmas palavras em seu íntimo: "Que espírito maravilhoso habita em alma tão precária. Devia-se supor que perante Deus, o Senhor, um coração cheio de amor, verdade, paciência e humildade, tivesse atingido a perfeição da alma. Deve ter acontecido algo sério que a prejudicou de tal maneira. Possuía um físico radioso capaz de servir de modelo a qualquer pintor exigente. E agora, os andrajos mal lhe cobrem a forma esquelética. Meu Deus, s3 misericordioso para com essa pobre criatura!"

Virando-se para ela, o oficial diz com amabilidade: "Minha amiga, conta-me qual foi o motivo que te provocou estado tão deplorável, embora sejas dotada de espírito tão maravilhoso?"

Retruca Matilde: "Caro amigo, a separação de meu professor atirou-me numa depressão horrível, que procurei esquecer na vida dos sentidos. O espírito era potente, mas a carne, fraca, de sorte que não pude ingressar no mundo

espiritual de modo diverso de que tinha feito jus. Meu casamento foi um fracasso, pois meu marido faleceu pouco tempo após. Aqui estou, fraca e miserável, sem saber de minha família, que certamente não pode estar em situação favorável. Deus sabe que lhe desejo tudo de bom."

Diz o oficial: "Querida, realmente sofreste muito. Mas não deves desesperar. Acompanha-me para junto do Senhor, que aqui está para socorrer a todos os que O chamam." Conduzindo Matilde para junto de Mim, o oficial diz: "Senhor, Pai Amantíssimo! Por certo não preciso mencionar o que falta a essa criatura. Por isso, só posso pedir-Te que sejas Misericordioso para com ela."

Digo Eu: "Matilde, que desejas que te faça?" Responde ela: "Senhor, vês diante de Ti uma grande pecadora e saberás quais os elementos que lhe prejudicaram corpo e alma. Minha vontade procurava reagir, sem contudo sair vitoriosa. Por que fora preciso eu perder meu professor e protetor? Por que fui tão infeliz, temporária e eternamente?"

Digo Eu: "Sei perfeitamente de teu estado psíquico e perguntei-te apenas o que desejas que te faça. Fala, que havemos de encontrar tempo suficiente na Eternidade para organizar as condições terrenas." Diz ela: "Santo e Querido Pai, sabes o que necessito; ajuda-me, pois tudo Te é possível."

Retruco: "Então crês ser Eu realmente Deus Único e Verdadeiro, ao Qual todas as coisas são realizáveis? Sou homem, porventura Deus é apenas Homem?"

Diz Matilde: "Tu és Cristo, Jesus, o Salvador dos homens, e cada Palavra Tua contém Vida. Quem as aceita, recebe a própria vida. Quando na Terra tiveste a vida na carne segundo Tua Infinita Onipotência, Sabedoria e Amor, disseste como Homem: Quem vir a Mim, verá o Pai, pois Eu e o Pai somos UM. Meu coração me diz, seres o Amor Eterno, por isto, aceita-me por amor!"

242.º CAPÍTULO

Encontro de duas almas, separadas na Terra.

Digo Eu: "Minha filha, grande é tua fé e muito amor habita em teu coração. Que se faça segundo a tua fé e o poder de teu amor! Estás com fome e sede e desprovida de

vestes, pois o teu alimento foi péssimo na Terra. Não tivesses sido alimentada espiritualmente durante os primeiros anos de tua vida, tua alma teria mergulhado no lodo da matéria, de onde seria difícil salvar-te. Assim, o alimento do espírito quebrou o veneno dos sentidos. Chegou o momento de suprir-te do necessário. Roberto, providencia pão e vinho, e uma roupa nova."

Nem bem termino de falar, Roberto avista por perto uma espécie de loja com vários artigos, onde encontra o que Eu havia pedido. Após ter abençoado tudo, mando que Roberto o entregue a Matilde. Enquanto ela se alimenta, o físico se transforma e adquire aparência juvenil. Quando se vê de vestido azul com galão vermelho, ela se alegra, caindo de joelhos diante de Mim, e diz soluçando: "Meu Pai-, o coração vibra sem poder transmitir o que existe dentro de mim. Em tudo transpira apenas o Teu Amor! Teu Santo Nome seja louvado eternamente!" A emoção a domina a tal ponto que seu rosto toca quase o solo. O oficial, por sua vez, começa a chorar de alegria. Eu o advirto dizendo: "Amigo, controla-te. Ela necessitará de tua ajuda. Trouxeste-a até aqui e serás o seu futuro guia; cuida de seu espírito."

Diz o oficial: "Tua Palavra, Pai, Senhor e Deus, será eternamente o centro de minha vida, por isto Te rendemos todo louvor e gratidão por tudo que fazes a Teus filhos. Vem, Matilde, vê quão Bondoso é nosso Pai Celeste." Ela se ergue e reconhece no oficial o antigo professor Pedro. Ainda de joelhos, ela exclama: "Deus, meu Pai! Não somente me proporcionaste imensa Graça e Misericórdia, mas ainda permites que encontre meu professor, ao qual me entregas para minha futura evolução. Ainda me encontro na mesma cidade em que nasci e me tornei tão infeliz. Mas o local nada representa para mim, e sim, Tua Presença Santa. Teu Nome, Jesus, seja louvado!"

Nisto, apresenta-se o arcebispo Migatzi e diz: "Senhor e Pai, essa criatura tão meiga e bela envergonha a todos. Que pureza de expressão e que amor sublime. Estamos todos empolgados e Te agradecemos por essa transformação."

Digo Eu: "Isso é dádiva do amor e não da sabedoria. Mantende-vos portanto no amor, se desejais estar Comigo nos Céus. Não resta dúvida que estareis Comigo nos três principais Céus, agindo diante de Meu Semblante; mas como

aqui, apenas pelo amor. Matilde possui o justo grau de amor, portanto também estará nos Céus Comigo, onde chegaremos dentro em breve. Transmite isto a todos.

Migatzi agradece pelo ensino e passa-o aos outros, enquanto o oficial Me diz: "Somos felizes na medida do possível. Mas lá atrás se encontram os meus soldados. Qual seu destino?" Respondo: "Que deponham os fuzis, pois não serão mais necessários. No Meu Reino se luta unicamente com armas do amor!"

243.º CAPÍTULO

O cabo judeu, amigo do Messias.

O oficial se dirige prontamente aos soldados e diz: "Atenção! Até aqui fui vosso capitão, ao qual obedecestes como de praxe, pois a obediência é o maior poder com o qual um sábio dirigente consegue vencer qualquer inimigo. Tendo sido essa vossa maior virtude, Deus aprouve deixar-vos no mundo espiritual sob o meu comando até que vos capaciteis de uma concepção mais livre a respeito da vida no Além.

Todos nós nos achávamos mais ou menos presos aos deveres terrenos, conquanto soubéssemos de nossa existência no mundo dos espíritos. Continuávamos a servir ao Imperador sem que tivéssemos qualquer obrigação para tanto. Até mesmo lhe prestamos bons serviços pela descoberta de traições secretas, podendo influenciar as pessoas do Governo ainda na Terra, apontando-lhes os inimigos da Lei e da Ordem. Com isto não fora possível conseguir um soldo do Imperador; entretanto, nossa consciência nos assegurou termos desviado males horríveis do Estado que nos alimentou e educou.

Agora surge outra situação de vida. Terminou o serviço do mundo dando lugar a um puramente espiritual em Nome de Deus, o Senhor. As armas que trazeis são dispensáveis. Lutaremos no Reino de Deus, não com armas mortais, mas com armas para a vida. Elas se chamam: Amor a Deus, o Senhor, e amor para com nossos irmãos que porventura ainda se acham em grande penúria espiritual. Deponde vossas armas. Nada mais são do que traços de nossa imaginação trazida da Terra, e sua perda nada representa.

Observai aquele Homem maravilhoso que palestra com uma moça sublime, tão feliz como se as graças celestes a inundassem. Aquele Homem é Jesus, o grande Salvador do mundo, e ao mesmo tempo Deus em Pessoa, o Ser Supremo e Criador de todos os mundos materiais e espirituais. Ele vos chama por meu intermédio a fim de vos dar a Vida Eterna."

A esse discurso entusiástico, todos depõem as armas e acompanham o oficial para perto de Mim. Após se terem postado em círculo, Eu os abençoo a todos que Me louvam com emoção, mormente um cabo que nessa ocasião faz papel de orador. Fora em vida um judeu que ainda esperava a Vinda do Messias e, segundo seus cálculos extraídos da Cábala, havia chegada a época em que o Salvador apareceria para levar o seu povo à Terra Prometida, dando-lhe ao mesmo tempo o poder de antanho. Com essa crença, o cabo ingressara no mundo espiritual.

Quando o oficial os chamou, o cabo julgava ser Eu o Esperado Messias; apenas se surpreende porque Eu também chamava os que não eram judeus. Por isto se vira para um da mesma índole e diz: "Segundo me parece, houve um desencontro de nossa parte. Todas as profecias condiziam com Jesus, mas a tolice de que não surgiria profeta da Galiléia, cegou milhões. Pode ser que não viesse profeta de lá. Mas por que não viria o Messias da Galileia? Pelo que afirmou Davi, Ele é o Próprio Jehová que não necessita usar o manto de profeta para visitar o Seu povo. Em suma, Jesus de Nazaré, nascido na Galileia, foi o Messias. Mas nós não O encontramos, assim como muitos de nossos irmãos não O considerarão. Quando houver oportunidade, deixa-me falar."

Desse modo, o cabo se faz de orador entusiasta, tornando-se um dos mais fervorosos adoradores de Minha Pessoa, levando todos a se admirarem de sua expressão extraordinária.

O oficial, entrementes, diz de si para consigo: "Tanto na Terra, como aqui, fui seu chefe. Agora tornou-se um serafim, e eu com toda a minha sapiência teosófica aperfeiçoada aqui, sou um ignorante completo. Lastimo que ninguém tivesse anotado sua dissertação sublime. Quão maravilhosa é sua frase: Lá, Pai Eterno, onde miríades de estrelas ocultam seu semblante puro, saturadas de êxtase abençoado, com o véu da noite, onde a águia e o esplandescente cisne

efetuam vigília eterna no Caminho de Deus, mirando as profundezas, jamais calculadas de Tuas Obras — para lá também meu olhar úmido de lágrimas de tristeza se dirigia e esperava com a águia e o cisne o Grande Prometido, no Caminho de Jehová!

Essa frase eu gravei, meditando a respeito desse quadro no qual encontrei tamanha sabedoria e verdade que comecei a tremer. Senhor e Pai, como pôde esse judeu atingir sabedoria e lirismo celestes? E nos quadros do velho cedro do Líbano, da ameia do Ararate, do Eufrates e do Ganges, do berço de Judá, da flor do deserto — meu Deus, o que não se oculta naquilo tudo! Senhor, dá-me um pouco do saber de meu antigo soldado."

244.° CAPÍTULO

O amar, fonte original de todo saber e expressão.
Poesia do intelecto e poesia da alma.

Digo Eu: "Não percebeste em vida que as pessoas amorosas eram as mais delicadas poetisas? O amor é a origem do verdadeiro lirismo. Davi ardia de amor para Comigo e para com os homens, tornando-se por isto um dos mais importantes poetas. Seu filho Salomão foi, enquanto amava, igualmente sábio na acepção da palavra. Quando começou a enterrar o seu amor na carne, tornou-se tolo e fraco na expressão e atividade.

O apóstolo João alimentava o mais forte amor para Comigo e por isto o maior ardor na expressão de Minha Palavra, que contém igualmente a maior sabedoria, razão por que lhe foi dada a mais profunda Revelação. Podes analisar a História da Humanidade, que encontrarás lirismo e sabedoria verdadeiros nos que tem o coração cheio de amor.

Existem igualmente intelectuais que fazem poesias, nas quais só se percebe a procura cansativa de um centavo perdido na treva de seu coração. Às vezes descobrem a pista do centavo. Tão logo queiram apanhá-lo, escorregam por ser muito fofo o solo que pisam. Por isto é a sapiência do mundo, grande tolice para Mim. O que o homem alcança pelo intelecto durante cem anos de pesquisa cansativa, o amor lhe

facultaria em um segundo. O amor, sou Eu Mesmo dentro do homem. Quanto mais perfeito, tanto mais nítida Minha Semelhança nele.

O intelecto é apenas um armário no qual o amor guarda seus tesouros conquistados. O que poderia a alma encontrar dentro do armário, se aquilo que um amor antigo ou apagado lá depositou em épocas passadas se encontra em tal recinto sem luz, inteiramente enferrujado, de sorte que a alma quase nada consegue descobrir? Procura um centavo em um porão escuro, que não hás de encontrá-lo. Acendendo uma boa luz, em breve o descobrirás, se tiveres bastante paciência.

Esse soldado sempre alimentou amor para com Deus, o Qual conhecia segundo as Escrituras. Amava a Divindade sem conhecê-La. Qual não será o seu amor quando tiver essa oportunidade, conforme ora acontece? Esse amor lhe inspira essa sabedoria poética. Se quiseres conquistá-la, terás que conseguir esse amor. Tu Me amas bastante. O cabo, muito mais. Terás a prova disto."

Diz o oficial: "Senhor! Não compreendo como poderia amar-Te mais ainda, pois Te amo acima de tudo. Mesmo que o quisesse, não poderia fazer crescer o meu sentimento. Senhor, dilata o meu coração e a chama do amor que me tornarei qual Atlas, destinado a carregar nos ombros todo o Céu!"

Respondo: "Amigo, o que desejas depende de ti mesmo. A partir de agora serás criador e transformador de tua natureza e sentimento. Indaga do cabo como isto será possível."

245.º CAPÍTULO

A fonte da máxima sabedoria. O Amor de Deus, o maior tesouro celeste.

Dirigindo-se ao ex-cabo, o oficial diz: "Durante alguns anos efetuaste a pleno contento teu serviço no meu batalhão, e se a morte não nos tivesse arrebatado, terias sido oficial em virtude de meu próprio empenho. Neste mundo, no qual servimos de própria iniciativa, não era possível cogitar-se de avanço dessa ordem antes que o Senhor, a Quem todos os

oficiais de mundos e Céus estão subordinados, nos ajudasse em tal progresso.

Agora conseguimos, sumamente felizes, vislumbrar o Semblante Santo do Criador Único do Infinito através de Sua Bondade, Graça e Misericórdia. Nem o mundo inteiro pode imaginar a maneira pela qual chegamos a conhecê-Lo e encontramos a Graça perante Ele, sem o menor mérito.

Segundo me parece, foste tu quem mais se aproximou Dele, pois eu mesmo descobri lágrimas nos Olhos do Pai por ocasião de teu discurso comovedor. Isso, o Infinito jamais poderá compreender. Dize-me como atingiste tamanha sabedoria. Já a possuías na Terra, sem deixar percebê-la, ou a alcançaste paulatinamente aqui sob a Influência de Jesus Cristo, o Senhor de Eternidades? Ele Próprio afirmou ter sido o teu grande amor para com Ele a causa de tua sabedoria.

A questão é *como* atingiste amor tão forte pelo qual se irradia tamanha sabedoria, quase impossível no mais vibrante querubim? O Senhor mandou que te falasse a respeito, portanto te peço orientação certa. Amo-O acima de tudo e ignoro como poderia amá-Lo mais ainda. Se o sabes, explica-me tal possibilidade."

Retruca o cabo: "Meu capitão e amigo! Teu próprio lema: Todas as coisas são possíveis para Deus!, deveria demonstrar que o amor para com Deus, o Senhor, tampouco o conhecimento a respeito Dele pedem ser limitados. Como podes formular tal pergunta? Porventura poderias ver além daquilo que a luz permite? E a luz poderia ser mais forte que aquilo que criou? Se possuis material para iluminar um grande recinto, indispensável para o teu trabalho, por que divides o material, querendo iluminar outros recintos nos quais por ora nada tens que fazer?

Acumula o material para iluminar apenas um recinto e quando estiver tão claro que possas distinguir tudo como em plena luz do dia, abre portas e janelas deixando penetrar bastante luz nos demais cômodos. Não acumulando, dispersarás. Quem jamais ajunta, não conseguirá fortuna. Ajunta e economiza, que alcançarás grande fortuna.

O amor é o maior tesouro dos Céus, e deve ser cobiçado. Quando for atingido, não se deve presenteá-lo a todo mundo. O amor ao próximo é idêntico ao Amor de Deus e deve-se

manifestar em boas obras, apenas por causa de Deus, não diretamente pela chama do amor, mas unicamente por intermédio de Deus, dirigido ao semelhante, do contrário diminuiria o amor para com o Pai. Observa a bela Matilde. Entregaste-lhe, do teu coração, três quartas partes daquilo que deveria ser posse única do Senhor. Percebes o motivo da fraqueza de teu amor?"

246.° CAPÍTULO

O amor a Deus e o amor carnal. Todo amor deve partir do amor de Deus.

Diz o oficial: "Agradeço-te pela explicação estupenda. Compreendo onde está o meu erro. Tens razão. O amor carnal é mais forte dentro de mim do que o amor para com Deus, a Base de todo amor. A situação das mulheres a respeito do amor para com Deus é mais fácil, pois amam Nele, o Homem perfeito, devido à sua polaridade, fato que não se dá conosco. Não podemos nos enamorar de um homem como o fazemos com o sexo oposto, o que se baseia na própria natureza.

Conquanto compreenda o meu defeito, concluo existir grande diferença entre o amor para com a mulher e o amor para com Deus. Um sentimento modesto para com o sexo oposto certamente poderá subsistir ao lado do amor poderoso de Deus. O amor carnal se prende na maior parte à forma, enquanto o amor para Deus é a íntima reflexão das perfeições infinitas da Divindade, um êxtase de tudo que Ela criou segundo Seu Poder e Sabedoria. Em síntese, julgo ser uma verdadeira blasfêmia, caso se amasse a Deus com a mesma intensidade do amor carnal. Nesse caso, Matilde não será empecilho no amor para com Deus; pelo contrário, poderá ajudar-me a aumentá-lo."

Diz o cabo: "A fé e uma opinião segura podem convencer. Por mim prefiro a felicidade do puro amor para Deus e em Deus. Possuindo o homem apenas um coração, por conseguinte podendo alimentar somente um amor justo do qual poderão surgir todas as outras variedades de sentimento na Ordem puramente divina, opino ser preciso antes de tudo estar firme no amor para com. Deus. Em seguida será pos-

sível apossar-se do resto na melhor ordem. Existindo vacilação no amor de Deus, mal sabendo-se como amá-Lo mais do que a mais bela mulher — a justa sabedoria do espírito ainda se acha afastada e não será tão facilmente conseguida.

O coração possui apenas um recôndito para o amor, que deve ser igual para com Deus e o próximo. Se amares com justiça, não poderás amar a Deus de modo diferente ao que dirigires a uma mulher porque o homem é capaz de um só amor. O que passa daí pertence ao amor-próprio e não se presta para o Reino de Deus.

De que forma foi o Senhor amado por João, Pedro e Paulo? Como Madalena e outras O amaram? Estavam totalmente enamoradas do Senhor, talvez mais fortemente do que tu com relação à Matilde. Essa verdadeira paixão para com o Senhor criou nessas pessoas a base da mais íntima amizade, tornando-as mestras no amor e na sabedoria. Lá, atrás do Senhor, se encontram Pedro, Paulo e João; certifica-te se falei uma inverdade."

Retruca o oficial: "O quê...? Paulo, Pedro e — João, que escreveu a célebre Revelação, estariam aqui?" Responde o cabo: "Sim, assim é." Prossegue o oficial: "Então farei meus cumprimentos, muito embora não seja amigo de tais honrarias, mas, honra seja feita a quem a merece."

Interrompe o cabo: "Amigo, segundo a linguagem de meu coração, existe apenas um cumprimento que consiste no puro amor. Se tiveres verdadeiro amor no coração para com Deus, o Senhor, o que representa o Único e realmente justo cumprimento, incluirás nesse amor Pedro, Paulo e João, assim como a todos os Céus. Quanto aos cumprimentos de sabor terreno, não se adaptam aqui. Portanto, faze teu cumprimento apenas ao Senhor."

Diz o oficial: "Tens razão e assim deve ser porque estás tão profundamente ciente da verdadeira sabedoria a ponto de poderes compreender tudo até em suas bases. Contudo, julgo não ser prejudicial caso haja entendimento com os três apóstolos principais, que certamente devem ser os primeiros espíritos no Infinito."

Retruca o cabo: "Faze o que quiseres; disse-te o que é necessário. Eis que o Senhor te acena. De Sua Boca ouvirás a máxima Sabedoria como um regato claro e simples. Deves assimilá-la e viver de acordo."

247.° CAPÍTULO

O verdadeiro amor de Deus. Um Pai Nosso celestial.

O oficial se dirige a Mim e diz: "Pai Santíssimo, chamaste-me e aqui estou com todo amor e espero ouvir a Tua Vontade de Tua Boca Santificada." Respondo: "Caro Pedro, não deves usar constantemente a expressão "santificado", e além disso tens de perder a linguagem terrena dos cumprimentos exagerados. Onde existe apenas Um Senhor, e todos os demais são irmãos, um cumprimento torna-se tolice. Teve razão o cabo quando expôs a situação verdadeira de Meus Céus; no entanto, tinhas que objetar qualquer coisa, o que não se justifica. Quando Eu te recomendo alguém para te ensinar o que desconheces, deves apenas ouvir e aplicar os ensinos. Fazendo objeções e procurando elucidar outras possibilidades, o que segundo Minha Ordem não pode ser justo, jamais chegarás a alguma clareza.

O cabo te disse entre outras como deve ser constituído o amor para Comigo, caso deva trazer-te verdadeiros frutos. Tua opinião foi diferente, no entanto é tal qual ele esclareceu. Compreendo amares apaixonadamente a delicada Matilde, a ponto de não poderes livrar-te desse amor. Contudo tens que desistir, por ora, inteiramente dela, pertencendo unicamente a Mim, assim como ela terá que fazer o mesmo. Do contrário, nem tu, nem ela podereis ingressar em Meu Reino.

Caso não receberes Matilde de Minhas Mãos, ela não será motivo e força Meus para tua alma, e se tornará pouco a pouco desgraça e grande fraqueza. Entrega-a a Mim; só então serás livre para a aceitação de um justo amor."

Objeta o oficial: "Senhor e Pai, subentende-se eu obedecer pontualmente. Mas já que me deste a Graça de falar-me diretamente, desejava que acrescentasses em poucas palavras as razões pelas quais deva entregar-te Matilde, antes que possa ser inteiramente minha. Esposa, jamais poderá ser aqui no Reino dos espíritos; foi-me entregue para sua futura educação, o que aceitei com muita alegria. Não existe sentimento sensual de minha parte, o que se enquadra na ordem perfeita.

Perdoa-me tais perguntas. Não tenho culpa de pensar dessa forma, desejando ver primeiro o motivo antes que tome uma iniciativa. Sei que devo aceitar Tua Vontade porque desejas apenas o bem para os Teus filhos. Todavia, sinto ânsia

de saber a razão e o destino, a fim de poder agir com energia. Seria meu desejo que me esclarecesses algo a respeito."

Respondo: "Mas não é do Meu, caro amigo e filho. Se fosse necessário dizer-te o motivo, Eu o teria dito. Certamente não duvidas de Minha Sabedoria para saber o que é necessário e o que não. Não te esclareço por um motivo muito justo. Tens alguma objeção a fazer? Se carregas um fardo que impede tua travessia por uma porta estreita pela qual desejas atingir a meta da vida, — que farás?"

Arregalando os olhos, o oficial diz após algum tempo: "Se não conseguir fazer passá-lo pela porta, depositá-lo-ei e tentarei atravessar sem ele; pois a meta da vida está acima de qualquer fardo, por mais precioso que pareça." — Digo Eu: "Então faze o mesmo, que viverás, Meu filho."

Incontinenti, o oficial se dirige para Matilde, dizendo: "O Senhor te chama. Vem comigo para que possa entregar-te em Suas Mãos." — Diz ela: "Sou serva indigna do Senhor; mas a Vontade Dele se cumpra!"

Conduzindo-a para junto de Mim, o oficial diz: "Senhor, Deus e Santo Pai! Eis a quem chamaste. Entrego-a a Ti com a maior alegria de meu coração, pois sei que visas apenas a eterna bem-aventurança para ela. Teu nome seja louvado e Tua Vontade se cumpra."

Ela, cheia de amor e temor de Mim, diz: "Santo Pai, que habitas nos Céus, Teu Nome seja santificado e cada vez mais reconhecido. Teu Reino do Amor, da Sabedoria e da Vida Eterna venha a nós. Tua Santa Vontade se faça por todos os espíritos livres, pelos seres e criaturas nos Céus e em todos os corpos cósmicos. Dá a todos os Teus filhos o Teu Pão da Vida e perdoa-nos nossas fraquezas e pecados, assim como perdoamos a quem nos tenha ofendido. Não permitas sejamos tentados além de nossas forças. Se porventura um perigo ameaça aniquilar os Teus filhos, afasta-o, pois Teu é o Poder e a Força eternamente. A Ti dedicamos toda honra, louvor e adoração. Amém."

248.° CAPÍTULO

Concorrência amorosa.

Dirigindo-Me a ambos, digo: "Essa oração Me agrada, pois contém tudo o que seja necessário à criatura, a cada

espírito e a todos os anjos perfeitos. Vem fortificar-te no Meu Abraço, Matilde, pois deste Meu Peito surgiu tudo que preenche o Espaço, incluindo o próprio Espaço eterno. Todos se saciam neste Peito. Faze o mesmo, sorvendo a Vida Eterna do Amor, da Sabedoria e do Poder.

Vê Pedro, Matilde proferiu o melhor discurso, progredindo muito, enquanto preferias tornar-te sábio antes que teu coração estivesse apto para suportar a justa sabedoria. Por isto ficaste para trás, muito embora já te encontrasses na vanguarda. Trata que teu amor para Comigo se torne semelhante ao dela, que atingirás sua situação. Tu, querida filha, não alimentes temor por ser Eu o Ser Supremo. Justamente por isto sou o Espírito e o Homem mais meigo, humilde, amável, condescendente e amoroso. Vem sem temor."

Matilde, todavia, treme de ânsia e amor, sem ter coragem de se atirar ao Meu Peito. Por isto chamo Helena para demonstrar a Matilde como agem os escolhidos no Céu. De braços abertos, Helena se atira ao Meu Peito e exclama: "Doce Pai! Como senti falta disto! Meu único Amor! Beleza inexpressível de todas as belezas. Néctar eterno de todas as alegrias da vida. Quão doce é o repouso no Teu Peito, sugando as máximas forças da vida."

Vendo isto, Matilde diz: "Meu Deus e meu Senhor! A coragem dela ultrapassa certamente a de Miguel! Isto é forte demais! Também teria vontade de abraçar-Te, caso não tivesse tanto receio. Ela está exagerando."

Digo Eu: "Então faze o mesmo que ela!" Com esse segundo convite, Matilde procura imitar a outra, sem achar o devido lugar, por isto diz com meiguice: "Querida, dá-me um lugarzinho, pois também fui chamada." Responde Helena: "Quem vem primeiro, leva vantagem. Havendo convite para algo tão bom, nada deve nos deter. E caso não haja coragem, devemos emprestá-la de alguém. Vem cá, havemos de nos ajeitar, pois neste Peito cabem muitos de uma só vez."

Diz Matilde, que deitara sua cabecinha no lado esquerdo de Meu Peito: "Que bom! Meu Deus, que paz suave! Quem realmente quiser repousar, que repouse em Deus! Meu coração é pequeno para poder abarcar a plenitude desse sentimento santo e imenso. Quem poderia compreender e assimilar tamanha Graça?"

Responde Helena: "Nada disto é preciso. O verdadeiro amor nada deseja analisar e pesquisar, e quem quisesse fazer isto com referência à Santidade deste Peito, teria que trabalhar durante eternidades. Seria um trabalho mais tolo do que o de um filósofo faminto que pretendesse desfazer o pão em átomos antes de saciar-se, morrendo de fome. Quem pergunta o que é o amor, ama pouco. O verdadeiro amor é mudo, fala pouco e se apossa de sua presa até saciar-se. Em seguida pode-se cogitar de filosofia. Por isto, não deves falar muito, mas gozar o que apresenta. Do contrário, sairás prejudicada ao meu lado."

Diz Matilde: "Não te preocupes, já sei como se deve amar. Na Terra fui muito castigada pelo amor, puro e impuro, e nunca encontrei verdadeira satisfação. Agora estou satisfeita e meu coração não sente mais fome. Por isto não te preocupes com minha desvantagem. Quando me acho à mesa, sei saciar-me, mormente nesta na qual miríades sugam o néctar vivificador."

Retruca Helena: "Não te expresses tão poeticamente, sou de origem simples e não entendo expressões elevadas. O Próprio Senhor não o aprecia. Prefere a linguagem mais simples, porquanto o resto demonstra uma espécie de vaidade." Concorda Matilde: "Sim, tens razão, mas deixa expandir-me mais um pouco." Retruca Helena: "Então, não há lugar bastante? Por acaso queres possuir o Peito do Pai, somente para ti? Bem, por seres tão simpática, me afastarei um pouco. Mas não perturbes minha felicidade."

Diz Matilde: "Agora está bem. Sou muito grata por me teres dado coragem, pois nunca pude imaginar como se deve amar a Deus. Julgava ser preciso uma divagação beatífica, por isto me admirei quando o Senhor me convidou para junto Dele. Jamais achei possível tal aproximação, mas agora vejo que para Ele, todas as coisas são possíveis. Por isto dedico-Lhe todo amor."

Objeta Helena: "E Pedro? Que dirá? Talvez também neste ponto tudo seria possível para Deus?" — Responde Matilde: "Por que procuras ferir o meu coração? Penso que Pedro seguirá o meu exemplo, pois, compreenderá melhor do que nós ser preciso amar-se a Deus, o Senhor e Pai único, mais do que todas as criaturas perfeitas. Enquanto não se possui Deus, é-se obrigada a amar as criaturas devido à sua semelhança com Deus. Após o encontro com o eterno motivo

do Amor, o Próprio Amor puro e verdadeiro, o sentimento para com o semelhante desaparece. Compreendes?"

Concorda Helena: "Perfeitamente, entretanto não exclui o sentimento para com o próximo, condição primordial para o amor de Deus. Assim como não se pode amar a Deus tendo ódio ao semelhante, também não se pode amar o próximo caso não se tenha amor para com Deus, ou então um amor tolo que antes pareça com o "ódio."

Também fui tão tola acreditando que um padre pudesse proporcionar o céu. Quando percebi a índole dessa gente, meu modo de pensar modificou. No célebre ano de 1848 encontrei-me bem armada nas barricadas, frente a todos os inimigos da verdade e da liberdade divina, onde encontrei a morte desse corpo de pouco valor. É justo que ames a Deus, o Senhor, nosso querido Pai, a ponto de te livrares de todo sentimento humano. Não deves, porém, perder o amor daqueles que não tiveram a felicidade de gozar na Fonte do Amor, a maior das venturas. Entendeste?"

Responde Matilde: "Como não? Tens razão e te tornaste bastante sábia, o que estou longe de ser. Por ora meu coração está pleno de amor para com Deus, e a sabedoria repousa em paz."

249.° CAPÍTULO

O amadurecimento do amor.

O oficial assiste à cena e se admira de Helena falar tão educadamente. Virando-se para Roberto, ele diz: "Deves ter tido muito trabalho para conseguir extirpar de Helena a maneira tão vulgar de se expressar." Diz Roberto: "Ela já sabia falar bem, mas volta ao seu dialeto quando pretende humilhar alguém, por amor a Deus. Na realidade ela é a criatura mais meiga e dócil, e foi educada pelo Próprio Senhor."

Diz o oficial: "Outra pergunta, amigo. Amo a Jesus de todo coração em virtude de Seu Amor incompreensível para conosco. Que devo fazer para saciar tal sentimento?" — Retruca o outro: "Deixa que teu amor faça explodir o teu coração, que libertarás o teu espírito ainda preso. Ele liberto, serás igualmente livre em tudo, o que é imprescindível, caso queiras aproximar-te do Senhor.

Se procurasses acalmar e satisfazer teu coração antes do tempo, farias adormecer novamente teu espírito, que pouca inclinação teria para se libertar. O mesmo se dá na Terra. Quando se está apaixonado por uma criatura boa, sem ter oportunidade de satisfazer sua inclinação, tudo será feito para realizar o casamento. Se, antes da união, tivesse dado expansão ao sensualismo, a tendência para o matrimônio esfriaria e talvez se apagasse totalmente. Aqui dá-se o mesmo. É preciso deixar-se o amor agir livremente no Reino da Graça. Só pode ser bom o que dele surgir, por ser o amor uma força sagrada de Deus, realizando apenas coisas boas. Deixa-te incentivar pelo amor de Deus, que transformará toda a tua natureza. Compreendeste?"

Responde o oficial: "Falas dentro da Ordem porque já absorveste essa escola. Mas quem se acha na fornalha do amor não consegue suportar esse estado conforme um espírito livre o ensina. Certamente passaste pela mesma experiência, todavia isso não suaviza a situação. Faze com que possa abraçar a Jesus, que terás ajudado mais do que com um sermão maravilhoso. Faze um discurso em uma casa em chamas que não conseguirás extinguir o fogo. Se pegares de um balde d'água atirando-a ao fogo, alcançarás o êxito desejado."

Diz Roberto: "Mas, se não quero extinguir o teu fogo, porém aumentá-lo? Terás que ser consumido neste fogo, qual fênix, e surgir das cinzas de tua humildade, antes que possas te aproximar de Deus sem prejuízo para tua natureza.

Nunca assististe ao trabalho do lagareiro? A uva é levada a uma prensa onde é esmagada até que se tire a última gota do suco. Os espíritos livres não duvidam que a uva possua sensação de vida, pois tudo que atinge vida através de um processo evolutivo, contendo um princípio vital, possui vida que sem sensação não seria vida alguma. Se bem que a uva sinta uma forte dor pela pressão, esta é necessária para a conservação e o aumento do espírito contido nela. Se essa operação não fosse aplicada à uva, seu elemento vital jamais se libertaria e não poderia saturar o suco, a ponto de ser sentido por todos os que venham a prová-lo, muitas vezes se prejudicando pelo excesso.

Se aprecias o vinho e seu aroma vivificador, poderias ser inimigo do lagareiro? Não pode haver progresso sem pressão. O suco vivificador se atrofiaria no invólucro sem atingir for-

ça individual. Somente quando, através de pressão, o espírito for obrigado a passar para o suco psíquico, a própria alma se torna vida pela posse da força e do poder. Compreendeste?"

"Sim", responde o oficial, "e agirei de acordo. Agradeço-te pelo ensino sábio e prático." Em seguida aconselha Helena e Matilde a procurarem as criaturas com as quais o oficial Pedro tivera suas dificuldades, entre elas uma queria Me presentear com uma cruz de prata. Elas se despedem com mil beijos e executam sua missão a contento.

250.º CAPÍTULO

Despedida da Viena espiritual.

Entrementes chamo o oficial para Meu lado e pergunto como se sente, e ele responde: "Sinto-me sumamente bem e não consigo conter o meu amor para Contigo. Deixa que Te abrace! — Podes castigar-me com o inferno pelo meu abraço, mas não impeças que Te demonstre o meu afeto." Atirando-se ao Meu Peito, Pedro chora de amor. Eu o abraço igualmente e digo: "Meu irmão, tu Me amas muito. Mas Eu te amo muito mais. Esse é Meu doce castigo para o teu amor. Estás satisfeito?"

Retruca ele: "Senhor e Pai, é isso que se espera de Ti. És o Amor eterno, puríssimo, isento de qualquer vingança, ira, aborrecimento, impaciência e coação. És a única Âncora de salvação para todos os perdidos e para os que foram atirados contra as rochas pelas ondas tempestuosas da vida. Não deixas perecer quem quer que seja, e aos renitentes o Teu Amor impõe barreiras a fim de que não façam morrer qual torrente a sementeira pura e no final se venham a perder em um mar onde conseguem compreender, na calma, ser impossível enfrentar-se Tua Onipotência eterna. Assim procuras reconduzir, segundo Tua Ordem eterna e santa, o pecador ao justo conhecimento e endireitar tudo que está errado. Em suma, sempre procuras a ovelha perdida e diariamente acolhes uma infinidade de filhos perdidos e fazes ressuscitar da tumba os Lázaros para a vida.

Justifica-se, portanto, que todo coração Te ame acima de tudo. Somente Tu és Bom e Santo, todos os seres o são sim-

plesmente pelo amor a Ti. Caso alguém ame algo mais do que a Ti, Santo Pai, já se tornou mau. Eu amando uma criatura por causa dela, meu amor é pecado. Fazendo-o por Tua Causa somente, meu amor é justa virtude, facultando ao coração felicidade perene. És somente Amor e nos criaste por amor e para o amor. Quem Te ama, Te adora com justiça, tornando-se nula qualquer outra veneração.

Não foi sem motivo que falaste pela boca de Isaías: Esse povo Me honra com os lábios enquanto seu coração está longe de Mim. Não foi sem justiça que proporcionaste grandes Graças a Madalena, pois ela havia entregue seu coração a Ti. Não foi sem motivo que chamaste Zaqueu, pois o amor dele fez com que trepasse na árvore. Por isto dedico-Te todo o meu amor, pois mereces aceitar amor de criaturas e anjos. Devem chorar e lastimar-se todos os que afastaram seu coração de Ti, sem querer fazê-lo voltar, muito embora o pudessem,"

Digo Eu: "Está bem, agora encontraste o justo caminho. Infelizmente existem nessa cidade muitos aos quais ele é estranho, e o mais triste é que assim será por muito tempo. Colhi o que estava amadurecido. Todo o resto ainda está verde e ficará no campo. Por isto deixaremos essa cidade, após liquidarmos alguns pormenores para seguirmos para outra, cujo nome vos direi somente quando estivermos em sua proximidade."

Diz o oficial, melancólico: "Ó Pai, Viena conta várias centenas de milhares, e nós somos no máximo uns mil. Se considero todos aqueles cujo pó cobre a cinza dos cemitérios, temo pela sua salvação. Qual será seu destino?"

Respondo: "Não te preocupes. Tenho muitos serviçais aos quais cabe cuidar e guiar aquelas ovelhas. Não é de nossa alçada conduzirmos a todos, mas apenas aos que em vida se interessaram pelo Meu Nome, fossem os caminhos certos ou errados. Se houver fé, podemos aproveitá-la para despertar o amor. Onde não existe fé ou talvez uma superstição feroz, não podemos ser guias e despertadores visíveis, pois essa incumbência é de milhões de servos de que disponho. Naturalmente existe diferença entre os que Eu Mesmo desperto e guio, e os que são chamados pelos Meus anjos e servos. Nisso vale o provérbio: Muitos são chamados, mas poucos escolhidos."

251.° CAPÍTULO

Parábola do rei que se deixou vencer pelo amor.

Diz Pedro: "Ó Pai, como agradecermos por tamanha Graça e o que fazer para merecê-la?" Digo Eu: "Um coração cheio de amor é o maior e mais perfeito serviço prestado a Mim, pois para Mim, tudo se concretiza no amor. Houve uma vez um poderoso rei, justo e rigoroso em todas as suas ações. Jamais retirava uma palavra empenhada. Seu povo lhe obedecia de medo, sendo que qualquer infração era severamente castigada, sem distinção de classe. Mas nunca se viu nele uma ação de amor. Era elogiado como soberano justiceiro, mas todos tremiam quando ocupava sua cadeira de juiz. De igual modo agiam seus funcionários. Aplicavam a mais rigorosa justiça, sem cogitarem da desistência de qualquer punição.

Vivia naquela cidade um homem simples que se interessava por ciências práticas produzindo coisas úteis. O rei decretara que todo artista ou cientista deveria fazer demonstração de suas obras, para evitar que o povo se prejudicasse pelo uso impróprio de qualquer invenção. Esse homem desconhecia a lei e levou ao mercado vários objetos úteis, e o povo não pôde deixar de elogiá-lo.

Quando informado a respeito, o rei mandou prendê-lo a fim de ser julgado pela infração. Após lido o veredicto, o povo presente se atirou aos pés do monarca pedindo clemência para o homem que tantos benefícios havia prestado. De nada adiantou, pois a palavra do rei era irredutível.

Percebendo que nada alcançaria com as súplicas, o povo começou a reclamar da dureza do rei e até mesmo o ameaçou com revolta. Eis que se levantou o condenado, dizendo: Grande e justo rei! Permite dirigir algumas palavras à multidão, antes que eu seja punido. — Após o consentimento, ele virou-se para o povo dizendo: Não reclameis da atitude de vosso rei tão interessado em vosso bem-estar. Ele é rigoroso por amor. Procurei beneficiar-vos e recebi vossa gratidão. Mas facilmente poderia ter vendido veneno em vez de bálsamo sem que o tivésseis percebido, podendo causar vossa morte. Se bem que não houve má vontade de minha parte infringindo a lei salutar, não deixou de ser desleixo não me infor-

mar a respeito e desconsiderei o amor e o zelo do bom soberano para com seus súditos. Assim, a punição é bem merecida por mim. Elogiai vosso sábio rei que tereis prestado o melhor tributo de vosso coração."

Virando-se para o regente ele prosseguiu: "Agradeço-te, bom e sábio rei, por essa punição, e meus olhos devem expressar o quanto te amo. Permite beijar a fímbria de tua túnica antes de ser levado para o cárcere, onde receberei as chibatadas nas costas."

Nesse momento o rei se levantou, abriu os braços e disse: Meu filho, em tua boca não se move a língua da víbora, pois teus olhos marejados de lágrimas e sua expressão meiga traduzem o teu amor para comigo. Vem aos meus braços. O amor cobre a imensidade de pecados. Meu coração está feliz por ter encontrado nos meus filhos, um que reconhece em mim o pai amoroso. Deste-me amor e hás de encontrá-lo igualmente. Em vez da punição receberás vestes régias e caminharás ao meu lado.

O mesmo se dá Comigo. Cada Palavra Minha perdura eternamente imutável no âmbito de Minha Ordem e Sabedoria. Mas quem se aproxima com amor, será perdoado de tudo. Se sou um Diamante na Sabedoria, sou no Amor mais maleável do que cera e me deixo conquistar."

252.º CAPÍTULO

Todas as ações do amor são boas.

Diz o oficial: "Quão maravilhoso é depender-se de tal Senhor, mais Sábio que todos os seres, sabendo escolher os melhores meios, dando livre ação ao amor, de sorte que não pode falhar ainda que quisesse.

Na Escritura existem muitos exemplos nos quais Te deixavas conquistar pelo amor, haja vista no Antigo Testamento quando atendeste a Sara, deste a Jacó o direito da primogenitura, a José que Te amava fizeste benfeitor de seus irmãos, e Moisés que sempre foi filho do amor sendo salvo por amor e não podendo assistir à miséria de seus irmãos, recebeu na sarça em foço, a incumbência de ser instrumento de amor e misericórdia.

No Novo Testamento também negociaste, por assim dizer com amor, que muitas vezes levou os apóstolos a se aborrecerem. Com que prazer teriam assistido à Tua reação com fogo e espada, todavia curavas onde eles esperavam o contrário. Por isto, só podemos amar-Te por seres unicamente amor."

Digo Eu: "Está bem. Tudo que o amor faz é bem feito, por isto deixa-te guiar apenas por ele. Para onde ele te atrair, encontrarás pleno abrigo. Meu Reino é puro Amor, e onde ele rege, Eu Me encontro em casa. Ninguém chegará ao Meu Reino sem amor, muito menos junto de Mim. A Luz de Meus Olhos penetra o Infinito e é portanto o diamante eternamente irradiador de Minha Sabedoria. Mas o Amor só se encontra onde Eu estou realmente em Pessoa.

O Sol penetra em um espaço quase incalculável. Mas seu calor é apenas desfrutado pelos corpos cósmicos que se acham em sua proximidade. Ultrapassando o âmbito planetário, o calor não penetra. Os corpos que desejam ser aquecidos pelo Sol, tem que possuir calor, pois uma pedra de gelo não assimila quentura, a menos que derreta antes, e a água se torne capaz de assimilar o calor. Quem, portanto, possui amor encontrará e receberá amor como posse plena. Não tendo amor, não poderá aceitá-lo. Se a pedra não possuísse fogo, não poderia ser esbraseada tampouco um pedaço de gelo.

Permanece no amor porque o possuis, e procura Matilde Elyah a fim de que todo o teu amor para Comigo encontre alimento. Quando o magneto, como símbolo da força do amor, não recebe alimento, torna-se fraco. Dando-se a ele algum alimento, torna-se cada vez mais forte. Assim deve Matilde-Elyah ser um alimento fortalecedor para ti. Assim seja."

253.º CAPÍTULO

Swedenborg. Influência dos anjos e espíritos sobre as criaturas.

O oficial obedece, trazendo Matilde-Elyah para junto de Mim, dizendo: "Ó Pai, ela aqui está e Te ama tanto quanto eu! Embora ela me tivesse sido entregue por Ti, tenho a impressão de ser preciso pedir-Te a bênção para recebê-la de Tuas Mãos.

Ela me foi dada como alimento para o meu coração, assim: como dás a todas as criaturas na Terra o necessário alimento. Quem antes de se saciar Te agradece e pede Tua especial bênção, será verdadeiramente nutrido. Os que julgam não ser isto preciso, porquanto um alimento que se encontra na mesa já é abençoado, não receberão benefício algum, nem físico nem espiritual. Impossível louvar-se, amar-se e agradecer-se condignamente por tudo que nos dás. Por isto, abençoa-nos mais uma vez."

Digo Eu: "Meu filho, já se deu o que pediste; por isto te acalma, pois tudo está em ordem. Existem mais alguns ainda não inteiramente dentro do equilíbrio, todavia t°m amor no coração e não haverá dificuldades para organizá-los.

A leitura de Immanuel Swedenborg foi de grande utilidade para ti, porque puseste em prática o que assimilavas. Os outros não leram nem a Minha Palavra, muito menos o que Eu revelara a Swedenborg acerca de Minha Doutrina, de sorte que nada entendem. Mas não importa, pois havemos de encaminhá-los.

Poderíamos nos manter mais algum tempo nessa cidade, visitar a Casa reinante e abençoá-la para todos os tempos. Não havendo quem nos peça, ela será simplesmente abençoada pela nossa presença na cidade, que melhorará sua situação perante todas as outras dinastias do mundo. Ela terá que passar por uma prova, mas em seguida será considerada uma bênção da Europa. Assim terminamos nossa tarefa aqui e podemos prosseguir nossa viagem para o Sul."

Nisto se aproximam os Imperadores José, Leopoldo e Francisco pedindo com insistência especial bênção para a Áustria e todos os povos a ela pertencentes. Eu assim faço, dizendo: "Dinastia encanecida! Seja a tua bandeira o amor, meiguice e paciência. Torna-te firme na fé e não temas a luz do espírito. Essa luz te elevará acima de todas as dinastias da Europa. Não te deixes, jamais, tentar e subjugar por Roma, pois te consagro como regente, e somente Eu estou acima de ti. Desconsidero Roma, que pretende dominar e rebocar todos os soberanos tornando-se por isto um regime trevoso. De Minha Parte reconsideraria uma Roma humilde que cumprisse Meu Verbo, não se deixando ornamentar com três coroas. Uma Roma desejosa da extinção de todos os que não querem suportar o peso de três coroas em uma cabeça, sendo eles mais inteligentes que o príncipe da treva de Roma, é-Me um

horror de devastação no local sagrado de toda vida que partiu de Mim. Minha dinastia! Já fizeste muita coisa. Faze tudo, que teu poder crescerá qual cedro no Líbano. Que Minha Bênção e Meu Poder te acompanhem. Amém." Os três Imperadores se ajoelham perante Mim e Me louvam de todo coração.

Prossigo: "Levantai-vos, amigos. Cada um faça o que puder. Sei muito bem como andam as coisas. A atual situação não perdurará. A vós três darei o poder de influenciar vossa regência mundana dentro da ordem, justiça e retidão livres, sem perturbardes com isto a livre vontade do soberano em jogo.

Isso acontece pela influência da capacidade de conhecimento, sem jamais influenciar na vontade, seja coagindo ou instigando. Uma vontade favorecida é tanto quanto uma coagida, apenas dominada. O inferno costuma apossar-se da vontade dos homens atraindo-os à desgraça, condenação e morte. Temos que respeitar a livre vontade. Assim, tereis que agir unicamente no conhecimento e não na vontade das criaturas. Pode o homem elevar seu conhecimento o quanto quiser, que sua vontade perdurará como dantes. Eis Minha Ordem Eterna.

Uma vez alcançado justo conhecimento, tal noção guiará a vontade qual cavaleiro seu animal. E a vontade começará a se decidir para aquilo que o conhecimento aceitou como verdadeiro, bom e útil. Deste modo se confraternizam vontade e conhecimento cada vez mais até se unirem completamente, no que consiste a perfeição do homem. A vontade é a vida da alma. O conhecimento repousa no espírito eternamente livre. Unindo-se alma e espírito, ter-se-á processado o renascimento espiritual através da liberdade para a Vida Eterna, e o homem se tornou habitante de Meu Reino, que é a Verdade e a Vida Eterna.

Existem três fatores a prová-lo: O Verbo, o conhecimento e a vontade. Terão que se tornar unos como Eu Mesmo sou Um como Pai, Filho e Espírito. O Pai é o Verbo personificado. O Filho é o Receptáculo do Verbo e a Própria Sabedoria. O Espírito, Vontade ou Poder, surge de Ambos, sendo igualmente perfeitamente Uno com Pai e Filho, em Um Ser, Que ora vos ensina.

Preciso é considerardes bem esse assunto e assimilar a Minha Ordem imutável, do contrário haveis de prejudicar em vez de beneficiar as criaturas da Terra. Qualquer vontade

freada por força externa, muito mais ainda interna, é inútil. Roma e o paganismo usaram de todas as maquinações para dominar a vontade dos homens. O resultado foi a breve dissolução e desprezo total. Jamais conseguirá por isto sua reabilitação.

Deve haver rigoroso cumprimento nesse sentido partindo de nossa esfera puramente espiritual. Não podemos impor coação interna. Em caso de necessidade, a fim de levantar barreiras ao inferno, dispomos de recursos para dominar a carne sensual por guerras, fome, moléstias e más colheitas. Não deixa de ser um julgamento e seus frutos são maus. Tendo que escolher entre dois males, sempre se optará pelo menor. Um julgamento externo facilmente pode ser abrandado. Um interno, muito dificilmente e em geral impossivelmente para a verdadeira liberdade de Meus Céus. Aceitai as Minhas Palavras, inclusive o poder de despertar os bons espíritos de vossa dinastia, fazendo bom uso dentro dessas diretrizes. Assim seja." Os três Imperadores agradecem e prometem, diante dos presentes, fazer uso sábio do poder.

254.º CAPÍTULO

Do Amor surge Sabedoria, e vice-versa.

Nisto aproxima-se Matilde-Elyah, acompanhada de Pedro, e Me agradece novamente pela Graça de ter-lhe dado para guia espiritual aquele que fora seu professor em vida.

Digo Eu: "És um bom alimento para ele, e ele para ti. Não vos deixeis guiar mais pela forma externa do que pelo espírito do amor. A forma pode ser transformada igualmente no Céu, segundo o crescimento do amor ou pela necessidade de praticar uma caridade. O amor continua inalterável. Facilmente os sentidos se habituam a uma forma por mais bela que seja, tornando-se após indiferente. O amor cria constantemente sabedoria e milagres novos e torna-se de hora em hora mais atraente. Por isto mantende-vos sempre no espírito interno do amor que será vosso Pão Celeste, verdadeiro e eterno, fortificando-vos sem cessar. Esse Espírito em vosso coração é Meu Próprio Espírito."

Profundamente emocionada e reconhecendo a grande Verdade em Meu Ensinamento, Matilde-Elyah vira-se para

Pedro, dizendo: "Compreendeste essa Verdade?" — Responde ele: "Por que perguntas? Julgas que eu quero algo diferente do Senhor? Não te preocupes. Gravei as Palavras do Pai no fundo de meu coração, vivendo unicamente conforme falou. Ser-me-ía impossível pensar ou querer de modo diferente da Vontade Dele. Se eu apresentar uma falha, poderás suprir-me, e eu farei o mesmo contigo. Se ambos sentirmos uma carência, pediremos ao Pai, que nos alimentará de Sua Fonte Eterna."

Diz Matilde: "Continuas sendo o meu mestre em tudo, na sabedoria e no amor. Na Terra incentivaste o meu amor pela tua sabedoria; agora teu amor enorme e puro incendiará em mim a sabedoria. Que achas?"

Retruca Pedro: "Eis o grande circuito no qual se movimentam todas as coisas: o amor cria sabedoria, e a sabedoria cria amor. A base de toda luz é naturalmente o amor como eterno calor de Vida da Divindade. Se este calor nos foi dado, cria constantemente a luz, à medida que o calor aumenta. Este progride pela crescente luz, pois sabes que a luz mais forte produz calor. Assim a luz surge do calor e vice-versa.

Se esses dois elementos básicos de toda Vida se reproduzem, alimentam, fortificam e conservam reciprocamente, também somos destinados a nos fortificar pelo Amor e a Sabedoria, em proporção diminuta. Eis a Vontade e a Ordem Eterna do Senhor que condiciona Seu Ser Eterno e Insondável, e por Ele, a existência de todos os seres aos quais Seu Verbo deu Vida. Não te preocupes, pois sei viver uma vida justa em Deus, pela Graça do Pai."

Acrescento: "Amém! Eis o justo conhecimento da Vida. Conservai-o para sempre. Agora prosseguiremos. Organizai-vos. Roberto, como anfitrião desta casa te compete conduzir a assembleia. Faze-te acompanhar de Pedro, Elyah e Helena que prestarão bons serviços."

255.° CAPÍTULO

A Assembleia se dirige para os Alpes.

Todos se organizam e a marcha prossegue pela estrada de Steiermark. Dentro em pouco atingimos a base do Monte

Semmering e todo o grupo, que agora possui capacidade de ver a Terra natural, estaciona.

Eis que o Imperador José II se adianta e diz: "Senhor, por várias vezes passei por esse Monte e mandei providenciar melhor estrada, pois antes de meu tempo havia muitas, impossíveis de serem trafegadas sem perigo de vida. Em tal ocasião, as pessoas muito protestavam, e as pretensas inteligentes observavam: Isso mesmo, convém fazer-se as estradas lisas e largas para facilitar-se ao demônio sua passagem infernal. — Naquela época considerava-se uma estrada cômoda, indicada para o inferno, e dificilmente um católico fanático seria levado a percorrê-la. Em Viena havia pessoas que de modo algum morariam em rua larga, nem que fossem pagas.

Basta mencionar essa tolice para demonstrar o quanto me custou levar as criaturas a noções mais claras. Certos padres não queriam saber da construção de estradas favoráveis para o tráfego, mas vociferavam contra mim desejando-me o ingresso ao inferno, junto com as estradas. Quem confessasse ter pisado em rua larga, por longo tempo não recebia absolvição nem permissão para ingressar na Igreja, porquanto estava impuro. Quase fôra preciso sacrificar-se uma bezerra ruiva que devia ser queimada e cuja cinza seria posta em recipiente de água pura para borrifar as impurezas. O que dirão os padres e ignorantes de hoje para as estradas de ferro, principalmente a essa passagem do Monte Semmering? Há cem anos atrás ninguém teria sonhado com semelhante coisa."

Digo Eu: "No teu tempo, eram as criaturas bastante tolas, porém mais crentes do que hoje. Seu entendimento era material e nada assimilavam do assunto espiritual, de sorte que tomavam a bezerra ruiva de Aarão e Eleasar ao pé da letra. Em muitas igrejas católicas há certos rituais comuns à água benta dos judeus, somente não se mistura a cinza de uma bezerra casta que nunca foi submetida à canga. À medida que as pessoas se tornaram mais inteligentes, cresceu a incredulidade. Prefiro a fé mais cega a um tal sábio do mundo, Na fé, o homem se acha livre sem ter condenado sua alma em qualquer sentido. Na ciência, porém, já existe julgamento .

Enquanto a criança acredita que duas vezes cinco são dez, ela está livre de coação; isso não se dá com o matemático que prova tal resultado. Assim não mais protestam os

homens com as inovações construtivas, pois reconhecem sua utilidade. Entretanto, reclamam da carestia e falta de dinheiro, e a fé tornou-se raridade. O mundo progrediu consideravelmente, sem contudo ter feito progresso natural ou espiritual. Deixemos as estradas como são e continuemos a trajetória."

A marcha prossegue para alcançarmos em breve o topo do monte, onde se encontra o conhecido Monumento da fronteira. Descansamos um pouco, e o Imperador Carlos se adianta dizendo: "Senhor e Pai! Eis a obra de meu tempo. Seu motivo eram as constantes rusgas fronteiriças que procurei finalizar por determinados marcos que às vezes recebiam o meu nome. Teria agido bem?"

Respondo: "Amigo, marcos de fronteira não são documentos da dureza de coração. Não deixa de ser triste que um irmão diga ao outro: Até aqui e não mais além! — Uma vez as criaturas obsessadas pelo mau espírito do egoísmo, marcas fronteiriços tornam-se necessidade porque determinam certas barreiras à insaciável avidez humana que impede a posse indébita. Partindo desse princípio, a necessidade é um benefício, conquanto nocivo em virtude do motivo prejudicial.

Vivessem os homens segundo a Minha Doutrina facilmente compreendida e se em seus corações pulsassem sentimentos fraternais, tornar-se-íam dispensáveis os marcos fronteiriços. Ao bem, jamais se deve determinar fronteiras. Cobiça, domínio, avareza, inveja e orgulho são coisas péssimas que precisam de fronteiras a fim de evitar sua degeneração. Concluirás daí se teus marcos foram bons ou não. Digo-te sinceramente que foram ambas as coisas, assim como o julgamento e seu motivo, isto é, a lei. Não houvesse lei, não haveria julgamento. A necessidade da lei é igualmente necessidade do julgamento. Nenhum deles é bom, porque são consequência do mal no coração humano.

Em Meu Reino não existem lei nem julgamento, pois ambos são guardas mantendo em seus limites o falso, nocivo e mau. Embora fossem os guardas necessários por causa do mal humano, nem por isso são bons. Nos Céus as leis não encontram guarida, muito menos julgamentos, com exceção do puro amor, cuja lei é a máxima liberdade. Por isto não aprecio marcos fronteiriços, porque demonstram dureza e desamor humano. Agora sabes de tudo, e não precisas mais pensar a respeito de tais ninharias.

Vede em direção ao Sul, terra maravilhosa semelhante à Canaan, — chama-se Steiermark. Seus habitantes, na maior parte, são bastante ignorantes, pois quando o homem não é assolado pela miséria, semelha-se ao bicho preguiçoso, sem preocupar-se com o físico, muito menos com o espírito. Eis o que sucede a esse país. Seus moradores são por demais favorecidos, por isto, preguiçosos, fazendo apenas o necessário para a satisfação externa. Nas cidades se encontra mais vitalidade, em compensação maior maldade e vício. São poucos os que nos dão motivo para visitar o país. Prossigamos."

256.° CAPÍTULO

O mundo jamais foi bom. Apenas alguns homens foram bons.

Quando atingimos a localidade chamada Spital, ao pé do Semmering, o Imperador Carlos novamente se adianta e diz: "Senhor, eis um local que no meu tempo foi verdadeiro asilo para pobres sofredores, e eu mesmo o visitava muitas vezes durante as viagens para o Sul, fazendo-lhe doações. Após minha passagem tudo o que fora destinado para utilidade humana se perdeu, pois o senso benemérito dos ricos rapidamente se transformou em tendência lucrativa. As pessoas queriam enriquecer, esquecendo-se da pobreza alheia. Quando as fronteiras entre Hungria e esse país caírem, será região de mendigos. Ainda existem doadores de centavos, mas os verdadeiros benfeitores já morreram."

Digo Eu: "Sim, tens razão. São poucos a fazerem algo de bom, mas, de um modo geral, em breve não haverá outro país com número tão elevado de egoístas. Assim também o uso de modificação das fronteiras em parte alguma se pratica tanto como aqui. A parte montanhosa é melhor, mas os vales são mal providos. Cobiça, impudicícia, falta de fé, acompanhadas de superstição, pouco amor, egoísmo, insensibilidade contra os necessitados e para tudo que poderia despertar o espírito, inveja, avareza e constante desprezo do próximo, são traços característicos desse país. Visitaremos o povo enfermiço para ajudá-lo um pouco. Em Viena ainda não foi sustado o estado de sítio, entretanto fomos aturados; mas

nessa cidade não seremos tolerados, razão pela qual procuraremos hospedagem nas redondezas."

Explode Carlos: "Senhor! Que o raio se atire sobre essa cidade! Seus habitantes devem ser verdadeiros demônios. Não haverá funcionários, exército e policiamento?"

Respondo: "Bastante, mas pouco humanos. Os funcionários trabalham por dinheiro, com pretensão a postos altos, para receberem somas maiores. Esse é o motivo de serem seus corações de pedra, exercem sua profissão com severidade a fim de serem considerados homens de caráter, que merecem promoção. São poucos os satisfeitos com o que são e tem. A maioria quer avançar e eis um grande mal. Não transpira amor e muito menos justiça, mormente no que diz respeito à transformação atual da Constituição, em que o funcionário prefere praguejar a trabalhar, todavia quer ser grande senhor que vive bem e pouco faz.

Assim, Meu amigo, pouco se alcança com o funcionalismo. Não houvesse certo poder militar, aquele passaria mal, pois não é estimado. O funcionário pretendendo semear bênçãos no Governo, tem que possuir muito amor. Não o tendo, ele semeia cardos e abrolhos, ódio e menosprezo entre os súditos contra o regente, e no final, inveja e divergências entre colegas. Isso resulta nos inúmeros processos infelizes, nos quais somente ganham os tais amigos da justiça, enquanto perdem os partidos."

Diz Rodolfo de Habsburgo: "Mas Senhor, vê as duas estradas largas, uma para carros comuns, outra para vagões de ferro. Como percorrem vastas extensões, enquanto a meu tempo eram estreitas devendo passar por zonas inaproveitáveis. Não tive dívidas de Estado, muito embora enfrentasse várias guerras. Os que correm qual vento em estradas largas podendo resolver seus assuntos com rapidez, devem a todo mundo. Não entendo isso."

Explico: "Isso se baseia em seu desamor que não lhes faculta justo conhecimento. Quem não possui certo conhecimento de causa e constrói ponte sobre um rio, enfrentará tráfego perigoso durante a noite. Se as criaturas vivessem segundo suas necessidades, todas teriam o suficiente. Vivendo no luxo e no orgulho, passam necessidades e se tornam devedoras de todos."

Diz Rudolfo: "Infelizmente assim é. Trata-se certamente da época que predisseste: o amor esfriará e não haverá fé. Eis o resultado de todas as inovações. Nada mais que fútil pompa, orgulho e luxo sobre luxo! Cada qual quer sobrepujar o outro. Todos vestem roupa fina, até mesmo a filha do mendigo se apresenta qual fina dama da corte procurando despertar nos homens a sensualidade. E qual o aspecto deles?

Lembro-me que a meu tempo havia ordem até mesmo no traje, pois cada um tinha que se vestir segundo prescrição de classe, impedindo orgulho e luxo. Hoje em dia, em que especialmente aos domingos e feriados não se pode diferenciar o servento do príncipe, não há mais respeito, amor, confiança, fé e misericórdia, pois o intelecto frio domina o coração dos homens.

Durante a minha vida, havia albergues nas estradas nos quais viajantes desfavorecidos eram atendidos gratuitamente. Cada qual tinha direito à hospitalidade do irmão de religião. Somente judeus e pagãos pagavam pequeno tributo em tal albergue. O hospedeiro por sua vez tinha o direito de enviar pessoas a comunidades vizinhas que o supriam de tudo. Agora, nada mais se vê dessa organização benfazeja. O viajante não tendo dinheiro, passará fome. Ó Humanidade, o quanto te distanciaste do Reino de Deus!

Senhor, penso que nada mais se conseguirá com a Humanidade desse orbe tão maravilhoso, pois cada qual traz em sua fronte o julgamento da morte. Quando tal dureza se tiver arraigado no coração, em que ninguém percebe a miséria alheia e as queixas são abafadas pelo ruído do mundo, tudo estará perdido. A meu ver seria aconselhável deixar que se extingue por toda sorte de epidemias, conservando-se apenas os poucos bons."

Digo Eu: "Tens razão, a miséria do mundo é pior do que em época de Noé. Mas que fazer, senão ter paciência? Se hoje todos morressem, chegariam no Além tal qual foram aqui. Deixando-os na Terra passando miséria proveniente de sua própria tolice, muitos se converterão. Existem benfeitores que não obstante se apresentem de vestes melhores, fazem caridade aos necessitados. Em tua época havia certas organizações meritórias, ao lado de outras prejudiciais. O mesmo acontece hoje.

O mundo nunca foi bom, mas apenas algumas criaturas eram bondosas, como hoje. O que é mau continua sendo mau.

Em cardos e abrolhos não nascem figos ainda que os plantassem em bom solo. Deixemos o mundo agir à vontade pois receberá o castigo auto-criado. Quem muito se eleva e não liga às rochas mais altas, em breve perceberá o quanto de perigoso comportam. Continuemos."

257.° CAPÍTULO

A época da técnica . Faltando fé e amor, faltará a verdadeira bênção.

Entrementes atingimos o lugarejo chamado Muerzzuschlag, e todos admiram as construções em terreno tão cercado de montanhas. O Imperador José, que segue Meus Passos, diz: "Senhor, por certo não fui tolo e mantive grandes mestres na técnica, haja vista um tal Maelzl, que produziu coisas fantásticas. Por que ninguém teve a inspiração da máquina a vapor? No meu século viveram grandes inventores, podia-se dizer que foi a época dourada da Alemanha; entretanto não descobriram o aproveitamento do vapor. Se isso se tivesse dado sob o meu regime, o verdadeiro Cristianismo teria outro aspecto. Não resta dúvida que a superstição traria aborrecimentos, porém havia de ser dominada. Isto feito e o clero ignorante posto fora de combate, a evolução espiritual teria progredido tão rapidamente como os vagões a correrem sobre os trilhos.

Lá ao longe percebo um trem imenso em grande velocidade, em um trajeto que na minha época levaria um dia inteiro. Enquanto palestro Contigo, Senhor, ele já percorreu mais que a metade. Certamente Te alegras com as invenções de Teus filhos, pois o cálculo exato entre causa, força e efeito honra o Teu Espírito dentro do homem. Não é isto?"

Respondo: "Teria Eu verdadeira alegria caso os homens Me dessem a Honra em tais obras, construindo-as em alicerces de amor. Mas nenhum desses inventores se lembra de Mim e de Minha Honra. A questão do tráfego é tão limitada pelas leis de rigor que somente quem as respeita pode usufruí-las. Primeiro é preciso pagar a passagem em tempo determinado. Um centavo a menos te excluirá do uso da condução. Gratuitamente ninguém será transportado por uma milha sequer.

Que mal haveria se cada comboio levasse um vagão grátis para pobres que receberiam grande benefício chegando mais rápido à casa onde acabaria a aflição que passaram no estrangeiro? Tal hipótese não passa pela cabeça da Companhia de Estrada de Ferro, muito menos é posta em execução. Tal vagão gratuito seria uma bênção para os diretores da empresa e suas ações que sempre estão em péssimas condições, e em breve poderiam se considerar as mais valiosas. Mas enquanto os pobres não participarem gratuitamente dessa utilidade, a empresa não terá o lucro desejado. Grava bem: Onde não existe amor, não haverá lucro. Somente o amor oferece lucro certo, vantajoso e eficaz. Se essa empresa continuar como é, atirará o país em grande miséria.

Eis que chega com esse trem, um bom amigo Meu (Jacob Lorber) de Graz, acompanhado de mais dois que serão abençoados. Não nos poderão ver, todavia sentirão uma vibração forte no coração. Ainda há outros três homens dentro do trem, não são propriamente maus, todavia não tem fé. Não ficarão desprovidos de nossa bênção, inclusive uma mulher vidente que nos veria, caso dirigisse seu olhar nessa direção. Falo da visão psíquica.

Prossigamos. O vento quente de Leste, em cujas asas oscilam milhares de espíritos em forma de nuvens, das quais cairá forte chuva beneficiando a colheita do próximo ano, deverá demonstrar aos amigos em Graz que nos estamos aproximando. Acamparemos primeiro em um monte ao Norte. Agora chegamos a Bruck, pequena cidade com pretensão à grandiosidade. Vamos adiante."

Enquanto nos dirigimos a Frohnleiten, lugarejo habitado por pessoas crentes, mas sumamente ignorantes pela influência dos ligurianos (ligados ao culto a Maria), Roberto, o oficial Pedro e as respectivas companheiras tomaram a dianteira a fim de providenciar uma estada para Mim e os demais acompanhantes.

Hoje pela manhã (a mensagem desse capítulo foi recebida no dia 4 de outubro de 1850) essas quatro pessoas chegaram a Graz, e as três fortes pancadas à tua porta, Meu servo (Jacob Lorber), foi o sinal de sua chegada. Fizeram pequena excursão ao subúrbio até a tua casa, onde te despertaram pelas batidas à porta. De lá seguiram ao seu destino que será somente notificado com Minha Chegada.

258.º CAPÍTULO

Ligurianos desencarnados.

Encontramo-nos então no lugarejo chamado Frohnleiten, onde acorrem muitos espíritos da Igreja local querendo descobrir nossa procedência e quais nossas intenções. O apóstolo Pedro se adianta dizendo: "Vimos do Alto e nos dirigimos temporariamente para baixo a fim de procurar as ovelhas perdidas, castigar os bodes e dizimar os lobos." — Dizem os espíritos: "Ah, então sois certamente missionários de Roma, ungidos pelo Papa para tal tarefa?"

Responde Pedro: "Bem que somos missionários, não ordenados pelo Papa, mas diretamente por Deus, o Senhor Jesus Cristo. Quem quiser nos seguir será aceito para o verdadeiro Reino de Deus. Quem não quiser por motivo qualquer, será deixado na Terra desolada. Não nos pergunteis quem somos, pois não aceitando de pronto o que exigimos, não sereis aceitos."

Dizem os espíritos: "Se não fostes consagrados e enviados pelo Papa não podemos acompanhar-vos porque Deus, o Senhor, tudo depositou nas mãos dele. O que ele unir na Terra, será unido no Céu, e o que desligar na Terra, será desligado no Céu. Não sendo o Papa vosso chefe, não podeis ser enviados por Deus, mas pelo inferno, do qual surgem todos hereges e protestantes, alegando igualmente terem surgido por Deus que seria Pai deles, enquanto somente o diabo é seu pai. Podeis seguir caminho, pois nesse local não fareis negócios nem para os adeptos de Ronge (neocatólico)."

Diz Pedro: "Quem disse ter o Papa recebido de Deus poder tão formidável?" — Responde uma mulher, com enorme livro de orações nas mãos: "Todo mundo sabe disso. Deus deu todo o Poder a S. Pedro, e este passou-o para os demais papas. Por isso, é cada Papa tanto quanto S. Pedro mesmo."

Responde o apóstolo: "Isso soa estranho, mormente para mim que sou Pedro, ao qual Deus entregou as chaves espirituais para o Reino do Céu. Nada me consta de uma transmissão do poder, de minha parte ao Papa, assim como nunca fui a Roma. Paulo, apóstolo dos pagãos, lá viveu por muito tempo durante o reinado do Imperador Nero. Eu, verdadeiro

Pedro, jamais. Como podia ter nomeado um Papa para meu sucessor entregando-lhe todo o poder recebido de Deus?"

Brada a mulher: "Afasta-te, Satanás! Imagina, esse sujeito pretende ser S. Pedro! Essa não! Não basta relegarem a Doutrina do Cristo, posse única do Papa, e quererem ser o Próprio Senhor! Tratai de afastar-vos, do contrário empregaremos força!"

Digo Eu: "Irmão Simão, aqui qualquer esforço seria inútil. Necessitam de mais duzentos anos para ficarem mais lúcidos, pois os ligurianos tornaram-se completamente obtusos. Farei com que resplandeças por alguns minutos para que te reconheçam. Em seguida desapareceremos, e essa visão será sua estrela guia, cujo brilho lhes indicará pouco a pouco o verdadeiro caminho da vida."

Nesse momento, Pedro recebe brilho cintilante qual Sol a pino. Todos os espíritos caem por terra de tanto susto, enquanto sumimos. Quando voltam a si querem prostrar-se diante de nós, sem poderem avistar-nos. Naturalmente caem em lamentações, amaldiçoando sua própria cegueira.

Surge então da igreja um grêmio de ligurianos, orientando os espíritos, ter sido a visão simples obra do inferno. Os outros se atracam com os monges, querendo massacrá-los. Estes debandam aos pulos voltando quais macacos ao claustro. Os espíritos se riem deles e procuram as alturas das montanhas. Desse modo termina a cena em Frohnleiten. Continuamos nossa peregrinação com a intenção de chegarmos às proximidades de Graz, por volta das 6 horas da tarde e encontrarmos os quatro amigos no topo do Reinerkogel.

259.° CAPÍTULO

Outra cena espiritual com ex-funcionários.

A caminho para Graz descansamos um pouco, quando somos abordados por muitos espíritos de diversas classes, isto é, almas de inspetores, guardas-fronteira, chefes de trem e policiais. Todos querem ver nossos passaportes, do contrário seriam obrigados a nos prenderem, pois era preciso ser muito rigoroso por causa dos forasteiros. Não eram culpados disso. Sua lei os obrigava a agir dessa forma caso não quisessem perder o emprego.

Nisso se adiantam todos os Imperadores e dizem: "Porventura devem soberanos viajar munidos de passaportes?" — Sumamente assustada a guarda recua e somente um consegue balbuciar: "Mas, quantos imperadores estão regendo atualmente? Parece haver maior número de regentes que de súditos. Naturalmente não tem que apresentar documentos, pois o Imperador da Rússia poderia estar no meio, o que redundaria em grande aborrecimento para nós."

Diz um outro que se havia refeito do susto: "É algo suspeito que esses grandes senhores venham a pé." — Retruca o outro: "Tolo! Certamente querem inspecionar a estrada de ferro, vindo a pé." Concorda um outro: "Deve ser assim. Mas quem serão os outros? Devem ser uns três mil."

Diz o primeiro: "Deve haver um grande congresso em qualquer parte, em virtude dos revolucionários na Alemanha e por causa dos franceses e ingleses; todos os potentados se reúnem para resolver a situação. É melhor calarmos, do contrário podemos contar com nosso enforcamento. Vou me dirigir a eles e sugerir que sigam viagem." — Os colegas recuam e ele se aproxima dos imperadores e faz sua proposta.

O Imperador José, então, lhe diz: "Então desempenhas tão rigorosamente teu ofício só porque te dá o necessário sustento? És um péssimo servo de teu soberano. Quem não fizer o bem pelo bem, não merece recompensa. Procura respeitar a lei por causa da lei e não pelo sustento, que serás servo justo Daquele que tem direito de dar leis. Afasta-te."

O beleguim volta para junto dos colegas e relata o que o regente havia dito. Eles concluem terem tido sorte pela rápida solução do caso. Desses espíritos não havia um aproveitável. Todavia receberam por esse choque uma advertência oculta, dirigindo-se para as montanhas, onde chegam à conclusão de se encontrarem no mundo dos espíritos.

Após esse acontecimento prosseguimos viagem e chegamos justamente às 6 horas do dia 4 de outubro de 1850 no local marcado, em que vós, Meus amigos (Jacob Lorber e seus fiéis), vos encontráveis no Reinerkogel. Através de certos sinais em forma de estrelinhas, por um sentimento diferente que vos fortalecia, pela calma da natureza, a impressionante formação das nuvens e a agradável iluminação do monte, percebestes Minha Chegada ali.

Prontamente se aglomeram grandes massas de espíritos no monte, muitos de má índole, que rapidamente são rechaçados para o Norte. O escurecimento produzido por vapores negros afetou nossos sentidos, pois até Satã encontrava-se em seu meio. Em redor do pé do monte se agrupavam elementos de melhor índole pedindo alívio de seu destino, o que lhes era concedido. Em seguida se afastavam, agradecidos.

Eis que chegavam do Schoeckelberg grandes chusmas de espíritos pertencentes à natureza. Sua aproximação foi percebida por vós através de uma claridade vermelho forte, à direita, às 18 e 45 horas. Exigiam com violência completa liberação do pesado serviço nas montanhas. Foi-lhes concedida em parte, retirando-se elas satisfeitas fazendo desaparecer a claridade avermelhada.

Finalmente vieram inúmeros espíritos das regiões circunjacentes pedindo uma bênção para a localidade. Receberam-na antes das sete horas. Foi por vós sentida por meio de uma irradiação semelhante ao arco-íris.

O amigo Andréas H. W. viu os monarcas em forma de estrelinhas que se haviam postado no Sul do monte. Tu, Meu servo (Jacob Lorber), viste em direção a Leste, uma claridade no cume. Era Eu entre os quatro amigos e os três apóstolos. Durante a noite muitos espíritos insatisfeitos foram acalmados e encaminhados, o que redundou em noite, manhã de hoje e o dia seguinte serenos. Sempre haverá algumas nuvens, espíritos desejosos de maiores benefícios. Seu amor sendo fraco, o lucro é pequeno.

Hoje, 5 de outubro, às dez e meia, uma falange de espíritos fortes deu-Me a honra e construiu boa morada, pois o guia dizia: Não fica bem deixarmos o Senhor da Glória no pó da Terra, Virando-Me para eles, digo: "Desisti de vosso zelo. Sei porque assim ajo e agora toco a Terra com Meus Pés. Recolhei vosso material. Quisesse Eu uma morada, ela estaria imediatamente construída. Preferível construirdes verdadeira moradia para Mim em vosso coração, o que aceitarei. Esse pombal aéreo não Me serve, convém demolí-lo."

Os espíritos Me atendem e partem algo insatisfeitos. — Tu, Meu servo, os viste e anotaste ligeiramente o fato. As nuvenzinhas, de cor violeta, de ambos os lados desse pombal, eram os mencionados espíritos que em seguida se retiraram.

Nisso, Roberto estranha que aqui se aglomerem tantas falanges no monte, enquanto em Viena fora preciso procurá-los para entrar em contato com eles. Qual seria o motivo?

Explico: "Espíritos que se reúnem nos picos possuem melhor visão e conhecem sua situação. Por isso se aproximam aos milhares, pedindo melhoria de seu estado. Em muitos predomina bastante egoísmo, por isso só lhes pode ser dado o que seja indispensável para sua salvação. Caso recebessem algo mais, tornar-se-íam arrogantes, procurando reagir. Mantidos na sobriedade, conseguem seu aperfeiçoamento mais rápido. Dentro em breve assistirás o que até então te era estranho. Agora calma, pois aí vêm novas falanges."

260.° CAPÍTULO

Demônios e espíritos da natureza. Jacob Lorber, ao qual o Senhor dita através de Seus anjos, se encontra junto à assembleia.

Pergunta Roberto: "De onde vêm e o que desejam? Perdoa-me, Senhor, se Te importuno com constantes indagações, pois o que até então cheguei a ver em seres de todos os matizes, ultrapassa o incrível. Temos a demonstração de Teu Poder, Dignidade e Glória de modo jamais visto. Quase sempre Te mantinhas passivo, ao menos perante mim. Tudo tinha que ser realizado por nós, após Tua Ordem. Agora fazemos papel de assistentes de qualquer comédia que admiram o artista, acompanhando-o com o sentimento, sem poderem ajudá-lo. Como se dá isto?"

Digo Eu: "Isso se prende ao fato de terem espíritos das montanhas visão mais nítida do que os das planícies. Esses centenas de milhares que nos rodeiam sabem perfeitamente que se encontram no mundo espiritual aproveitando o máximo desse estado. Se bem que se encontrem envolvidos por superstições, tomando não raro uma pulga por elefante, não tem muita importância, pois tem, no que diz respeito ao conhecimento de sua existência no Além, maior capacidade de assimilação do que os habitantes das planícies.

Quando, portanto, surgirem espíritos materialistas tereis que prepará-los para Mim, porque o espírito de Minha Ordem

não pode entrar em contato direto com a matéria. Sereis o degrau intermediário. Neste caso em que os espíritos bem sabem o que são, posso Pessoalmente dirigir-Me a eles, sem prejudicá-los. Assim como os habitantes das montanhas são mais modestos do que os insaciáveis moradores das planícies, o mesmo ocorre com os espíritos. Caso peçam algo, devem ser prontamente atendidos, pois se satisfazem com qualquer coisa. Não agindo dessa forma, entristecer-se-iam e reagiriam, perdendo toda confiança.

Eis porque às vezes tais criaturas recebem uma graça nos chamados locais de peregrinação. Tal permissão não é louvável porque positiva os pedintes em sua superstição. Mas se Eu não cedesse, perderiam tudo que possa ter relação com a fé. Havendo necessidade de escolher entre dois males, convém decidir-se pelo menor. Não concordas, Roberto?"

Responde ele: "Querido Pai, isso é lógico. Mas qual foi a intenção dos doze espíritos que ontem às 5'30 horas aqui chegaram da cidade? Conheço um deles. Trata-se daquele que em Teu Nome trouxe pão e vinho. É um servo humilde e escreve o que lhe ditas através de qualquer anjo. Os outros desconheço."

Digo Eu: "São justamente os poucos amigos dessa cidade por cuja razão aqui vimos. (Trata-se de amigos de Lorber e seus familiares). Eles Me amam e tem fé, conquanto não Me vejam. Se Eu Me apresentasse, teriam abandonado sua vida, por amor a Mim. Isso não é possível porque ainda tem que realizar muitos trabalhos em Meu Nome. Eu os amo e os deixo na Terra para atingirem o aperfeiçoamento.

Dentro em breve transmitirão ao mundo essa nossa ação, com o que muitos encontrarão sua salvação. Criaturas puramente mundanas muito se aborrecerão; com isso acharão seu extermínio físico e moral, pois jamais receberão qualquer luz dos Céus. Percebeste as duas moças e seus corações ardentes?"

Responde Roberto: "Sim, Pai, ambas eram de beleza jamais vista desde a existência de Tua Mãe terrena. As outras cinco também eram maravilhosas, mas as primeiras as ultrapassavam, deixando para trás Helena e Matilde. Entre as cinco havia uma que não consegui ver nitidamente, pois sempre virava o rosto. Quem foi?"

Digo Eu: "Foi a mãe das quatro filhas e dois filhos de Anselmo H. W. Ela é habitante dos Céus e virava o rosto

porque sua beleza teria prejudicado inclusive a ti. É um anjo belíssimo. Queria participar da alegria de sua família e encontrou-se no círculo dos queridos, por Minha especial Permissão."

Prossegue Roberto: "E os cabritinhos que tomavam a montanha de assalto dando pulos como se o mundo lhes pertencesse?" — Respondo: "Algumas almas da natureza ainda não amadurecidas, mas presunçosas, que necessitam passar por mais algumas metamorfoses até que sua alma receba a forma humana. Tais entidades não tem outra significação para nós do que os parasitas nos galhos frutíferos. Não percamos palavra a respeito de tais nulidades de existência primitiva."

261.º CAPÍTULO

Espíritos peregrinos da constelação da Lebre.
Diversos efeitos da luz e do amor.

Prossigo: "Qual foi tua impressão da grande falange de espíritos bons que hoje pela manhã nos procuraram, nada exigindo, mas simplesmente nos cumprimentaram, silenciosas, para em seguida acamparem no Monte Plabutsch?"

Diz Roberto: "Pareciam seres estranhos, frios e destituídos de qualquer intenção." Respondo: "Eram espíritos de outro planeta, não de nosso sistema solar, mas de um outro distante, que se encontra na constelação da Lebre. O planeta mais próximo daquele que dele dista tanto quanto Mercúrio do Sol terráqueo, é o mundo de sua origem. Quem quiser conhecer mais de perto aquele Sol, basta estudar a constelação da Lebre em cuja orelha esquerda encontrará uma estrelinha de quarta grandeza. Eis o Sol de cujo planeta mais próximo descendem esses espíritos. São peregrinos, cuja felicidade consiste em estarem sempre viajando. Quando aqui ingressam, o que sucede raramente, acalmam-se e procuram relações com Meus filhos.

Às vezes acontece que alguns aqui encarnam. Mas na expectativa de se tornarem Meus filhos, semelham-se a pássaros engaiolados. Não tem calma nem sossêgo. É quase impossível estacionarem em qualquer sítio. Viajar e caminhar

é seu maior prazer. Quando são impedidos nisso, tornam-se infelizes. O motivo de seu aparecimento nesta Terra tem apenas esse fim. Desta vez, o pressentimento de Minha Presença os atraiu para saudar-Me. Seu culto religioso consiste em seus cumprimentos a Deus, o Senhor, ocasião em que Lhe fazem elogios afetados. O serviço de mensageiro é o que mais lhes agrada no Reino da Luz."

Diz Roberto: "É estranha a coincidência da inquietação desses espíritos com o animal cuja denominação não é honrosa. Havia alguns de bom aspecto; não pude perceber se eram masculinos ou femininos, pois eram semelhantes como os pardals em nossa Terra. Seriam criaturas de outros corpos cósmicos tão parecidas como estes espíritos, ou apresentam diferenciações formais?"

Digo Eu: "Espíritos das esferas da sabedoria pura assemelham-se como um olho a outro, pois seu elemento básico é apenas luz que, com poucas mudanças de coloração, é igual em toda parte. Deste modo, os produtos da luz são idênticos à sua semelhança. Somente o amor produz a variabilidade das formas. A luz, apenas a monotonia. Observa a neve na Terra, produto da luz pura. Um floco é semelhante a outro. Apenas quando muitos se juntam, mudam de tamanho. E isto somente quando entre tais produtos frios da luz, existe algum calor semelhante ao amor. Carecendo ou faltando completamente, caem por terra estrelinhas de flocos de tamanho e formas iguais. Do mesmo modo, o gelo tomará sempre a mesma forma básica por ser a luz fria seu criador.

Tudo o que é mais ou menos idêntico à luz pura é, em sua forma e constituição, monótono. Somente o que contém algo do calor semelhante ao amor, toma forma variada. Se bem que a luz produz calor quando altamente potenciada, seu calor é prejudicial e mata. Somente a luz, cuja base é o calor, é boa; e o calor irradiado de tal luz é bom e vivificante.

Todos os animais ferozes, venenosos e as plantas venenosas são produtos da luz pura e seu calor externo, maléfico em tudo que não for novamente criado pelo amor e de sua luz com efeito interno. Nos seres do amor tal luz é transformada em benefício, voltando à sua consistência original.

Desta explicação deduzirás porque aqueles espíritos se assemelham quais pardais entre si. São muito modestos e só querem viajar, o que é comum à constante movimentação da

luz. Assim como a luz não tem paz, mas caminha constantemente pelo Espaço Infinito, o mesmo fazem suas criaturas, Em tal empreendimento existem leis impostas por Mim, onde consta: Até aqui e não mais além! Então surgem lutas violentas até que tais seres são acomodados. Basta deste assunto. Tais espíritos se afastaram e surgem legiões de outros.

Hoje, segunda-feira, nada de importante faremos, pois esses espíritos são ainda de espécie fria. Pela noite irradiaremos algum calor entre eles, o que terá como efeito sua humilde descida à Terra qual orvalho, dando-nos a honra. Amanhã, terça-feira, teremos visita de três bispos, provocando alteração, à noite."

262.° CAPÍTULO

Três bispos de Graz em cima de nuvens.
O julgamento do Senhor.

Diz o Imperador José: "Três bispos de uma só vez, e de Graz! Pobre monte! Esse peso te fará transpirar de medo. Senhor, lembra-te do escândalo nas catacumbas da Catedral em Viena e aqui mesmo. Entretanto tratava-se de simpatizantes, com exceção de Migatzi. Sempre foi hábito dos bispos de Graz que o sucessor era inimigo do precedente. E agora surgem três inimigos com sua guarda pessoal. Senhor e Pai, tem piedade, pois dela muito necessitamos."

Digo Eu: "Caro amigo, não estás de todo errado. Mas, entre os três, existe apenas um renitente, os outros são bons espíritos. Eis que surgem como ocupantes de uma nuvem que precisamente para o lado do Norte tem coloração escura demonstrando a índole de seus passageiros. Os dois de boa índole tem pequena guarda, mas de punho forte.

Aquele na retaguarda, bastante obscurecido, vem com forte guarda que sente, pensa e quer como ele mesmo. Até imita sua respiração e gestos. Repara como vem orgulhoso em sua nuvem escura, algo distanciado da primeira, mais clara, como se fosse dono de Céus e Terra. Que Me dizes de tal proceder? Há três anos é habitante desse mundo e sabe-o perfeitamente, do contrário não navegaria em nuvens. Não desistiu de modo algum de sua concepção ultramontana. e é

prelado papal. Esse título ninguém lhe tirará tão facilmente, pois lhe representa mais do que o valor de Pedro, Paulo, João, Maria e José. Segundo sua fé tola, um bispo, mormente um de sua categoria, vale trezentas e sessenta e quatro vezes tanto quanto Maria que dera vida ao Cristo apenas uma só vez. Ele, por sua dignidade sacerdotal, faz nascer o Cristo trezentas e sessenta e cinco vezes num ano comum. No bissexto, ele naturalmente produz trezentas e sessenta e seis vezes, ultrapassando portanto Maria em valor. Não se falando dos outros clérigos que a mão dele transformou em "produtores" diários de Cristo, cujos nascimentos são acrescidos ao valor do bispo, perante todos os anjos. Nessa pretensa dignidade ele se dirige para nós, aguardando recepção honrosa. Que Me dizes desse espírito?"

Diz José II: "É realmente bom exemplar da mais obtusa ignorância. Devias, Senhor, entregá-lo a qualquer fumeiro, pois faria jus em museu como raridade digna de visitação. Que sujeito!"

Acrescenta Roberto: "Desses zelotes ouvi coisas bem estranhas na Saxônia e lastimava esse país por ter sido dominado por um bispo tão ignorante, fazendo o povo ainda mais tolo do que era desde o tempo do Imperador Ferdinando. Esse bispo manhoso sabia insinuar-se e aninhar-se com as damas da Corte conseguindo realizar todos os seus planos e finalmente transformando-se em verdadeiro tirano eclesiástico. Enriqueceu sua residência episcopal com insígnias de h§ muito abolidas nesse pa²s, provocando irrita-«o entre os mais ponderados. Contribuiu bastante para o levante de 1848 e é lastimável não ter assistido o verdadeiro desencadear do mesmo.

Entrementes ele flutua acima de nós e faz como se não nos percebesse. Que pretende com seu constante gesto de bênção? E suas meias vermelhas, a mitra branca, o manto dourado e o cajado de prata, que representam? Na Terra constituíam ilusão para os incautos, mas, aqui, no Reino dos espíritos, — a quem pretende impressionar?"

Digo Eu: "Calma, Meus filhos, dentro em pouco estará perto de nós dando-nos muito trabalho. Eis que manda um serviçal, de cuja pergunta podeis deduzir qual a opinião desse bispo acima das nuvens. Atenção, que ele vem se aproximando:"

Um jesuíta e um ajudante se postam sem cerimônia na nossa frente e o primeiro diz: "Que espécie de gentalha sois que não tirais o chapéu e não vos ajoelhais diante de um príncipe de igreja dotado de todo poder de Deus quando abençoa a Terra, de sua nuvem celeste?"

Retruco: "Afirmas ser esse bispo munido de todo o Poder de Deus? Se assim fosse, Eu devia saber algo a respeito. Também ignoro ser a nuvem na qual ele navega, celeste, no entanto Eu devia sabê-lo primeiro."

Diz o jesuíta: "Por que justamente tu, maroto cigano? Ignoras que todos os ciganos foram por Deus condenados na Terra?" — Digo Eu: "Não, Meu caro. Nada disto sei. Estranho que saibas tanta coisa e Eu, nada. Todavia Eu deveria saber muito mais do que tu. Porventura estiveste presente quando Deus conferiu a esse bispo um poder ilimitado sobre a Terra?"

Diz o jesuíta: "Deus transmite esse poder de modo invisível. Preciso é perceber-se sua presença pelos múltiplos efeitos. Deus habita na Luz impérvia e, com exceção dos anjos primitivos que circundam o Seu Trono para aguardar as Ordens Dele exclamando constantemente "Santo, Santo, Santo!", ninguém pode aproximar-se de Deus. Entendes a profunda sabedoria disso?"

Respondo: "Não parece ser muito profunda, e devo confessar que nada sei a respeito. Entretanto, sei perfeitamente que tu e teu bispo Sebastião sois meros ruminantes, animais de índole não maldosa, porém sumamente tolos. Para todos nós que aqui estamos, Deus não é invisível e não vive na Luz impérvia. Somente para os que vivem fortemente na carne, Deus tem que permanecer invisível por causa do livre arbítrio até que as criaturas consigam o renascimento do espírito. Do mesmo modo Ele continua invisível para espíritos de vosso jaez, porque não sois puros nem renascidos. Assim, é Ele Habitante da Luz impenetrante e ainda o será por muito tempo."

Pergunta o jesuíta: "Onde está a região em que avistais Deus?" — Digo Eu: "Justamente naquela em que não O conseguis ver por muito tempo. Ainda que Ele estivesse diante de vosso nariz, não seríeis capazes de vê-Lo. Dize ao teu ignorante bispo que aqui habita a Salvação das criaturas. Se também for humano, que venha dar Honra a Deus, participando

da Salvação de todos, do contrário participará da morte com todos vós. Dize mais: Deus não necessita de bênção de um pretenso dono de Seu Poder. Ele Mesmo abençoa o mundo. Que o bispo abençoe seu próprio coração, com toda humildade, ao invés de trafegar orgulhosamente nas nuvens como se tivesse criado o mundo. Transmite-lhe que Deus, o Senhor, caminha sobre a Terra e não convém que um mau servo abuse das nuvens. Vai."

Diz o jesuíta: "Quem és tu para usares de modos tão atrevidos com um servo eclesiástico e uma autoridade episcopal como se tu mesmo tivesses organizado a Igreja? Repito, quem és e quem são os teus acompanhantes?"

Diz o Imperador José II, em surdina: "Ó Senhor, minha paciência está prestes a esgotar-se, caso esse inimigo da vida libérrima do amor não desapareça."

Retruco: "Calma e não te aborreças. Poderias exigir de um asno algo que não fizesse parte da sua esfera? Ele sabe o que deve fazer. Não querendo aceitá-lo, haverá meios para nos livrarmos desse animal de carga."

Nisto, o jesuíta diz: "Obtenho resposta ou não?" Retruco com bastante energia: "Não, afasta-te, do contrário serás compelido a tanto." A essas palavras ele torce o nariz, volta para junto do bispo e lhe transmite tudo, curvando-se até o solo, de tamanho respeito. Observai a atitude do bispo, sua; expressão episcopal e sábia como se pensasse: Deveria eu deixar o mundo continuar a sua existência, e não haveria raios para atirá-los contra essa plebe herética?" Como nada de proveitoso ocorra para desanuviar sua cólera, faz menção de afastar-se.

Eis que os dois outros bispos o rodeiam com seu séquito com aspecto honroso e o grande bispo, de nome Wallenstein, diz: "Amigo e colega! Que se passa? Não percebes a falange luminosa que cobre a raiz do monte e não vês Cristo, o Senhor, três apóstolos, todos os imperadores de Habsburgo, o célebre arcebispo Migatzi e grande número de espíritos perfeitos, cuja presença abençoa a região toda?"

Vermelho, de ira, o bispo Sebastião diz: "Conheço-vos, hereges! Não consegui reparar durante vinte anos o prejuízo episcopal por que fizestes passar esse país, — e pretendeis fazer-me conhecer o Cristo, a mim, que estou pleno do

Espírito Dele e trago em mãos as chaves de Céus e Terra? Quem poderia conhecer melhor o Cristo do que eu?"

Responde Wallenstein: "Amigo, falando desse modo, nunca conheceste o Cristo e jamais O conhecerás. O Espírito do Senhor não caminha com tamanho orgulho. És e sempre foste um padre dominador e orgulhoso e para tal fim te cercaste de uma quadrilha tenebrosa a fim de atingir pela massa, a meta delineada, pois tua inteligência, apenas, não teria sido suficiente. O Senhor impediu teus planos. Conseguiste, pelo teu esforço, precisamente o contrário daquilo que almejavas, quer dizer, o domínio absoluto do sacerdócio sobre a Terra. E agora alegas seres o único possuidor do Espírito Santo? Celerado! És possuidor único do espírito do inferno que se chama mentira e orgulho. Mas o Espírito do Cristo jamais foi por ti reconhecido, pois és inimigo declarado do Mesmo."

A esse discurso enérgico de Wallenstein, Sebastião se torna cada vez mais vermelho, bem como o seu séquito. Wallenstein e o Conde Arko (Bispo de Graz) descem à Terra, e Eu lhes envio Roberto para trazê-los junto de Mim. Obedecem com profundo respeito e Eu os conduzo ao cume do monte. Ambos fazem menção de se ajoelharem diante de Mim. Eu os fortifico, impedindo seu gesto e digo: "Amigos, deixemos isto para outra ocasião. Temos coisas mais importantes a fazer. O Bispo Sebastião alimenta más intenções querendo prejudicar a Terra. Hoje é quinta-feira, pois na quarta ele descansou e nós também. Seu plano é destruir ainda hoje tudo que aparecer na sua frente em virtude da grande ofensa recebida. Todavia Eu já havia avisado aos espíritos da paz, que o algemarão com seus asseclas, nesta noite, atirando-os por terra para se refrescarem bastante."

Diz Wallenstein: "Santo Pai, como poderemos perceber esse fato, se somos dotados de grande cegueira?" Respondo: "Erguei vossos olhos e vêde os espíritos da paz como se postam de todos os lados. Numa rapidez de relâmpago os maldosos serão amordaçados e atirados ao solo. Se amanhã descobrirdes as montanhas cobertas de neve, sabei que lá está o Bispo Sebastião em um aparelho refrigerador, quer dizer, debaixo de um cobertor trazido pelos espíritos de paz, do Norte, para um presente útil."

Diz Wallenstein: "Então a neve tem igualmente importância espiritual?" Respondo: "Claro. Tudo que se apresenta na Terra tem geralmente um primeiro sentido espiritual, em seguida o da matéria. Prestai atenção, que a caça feroz começará."

263.° CAPÍTULO

Prisão do orgulhoso bispo de Gras pelos espíritos da paz.
A coberta de neve como julgamento especial
contra infratores da Ordem Divina.

Sumamente admirados, os bispos Wallenstein e Arko erguem os olhos e percebem que Sebastião e seus comparsas já se encontram prisioneiros dos espíritos da paz. Ele se levanta e se torce qual verme pisado, atira maldições em cima dos espíritos que se atrevem a "tocar um homem seguidor da vontade de Deus." De nada adianta, pois eles agem com calma férrea, sem se perturbarem com as imprecações dele.

O Bispo Wallenstein, então, diz: "Senhor, tenho a impressão de ver uma aranha caranguejeira rapidamente aprisionando as moscas. O mesmo parece ter sido feito por esses famosos espíritos pacíficos que deviam ter estendido sua rede à longa distância, do contrário seria incompreensível o domínio súbito de Sebastião e seus asseclas. Como praguejam!"

Digo Eu: "Isto é comum em criaturas de sua espécie, pois na Terra ele condenava a todos os que não se dispunham a dançar segundo seu assobio, — como esperar-se agir de modo diferente aqui, contra qualquer espírito que ouse enfrentar o seu orgulho? É um sacerdote maldoso e ignorante, espírito capaz de, calmamente, ver queimar milhares de criaturas. Sua ira provém precisamente dele não poder dar expansão a mesma.

Vê como os espíritos o impelem para o Norte, onde cuidarão dele nos Alpes superiores. Os outros serão levados aos cumes menos elevados. Eis que atingiram as alturas, paulatinamente. Qual é tua impressão?"

Responde Wallenstein: "O caso é bem triste e tenebroso. Quanto tempo eles terão de ficar debaixo do lençol de gelo? Eternamente?"

Digo Eu: "De modo algum. Basta chegarem de modo próprio à compreensão de seu erro, dirigindo-se a Mim em seus corações, que imediatamente serão libertos de seu julgamento. Isto não se dando, sua libertação não ocorrerá nem um segundo antes do tempo. Sebastião terá de ficar debaixo das geleiras até que se refresque bastante. É tão orgulhoso e ignorante que considera o orgulho como dado por Deus. É difícil levar-se o progresso espiritual a tais loucos, todavia não podemos perder nossa paciência, graça, amor e misericórdia, por serem nossos irmãos, por cuja salvação temos de cuidar especialmente."

Aparteia Roberto: "Senhor, vejo todos os cumes cobertos de neve. Seria isto motivado por Sebastião e seus afins? É impossível que todas as cordilheiras de Steiermark, Tirol e Salzburgo sejam o solo adequado para aquele espírito."

Digo Eu: "Claro que não. Há muitos desvairados como ele, em vários países. Se num recanto mais oculto um espírito fôr irritado por qualquer motivo, todos do mesmo jaez se irritam e procuram agir. Sua ação estando em desacordo com Minha Ordem, os espíritos de todos os países são aprisionados e encaminhados por meios apropriados. A melhoria não corresponde à rapidez da irritação para o mal. Ela é demorada como se, por exemplo, em um campo estivessem milhares de pessoas enfileiradas que subitamente fossem derribadas por terremoto. A queda seria de todas ao mesmo tempo. O levantar, que depende de cada um, é mais difícil. Uns o farão imediatamente, se não sofreram ferimentos. Outros, mais ou menos feridos, fá-lo-ão mais vagarosamente. Os que sofreram lesões maiores, necessitarão de muito tempo e esforço. Haverá alguns mortos. O mesmo sucede em tais julgamentos especiais. Serão presos de uma só vez. O erguimento depende de sua força interna.

Assim vês, de um só golpe, todas as montanhas cheias de neve, como refrigério para espíritos muito violentos, entretanto, no sentido espiritual, apenas é a força visível dos espíritos da paz. Quando essa força for retirada a tempo, os elementos da natureza igualmente presos, se dissolverão em água, enquanto os verdadeiros serão libertos, podendo fazer o que quiserem. Voltando para o bem, será em seu benefício. Retornando ao mal, o efeito será naturalmente prejudicial. Compreendeste?"

264.º CAPÍTULO

Os elementos estelares das almas. Seres impuros, igualmente surgidos de Deus.

Diz Roberto: "Senhor, perfeitamente. Mas acabaste de falar algo de elementos da natureza que se dissolveriam na água, quando afrouxasse a força dos espíritos da paz. Que vêm a ser eles?"

Respondo: "São potências espirituais e específicas, ou sejam Ideias isoladas de Meu Coração. Após serem suficientemente preparadas através de vários julgamentos pequenos e fermentadas por diversas atividades, dentro de Meu Amor, são igualmente envoltas em formas (nos metais, na fauna e flora), tornando-se no final de seu circuito, almas humanas dotadas de inteligência a fim de que Meu Próprio Espírito de Amor Se identifique em um Ser eternamente inseparável de tais almas.

Tua alma é algo semelhante, apenas de outro planeta. Algo que se prendia ao teu físico, foi-lhe acrescentado nesta Terra. Em seu todo, pertences às almas de Urano. Se bem que todas as almas desta Terra possuam algo de todas as estrelas, predomina o que trouxeram da natureza do planeta onde se desenvolveram pela primeira vez em almas perfeitas. Compreendes?"

Responde Roberto: "Sim, Senhor e Pai. Apenas não entendo como podem surgir de Ti, que és Perfeito em tudo, seres imperfeitos e impuros, pois nada existe que não surgisse de Ti." Digo Eu: "Amigo, pensa um pouco e te recordarás do assunto ventilado em outra ocasião."

Diz Roberto: "Ah, é mesmo, já sei. Quando explicavas a diferença entre Pensamentos e Ideias. É isto mesmo. Cada pensamento em si, como linha básica para uma ideia, é puro. Sendo possível formarem-se quadros igualmente impuros das linhas básicas, que continuam sempre puras, tais quadros ou ideias já são de segunda categoria e mais impuros do que os pensamentos originais, porque podem apresentar impurezas, o que nas linhas básicas é impossível. Uma linha será sempre linha, não se dando o mesmo com uma figura surgida pela combinação das linhas. Agora tudo me é claro. Mas, Senhor, hoje é segunda-feira e, além do acontecimento

com o Bispo Sebastião, nada realizamos. Que tal se fizéssemos uma visita a outro ponto qualquer?"

Digo Eu: "És bem intencionado. Mas hoje teremos a visita de dezessete prelados do Convento Rein, que já se encontram a caminho para aqui. Amanhã iremos para outra localidade."

Pergunta o Bispo Wallenstein: "Se não forem de épocas muito remotas, certamente hei de conhecer algum entre eles?" Digo Eu: "Dificilmente, pois pertencem todos ao primeiro período da construção daquele convento. Os de tua época longe estão de poderem chegar onde nos encontramos. Eis que eles aparecem, bastante circunspectos, e serão recebidos com a mesma atitude, para demonstrar que nos assiste o mesmo direito de permanecer nestas alturas.

Este monte pertenceu ao convento e era cultivado para o Sudoeste com pequenas vinhas enquanto para o Norte continuava com boa mata, em virtude da fácil caça. Posteriormente muita coisa mudou, sendo tirada grande parte da posse do convento. Os dezessete prelados continuam na idéia fixa da posse de tudo que anteriormente pertencia ao convento e se orgulhavam muito do monte. Não lhes agradava quando era visitado por pessoas mundanas por causa do parque onde eram cevados corças e veados que eram preparados para a mesa do convento. Julgam sermos ladrões de caça, razão porque correm em nossa direção para nos afugentarem. Atenção!"

Diz Roberto: "Senhor, não poderíamos usar a colaboração de Helena, dotada de linguajar bastante drástico?" Respondo: "Não, pois eles não entendem o dialeto vienense e são zelosos convencidos. Originam-se da época da Inquisição e ficariam revoltados caso tivessem oportunidade de despertar aquele zelo pelo qual muitas almas fiéis foram martirizadas para a "Maior Glória de Deus." Mas que se podia fazer? Tais padres eram realmente tão ignorantes em acreditar que tivessem prestado serviço agradável a Deus através de ações tão horrendas. Quanto mais severo e inclemente era tal padre, tanto mais próximo a Mim e mais santo se julgava, e também era considerado pelos colegas estúpidos. Não façais observações em presença deles. Ficai como que desinteressados com Minha Atitude. Atenção, já estão à nossa frente, medindo-nos com olhos inquisitoriais."

Eis que se adianta um prelado, a seu tempo "Pastor supremo e salvador dos perigos que circundam a Igreja." Esse arquipapista Me mede dos pés à cabeça com olhar por cima do ombro esquerdo, segundo hábito sacerdotal e diz após algum tempo: "Quem permitiu pisardes esse monte sagrado afugentando minha caça, igualmente tão sagrada por ser destinada aos zelosos servidores de Deus? Fala, do contrário haverá julgamento e condenação."

Digo Eu: "O Senhor do mundo tem direito de pisar onde Lhe apraz e não necessita pedir permissão dos pretensos proprietários terrenos. Assim, Ele está pisando sem vossa permissão precisamente porque esse monte é, entre todos os da redondeza, o menos profanado pelas más ações humanas. Sou Cristo, o Senhor! Vim especialmente para julgar o mundo maldoso e proporcionar Minha Graça, Perdão dos pecados e a Vida Eterna aos Meus fiéis confessores. Quem Me reconhecer, aceitar e não se aborrecer Comigo, não perecerá. No entanto, quem se aborrecer Comigo e não crer que Sou o Primeiro e o Último, o Começo e o Fim, o Alpha e o Omega, se perderá. Agora sabeis de tudo que precisais saber. Qual vossa intenção?"

Diz o primaz: "Dá-nos uma prova que acreditaremos em Tuas palavras." Digo Eu: "Existem muitas provas diante de vossos olhos, observai-as que vos esclarecerão. Não sois propriamente maus, porém ignorantes e tolos. Porventura sabeis que morrestes há muito tempo?" Responde o primaz: "O quê? Quem? Quando? Por acaso não estou vivo? Estaria morto? Nem Platão, nem Sócrates e muito menos o divino Aristóteles poderiam prová-lo. Apresenta provas para tudo, do contrário sereis aprisionados como ladrões de caça."

Digo Eu: "Calma, Meus caros, para evitar que Me esquente, o que não seria de vosso agrado. Se receais pela caça, que existe apenas em vossa imaginação, dirigir-nos-emos por algumas horas para o Monte Schöckel, onde vos serão abertos os olhos. Então vereis se realmente sois donos do Convento Rein ou se porventura não é administrado por novo prelado."

Reage o primaz: "O quê? Dirigir-nos para o maior monte dessa cordilheira, jamais pisado por alguém em virtude das bruxas e maus espíritos?" Digo Eu: "Já afirmei não serdes maus, porém sumamente ignorantes. Eis o motivo por que

deveis ir para lá a fim de vos curardes de três tolices principais que prendem vossa visão. Primeiro, a noção de viverdes ainda na Terra; segundo, que o Schöckel não é o monte mais alto desse país; terceiro, que lá não existem bruxas nem maus espíritos. Em seguida compreendereis que esse monte não mais é propriedade vossa, que o convento pouco terreno possui e que também não existe mais caça nem poderia haver ladrões."

Obtempera o primaz: "Como galgarmos tamanha altura? Necessitaríamos de vários dias para tanto." Digo Eu: "Oh, não. Como prova de que também somos espíritos, faremos a viagem em um átimo. Digo apenas: Que assim seja!, — e vede já estamos no local. Agrada-vos o mesmo?"

Diz o primaz estupefato: "Isso é forte demais! Parecia-me sermos transportados por um raio e começo a perceber alguma coisa diferente. Todos nós morremos há anos atrás. Como foi possível não o sentirmos antes? Seria fácil pela dedução de que nosso convento só podia ter um prelado, e éramos dezessete e mais alguns que posteriormente se juntaram a nós. — Que panorama estupendo! Agora noto haver montanhas muito mais altas que o Schöckel, e de bruxas e espíritos maus não há vestígios. Temos que agradecer a nosso milagroso guia. Se bem que não seja o Próprio Cristo, deve ser enviado por Deus para nos libertar de nossa cegueira." — Com isso, todos caem por terra e louvam o Poder de Deus em Mim.

Diz Roberto: "Senhor, que tenho eu em comum com eles?" Respondo: "São uranides como tu, portanto muito teimosos. Tens que aceitá-los em tua casa. Percebes motivo e causa desse acontecimento?" Diz ele: "Teriam sido os outros espíritos que encontramos lá embaixo, também meus afins originais?"

Digo Eu: "Não. São somente semelhantes a ti no amor e pertencem por isso a teu grupo. De agora em diante és o esteio principal de uma nova comunidade como prêmio de todos os que trabalharam na Terra em Minha Vinha, por motivos sinceros e bons."

Observam os dois bispos, humildes: "Senhor, também trabalhamos em Tua Vinha. Não seria possível conseguirmos alguma tarefa?" Respondo: "Se fostes trabalhadores, o mun-

do vos pagava bem. Roberto Blum trabalhou sem remuneração e pelo seu esforço foi pago com a morte, no que consiste grande diferença entre vós e ele. Ele foi um mártir. Também o fostes? Ele tombou como vítima de seu amor para os irmãos. Fizestes o mesmo?"

265.° CAPÍTULO

Ilusão episcopal. Somente Deus é Bom.

Dizem os dois bispos em uníssono: "Senhor, nesse caso somos verdadeiras nulidades, pois nunca sofremos, com exceção de alguma moléstia. Se esse Teu filho, Roberto Blum, é grande espírito perante Ti, nos perdoará se, por ignorância, lhe prestamos tão pouca honra. Não compreendemos como foi possível sermos aceitos na comunidade de Santo tão importante. Quão grande deve ser quem caminha em Tua Presença agindo segundo Tua Vontade e sendo constantemente ensinado por Ti."

Digo Eu: "Fostes bispos bem conceituadas e agora vos expressais como se tivésseis feito um curso com velha beata durante dez anos. Quem seria santo para Mim? Porventura ignorais que, com exceção de Deus, não há quem seja santo? Somente Deus é Santo e Bom. Todos os outros são irmãos, e o mais simples é sempre o maior no Meu Reino. Honra merece somente Deus. Os filhos devem entender-se e amar-se reciprocamente.

Por ora é só, dispomos de uma eternidade para maiores esclarecimentos. Pelo cálculo terreno estamos há três horas nesse monte, e os prelados ainda se acham deitados no solo. Tem que ser socorridos, para voltarmos ao nosso monte, que nesse momento é abandonado por alguns amigos nossos. Ainda assim receberam a bênção que se prende ao local.

Levantai-vos, prelados do Convento Rein! Recebestes nova visão para assimilardes o conhecimento certo e compreenderdes a Verdade. Por isso não dirijais o olhar para o solo, mas observai a Luz de toda Luz e compreendei-A."

Os dezessete prelados se levantam e olham ao redor de si, admirados, e o primaz diz: "Senhor, somente agora per-

cebemos seres Tu de Quem todos os Céus e mundos testemunham maravilhas sobre maravilhas! Que devemos fazer para merecermos Tua Santa Presença?" Digo Eu: "Amai-Me acima de tudo — por ser isto vossa Vida Eterna — e vossos irmãos como a vós mesmos. O amor ao semelhante condiciona vossa felicidade. Quanto mais aplicardes o justo e verdadeiro amor ao próximo, segundo Minha Ordem eterna, tanto mais felizes sereis.

Todos os Céus com suas inúmeras bem-aventuranças, surgem do verdadeiro amor ao próximo, — como no caso contrário, todos os martírios e sofrimentos nascem no inferno do amor-próprio. Não houvesse amor-próprio, não existiria inferno, guerra, fome e pestes. Estando as criaturas cheias de ego²smo e amor-pr· prio ð o inferno criado por elas ð sofrem todos os males derivantes do mesmo.

Se bem que Satanás é príncipe do inferno como também foi seu fundador, de há muito não tem mais poder de aniquilar as criaturas que se tomaram seu mestre. Desde que dependem unicamente de sua própria vontade, muitos poderiam ensinar a Satanás, mormente entre o clero e os jesuítas. Conheço alguns dos quais até mesmo Satanás alimenta tamanho medo qual mocinha que tem medo de uma cobra venenosa. Tais homens se dizem servos de Deus."

Diz o primaz: "Senhor, que coisa horrenda ouvir-se isto de Ti!" Digo Eu: "Assim é, e nada se poderá fazer por ora. Voltemos ao nosso monte, pois já é quase dezoito e meia. Assim seja!, — e eis que retornamos. Neste momento levanta-se uma nuvem densa sobre a cidade e de todos os cemitérios surgem neblinas mais leves.

A nuvem escura é um grêmio de cerca de dez mil monges e padres que vivem há quatrocentos anos nessa região, não podendo encontrar saída devido a sua grande ignorância. Entre eles há alguns bispos, prelados e priores. Providenciaremos algumas balsas para conduzi-los às zonas do Mar Negro. Aqui só provocariam desatinos porque se tornaram algo mais lúcidos com Minha atual Presença. Dentro do mar voltarão a si, após alguns séculos, podendo então receber ajuda.

As neblinas acima dos cemitérios contem almas pobres e enfermas, sedentas de cura. Serão socorridas nesta noite (quarta-feira) até amanhã. Quero que se aproximem, e eis que vêm em nossa direção."

266.º CAPÍTULO

Quem acolhe necessitados, ter-Me-á acolhido.

Diz Roberto: "Senhor e Pai, quanto mais hóspedes vierem morar era minha casa, tanto maior será minha alegria. Serão essas almas igualmente habitantes de Urano?" Respondo: "Oh, não. São pobres e como tais, os mais próximos de teu coração. Aqui vale o ditado: Quem aceita pobres em Meu Nome, ter-Me-á acolhido. Eis o motivo principal por que permito que tais almas devem ser recebidas em tua grande mansão."

Acrescenta Roberto: "Neste caso, que venham todos os pobres da Terra ao meu lar, pois não falta espaço. E onde Tu, ó Senhor, Te manténs constantemente, todo o Infinito terá lugar de sobra."

Após essa boa observação de Roberto, chegam milhares de almas pobres, acomodam-se em fileiras extensas em redor do monte, pedindo socorro e cura de seus males físicos, que a pele de sua alma absorveu do mundo. Imediatamente são atendidas, recebem vestimenta branca, a dos homens com debrum verde e a das mulheres, vermelho.

Em seguida, nós lhe enviamos um servente que as conduz ao cume de outro monte, onde encontram leite, pão e vinho. Espíritos tão fracos necessitam primeiro, de suprimento de leite espiritual, a fim de criarem forças para suportarem pão e vinho. O servente é um dos fiscais que nos seguiram desde Viena.

Após serem alimentadas, pela primeira vez na vida espiritual, não sabem como agradecer ao portador de tamanho conforto. O servente lhes indica a Minha Pessoa, Único Doador de todas as dádivas, e que Eu as visitaria. Então poderiam ver Deus, o Senhor, Criador e Pai, pela primeira vez, para Dele Mesmo receberem a Bênção eterna. Sua alegria é imensa ao ouvirem essa promessa.

Uma moça de excepcional beleza se inflama ao ouvir a Meu respeito, pois na Terra seu coração estava sempre voltado para Mim, e diz para o servente: "Amigo de meu Bom Jesus, peço-te que me leves para junto Dele. Vivo apenas para Ele que é Tudo para mim, meu Deus, meu Pai, meu Amor."

Diz o servente: "Sou simples servo do Senhor e só posso fazer o que Ele manda. Voltarei a Ele e transmitirei o teu recado. Não te esquecerei porque ficaste gravada em meu coração e duvido que dele te possas desvencilhar. Até já." Ele se dirige para o monte e em meio do caminho se vira para trás e vê a moça em seu encalço. Parando, ele diz: "Minha amiga, por que fazes isto? Sabes que só posso fazer o que me é permitido." Diz ela: "Por acaso também recebeste ordem de me deter em meu caminho?" Diz ele: "Isto não." Conclui ela: "Então deixa-me seguir o caminho de meu coração."

Não sabendo como agir, ele volta à montanha. Quando em meio da subida, Eu vou ao seu encontro e ele prontamente relata seu conflito com a moça. Digo Eu: "Ela não dissera que seguia o doce caminho de seu coração? Ama-Me acima de tudo e deseja estar onde Me encontro como Objeto de seu amor. Guarda bem, não deves impedir o caminho de um amor semelhante, onde habita a perfeição do espírito. O espírito perfeito Me acolhe dentro dela, podendo aproximar-se sem susto de Minha Personalidade. Quem se tornou fogo, não precisa temer o fogo. Onde está a amada de Meu Coração?"

Responde o servente, perplexo: "A cem passos atrás de mim, e deve estar chorando e se lastimando porque não se atreveu seguir-me, se bem que não lhe tivesse proibido." Digo Eu: "Ora, não faças mais isso. Ela sofre muito. Leva-Me junto dela."

Diz o servente: "Senhor, sabes perfeitamente onde ela se encontra e dispensas guia. Mas, sendo de Tua Vontade, da qual tudo depende, cumprirei ordens." Ele segue em frente e dentro de poucos segundos encontramos a jovem de joelhos, orando, de rosto voltado para o alto: "Jesus, meu único Amor, meu Deus e Senhor! Há quanto tempo anseio por Ti, sem poder alcançar a graça de mirar-Te apenas por um minuto. Confesso que nada me faltou durante os doze anos de permanência no mundo espiritual. Havia muita alegria nas almas que se deixavam doutrinar acerca de Teu Verbo. Todos esses meus alunos me seguiram e esperam, aos milhares, o Senhor. Tudo fizemos para termos a Visão de Teu Semblante. Ultimamente começamos até mesmo a jejuar e nos flagelar, por amor a Ti, o que aumentava a saudade de Tua Pessoa. Tudo em vão. Mostra-nos quais os pecados que certamente ainda se prendem a mim.

Nos últimos anos de minha vida fui criatura conceituada, de alta nobreza, por ter sido meu esposo um nobre. Nunca me envaideci por isso. Cometi grande injustiça com um professor de minha filha, pois ele foi como luz dos Céus para nossa treva espiritual, ensinando-me por leituras selecionadas a conhecer-Te em Verdade. Como me arrependi de meu erro e quanto chorei, tanto na Terra como aqui.

Dá-me oportunidade e a Graça de reparar as minhas faltas. Se na Terra infelizmente não fui virgem, aqui o sou. Nunca uma alma masculina pôde tocar-me. Meu amor para Contigo, Pai, foi minha proteção. E tu, servo, que não me deixaste acompanhar-te, quando voltarás para trazer notícias de Quem amo acima de tudo? Foste bom servo, porém inclemente." Novamente ela desata a chorar ocultando o rosto nas mãos.

267.° CAPÍTULO

Estado espiritual do orbe. Aperfeiçoamento através da Graça.

Eu Me aproximo dela e digo: "Maria, eis o servente de volta; não precisas mais chorar. Ele é correto, mas não inclemente." Rápido, ela tira as mãos do rosto, levanta-se, olhando-nos perturbada. Após certo tempo, ela diz acanhada: "Agora vejo dois mensageiros. Qual deles será portador de uma notícia Daquele a Quem amo acima de tudo? Onde está Ele, o Próprio Amor? Quando meus olhos terão a Graça de ver o Seu Semblante Divino?"

Digo Eu: "Um pouco de paciência, querida filha. O Senhor é qual jardineiro prudente que recolhe primeiro os frutos menos perfeitos ao seu celeiro, para lá alcançarem o amadurecimento, enquanto deixa os bons por mais tempo no pé. Assim, ficarão mais suculentos, e o espírito e a vida amadurecem completamente no germe dentro da semente. A erva amadurece depressa, mas também vive menos tempo. Quando vêm as geadas e tempestades do inverno, ela seca conservando apenas um resto de vida na raiz coberta de terra.

O carvalho necessita de muitos anos até se tornar capaz de produzir frutos. Uma vez desenvolvido, tempestades e geadas poderão se desencadear com fúria, pois ele as enfrentará de peito rijo. Assim também tu te tornaste fruto

plenamente amadurecido através de uma espera mais prolongada. Como carvalho te será fácil suportar a Presença de Deus, que ninguém poderia experimentar se não tivesse conseguido a semelhança de seu espírito com o de Deus, pelos caminhos por Ele Mesmo demonstrados. Alcançaste esse estado e te tornaste forte no amor, amadurecendo no Espírito do Amor em Deus. Por isso, aqui vimos para recolher-te à despensa do Senhor, como fruto amadurecido. Antes de tudo subamos ao cume para transmitir aos teus discípulos uma boa Nova."

Diz Maria: "Querido amigo, tua voz é indizivelmente suave e tua sabedoria ilumina qual Sol todos os meus erros. Serias tu o único capaz de me fazer suportar, durante tantos anos, a renúncia do Semblante do Senhor. Permitirias eu tocar-Te? Tinha tanta vontade de fazê-lo."

Respondo: "Deixa-Me levar-te para o monte e nessa ocasião poderás tocar-Me. Pensas que Me és menos agradável do que Eu a ti? Muito antes que tu Me amasses, Eu te amei com todo o calor de Meu Coração. Mas aqui não é o local para demonstrar-te todas as faces de Meu Amor. No monte teremos oportunidade de nos conhecermos melhor e nos confessar nosso recíproco amor."

Maria se aproxima de Mim, compungida de amor sem saber Quem Sou, Quando toca o Meu Braço, ela estremece de êxtase e diz: "Amigo, deixa-me. Sou fraca demais para resistir ao teu amor. Serias capaz de afastar-me de Jesus por essa forte atração." Digo Eu: "Não tem importância, Eu e o Senhor havemos de nos entender por tua causa."

Diz ela: "Sim, talvez. Mas ao meu coração não é indiferente se amo o Próprio Senhor ou um de Seus inúmeros amigos. Todavia tenho a impressão de que além de ti não poderia amar mais ninguém. Controlo o meu coração e procuro obrigá-lo ao amor de Deus, sem encontrar motivo para tanto, pois meu amor perde-se no Infinito. Desde que estou junto de ti, não consigo inflamar o meu coração para Deus. Não quero amar-te. Somente a Deus quero e devo amar. Que farei desse amor?"

Digo Eu: "Não te preocupes como e a quem amas. Basta que teu amor seja puro e bom. Todo amor é bom quando é puro, quer dizer, quando não alimenta amor-próprio. Se ao amor se junta o amor-próprio, em breve fermenta o senti-

mento puro, fazendo dele fermento dos fariseus, base muito miserável, muitas vezes pior do que nenhuma.

De tal fermento o mundo está cheio, surgindo abcessos e tumores cujo humor produz vermes vorazes e terríveis, às vezes até pólipos com mil tentáculos. Basta observares ao teu redor que descobrirás trilhões de elementos de fogo, mal contidos, querendo transformar a Terra com tudo que nela existe, em cinza e pó.

Não há mais constância entre as criaturas, pois tornaram-se fermento de fariseus. Os corações são frios e ignorantes, por se ter desprendido do fermento azedado de seus sentimentos um ar pestilento que abafa toda a vida, quer dizer, toda a verdadeira vida em Deus. Afirmo-te, porém, que dentro em breve Deus Mesmo perderá a paciência com elas.

São poucos na Terra pelos quais Deus impedirá por algum tempo a destruição do planeta. Se porventura partirem sem a amizade de Deus ou também se tornem fermento, o que Deus não quer antever, o orbe será entregue aos elementos de fogo que farão com ele o que quiserem.

Do pó dessa Terra de pecados, jamais poderá surgir para a vida um espírito que tivesse acompanhado sua destruição. A agiotagem e o peso de impostos atingiram tamanho vulto tornando-se quase impossível que a pobre Humanidade, que sempre foi a verdadeira representante de Deus e propriamente o povo de Deus na Terra, pudesse subsistir. Deus proporcionou anos bons à Terra. Os ricos os prejudicaram por meio da agiotagem com gêneros alimentícios, levando a miséria aos necessitados.

Haverá uma época de penúria sobre a Terra para que morram os pobres. Deus perceberá a atitude dos ricos. Cuidando dos pobres e sustando a agiotagem, os julgamentos serão igualmente impedidos e o orbe viverá épocas boas. Caso contrário, tudo será atirado à perdição, pois o próprio planeta se tornou fermento.

Encontro-Me nesta Terra há algumas semanas, agindo por caminhos milagrosos, e diariamente cresce Minha repugnância pelos homens materialistas e pelo próprio planeta. Hoje é quinta-feira na Terra. Permanecerei até sábado à noite neste solo pecaminoso para curar e salvar o que for possível. Após Minha partida brusca, entregarei esse solo trevoso

aos Meus poderosos espíritos de paz, que poderão agir a seu gosto.

Certamente compreendes a diferença entre o amor puro e bom, e o impuro e maldoso. Repito, que teu amor para Comigo é bom e puro, pois Me amas por Minha Causa. Teu amor é justo e muito agradável a Deus; assim ele deve ser, e não como o fermento dos fariseus. Entrementes atingimos o cume e lá, debaixo das árvores se acham os teus tutelados. Dize-lhes que Eu e o antigo mensageiro chegamos para erguê-los à vida eterna, através da pura Graça do Senhor."

268.° CAPÍTULO

O coração simples é mais compreensivo do que o intelecto desenvolvido.

Diz Maria: "Deves ser grande amigo do Senhor, por te ter conferido tamanho poder. Teu modo de falar e doutrinar é o mesmo que o Dele; és apenas algo mais rigoroso do que Ele. Quem portanto se entender contigo, há-de combinar com o Senhor. Todavia não pareces tão severo quanto o teu companheiro, que não permitiu que eu o seguisse, porque não havia recebido ordem para tanto."

Digo Eu: "Por que Me julgas mais severo que o Próprio Senhor?" Responde Maria: "Porque, de certo modo, pareces sentir verdadeiro prazer em ver a Terra em pó e cinza. Castiga os agiotas ricos e socorre os pobres, em Nome do Senhor, que ela se transformará." Concordo: "Está bem, assim será, pois tens razão. Desta vez o julgamento atingirá os agiotas. Essas toupeiras e camundongos serão afogados pela enxurrada da Ira Divina, em meio de suas traficancias noturnas e traidoras.

Minha amada, bem que ouço o choro e as queixas da pobreza. Vejo que moleiros e padeiros compram trigo muito mais barato de países vizinhos, entretanto não acrescentam uma grama ao pão. Os açougueiros inescrupulosos baixam o preço do gado, e na compra se condenam e amaldiçoam caso ganhem somente um centavo, dando a impressão de anteverem sua futura mendicância. Chegam a pedir um prato de comida, pois não ganham o suficiente para pagarem uma

colherada de sopa. Não raro compram o quilo da carne por quatro ou cinco kreutzer (pequena moeda da Alemanha), vendendo-o na cidade, onde a miséria é maior, por doze kreutzer. Querida Maria, eis uma agiotagem incrível. Deste modo agem quase todos os que negociam com gêneros alimentícios.

Outros abastados que costumavam auxiliar pobres e necessitados, retraem-se mais e mais, procurando fazer economias, ainda assim vivem bem. Apenas os pobres sentem a miséria provocada pelos agiotas. Isto despertará a Ira Divina, há muito adormecida, surgindo um julgamento inédito sobre agiotas de dinheiro, madeira e alimentos, e todos os ricos que se retraem, sem necessidade, diante da pobreza, trancando coração e portas. Desta vez os pobres louvarão a Deus enquanto os ricos hão-de amaldiçoar tudo que enfrentam, sem que isto os auxilie."

Pergunta Maria: "Como podes saber o que o Senhor fará? Acaso és tão compenetrado do Espírito Divino a ponto de saberes de tudo como se fosses o Próprio Senhor?" Respondo: "Bem, por ora vai junto de teus tutelados, para organizarmos tudo para eles."

Imediatamente Maria se dirige ao grupo e diz: "Meus irmãos, o Senhor atendeu a nossa súplica enviando-nos mensageiros dos Céus a fim de que nos conduzam às paragens da Luz, da Vida e da Verdade de Deus, finalidade eterna de nossas aspirações, sacrifícios e amor. Vinde comigo junto a eles."

Todos se regozijam e se postam em sete fileiras ao redor de Mim. Voltando para junto de Mim, Maria diz: "Amigo, eis todos aqui e, segundo me parece, não há um sem veste nupcial, pois pensam e sentem como eu. Ensinei-os e os conduzi dentro de minha capacidade. Levá-los adiante, seria impossível porque desconheço o caminho. Tu és pleno do Amor e da Força de Deus, de sorte que o amor para contigo me consome. Transfere este sentimento que possuis em plenitude também para nós e revela-nos a Santa Vontade do Senhor, para sabermos como agir no futuro."

Digo Eu: "Querida, o tempo urge, pois a quinta-feira está findando; por isso esclarecerei rapidamente o que será vossa tarefa futura. O Senhor, a Quem tanto amas, sendo Tudo para ti, ao Qual terás que amar porque teu coração

Me conquistou e jamais há de querer e poder abandonar-Me, Sou Eu Mesmo!" (Maria cai de joelhos). "Vossa tarefa consiste em Me acompanhardes àquele monte, em direção a Leste, onde muitos nos esperam. Lá sereis abençoados e fortificados com Meu Amor, Graça, Força e Poder."

Maria se refaz um pouco, ergue a cabeça e diz de coração contrito: "Senhor! Meu Deus, meu Pai! Agora compreendo porque meu coração palpitava apenas por Ti! Enquanto me esforçava, pelo intelecto por elevar o coração para Deus, o sentimento era mais compreensivo do que a visão e não queria deixar-te. Deviam as criaturas considerar muito mais a justa formação do sentimento do que de seu intelecto. Se o coração em sua ignorância consegue perceber mais do que o intelecto desenvolvido de olhos abertos à plena luz do dia — o que chegaria a ver um coração bem formado! Senhor, perdoa a grande cegueira de meu intelecto, por não ter-Te reconhecido visivelmente, enquanto meu coração cego facilmente Te descobriu."

Digo Eu: "Acalma-te, querida, pois está tudo em boa ordem. Levanta-te e dize aos tutelados que nos sigam." Maria transmite Minha Ordem, levando todos a se prosternarem, entoando cânticos de louvor. Ela se dirige a eles, que aceitam suas palavras, dizendo: "Santo Pai! Tem Misericórdia e aceita-nos como servos humildes."

Digo Eu: "Que a paz seja convosco, pois Minha Graça e Meu Amor será vossa Vida eterna. Deitai vossas preocupações em Meus ombros e amai-Me e a vossos irmãos como a vós mesmos. Eis vossa tarefa. Minha Lei para a Terra também é Lei para todos os Céus. Agora segui-Me, sabeis para onde."

Quando, após poucos minutos, atingimos o "Reinerkogel", ocupando esse monte até a planície, abençoo os recém-vindos e mando Roberto servir pão e vinho dos Céus. Todos os que se encontram no cume se ocupam com os novatos. Depois de saciados, novamente entoam cânticos de louvor e gratidão que se estendem até o surgir da sexta-feira. Com o aparecimento do Sol, entregam-se à prece que termina apenas por volta de meio-dia, momento em que uma infinidade de monges se dirige de todos os lados para o monte.

269.º CAPÍTULO

Polêmica a respeito da Santíssima Trindade.

Entrementes, Maria indaga quem eram aqueles personagens negros. Respondo: "Ignoras que "onde se encontra um cadáver, se reúnem os condores?" Procuram em Mim algo diferente que tu. Embora saibam que aqui estou, não sou para eles o que sou para ti, e sim, o pólo contrário. Represento o anticristo, chefe de toda heresia. Eis porque tentam cercar-Me e, se possível, aniquilar-Me. Seria portanto um cadáver saboroso para seu estômago mau, de sua ira e tendência de domínio.

Já foram tomadas as providências necessárias para a acomodação deles. Levanta o olhar e descobrirás grandes e poderosas falanges de espíritos de paz que prenderão, atarão e abrandarão a ira deles. Essa corja nefasta e maldosa terá que ser levada à calma com todo rigor e passarão muitos séculos até que se faça alguma luz em seu cérebro. Nada temas, pois serão incapazes de se aproximarem."

Exclama Maria: "Senhor e Pai! O número cresce de minuto a minuto e o firmamento se torna completamente negro. Nada mais se vê do Sol, enquanto eles sobem de todos os lados como se fossem nuvens de trovoada. Não consigo distinguir uma forma definida. Quantos trilhões serão?"

Respondo: "Trilhões? Se o orbe se transformasse em criaturas, não representaria o teu cálculo. São realmente muitos, mas não ultrapassam setenta mil. Acima deles se acham mais de um milhão de espíritos de paz que dentro de alguns dias terão estabelecido a ordem. Poderiam fazê-lo em um instante. Todavia seria contra a ordem pela qual todo espírito, bom ou mau, não pode ser coagido em sua livre vontade.

Entre eles há muitos de índole melhor do que a maioria, arrastada como na Terra durante uma revolução na qual entre mil, existem quatrocentos sem intenção de maldades. Em virtude desses espíritos não maldosos, o aprisionamento dos maus tem que ser efetuado aos poucos, isto é, também visivelmente para os terráqueos ele se apresentará em forma de nuvens, neve e chuva, por alguns dias. Os espíritos mais renitentes serão encurralados de uma só vez, enquanto se usará de calma com os demais.

Agora se aproximam do Sul três velhos carmelitas. Veremos o que desejam. Com exceção de Mim, Paulo, João e Pedro, ninguém deverá pronunciar uma palavra sequer porque não estais em condições de enfrentá-los. Seria mais fácil suportar a presença de Satanás, muitas vezes enfrentado com rigor. Atenção, que estão bem próximo."

No mesmo instante, os três carmelitas se postam com atrevimento diante de Mim, perguntando com escárnio quem sou. Respondo: "Sou justamente o que não sois. Dizei-Me quem sois e o que procurais com tamanha petulância." Dizem eles: "Queremos analisar qual tua religião e de toda essa gentalha. Acreditas na Trindade de Deus e em Sua Igreja Católica apostólica, com seu chefe, o Papa?"

Retruco: "Que vem a ser a Trindade de Deus?" Explicam eles: "Se o ignoras, já estás liquidado. Porventura Deus não consiste de três pessoas? De Pai, Filho e Espírito Santo que emana de ambos?" Digo Eu: "Sei desta vossa crença. Eu e todos os presentes tomamos o contrário como Verdade: Deus é Uma Só Pessoa que em Si consiste de três deuses." Esbravejam os padres carmelitas: "Hereges, hereges!"

Digo Eu: "Por que seria isso heresia? O próprio homem é tal trindade, criada segundo a Imagem de Deus. Possui ele um corpo como forma externa; uma alma que vivifica a forma e seu organismo, e finalmente, um espírito divino que faculta à alma, o intelecto, a vontade e a força. Não seria por vós classificado de tolice berrante, caso três homens afirmassem serem um só, conquanto cada um desempenhasse obrigações correspondentes a seu talento, dos quais o segundo e o terceiro não teriam conhecimento nem capacidade de realizá-las? Como podeis impingir tamanha tolice à Divindade infinitamente Sábia?

Afirmais ser Deus a mais sublime Sabedoria, todavia representais Sua Natureza com imagens de loucura, nas quais só acreditam as crianças, mas provocam repugnância em qualquer homem inteligente. Sois os piores ateístas ensinando aos fiéis a Divindade como nunca existiu e jamais existirá. Quem ensina com fogo e espada um Deus jamais existente e impede milhões do justo conhecimento, não é trabalhador na Vinha do Senhor, mas servo de Satanás, ajudando-o a destruir a seara verdejante e transformando-a em deserto» onde nascem apenas cardos e abrolhos.

Quem de vós já viu Deus e falou-Lhe, ou poderia afirmar que fora ensinado por Ele? Lestes a Palavra de Deus, deturpando-a de tal forma que se tornou útil para vossa algibeira. Judas traiu o Senhor somente uma vez por se ter deixado vencer por Satanás, que se apossou do corpo dele, matando-o. Foi Judas por vós condenado ao inferno, embora Me tivesse traído uma vez e sentisse o maior arrependimento. Vós traís e negais Deus cem vezes por dia. Para onde vos levarei, traidores e ateístas? Que quereis?"

Os carmelitas quedam perplexos. Analisam-Me dos Pés à Cabeça sem chegarem a uma definição de Minha Pessoa, pois Minhas Palavras se fazem sentir quais setas incandescentes, percebendo eles profunda sabedoria.

270.° CAPÍTULO

Despertar espiritual dos carmelitas e chegada de professores de teologia.

Nisto se aproximam deles três espíritos indagando de sua ocupação, ao que os primeiros respondem: "Analisamos a sabedoria desse homem cujas palavras penetraram em nosso coração. Descobrimos possuir ele a verdade por nós aceita." Dizem os recém-vindos: "Como soa essa verdade?" Retrucam os carmelitas: "Não temos autoridade para transmiti-la. Dirigi-vos a ele."

Repetindo sua pergunta, Eu lhes respondo: "Consta na Escritura que o julgamento está sendo feito sobre o mundo, e o seu príncipe será expulso. Compreendeis essas palavras?"

Retrucam os três teólogos: "Que temos a ver com os príncipes do mundo? Somos espíritos e não nos interessa o mundo tolo. Para nós, podem eles ser julgados diariamente, pois entraremos em contato com eles somente quando em nossos domínios. Queremos apenas ouvir a verdade transmitida aos três irmãos. Conhecemos textos bíblicos de sobra e sabemos interpretá-los como doutores em teologia."

Digo Eu: "Se entendesseis a Escritura segundo a Verdade, havíeis de Me conhecer, pois Eu Mesmo sou a Verdade e a Vida que dela emana. Não existindo em vós verdade, não Me conheceis, tampouco entendereis o que Eu revelar da Ver-

dade. Vós mesmos pertenceis ao príncipe do mundo, ao pai da mentira, da fraude e do orgulho. Para ele e todos os seus veio o julgamento, por isso estará em julgamento todo aquele que servir intimamente ao mundo e será expulso para a mais densa treva.

Afastai-vos, filhos do mundo, e procurai vosso deus ao qual servistes de corpo, alma e espírito. Para Mim sois estranhos, pois nunca vos conheci. Fostes servos por dinheiro, nunca pronunciastes algumas palavras em benefício de alguém, levados por amor de Deus. Todas as orações tinham de ser pagas. Cada sepultamento como última ação de caridade ao próximo tinha preço elevado. Toda missa — por vós considerada serviço sublime e do agrado de Deus — era impingida a todos os fiéis e tinha seu preço segundo a classe social. Com isto já assegurastes vossa recompensa, não mais havendo outra aqui. Afastai-vos! Minha paciência com esse mundo está se esgotando, pois não dá atenção à Minha Voz, e Meus servos lhe são um peso e espinho no olho, desejando seu afastamento.

Meus pobres irmãos na Terra! Não vos lastimeis, O tempo chegou para o vosso e o Meu júbilo. A partir de agora sereis ricos em tudo, enquanto os abastados serão pobres. Quando começarem a chorar, não lhes darei ouvidos. E se procurarem os Meus servos, estes indagarão: Quanto vos devemos? Eles responderão: Tanto!, então Meus servos pagarão a dívida e fecharão a porta de seu lar, que igualmente é uma porta para o Meu Reino.

Em verdade vos digo: Seu lar estará aberto para os forasteiros, mas fechado para os irmãos radicais. Sois vós os radicais que sempre cuidaram daquilo que pertence ao mundo, portanto vivei daquilo que ele vos oferece. Conseguistes juntar grandes capitais e vossa preocupação se concentrava em aumentá-los. Quando câmbio e juros não correspondiam à expectativa, prontamente reclamáveis; reduzindo os parcos benefícios aos pobres, fazíeis prédicas de penitência, concitando os fiéis a ricas oferendas, sobrecarregando os devedores com ações judiciais.

Foi, portanto, o mundo vossa preocupação. Que ele vos dê o prêmio por vós aguardado. O julgamento do mundo também será vosso. Todos os que vivem no mundo como vós, hão de colher o mesmo, sejam religiosos ou não. Quem tiver

cuidado das traças e dos vermes, deverá procurar sua paga junto a eles. Quem zelou pelos filhos terrenos, procure reaver o que empenhou, quando então todos passarão miséria. Quem tiver cuidado dos parentes, deverá exigir deles a devolução de tudo. Em verdade, quem não tiver zelado pelos Meus irmãos necessitados, nada deverá aguardar de Mim. Vós, três, sois dessa espécie. Nada tendes que esperar de Mim, portanto afastai-vos, que não vos conheço."

Dizem eles: "Quem és tu, que te atreves a falar nesse tom autoritário como se fosses o Próprio Senhor? Olha para cima! Encontras-te rodeado por milhões de criaturas e basta um simples aceno de nossa parte para te atirarem na pior prisão."

Intervêm os carmelitas: "Tolos! Não percebeis que aqui está o Senhor de Céus e Terra que tristemente vos rejeitou? Como pretendeis ameaçar o Onipotente? Sois um simples Pensamento Dele e se Ele vos desconsiderar em Seu íntimo, quem seria capaz de positivar vossa existência? É preferível cairdes de joelhos e suplicar de corações contritos: Senhor, aplaca Tua Ira justa e sê Misericordioso para com. esses pecadores. Perdoa a nossa cegueira. Agora reconhecemos que nada mais nos resta senão implorar Tua Graça e Perdão. Se fomos inclementes com nossos irmãos, sê Tu Misericordioso, pois sabes de nossa ignorância. Deste modo deveríeis pedir-Lhe e não ameaçá-Lo; quem poderia chamá-Lo à responsabilidade, caso vos condenasse ao inferno?"

Nesta altura, os teólogos se atiram ao solo e começam a implorar Misericórdia, Então lhes digo: "Levantai-vos, pois não convém aos demônios chorar e orar como manifestação de um coração sem amor. Se agísseis por amor ao invés de temor, o socorro seria imediato. Sendo movidos pelo terror, vossas lamúrias não tem valor para Mim. Quem não encontrar o Caminho junto de Mim pelo amor, não Me alcançará ainda que possua a sabedoria de todos os anjos.

Voltai para junto de vosso grupo e transmiti o que ouvistes e, após tal tarefa, vos darei o prêmio merecido. Todavia advirto que entre vós existem muitos que mantinham ligações com mulheres, e se um destes disser: Aguardai um, pouco, pois quero consultar primeiro a minha companheira!, deve ser afastado de vós. Quem der preferência à palavra de uma mulher à Minha e não puder abandoná-la em Meu Nome,

não Me merece. E quem alegar: Desejo primeiro consultar meus amigos!, também não deve ser aceito, pois não Me merece, dando preferência a suas amizades. Ide, vosso prêmio corresponderá à medida de vosso sucesso."

271.° CAPÍTULO

Difícil missão dos teólogos junto dos colegas.
O melhor caminho para a evolução.

Após essas palavras, os teólogos voltam para perto de seu grupo começando a desempenhar sua tarefa. A aceitação é péssima, pois quase todos se afastam, amaldiçoando seus colegas. Somente alguns poucos conjeturam: "Se tivéssemos ouvido isso Dele Mesmo, podíamos nos modificar. Assim não sendo, o assunto tem aspecto herético e tememos a aceitação rápida. Vossa exposição não deixa de ter lógica, entretanto não é ortodoxa, nem pode ser apresentada diante do foro do Papa."

Contestam os três teólogos: "Porventura ainda nos encontramos na Terra, onde o Papa é o visível representante da Igreja — ou ao menos pretende sê-lo — e é aceito como tal por muitos ignorantes, dos quais também fazíamos parte? Há bastante tempo vivemos no mundo dos espíritos e desconhecemos dogma que nos obrigue a reconhecer o Papa como chefe da cristandade após a morte. Basta termos sido ludibriados por ele, na Terra. Aqui, ele nada mais é. Pertencemos unicamente a Deus, o Senhor Jesus Cristo. A Ele certamente não será negado modificar Sua Doutrina, porquanto há grande diferença entre matéria e espírito. Talvez sejais de opinião que Jesus Cristo Se submete às ordens tolas e egoísticas do Papa, no Seu Próprio Reino?"

A esse discurso enérgico, muitos ouvintes quedam perplexos e dizem: "Realmente, isso soa razoável. Tende um pouco de paciência, queremos primeiro ouvir a opinião de nossas esposas e amigos, em seguida nos definiremos." Concluem os outros: "Se dais preferência à opinião de mulheres e amigos, ao invés da Verdade de Deus, não O mereceis podendo aguardar vosso futuro junto a eles. Da parte de Deus, nada vos espera."

Protestam os outros: "Nossas mulheres — aliás nos unimos a elas somente no mundo dos espíritos porquanto nisso nos impedia o tolo celibato — e amigos merecem ouvir a verdade para chegarem a uma religião justa e a uma fé viva, Este é o motivo pelo qual queremos procurá-los."

Obstam os três mensageiros: "A verdade terá que surgir dentro de vós. Assim não sendo, como pretendeis conduzir a ela vossos amigos e vossas companheiras completamente errados? A verdade pode ser comparada a um binóculo com milhares de aumentos. Usando-o de maneira exata a fim de ver estrelas, elas se apresentarão grandes e luminosas e onde se via a olho nu apenas uma pequenina, pelo binóculo se perceberá uma nebulosa formada por milhões de estrelinhas. Utilizando o vidro de aumento pelo lado inverso, as estrelas se retraem para profundezas imensas e até mesmo as de primeira grandeza não podem ser vistas. O próprio Sol visto dessa maneira é reduzido a um pontinho indistinto na imensidão celeste, de sorte que sua luz e calor ficam diminuídos.

Se tencionais mostrar às mulheres e aos amigos, por intermédio de vossos binóculos bastante errados, as luzes celestes da verdade eterna, — qual será o resultado? Sois ainda idênticos aos binóculos erradamente dirigidos para as estrelas do Céu, e não há quem possa vislumbrar uma verdade com vossa ajuda. A grande luz do Sol, semelhante à primeira noção clara de Deus, é por vós posta em dúvida que não sabereis definir se realmente representa o Sol ou a Lua. Qual será o aspecto das inúmeras luzes, das quais segundo vossa situação espiritual, não tendes a menor idéia? Estais orientados e podeis fazer o que vos agradar, inclusive procurar vossas mulheres. Duvidamos de vossa volta, conhecendo a influência delas sobre vós."

Os outros quedam perplexos e um deles conjetura: "Esses homens falam o que diz a Bíblia, não há o que argumentar. Que tal se ficássemos aqui e deixássemos os três seguirem à procura de nossas mulheres e amigos?" Diz um outro: "Então teremos visto e falado com elas pela última vez." Opina o primeiro: "E daí? Menos inferno ao nosso redor só nos poderia ser benéfico. Pelo prazer tolo e deprimente que elas nos concedem havemos de encontrar uma compensação. Eu fico. Quem mais?" Diz um outro: "Neste caso, te faço companhia. Os outros que façam o que quiserem."

Dizem os três enviados: "Assim está certo. Não exercer coação em questões de religião, mas mostrar o caminho certo e os perigos dos atalhos. E não se preocupar mais com quem quer que seja, procurando caminhar na trilha justa. A nosso ver, é melhor percorrer as veredas da luz e da vida, levando milhares ao caminho justo, enquanto se tropeça em poças e brejos procurando base sólida onde não existe. Quem quiser erguer um peso necessita de solo firme, do contrário se atola no lodo. Tendo encontrado solo firme não deverá arriscar um peso maior do que suas forças suportam, porquanto a carga se tornaria mestra do carregador. Quem finalmente desejar conduzir um cego, necessita ter boa visão. É preciso possuir algo antes que se possa dar, do contrário é o pretenso doador apenas mentiroso e palrador. Se quiserdes ficar, agís bem, todavia não convém induzir os outros."

Esses dois homens ficam, enquanto os outros procuram mulheres e amigos a fim de lhes transmitir o que ouviram. A recepção não é das melhores; primeiro, são chamados à atenção pela demora, escarnecidos e ridicularizados. Segundo, são de tal forma tratados com argumentos que começam a duvidar e finalmente se riem daquilo que fora dito. Assim, seu estado atual é pior que dantes.

Entrementes, os dois foram convertidos em discípulos e esse grupo começa a conjeturar meios para influenciar a massa. Um deles opina que milagres eram o recurso mais eficiente. Um outro concorda, entretanto lembra serem precisas faculdades excepcionais e, além disto, certa verbosidade e vontade inspirada pelo Alto a fim de não somente ofuscar as almas de esferas inferiores, mas doutriná-las.

"Isto", prossegue ele, "é a meu ver somente possível à Divindade e não a um espírito criado, porquanto facilmente poderia julgar-se um pequeno deus diante do sucesso de obra extraordinária, no que repousa o primeiro germe do orgulho e consequente perdição. Em vez de benefício surgiria um julgamento tanto para quem realizou o milagre quanto para os que foram persuadidos em seu conhecimento e vontade. Respondei-me se o livre conhecimento e o livre arbítrio não sofrem mais prejuízo que benefício por meio de um milagre.

Além disto existe mais uma desvantagem em todo milagre não realizado por Deus que consiste em o espírito criado se ver tentado por uma constante tendência de encenações

que o leva igualmente ao orgulho, pois quem se tornou taumaturgo quer sê-lo de modo insuperável. Eis o que penso."

Diz um terceiro: "Concordamos plenamente com tua opinião. Resta saber como impressionarmos a massa com a Doutrina pura de Deus; qual seria o meio para levá-la a crer em nossas palavras e seguir-nos?"

Opina um outro: "Penso ser melhor permanecermos na pura verdade, na palavra e ação. Quem quiser aceitá-la, fará bem. Quem assim não quiser, não mais será importunado e o Senhor saberá como tratá-lo para que não se perca."

Protesta um outro: "Nosso prêmio será de acordo com nossas obras. Se essas forem escassas, o prêmio será idêntico." Diz o primeiro: "Pouco me importa o prêmio. Desejo o bem pelo bem, não visando prêmio de espécie alguma. Se no final surgir alguma recompensa, aceitá-la-ei sem considerar seu valor."

Aduzem os outros: "Otimamente falado. Assim deve ser eternamente. Não haverá vaidade, pois faremos o bem e o certo porque Deus assim o quer. O resto não nos interessa." A essa afirmação se aproximam umas trinta almas querendo saber qual o bem que esse grupo deseja aos amigos.

272.° CAPÍTULO

O Sol da Graça do Senhor sobre os arrependidos.

Os cinco personagens percebem qual fora o motivo de atração e dizem em uníssono: "Todos nós estamos no ar sem base sólida, de sorte que os pés de nada adiantam. Temos mãos, havendo trabalho para elas. Dispomos de olhos que veriam caso quiséssemos. Mas como cobrimos os mesmos com as palmas das mãos, tornamo-nos cegos, não podendo vislumbrar os milagres que nos rodeiam. Possuímos igualmente ouvidos aguçados que entupimos para evitar que as Palavras de Deus penetrem em nosso coração a fim de purificá-los.

Procuremos, portanto, primeiro uma base sólida para nossos pés; esta base é o Senhor Jesus, o Próprio Cristo, na verdadeira acepção da palavra. Colocando nossos pés nesta base, movimentando-nos com desembaraço, nossas mãos, olhos e ouvidos hão de encontrar muito que fazer, tirando o maior lucro dessa atividade."

Retrucam os trinta: "Então, onde está Jesus Cristo, que deve ser Deus e Homem a um só tempo? Queremos fazer Dele nossa base de vida, mas, primeiro, terá que Se apresentar. A fé Nele, sem Ele Próprio, é coisa fútil. Nassas experiências na Terra demonstraram como é difícil manter o espírito em uma fé cega. Representando enorme dificuldade a conservação da fé cega em espíritos inexperientes, quanto mais para nós, ricos em experiências terrenas. Portanto, mostrai-nos o Cristo, que tudo acreditaremos."

Aconselham os cinco amigos: "Dirigi vosso olhar à Terra onde descobrireis uma colina. Em seu topo Se encontra o Senhor, Jesus, Jehová, Zebaoth, em meio de uma grande e feliz multidão. Certamente se trata de espíritos angelicais que o rodeiam como se fossem idênticos a Ele, que os trata como Pai. Convencei-vos pessoalmente que assim é, e depois voltai aqui, que seremos capazes de palestrar convosco acerca da Sabedoria Divina."

Indagam os trinta: "Como chegarmos lá sem perigo?" Respondem os cinco: "No caminho do Senhor não existem perigos, mas sim, nos caminhos que afastam o espírito Dele. Se longe do Senhor, em vossa treva, nunca demonstrastes temor, como o medo poderia apossar-se de vós na proximidade Daquele que deseja dar-vos a Vida Eterna, caso a aceiteis."

Opinam os outros: "Seria ótimo, caso não fôssemos tão grandes pecadores. Como defrontarmo-nos com Ele?" Retrucam os cinco: "Onde estariam os que diriam perante Deus: Nunca pecamos perante Ti e estamos inteiramente limpos. Dá-nos, portanto, o prêmio prometido."

Concorda o grupo dos trinta: "Realmente assim é, entretanto há um grande senão. Existem muitos que desfrutam a máxima bem-aventurança junto Dele, todavia não viveram sem pecados. Ainda assim não foram pecadores iguais a nós e teriam feito penitência, alcançando o estado de Graça pelo qual se tornaram amigos de Deus. De tudo isto não houve vestígios entre nós. Morremos em pecado e, como espíritos, continuamos na mesma situação pecaminosa. Agora devemos sem mais nem menos dirigir-nos ao Senhor? Isto é impossível.

Com prazer desejamos aprender como evitar os pecados e organizar nossa vida espiritual de tal forma que agrade ao

Senhor. Procurá-Lo em nossa situação pecaminosa seria cometer o pecado mais vil pelo qual chegaríamos diretamente ao inferno, de onde não há salvação. Se aquele homem for realmente o Senhor como dissestes, impossível achegarmo-nos Dele. Se não for, nem mesmo sendo amigo especial do Senhor, nossa aproximação seria inútil. Por enquanto ficaremos em vossa companhia até nos sentirmos mais dignos para enfrentar o Criador de tudo."

Respondem os cinco: "Vossa desculpa nos alegra bastante. Fazei o que vos agrade, pois sois livres e temos apenas um direito dado por Deus, isto é, ensinar e aconselhar sem coação alguma. Julgamos que se nós, piores que o mais maldoso espírito na Presença do Senhor, não vos condenamos por vossos erros, muito menos Ele o faria, se confessardes vossa culpa e pedirdes perdão."

Obsta o primeiro grupo: "Facilmente podem perdoar-nos desconhecendo nossos erros e se nunca vos prejudicamos. Coisa diversa se dá em relação ao Senhor, que sabe de todas as nossas faltas, sendo nosso maior Credor. Se alguém contraiu dívida, somente o credor tem direito de exigir a importância, do contrário o outro seria preso pela justiça. Não adianta o devedor pedir e implorar, ele terá que pagar o seu débito, muito embora seja homem conceituado e educado.

Poderia o credor perdoar a dívida por compaixão e misericórdia; mas o devedor jamais teria direito de exigir ação de tamanha nobreza. Por isto é fácil falarmos convosco, porquanto não sois nossos credores. Ao Senhor cabe pleno direito de uma exigência enorme, razão pela qual muito difícil será falarmos a Ele."

No mesmo instante Eu Me encontro frente aos trinta, isto é, no referido monte, para o qual foram atraídos com seus doutrinadores, sem o perceberem. Eles Me reconhecem imediatamente e estremecem de pavor. Então lhes digo: "Cumpristes vossa missão em problema simples, por isto vos será confiado algo mais. Também vós, que vos unistes aos três amigos, sois capazes de resolver assuntos Meus no mesma medida. Vós, trinta, sois realmente Meus grandes devedores e teríeis muita coisa para saldar. Como confessastes honestamente, Eu vos absolvo. Ide com os cinco e trabalhai na Vinha do Senhor. Em seguida recebereis o que de justiça. Estais satisfeitos?"

Responde o grupo: "Ó Senhor, quão infinitos devem ser Teu Amor e Misericórdia porquanto ainda perguntas se estamos contentes com aquilo que Tua Graça e Bondade nos conferiram, sem o merecermos. Já estamos satisfeitos por não nos teres atirado ao inferno, mil vezes merecido. Nossa gratidão e nosso amor dedicamos a Ti, por cada gota de orvalho que esparges em nosso coração sedento; pois a própria gota de orvalho surgiu de Tua Mão!

Quais seriam o mundo, o Sol e o Céu capazes de avaliar a Graça que nos é dada por termos visto o Santo Pai, e nossos ouvidos percebido o Som sublime de Sua Voz Paternal. Já recebemos nosso prêmio e não podemos aguardar outra recompensa. Dá-nos, Ó Pai, somente o pão de cada dia, que teremos tudo que nosso coração pudesse desejar. Tua Vontade Se faça."

Digo a Roberto: "Irmão, quando tais hóspedes nos visitam, não pode faltar pão e vinho. Manda trazer a quantidade certa a fim de que sejam fortalecidos para sua enorme missão. Esses milhares de espíritos que se estendem sobre a maior parte dos países nórdicos, ser-lhes-ão confiados." Roberto providencia pão e vinho, por Mim Mesmo distribuídos entre as trinta e cinco entidades. Com gratidão todos se saciam, louvando Minha Bondade.

Digo Eu: "De fato, um pecador que faça justa penitência no coração é-Me muito mais agradável que noventa e nove justos que dispensam contrição. O justo é justo de medo e teme errar. O pecador se justifica pela penitência do amor para Comigo, o que Me agrada muito mais." Com sublime exclamações de louvor as trinta e cinco almas se dirigem para sua missão, acompanhadas de Minha Bênção. Entrementes se aproximam as três primeiras e dizem com respeito: "Senhor, também desejamos trabalhar em benefício de nossos irmãos, em Teu Nome. Se for de Tua Vontade, deixa-nos seguir com os outros."

Respondo: "Aguardai um pouco. Tereis trabalho de sobra quando vos chamar. Por ora temos que resolver outros assuntos neste monte. A sexta-feira está findando e o sábado se aproxima com suas necessidades. Os trinta e cinco hão de pôr mãos à obra provocando alteração nas regiões inferiores das nuvens, cujos elementos obscuros iniciarão sua obra nefasta. Já foram tomadas providências para que não se exce-

dam, pois acima deles aguardam milhares de espíritos de paz, muito poderosos, que saberão levá-los à calma. As montanhas vos contarão em breve a situação de tais demônios. Nada temais, pois espíritos que se acham fora de Minha Ordem não dispõem de força e poder."

Em seguida, Roberto os trata com pão e vinho para o fortalecimento da Vida eterna. Eles não se atrevem servir-se até que Eu lhes ordene como ordenei o lava-pés a Pedro. Após se terem saciado, eles se sentem fortemente encorajados e começam a louvar-Me sobremaneira.

273.° CAPÍTULO

Espíritos guerreiros e fanfarrões.

Terminados esses elogios à Minha Pessoa, rompe o sábado com a aproximação de inúmeros espíritos vestidos de vermelho carregando uma bandeira vermelha e uma branca. Virando-se para Mim, Roberto diz: "Senhor, que aparição estranha, semelha-se ao conto das mil e uma noites. Qual seria a intenção deles?"

Respondo: "Trata-se de entidades belicosas iguais às da Terra que sentem satisfação somente em épocas de guerra. Embora nada lucram com isto, o clamor da guerra é-lhes sumamente agradável, e entendem despertar a tendência belicosa em povos e regentes. Os de bandeira branca tem inclinações defensivas. Sabendo que Me encontro Pessoalmente na Terra, isto é, na proximidade da cidade de Graz, aproximam-se em boa ordem a fim de averiguar se Eu venho determinar um julgamento sobre o orbe, pois tudo que tenha aspecto de comício é do agrado deles.

Certamente percebes outro grupo de espíritos de veste escura, azul cinzenta e algo suja. Trata-se de elementos inclinados a mentiras e calúnias com tamanha verbosidade que muitas vezes chegam a acreditar em suas próprias invencionices. Não são de índole má, e sim, bufões que nada de mal fazem, nem tampouco algo de proveitoso. Os belicosos serão atacados por esses, havendo enorme bulha porque surgirão do Sul alguns amigos da verdade para esclarecer os belicosos acerca das mentiras dos outros. Os espíritos guerreiros exigi-

rão satisfação, momento em que nos poderemos aproximar deles."

Diz Roberto: "É realmente estranho e gostaria de estar presente quando houver o encontro." Digo Eu: "Eis tua tarefa e foi a razão pela qual te avisei. Vai, em companhia de Peter e vossas mulheres, e procura conquistar alguém a fim de se tornar pacificador entre os partidos quando começa rem a discutir."

Rapidamente, Roberto e Peter descem no momento em que um espírito de veste vermelha enfrenta um de azul-cinzento e diz: "Amigo, ouvimos encontrar-se nesta, região, o poderoso espírito do célebre Nazareno, chamado Jesus, em companhia de numerosos outros espíritos importantes. Porventura não poderíeis indicar-nos onde estão e nos informar quais os planos de tão elevada entidade junto à humanidade maldosa e teimosa? Ao chegarmos aqui, ouvimos que ele permitirá a guerra sobre toda a Europa. Se souberdes algo a respeito, poderemos transmití-lo à Terra a fim de que se prepare."

Responde um oponente: "De fato aqui se encontra o mais poderoso espírito, com milhões de outros, igualmente de bastante poder. Lastimamos não poder precisar o ponto exato, mas erguendo os olhos haveis de ver tudo repleto de espíritos." Os de veste vermelha constatam, admirado", o fato. O outro prossegue: "O boato que corre não se refere a uma guerra européia, mas de uma conflagração mundial que, qual dilúvio, aniquilará tudo com exceção de poucos, pois a humanidade tornou-se por demais maldosa e louca."

A essa informação, os espíritos de vermelho expressam grande alegria e dizem: "Certamente assim será, e o motivo, não resta dúvida, tem origem na política entre a Áustria e a Prússia. Conseguimos informes no corpo diplomático secreto e percebemos que tais rusgas entre os dois poderes nada mais são que maquinações dirigidas à França. Sob pretexto de quererem discutir o problema com auxílio das armas, ambas as potências se preparam para outra finalidade. A Prússia procura entrar numa aliança com a França contra a Áustria, A França não a aceita porque é desconfiada e se arma como nunca. Quando as duas potências estiverem inteiramente armadas, atirar-se-ão sobre as repúblicas européias, fazendo delas poderosas monarquias com o apoio da

Rússia. Se tal empresa fracassar — o que suspeitamos — teremos a guerra mundial à porta, uma luta sem fim entre a escravidão do absolutismo e a liberdade incondicional do cidadão. Então a treva lutará contra a luz até que esta conquiste a vitória final. Que dizeis?"

Respondem os outros: "Talvez assim seja, entretanto ouvimos coisa diferente." — "O quê? Algo ainda pior? Pior do que uma conflagração mundial?" — indagam os de vermelho. Dizem os de azul-cinzento: "Certamente. De espíritos merecedores de fé ouvimos que o Espírito Supremo pretende fazer surgir o grande julgamento final, para o que já foram tomadas medidas incompreensíveis para nós." Recuando de pavor, os de vermelho bradam: "Isto é impossível! Porventura falais do julgamento que obscurecerá Sol e Lua, e das estrelas caindo à Terra quais flocos de neve?"

Concordam os outros: "É isto mesmo. Tal julgamento estaria em preparo e, com ele, a destruição de toda a natureza." Perguntam os de vermelho: "De quem ouvistes isto? Teria o Espírito Supremo Pessoalmente feito tal declaração, ou foram os Seus mensageiros incumbidos de tal tarefa? Já se ouviram as trombetas do julgamento?"

Respondem os de azul-cinzento: "Nada nos foi dito a respeito, muito embora alguns espíritos informassem que talvez assim seja. Por que vos assusta isto se com a notícia da conflagração mundial vos alegrastes muito? Perturba-vos o grande julgamento feito pelo poderoso Espírito de Jesus, anunciado por Ele Mesmo frente à cidade de Jerusalém?"

Retruca um espírito de vermelho: "Naturalmente, pois com tal julgamento terminam todos os mundos e seus produtos. Não haverá criaturas sobre o solo e jamais se falará de uma guerra interessante. Que faremos, caso não haja mais guerras? Sem guerras não existe vida, lucro e prazer. E tal conflagração seria a última neste planeta, que seria aniquilado?"

Dizem os outros: "Por certo, pois não havendo criaturas, quem faria guerra? Ainda que sobrassem algumas dezenas e a Terra se conservasse por mais cinquenta anos, não poderia haver guerra porque todos teriam suficiente terreno, sem necessidade de conquistas maiores. Se os remanescentes se encontrarem no conhecimento de Deus, podendo facilmente aplicar Suas Leis, em virtude da ausência de milhares de

tentações a incitarem a humanidade a agir de modo contrário, — quem haveria de pensar em guerra?

Após a grande conflagração mundial não haverá possibilidade de outras, o que é de se desejar com sinceridade. Se realmente o grande julgamento tiver consequências benéficas — como o término definitivo da guerra — eis uma questão duvidosa. Ao menos não passariam bem os heróis belicosos para os quais a maior miséria da humanidade representa um prazer."

Retrucam os de vermelho: "Mas por quê? Acaso não foram eles sempre os homens mais meritosos, representando a glória de todos os povos? Troféus e condecorações nada são aos vossos olhos? Somente os heróis cheios de glória vivem na História da Humanidade, enquanto o resto é cinza e palha."

Contestam os de azul: "Que vantagem teríeis se continuasseis na recordação de criaturas fracas quais sombras, por mais alguns séculos? Também haveis de cair em esquecimento. E se as guerras tudo destruírem, acaso subsistirão os livros de história? Quem haveria de lê-los quando terminasse toda vida física? Aqui, no mundo dos espíritos, terminou por si só toda e qualquer diferença, e onde houver, existe o inferno. Se procurais aqui diferença de classes, sois espíritos infernais e podeis aproveitar a oportunidade de vos afastar, do contrário a isso sereis forçados."

A esse convite, os de vermelho silenciam de raiva, enquanto os portadores de bandeira branca se adiantam e dizem: "Não somos guerreiros por prazer, mas por necessidade, isto é, defensores. Não procuramos a guerra, mas se ela se apresenta, saberemos enfrentar o inimigo. Por este motivo não teriam valor nossos heróis e as condecorações de homens mais importantes?"

Respondem os de azul: "Isto de nada vale aqui. Não sois melhores que os outros porque procurais a glória tanto quanto eles. Vossos inimigos procuram a guerra enquanto esperais enfrentá-los com volúpia abrasadora. Que diferença haveria entre dois demônios, um desafiando o oponente que aceita com prazer a luta? Nenhum deles teria maior mérito, pois são iguais."

Com esta explicação, os defensores da bandeira procuram reagir, querendo massacrar os de azul. Nisto aparecem Ro-

berto e Peter afastando os de vermelho que, com esta reação, se enchem ainda mais de volúpia bélica.

274.° CAPÍTULO

Condenação humana e julgamento divino.

Todavia, os de vermelho não se atrevem a qualquer atitude agressiva porque notaram que Roberto e Peter possuem força excepcional, que os repeliu. Ainda assim se unem para deliberar o meio de expandir sua fúria.

Entrementes, Roberto e Peter se dirigem aos de azul, dizendo: "Amigos, conforme vimos estais mais perto do Reino de Deus do que supondes. Falta-vos algo de importante, quer dizer, deveis vos esforçar pela verdade e desistir de enganar alguém como fizestes com os de vermelho. Para o cego já basta a infelicidade de ser cego. Por que sentir prazer em enganá-lo provocando toda sorte de aborrecimentos? Tal atitude não se baseia no amor ao próximo, portanto deixai de agir contra espíritos mais inteligentes.

A consequência de certas brincadeiras ainda que sem maldade praticadas a um imbecil pode ser bem amarga. Basta perceber que fora ridicularizado, para tentar uma vingança. Se encontrar um meio para tanto, agirá sem escrúpulos. Não precisamos analisar o efeito disto, pois sois bastante inteligentes. Evitai estas atitudes e procurai dirigir-vos para o Senhor que sereis admitidos em Seu Reino."

Os de azul agradecem pela admoestação amistosa perguntando o que deviam fazer aos espíritos, porquanto lhes pregaram uma peça com relação à guerra mundial e ao julgamento final.

Respondem os dois amigos: "Aquilo foi realmente forte demais. O fato de terdes produzido certa impressão moral naqueles espíritos bélicos vos será levado em conta porquanto poderemos corrigi-la na próxima ocasião. Na realidade virá uma guerra tremenda sobre o orbe, com efeito moral e natural. Um julgamento rigoroso sobre os potentados e ricos egoístas, terremotos e outros fenômenos virão sobre o planeta, provando a veracidade de vossa zombaria. — Agora recuai e fazei o que aconselhamos, a fim de obterdes vantagens para

vossa vida. Encontrai-vos mais perto do Reino de Deus do que imaginais. Basta seguirdes a Ordem Divina para ingressardes no Reino de toda Vida. Anteriormente éramos idênti cos a vós. O Senhor elevou-nos de sorte que nos encontramos junto Dele, para sempre. Seguí-nos, que não sereis expulsos, pois na Casa Dele existem muitas moradas."

Obtemperam os de azul: "Fomos sempre cidadãos honestos, tanto na vida terrena quanto na espiritual. Apenas tínhamos a tendência da zombaria sem más intenções e segundo sabemos jamais prejudicamos alguém. Quando se apresentava qualquer prejuízo, sempre procuramos repará-lo. Em pessoas muito pretensiosas, nossas zombarias até mesmo produziram bons efeitos morais. As criaturas simples nunca foram desonradas. Nossa intenção era fazer brincadeira inocente que castigasse as tolices alheias.

Assim, esperamos que Deus, o Senhor, não nos venha julgar com muita severidade. O próprio apóstolo Paulo dizia que convinha ser-se alegre com os alegres, e triste com os tristonhos. Quem nos procurava jamais teve motivo para chorar, pois sabíamos levar-lhe o consolo por meio de ajuda ou bom humor. Nada descobrimos que nos pudesse condenar, se bem que também nada esperamos receber como prêmio. Temos a firme convicção, contrária às prédicas dos religiosos, de que Deus não pode ser juiz inclemente como são os magistrados na Terra. Eles condenam os pobres segundo a lei, sem considerar da graça e misericórdia. Junto de Deus, uma alma penitente poderá contar com o perdão."

Diz Roberto: "Não resta dúvida. O julgamento de Deus nada mais é que um caminho para a redenção e aperfeiçoamento da alma, enquanto a condenação humana provoca ruína e morte da alma. Vinde conosco àquele monte, onde sabereis pelo Próprio Senhor quão diversos são os julgamentos Dele e dos homens. O julgamento de Deus é um bálsamo para a cura de todas as feridas da alma. O do mundo semelha-se à fera que ataca suas vítimas sem qualquer piedade a fim de estraçalhá-las. Acompanhai-nos, pois vos espera um juiz meigo."

Respondem os de azul: "Assim faremos. Antes, porém, desejávamos saber quem são aquelas moças tão lindas que vos acompanham. Estranhamos que apenas palestram entre si, sem dirigir-nos uma palavra. Seriam espiãs celestes a nos observarem se pronunciamos algo injusto?"

Diz Roberto: "Que receio tolo. São nossas esposas, dadas por Deus para toda Eternidade, e nos assistem em quaisquer empreendimentos que Ele nos incumbe. Aqui não pode haver espionagem, por ser o Senhor Onisciente, e nós, Seus mensageiros, perscrutamos qualquer espírito em suas tendências, pensamentos, palavras e ações|. Embora não pertençamos aos espíritos perfeitos, vemos e ouvimos até mesmo o capim crescer e compreendemos a linguagem dos infusórios, quanto mais não o fará o Senhor.

Daí deduzireis que o Reino de Deus não necessita de delatores, tampouco de confissões, a fim de conhecer pensamentos, desejos e inclinações mais ocultos de todas as almas. Conhecemo-vos intimamente. Caso percebêssemos que sois inaproveitáveis para o Reino de Deus, não vos convidaríamos, como deixamos de fazer com os espíritos de vermelho que ainda necessitam de provações bastante amargas para tanto.

Podeis fazer o que vos aprouver. Preferindo permanecer como sois, ninguém vos imporá outra atitude. Querendo acompanhar-nos, tereis que fazê-lo imediatamente, pois o tempo urge. O sábado está terminando, e o Sol está prestes a desaparecer. Ainda esta noite teremos que partir daqui e não podemos perder tempo. Vinde agora, ou ficai."

Respondem os de azul: "Vamos sem mais delongas, pois o Senhor será Misericordioso. Eis que vem um mensageiro do Alto e convém aguardá-lo. Tem aspecto agradável, mas seus olhos traduzem certo rigor do qual poderá advir algo importante."

O mensageiro se posta no meio dos espíritos de azul e diz: "Sede felizes, pois encontrastes o caminho da Salvação. Vossas vestes se tornarão azul-claras e vossos corações, constantes no amor para com Deus, o Senhor, e para com o próximo. Libertai-vos de tudo. Fazei o bem a todos. Que ninguém seja pequeno ou grande. No Reino de Deus reina a mais perfeita igualdade de todas as classes e nacionalidades. Vinde sem receio."

275.° CAPÍTULO

Conceito humano a respeito de Deus.

Respondem os que se vêm subitamente vestidos de azul-claro sem compreenderem a maneira pela qual se dera a

transformação: "Amigo, como és estranho! É o bastante te pronunciares para que as coisas aconteçam. Nem percebemos quando nossas vestes se transformaram. Também nosso entendimento modificou-se, pois sentimos a fundo certos fatos que anteriormente nem sonhávamos. Deves ser importante amigo do Senhor. Os outros dois também eram formidáveis, pois aquela corja vermelha que nos desafiava, foi prontamente repelida. Tal força de vontade parece basear-se no poder de impor um limite a certas inclinações e atividades. Poder transformar as coisas pela palavra, é algo bem diferente.

Um marechal pode fazer tremer metade do orbe por suas ordens destruidoras, mas transformar uma flor vermelha em azul requer algo mais. Explica-me com que poder efetuas tal milagre? Nossa fé nos milagres do Cristo era um tanto frágil, enquanto aceitávamos Sua Doutrina como divina. Agora aceitamos Seus milagres excepcionais, mas queremos saber o como."

Retruca o mensageiro: "Só posso afirmar o seguinte: Para Deus todas as coisas são possíveis. Quem O ama acima de tudo unindo-se a Ele por este amor, poderá realizar tanto quanto Ele. Não disse o Cristo: Tudo que pedirdes ao Pai, em Meu Nome, vos será concedido? Quem, portanto, se ligou a Deus no amor e por amor, poderá fazer o mesmo que Ele. Compenetrai-vos deste amor para com Deus, o Senhor, que sereis fortes como Eu. Toda força reside unicamente no amor, inclusive a Onipotência Divina Se concentra em Seu infinito Amor. Destarte pode qualquer espírito atingir tal poder imenso à medida que alimenta o amor. Sem amor não existe vida nem qualquer poder. Compreendestes?"

Respondem os espíritos de azul-claro: "Amigo sublime, quem não haveria de compreender as tuas palavras que fluem qual suave bálsamo em nossos corações. Rogamos-te nos conduzas a Jesus, o Senhor, ao monte onde Ele Se encontra. Vibramos de amor e ânsia de vê-Lo e talvez ouvir algumas palavras, caso seja como na Terra, isto é, cheio de Amor e Meiguice."

Diz o mensageiro: "Mas quando Ele enxotou os vendilhões do Templo e derribou as barracas dos agiotas e vendedores de pombos, não estava embuído de grande meiguice, como também não o fora por ocasião de amaldiçoar a figueira

seca e demonstrou aos fariseus suas ações criminosas. Que pensais a respeito?"

Retrucam os espíritos: "Justamente naquela oportunidade foi muitíssimo meigo, pois teríamos agido de outra forma, se fôssemos possuidores de Seu Poder. Os vendilhões e agiotas teriam sido tratados com fogo e o sacerdócio judaico receberia o mesmo tratamento dado em Sodoma e Gomorra. Quanto à figueira estéril, o Senhor apenas mostrou a situação da Igreja católica igualmente cheia de folhas cerimoniosas do paganismo sem apresentar qualquer fruto. Portanto vamos a Ele que terá de suportar o nosso amor."

Com esse entuisasmo a subida ao monte é encetada com os espíritos de azul-claro, em número de trinta, contando sua criadagem. Ao passarmos pelas incontáveis fileiras de espíritos de boa índole, nos defrontamos com os três apóstolos, os imperadores e vários bispos que nos cumprimentam com muito respeito. Naturalmente os de azul indagam de nosso suposto mensageiro, diante de quem estavam se curvando, na hipótese de serem igualmente espíritos. Por isto, dizem: "Talvez estejam percebendo o Cristo que nós, em virtude de nossa indignidade, ainda não conseguimos ver? Se assim for, mostra-nos de onde Ele virá para podermos nos prostrar e Lhe dar a Honra merecida."

Diz o suposto mensageiro: "Certamente esse grupo vê e conhece o Senhor, pois muitos existem que veem e falam com Ele, às vezes durante anos, sem conhecê-Lo porque seu coração é cego. São os que perguntam constantemente: Oh, se pudéssemos ter a grande ventura de ver Jesus, nada mais pediríamos. Revestir-nos-íamos de profunda humildade, louvando-O com todos os salmos de Davi e os cânticos de Salomão. — Isto eles dizem ao Senhor, a Quem veem e falam, sem conhecê-Lo, aguardando pela Presença Dele apesar de estarem habituados a confabular com Ele.

De que adianta a visão quando falta a percepção? Esta se torna difícil porque o coração humano ocultando noções de orgulho, não consegue imaginar a Divindade mais humana, pois, pela compreensão comum, deve ser algo tremendamente extraordinário. Ainda que tivesse a forma humana, teria ao menos que brilhar qual Sol.

A criatura só consegue imaginar a Divindade como algo excepcional. O motivo disto se prende à visão do mundo ma-

terial tanto em sua extensão quanto na organização, O céu estelar testemunha um Ser Supremo de dimensões gigantescas, o Sol prova a Sua Luz, a Terra, Seu Poder e Força. O Papa, os cardeais, bispos e outros representantes espirituais de todas as religiões traduzem-No como algo jamais imaginável. A isto juntam-se o orgulho do próprio coração e seu intelecto apurado que se envergonhariam de um Deus despretensioso, não lhe agradando pronunciar o Nome de Jesus na alta sociedade, muito menos afirmar Sua Divindade incontestável.

Isto acontece mormente aqui no mundo espiritual, e vez por outra também na Terra, onde o Senhor priva por muito tempo com espíritos sábios e criaturas humanas, sem que O conheçam. Estas exigem muito mais que os espíritos, pedem grandes milagres, pois os pequenos não são dignos de Deus. Chamam-No de O Grande e Poderoso Deus, Criador do Infinito, Guia dos mundos, etc. Se Jesus recebe os homens semelhantes a Ele, dotados de certas fraquezas, permanecendo com eles, não desaparecendo qual espírito, participando de sua mesa, etc., — ninguém O conhece, muito embora Ele Mesmo tivesse prometido ficar em companhia dos Seus, até o fim do mundo.

O Senhor Se aproxima de Seus filhos somente na humildade, mas eles não O percebem por julgarem Deus cheio de orgulho, assim como um nobre permite que um de hierarquia mais elevada venha a reinar sobre ele. Se fosse obrigado a se submeter a um simples cidadão, toda obediência e respeito teriam tido fim, ao menos moralmente. O mesmo acontece com a Divindade em relação aos orgulhosos. Se o Senhor não corresponder às elevadas exigências de sua classe, não apresentando luxo oriental, não manifestando rigor estoico e fenômenos excepcionais, como fogo, tempestade, raio e trovões, Sua Origem é bem duvidosa.

Almas devotas seriam capazes de se deixar martirizar, menos supor que o Senhor as tivesse visitado como homem inteiramente sem importância. Afirmo que durante dezoito séculos o Senhor tem sido expulso da casa de pessoas simples e devotas. Por isto torna-se cada vez mais difícil a aproximação Dele às Suas criaturas. Impossível fazê-lo desmentir o Seu Verbo. Vindo com simplicidade, ninguém O reconhece. Que fazer a fim de consegui-lo?

No céu somente é o primeiro e melhor de todos quem parece ser o mais simples e despretensioso. Como poderia Deus Mesmo, o Ser Primário e mais Perfeito, fazer exceção de tal Ordem eterna? — Perguntai-vos se em relação ao conhecimento de Deus não se dá a mesma situação. Quiçá vêdes Cristo, o Senhor, há bastante tempo, mas não O quereis aceitar porque Sua Aparência não é divina."

Os espíritos de azul começam a analisar o mensageiro mais de perto e dizem: "Será que és tu mesmo? Que horror! Se assim for, que será de nós, pecadores? Mas tuas palavras traduzem, que... sejas... Deus... ?"

276.º CAPÍTULO

O verdadeiro Ser Supremo, em relação à criatura.

Responde o mensageiro: "Esse receio é outra prova de vossa compreensão antiquada a respeito da Divindade Suprema. Tais conceitos não se prestam para a vida verdadeira do amor. Que tendes a ver com o Infinito do Ser Supremo? Guiai-vos unicamente pelo amor que deseja conservar bem próximo de Si o que conseguiu atrair.

O amor é fogo que atrai e não destrói nem dispersa. A Luz que irradia das chamas do amor segue em raios pelo Infinito sem retornar, a menos que o Amor de Deus lhe imponha limites onde esbarra e inicia a volta à sua origem. Se fordes ajuizar a Divindade segundo a irradiação infinita de sua projeção luminosa tornando-vos cavalgadores de luz, sucumbireis diante de Sua Imensidade sem conseguirdes erguer-vos no coração para vislumbrar a verdadeira Natureza de Deus, Pai. Se uma Entidade como Eu vos diz: Sou Eu, a Quem procurastes tão inutilmente por tanto tempo!, o choque provocará um desfalecimento. Por quê? Por olhardes a Entidade que Se vos apresenta em Sua Natureza Original, com os olhos do Infinito, enchendo vossa alma com imaginações fúteis qual balão que se perde pelo espaço.

É justo que um espírito ou criatura perceba o Ser Divino em Suas Obras, todavia não se deve deixar tragar por elas. Nos primórdios, os homens apreciavam a construção de edifícios colossais. Nimrod construiu Babilônia e uma torre que ultrapassava as montanhas. A rainha Semiramis mandou de-

molir montanhas. O rei Ninos edificou Nínive. Os antigos faraós inundaram o Egito com construções e imagens colossais. Os chineses, uma muralha de centenas de milhas de comprimento para proteger seu país contra a invasão de povos inimigos. Se fôssemos considerar tais empreendedores segundo suas obras, qualquer pessoa inteligente nos tomaria por doidos. Aqueles construtores originais não eram maiores do que vós, fisicamente falando. Entendiam apenas estender suas forças e aplicá-las.

Se os homens de tamanho normal conseguem realizar obras piramidais, por que deveria a Divindade corresponder às Suas Obras, pois consta: Deus criou o homem segundo Sua Semelhança. Então deveria ser Deus um gigante, e as criaturas comparadas à Medida Dele, quais infusórios capazes de viver aos trilhões em uma gota d'água?

Porventura foi o Cristo um gigante quando realizou na Terra a obra de salvação, pois foi em plenitude Deus e Homem? De modo algum foi Ele gigante, conquanto Suas Obras demonstravam tamanho imensurável. E justamente este Jesus ora Se encontra diante de vós, em carne e osso. Somente o Espírito Dele que Se projeta por Ele como Luz do Sol, age em todo Infinito com Poder constante. Este Espírito não vos diz respeito, nem o pode. Mas, encontrando-vos junto da Fonte Original, ou seja, junto do Senhor de todos os espíritos, aceitai-O pelo Seu Amor, e não por Sua Luz projetada. Então sereis realmente Seus filhos, e Ele vosso Pai. O Infinito não vos diz respeito.

Não seria tolice da parte dos astrônomos caso quisessem medir o Sol pelo alcance de seus raios? Os raios solares penetram pelas profundezas do espaço infinito e sua medida aumenta de segundo em segundo. Quais seriam os meios para medirem tal projeção? Por isto os cientistas medem o próprio Sol, pois sua medida é constantemente igual.

Fazei o mesmo. Procurai medir-Me com a justa medida do amor e não excessivo temor perante Mim porque sou medida exata como vós e vos amo com todo poder de Meu Coração. Deste modo Me agradais podendo ser felizes no âmbito restrito do amor, fora o qual não haverá verdadeira felicidade. Tereis compreendido?"

Respondem os espíritos, admirados: "Ó Senhor, como és diferente daquilo que imaginávamos tolamente. Assim pode-

mos amar-Te de todo coração, sem precisarmos de purgatório, inferno ou céu. Quem não Te reconhece como és, traz tudo isso dentro de si, enquanto os outros conseguem transformar tais complexos, em Céu.

Quem seria culpado da compreensão tola a Teu respeito? Na maior parte é a Igreja católica que ensina aos confessores o temor, mas nunca o amor para com Deus. Muitas vezes pensei por que razão um cidadão não podia apaixonar-se por uma princesa, pois ainda que fizesse uma tentativa, isto era tão impossível como uma viagem à Lua. Tomando conhecimento com uma filha do povo, o coração se inflama de amor sincero. Agora compreendo tal fenômeno: o amor tece e age em círculos restritos, mas claros. Não somente esquenta o grande como também o pequeno, o artista e o sábio. Ele é tudo em tudo. Senhor, como és Bom."

277.° CAPÍTULO

O coração humano como local da verdadeira felicidade. O caminho ao Céu, é subida e não descida.

Concordo: "Isto mesmo, somente na trilha estreita e no local restrito é possível alcançar-se a verdadeira felicidade. Quem procurá-la em ruas largas julgando encontrar a bem-aventurança em locais cheios de brilho, jamais encontra-la-á. Somente o orgulho constrói em estradas largas da perdição e edifica praças suntuosas. Em tais lugares também se constroem tribunais, prisões e patíbulos ao lado de palácios. Aquelas instituições certamente não contribuem para a felicidade humana, nem material nem espiritualmente.

Por certo já vistes na Terra como os ricos se abastecem à custa dos pobres e humildes. E as igrejas suntuosas — quem teria sido feliz com o seu ouro, prata e pedrarias? Ninguém. O sacerdócio que lá trabalha não o consegue em virtude de sua ganância e ambição não poderem ser saciadas, procurando dia e noite aumentar seus proventos. Tais preocupações o atormentam e contribuem para a insatisfação. A pessoa insatisfeita não é feliz. Uma grande localidade necessita de muitos objetos para ser preenchida, e quando isto é conseguido, o proprietário procura aumentar o local, que

novamente exige ornamentação. Em tal círculo vicioso não pode haver felicidade para quem quer que seja.

A ânsia do Infinito perfaz a maior desgraça de todos os espíritos infernais. O Infinito não tem limites, portanto é lógico que um espírito do mal jamais encontrará uma felicidade. Quem procurar a bem-aventurança no Infinito, jamais a descobrirá, pois quanto mais nele penetrar tanto maior será o abismo intransponível.

Meu Reino é localizado no coração -de cada criatura. Quem lá quiser penetrar, terá que fundar um local de paz que se chama humildade, amor e satisfação. Estando satisfeito com tal lugarzinho, sua felicidade será eterna, pois lá há de encontrar muito mais do que esperava. Certamente será mais fácil organizar uma casinha com tudo que for necessário, a um palácio de aspecto vazio, ainda que tenha muitos objetos de considerável valor.

É preciso não formardes idéias vagas e infinitas dos Meus Céus, e sim, imaginar situações modestas como existem em habitações camponesas, que havereis de encontrar nelas a verdadeira felicidade. Um coração cheio de amor para Comigo e aos irmãos, uma vontade ativa, eis o que constituirá para todos a eterna bem-aventurança.

De igual modo não deveis imaginar os Meus Céus muito distantes, e sim, bem próximos. Todo percurso mede no máximo três palmos, quer dizer, a distância da cabeça ao coração. Tendo percorrido esse pequeno trajeto, estareis no Céu verdadeiro. Não penseis que faremos uma ascensão às estrelas; nossa caminhada será uma descida ao coração, onde descobriremos o Céu e a Vida eterna."

278.° CAPÍTULO

Inteligência e intuição. Uma parábola.

Respondem os espíritos de azul-claro: "Não alimentamos a menor dúvida de seres Deus Eterno, Senhor, Criador e Salvador de todos os Céus e mundos. Ainda que não Te reconhecêssemos, bastaria ouvir-Te, que todas as dúvidas se dissipariam qual neblina na luz do Sol. Numa linguagem simples e sem pompa se projetam torrentes da verdade mais

sublime e profunda, da Sabedoria divinamente amorosa como se fossem fontes enormes que suprem o oceano com o seu alimento inesgotável.

Quão maravilhosa é a explicação do caminho ao Teu Reino. Apenas sentimos o mesmo que Nicodemus que também ignorava o que fazer após a esplanação do renascimento. Realmente é o caminho da cabeça ao coração bem curto. Mas como percorrê-lo? O problema parece um tanto misterioso e poderíamos perguntar: Senhor, como conseguirmos penetrar com os pés em nosso corpo e até mesmo no centro do coração? Com o nosso físico talvez fosse mais fácil atingirmos a última estrela do que marchar diretamente para dentro do coração. Rogamos-Te elucidação maior como fizeram os Teus apóstolos que também não entendiam Tuas dissertações doutrinárias."

Digo Eu: "Vossa tendência materialista impede a compreensão de Minhas Palavras. Devíeis ao menos compreender não ter Me referido à marcha física, mas da viagem espiritual da alma. Nicodemus era inteiramente materialista e era compreensível achar o corpo materno imprescindível ao segundo nascimento. Vós vos encontrais fora de toda matéria, como podeis pensar tão materialmente?

Nunca descobristes uma dupla atividade espiritual, isto é, uma no intelecto e outra no coração? Na cabeça reside o intelecto calculador da alma. A razão, seu ajudante, é qual braço estendido cheio de olhos e ouvidos. O intelecto aumenta esse braço, querendo finalmente atrair o próprio Infinito. Esta tendência tola e louca do intelecto nada mais é que orgulho, tendência perigosa que traz morte e condenação. — No coração repousa o amor, virtude tirada do Meu Coração. Este espírito, tal qual o Meu, já possui tudo o que o Infinito contém do mais ínfimo ao mais colossal.

Se o pretensioso intelecto percebe a futilidade de seus esforços tolos, ele retrai o braço mencionado, com humildade e modéstia como faz o caramujo quando recolhe suas antenas dotadas de olhos diante do Sol, e não mais estende o braço ao Infinito, mas para o coração, morada de Meu Espírito no homem. Assim terá feito o trajeto de três palmos e nesse caminho atingirá a Vida eterna e verdadeira, sua paz real, onde encontrará tudo o que contém o Infinito.

Esse Reino infinito se apresenta paulatinamente, como o vegetal surge do germe oculto no centro da semente. Naturalmente o desenvolvimento e amadurecimento da sementeira de Minhas Obras dependem da força do amor para Comigo e do amor ao próximo. O amor para Comigo é qual luz e calor do Sol, e o amor do próximo é a chuva necessária e fertilizante. Toda sementeira progredirá e amadurecerá quando Sol e chuva agirem dentro da verdadeira ordem.

Para melhor compreensão desse fato apresentarei uma parábola. É o mesmo que um pai que leva seus filhos no verão, ao jardim repleto de -árvores carregadas de frutos. Cheios de avidez, os filhos querem subir nas árvores para colher e comer à vontade. Ele, então diz: Ficai comigo, pois se fordes trepar com vossas forças inexperientes, facilmente podereis levar uma queda, fraturando pés e mãos, e talvez até mesmo morrer. Eu e meus servos somos fortes e bastante altos, e sabemos como se devem colher os frutos. Vou, pessoalmente, colhê-los e entregá-los a vós; então podeis saboreá-los com calma. Quando crescerdes, sereis igualmente mestres das árvores altas. Compreendeis esse quadro?" Respondem os espíritos de azul: "Agora tudo é claro como o Sol, e nada mais há para explicar."

279.º CAPÍTULO

Interpretação de pão e vinho. Conhecimento e ação.

Digo Eu: "Se compreendestes tão bem, tereis de agir de acordo, do contrário o Meu Ensino não surtirá efeito. Providenciarei pão e vinho. O pão é igual ao Meu Corpo, e o vinho representa o Meu Sangue. Esse alimento vos fortificará e não haveis de sentir mais a morte, pois a Vida eterna será vossa posse para sempre. Roberto, manda servir o que falei."

Roberto dirige alguns passos na floresta, em direção ao Sul, onde descobre um pequeno barril do melhor vinho, quantidade de taças e cerca de cinquenta pães de excelente trigo. Diante da quantidade enorme de alimento celeste, Ele chama Helena, Peter e sua esposa que acorrem para ajudá-lo. Todavia, os quatro não conseguem transportar o estoque.

Os ex-imperadores o percebem, pois estavam palestrando com os três apóstolos sobre várias organizações celestes, e ajudam a Roberto no transporte e distribuição entre os espíritos de azul, que se saciam com prazer.

Eis que Me viro para os monarcas dizendo: "Caros amigos e irmãos, não deixa de ser louvável instruir-se a Meu respeito e do Meu Reino. Muito melhor, exercitar-se nos afazeres dos Céus. Naturalmente, é preciso preceder o conhecimento; em seguida, deve surgir a ação. Uma ação pequena e boa vale mais que grandes noções sem atividade. A primeira terá como consequência uma obra. Ao puro conhecimento nada segue, se não for transferido à atividade.

De que adiantaria ao oleiro sua profissão, se nunca colocasse o barro no torno a fim de executar sua obra artística? Assim também a fé é uma ciência do coração. Enquanto não for posta em atividade, é como morta. Somente a obra realizada lhe dará vida, Foi, portanto, grande alegria para Mim vossa disposição em bem servir, sem Meu pedido. Realmente, até mesmo um copo d'água oferecido a um sedento, será considerado por Mim que não dou valor ao conhecimento e sim, à ação.

Quem possui conhecimento certo e não age de acordo torna-se pecador tanto quanto quem age contra a justiça, embora a conheça, todavia não condiz com seu comodismo. A fim de se tornar bom cidadão no Meu Reino, preciso é sobrepor-se ao comodismo e praticar o bem segundo o conhecimento consciente. Só então é o homem aquilo que deve ser, de acordo com Minha Ordem eterna."

Voltando-Me para os espíritos de azul-claro, prossigo: "Porquanto já estais fartamente fortificados, voltai às profundezas e despertai o maior número possível de almas. Procurai ao mesmo tempo acalmar os ânimos a fim de evitar uma guerra entre os homens. Com a realização deste Meu Desejo podereis aguardar grande prêmio em Meus Céus, nos quais facilmente haveis de ingressar, porquanto Eu Mesmo vos demonstrei o caminho certo e claramente descrito por vossa própria assertiva.

Tratai de vos antecederdes aos espíritos de vermelho, pois farão tudo para incitar a guerra entre os regentes. Será impossível evitardes tudo; mas se fordes ativos em Meu Nome, muita coisa será impedida que poderia atirar a Humanidade

em terrível miséria. Após a obra concluída, voltai aqui onde um mensageiro vos ajudará ao ingresso em Meu Reino. Amém."

Diz um espírito: "Senhor e Pai, onde obteremos pão e vinho quando sentirmos necessidade durante nosso empreendimento?"

Digo Eu: "Perguntai a Roberto e seus companheiros há quanto tempo foram saciados com pão e vinho e se algum dia sentiram fome e sede. Quem tiver comido o Meu Pão e bebido o Meu Vinho, jamais sentirá alguma necessidade. Meu Pão é um alimento vivo e real que se reproduz no estômago de tua alma, alimentando-a junto ao espírito. De igual modo é o Meu Vinho uma bebida especial à qual não segue sede alguma. Ide em paz desempenhar vossa tarefa, pois a partir de agora jamais haveis de sentir fome e sede."

A esse ensinamento, os espíritos de azul-claro se encaminham para sua missão. Seu êxito é realmente duvidoso porquanto os oponentes já iniciaram plena atividade em toda parte para conseguirem seu fito. Ainda assim poderão abrandar a fúria dos outros.

Concluo: "Virá uma grande punição sobre todos os que esquecerem de chamar por Mim na aflição e reconhecer o valor do homem que por Mim foi trazido ao mundo para outra finalidade que não o brilho da coroa e do trono, pelos quais se deixaria matar. Ao povo comedido será dada a vitória para todos os tempos. Só então Meu Reino se estabelecerá no mundo. Se todavia o povo for ávido e cruel, o que Eu não quero antever nem determinar, dificilmente alcançará a vitória final."

280.º CAPÍTULO

Partida para o Reino celeste realizado no coração de Roberto.

Eis que Roberto se aproxima de Mim e diz: "Senhor, que faremos então? Todos os que nos procuraram foram encaminhados. Os antigos sacerdotes, agora fortalecidos, conseguem bom êxito entre seus milhões de irmãos. Os espíritos de azul já agem com tenacidade e não consigo ver outras falanges. Não suporto a inação, por isto Te peço me dês alguma tarefa."

Digo Eu: "Não resta dúvida ser a atividade o traço principal do espírito; mas, vez por outra é bom que repouse um pouco. No repouso se refazem as forças extintas da alma, órgão do espírito. Esta é a razão de haver necessidade de descanso para vos fortificardes para uma grande e nova tarefa em Meu Nome. Termina o sábado. Tudo que necessitava de ordem foi feito e completamos boa tarefa nesta Terra. Olha para Leste. O portão que não conseguias abrir, está aberto. Todos os antigos amigos esperam com grande ansiedade. Por isto partiremos deste monte terreno para penetrarmos por aquela porta, em Meu Reino, que surgiu como nova comunidade de teu coração, Meu caro irmão Roberto-Uraniel.

Fortalecidos por esse pequeno repouso, iniciaremos a caminhada em boa ordem. Não necessitamos passar por cima de vales e montes, mas palmilharemos em linha reta a estrada feita por Mim de luz plena, para atingirmos rapidamente o portal aberto. Tu, Uraniel, proprietário e guia dessa comunidade, vai na vanguarda com teu ajudante e tua esposa. Seguirei com os três irmãos e serei acompanhado por todos os monarcas, bispos e essa grande multidão. Vamos, e a bênção seja levada aos bons desta Terra. Amém."

281.° CAPÍTULO

Nova região celeste e futura missão de Roberto.

Dentro em pouco atingimos o portal, onde nos aguardam vários milhares de almas que Me louvam em virtude de Minha enorme Bondade, Misericórdia, Amor e Graça, e Meu julgamento acertado segundo o qual o Verbo da Ordem eterna se torna juiz de cada um.

Voltando para junto de Mim, Roberto diz: "Santo Pai, falanges incalculáveis se estendem para além do portal, sobre paragens celestes. E de todas se ouvem louvores dirigidos a Ti! Tudo está repleto de luz e brilho celestiais, e no fundo vislumbro algo parecido com uma cidade, cuja forma, em virtude da forte luz, não consigo precisar. Meu Pai, que região é esta, que país é este? Perto do que vimos no Sol, em companhia de Sahariel, é treva em comparação ao dia radioso. Que maravilhas indescritíveis nos recebem! Deve ser o Céu mais elevado."

Concordo: "Sim, e além disso representa o terceiro andar de tua casa que viste primeiro externamente no início de tua evolução, para em seguida tomar posse dela. Esta região é igualmente a comunidade criada em teu bom coração, organizada dentro de Minha Ordem. Nela hás-de agir e zelar como chefe, visando sua ordem perfeita. Ao mesmo tempo inspecionarás daqui uma parte da Terra mais afim com a tua índole. Os dois locais por nós visitados na Terra deves considerar com especial carinho: Viena, onde sofreste bastante, deve receber de ti ações boas e nobres. O último país onde passamos deves aproveitar como instituto de purificação para espíritos impuros, seja qual for sua origem.

A ponte que construí daquele monte para cá, deve permanecer, pois quem por ela se encaminhar nessa direção, deve ser aceito. No próprio monte porás um guarda para que todos os espíritos que o pisarem com boas intenções encontrem um guia e amigo. Os encarnados, devem receber nesse monte um estímulo para sua fé e serem despertados no amor, sem coação ou crítica. Enfermos encontrarão lenitivo para suas dores, e os bons e crentes receberão sete vezes sua saúde.

Se posteriormente as criaturas da Terra quiserem erigir um monumento naquele monte, não devem ser impedidas nem estimuladas, pois facilmente tal empreendimento se tornaria motivo para a ganância e fraude. Querendo todavia colocar um marco onde houve uma ocorrência celeste na Terra, não devem ser impedidas, pois os ditos montes "Sinai", "Tabor" e "das Oliveiras" devem existir para constante recordação do que foi instituído por Mim. Agora, penetremos no verdadeiro Reino da Vida eterna."

282.º CAPÍTULO

Jerusalém, Cidade de todas as cidades.

Todos entram Comigo e se sentem penetrados por um êxtase sublime, louvando Minha Sabedoria e Bondade. A extensa região é cravejada de pequenas habitações agradáveis e cada um recebe sua residência particular, inclusive o terreno celeste, bem organizado. Somente Roberto-Uraniel e seu ajudante não vêm habitação para eles e Me perguntam onde haviam de morar.

Digo Eu a Roberto: "Tudo que vês, é tua casa. Representa teu lar e de teu amigo. Fora disto tens uma residência naquela cidade onde Eu Mesmo costumo morar. Trata-se da nova e celeste Jerusalém, Cidade de Deus, teu Senhor, teu Pai, e em espírito, o Amor de teu irmão. De lá poderás cuidar e organizar essa tua propriedade, para o que te darei os meios necessários.

Como todos que aqui trouxemos da Terra já foram bem cuidados, segue-Me até Jerusalém, para onde poderás levar quem quiseres. Percebo que desejas levar todos. Por ora isto é impossível. Podes convidar os imperadores José, Leopoldo e Rudolfo I. Suas residências se acham perto da rua principal. Chama-os para nos acompanharem até a Cidade dos Céus."

E assim acontece. Os três imperadores aparecem na entrada de suas residências, cuja arrumação não se cansam de louvar e em seguida nos acompanham. Então Roberto pergunta onde estavam os espíritos que aqui ingressaram com os patriarcas.

Apontando-lhe a zona Sul, digo: "Lá hás-de encontrá-los, pois também moram em tua casa. Os patriarcas habitam em residências próprias, que conhecerás aos poucos. Moradias como a tua existem inúmeras em Meu Reino e não haverá fim quanto ao teu conhecimento. Em Minha Casa as verás segundo as necessidades celestes. Conheces o espírito que neste momento se dirige para nós?"

Diz Roberto: "É o célebre Cado que provocou muita dor de cabeça a Satanás." Concordo: "Exatamente. Entrega-lhe a vigilância do monte, pois tem suficiente força e coragem para tanto. Após um ano, ninguém deve vigiar na Terra, nem mesmo Cado."

Nesse instante ele se aproxima e diz: "Senhor, já ouvi minha incumbência e me apresso em cumpri-la." Roberto o abraça e diz: "Sê bom, justo e severo, pois a Terra está em má situação." Cado se curva e se dirige ao local de sua primeira missão.

Em seguida continuamos pela estrada reta que se assemelha a uma fita dourada muito larga, na qual as cores do arco-íris parecem estar bordadas em fios de seda, em direção à Cidade Santa indescritível à mente humana. Sua Glória, grande extensão e vibração extasiante são infinitas. Cada casa tem externamente a forma de um homem limitado, mas

o interior é ilimitado assim como é infinito o interior do germe em cada semente. O coração do espírito é ainda muito mais rico em sua multiplicidade.

Roberto, seu ajudante, as esposas, José, Leopoldo e Rudolfo I estão perplexos diante de tão gloriosa projeção. À medida que nos aproximamos, mais deslumbrante se torna a forma da cidade e de todos os lados irradia a máxima benevolência. Com todo amor, Roberto pergunta qual o Sol que irradiava luz para o Infinito muito mais potente que o nosso Sol, mas tão suave como a luz da estrela da manhã.

Digo Eu: "Este Sol sou Eu Mesmo! Abaixo de nós existem mais duas esferas celestes, isto é, para o Norte, o Céu da Sabedoria, e para o Sul, o Céu do Amor unido à Sabedoria. Os habitantes de ambos Me veem apenas como Sol que vês no zênite desta Cidade.

Somente aqui, no Céu mais elevado, encontro-Me fora do Sol, se bem que também dentro dele. Nele estou apenas espiritualmente pela força de Minha Vontade, Meu Amor e Sabedoria. Eu Mesmo sou tal Sol. Todavia existe diferença entre Mim e este Sol. Eu sou a Origem, e este Sol é irradiação do Meu Espírito que penetra todo Infinito, em força constante, emanando em toda parte a Minha Ordem. Agora reparai as imensas falanges que nos recebem com, imenso carinho."

Diz Roberto: "Senhor, quase desfaleço de êxtase quando Te fito! Estás conosco e isso tudo é Tua Obra. Quem somos nós, por nos considerares com tamanha benevolência? Quão maravilhoso e santo és Tu, Senhor!"

283.º CAPÍTULO

A Cidade celeste, fonte de alimento para o Universo.

Em seguida, o Imperador Rudolfo Me louva de coração transbordante e finaliza: "Como são diferentes as coisas e relações deste mundo comparadas às da Terra. Quanta pretensão injustificável o homem imagina, pois enquanto caminha na carne, seja imperador ou mendigo, é perecível nas condições terrenas. Fui grande Imperador. Mas quando a morte se apossou de mim, que fui eu? Nada mais que um punhado de pó e cinza. Aqui, certamente em nada sou me-

lhor que qualquer cidadão deste mundo, dessa Cidade de Deus. Entretanto julgo-me mais importante do que na Terra, como regente poderoso, perante o qual estremecia todo mundo.

Por quanto tempo a pretensão terrena me tentou, mesmo após a morte. Coube a um homem livre, dentro da liberdade provinda da verdade, sacudir a rocha porosa de seu sono. A rocha foi destruída e agora me encontro diante de Ti, · Senhor, em minha nulidade, qual criança recém-nascida que se admira do mundo novo e suas relações abençoadas. É assim como me sinto em tudo que pertence a esse Reino maravilhoso. Mas quanta vantagem não usufrui diante de soberanos, sábios e poderosos. Tudo aqui é grandioso e sublime. A menor partícula de todas as maravilhas levada à Terra, haveria de destruí-la. Ó Pai, quão Santo e Grandioso és Tu!"

Digo Eu: "Tens razão. Na Terra é preciso haver diferenciações, do contrário ela não seria o que deve ser. Aqui é preciso ser tudo igual. Não há classes, senão a da filiação divina. No entanto, existem diferenças e ninguém perderá algo que realmente possuiu na Terra. Foste imperador justo, e aqui também o serás de um reino muito maior que em vida. Lá, teu reino media alguns milhares de milhas quadradas. Aqui hás de reger um Sol inteiro, no qual caberiam trilhões de planetas. Na cidade, em tua casa, conhecerás teu futuro destino. Chegamos ao portal. Entremos ao som de harpas."

Penetramos na Cidade cheia de luz e vida, na qual jamais haverá qualquer necessidade material porque comporta tudo em abundância, para sempre. Desta Cidade, o Universo absorve seu alimento natural e espiritual.

Roberto e seus companheiros se admiram da gracilidade das habitações incontáveis, pois as moradias da Cidade de Deus tem início, mas não tem fim. Sua construção inicial forma um quadrado que se estende ao Infinito. Após demorada admiração, Roberto diz: "Agora compreendo melhor o significado: Ninguém jamais viu, ouviu e sentiu o que o Senhor reserva aos que O amam. Se as criaturas na Terra tivessem o menor vislumbre daquilo que as espera aqui, cada segundo lhes seria um peso insuportável, preferindo morrer mil vezes. O grande Amor e Sabedoria do Senhor ocultam tais coisas dos olhos dos mortais para atingirem a justa consolidação do espírito através da provação terrena, sem a qual

não suportariam tamanha plenitude de êxtase. Agora também sei porque às vezes espíritos iguais a mim conseguem esquecer-se tão facilmente de seus irmãos e raro lhes aparecem. Quem não haveria de olvidar a Terra má e trevosa diante de tantas maravilhas, caso Tu não despertasses a recordação de tempos em tempos."

284.° CAPÍTULO

Contraste entre a Magnitude da Cidade celeste e a simplicidade do Senhor.

Prossegue Roberto: "Senhor e Pai, que palácio estupendo é aquele a uns cem passos daqui, em direção ao Levante?" Respondo: "É Minha Própria Casa que contém muitas acomodações, e também hás de ocupar uma, para sempre. Assim como todos vós, e garanto que vos agradarão muito."

Exclama o Imperador José: "O quê? Ficaremos Contigo, em Tua Companhia direta? Isto seria felicidade demais para nós, pecadores. Já nos satisfaremos com qualquer cantinho." Digo Eu: "Meu irmão, consta que onde Eu estiver, estarão os que Me amam acima de tudo. Amais-Me sobre tudo e sempre o fizestes além de vossa consciência. Portanto tereis que morar onde Eu Mesmo moro, para poderdes agir Comigo em eterna comunhão. Em Minha Casa encontrareis muitos habitantes, pois ela é grande e possui inúmeras acomodações. Vamos, os três irmãos poderão ir na frente."

Assim penetramos no grande peristilo. O solo é de ouro puro e translúcido. Nas partes laterais se encontram doze colunas que sustentam o teto e brilham qual sol nas cores luminosas do arco-íris. Sua consistência é de diamante. As paredes são de pórfiro, o teto de esmeralda e os degraus no primeiro andar de rubis incrustados a ouro conduzindo diretamente para uma grande porta que somente Eu posso abrir.

Todos os presentes não conseguem expressar o que sentem diante de tamanha riqueza, e José diz: "Porventura seriam todos os soberanos da Terra capazes de construir peristilo tão maravilhoso, ainda que dispusessem do mesmo material celeste? Que luxo, que majestade indescritível!

O Senhor, todavia, continua em Sua Simplicidade conforme palmilhava na Terra, ensinando as criaturas e lhes

mostrando os caminhos da vida. Não há brilho, fulgor ou aparato de miríades de anjos, pois somente nós somos Seus acompanhantes. Nas ruas há grande movimento. Milhares de vozes entoam loas acompanhadas de melodias de harpas. O próprio ar está repleto dos mais maravilhosos cânticos e harmonias. Convém chamarmos a atenção dos habitantes dessa casa a fim de tomarem conhecimento da Presença do Senhor."

Digo Eu: "Deixa disso. Eles sabem o que fazer com Minha Chegada. Estais habituados a fazer balbúrdia e pensais que nos Céus se aja do mesmo modo que na Terra. Nada disto é preciso. Se na Terra e em suas regiões espirituais os corações Me recebem com amor, gratidão e vida, após obra realizada com Minha Presença, já recebi sua devoção sincera. Quando penetrarmos nos diversos recintos, seremos saudados da maneira mais amorosa de todos os Céus."

Abro então a porta e todos os Meus amigos se deitam por terra, quer dizer, nos degraus em que se encontram, e Roberto exclama de coração palpitante: "Ó Pai, isto é demais para um espírito criado, um pequenino átomo em Teu Universo! Essa luz e os maravilhosos anjos que de olhos úmidos Te estendem os braços! Perto deles somos informes, muito embora já tivéssemos algum cunho celeste."

Com essas palavras, Roberto se vira para Helena a fim de fazer uma comparação entre ela e os habitantes de Minha Casa. Ela, porém, já possui a beleza de Meus filhos. Assustado, Roberto diz: "Senhor, que aconteceu com Helena e Matilde Eliá? São tão belas que nem ouso fitá-las!"

Digo Eu: "Erguei-vos e não vos admireis em excesso, pois também sois tão formosos quanto elas." Os sete espíritos se levantam e mal se reconhecem diante de sua figura harmoniosa. Então Roberto aparteia: "Por acaso sou eu mesmo?" Respondo: "Sim, és tu. Entremos no primeiro recinto."

285.° CAPÍTULO

Roberto, arcanjo e príncipe celeste.

Penetramos no primeiro salão, ao qual se chega pelos degraus de rubis. Roberto e seu ajudante Peter estão estatelados diante do quadro. Originando-se ambos do planeta

Urano (fato desconhecido de Peter por motivos importantes), sentem grande alegria com as construções, mormente quando colossais. Como à grandiosidade ainda se alia correspondente magnificência e majestade, os dois amigos vibram com intensidade. De olhos colados às elevadas galerias e nas colunas artísticas que as suportam, ambos nem percebem o grupo celeste que saúda em Roberto, um novo arcanjo e chefe de uma nova e grande comunidade.

Helena o toca com o cotovelo e diz: "Caro Roberto, não te percas em devaneios e observa de que forma és recebido." Voltando a si, Roberto vê que os anjos mais belos lhe entregam uma coroa maravilhosa em cima de uma almofada de veludo vermelho, e um cetro de puro ouro translúcido que irradia um brilho qual Sol na aurora, e finalmente uma espada envolta de chama inextinguível.

Os portadores dessas insígnias se curvam diante de Roberto-Uraniel e dizem com delicadeza: "Recebe, irmão, o prêmio justo conferido pelo Pai desde que existe o mundo. Em virtude da Doutrina do Cristo te tornaste um mártir na Terra. Teria sido possível evitá-lo caso o quisesses. Assim te tornaste martir principalmente em virtude da Doutrina pura do Senhor Jesus, nosso Deus e Pai, amoroso e santo, de Eternidades em Eternidades.

Na realidade não acreditaste que Jesus, nascido em Belém e por ti chamado o Sábio de Nazaré, fosse Deus, o Próprio Senhor. Tu O amavas especialmente e no coração percebias a Sua Divindade, conquanto teu intelecto não concordasse com o sentimento. Esse teu amor fez com que conservasses Amor e Graça Dele, que ora te tornam um príncipe dos Céus. Aceita coroa, cetro e espada da força, poder, amor, sabedoria e justiça, tornando-te regente justo e sábio desta grande e nova comunidade. O Senhor te abençoou e assim o quer!"

Estupefato, Roberto diz com humildade: "Caros amigos celestes! Se me tivésseis entregue as insígnias de sapateiro em vez dessas reais, aceitaria com a máxima veneração. Estas, não posso aceitar. Como seria possível isso, se o Senhor e Rei de Céus e mundos não ostenta coroa, cetro nem espada? Ao meu lado se encontram três imperadores habituados a usar coroa. Passai-lhes esses distintivos que não os farão mais vaidosos, enquanto eu poderia cair na vaidade,

sem benefício para mim, nem para a comunidade ou para o Reino de Deus no meu coração. Esta, é minha morada certa que tenho de dirigir dentro da ordem e em Nome do Senhor e nosso Pai. Desisti daquilo que não me compete."

Retrucam os anjos: "Porventura queres te opor à Vontade do Senhor?" Diz Roberto: "Meu Senhor e meu Deus ainda não Se manifestou. Caso me fale, obedecerei em Nome Dele. Sem o pronunciamento Dele nada farei, pois Ele é tudo para mim, e sem Ele todos os Céus de nada me servem. Consta: Todos vós deveis ser ensinados por Deus. Quem não for educado por Ele como Pai, não se prestará para os Céus e não atingirá o Filho que é o Reino Eterno do Pai."

Eis que os portadores dos distintivos se dirigem a Mim, dizendo: "Pai, que faremos? Ele não os aceita." Digo Eu: "Querendo ele ser igual a Mim, deixai-o em paz. Aqui rege apenas a liberdade mais perfeita e incondicional. Esse irmão não é um espírito comum. Há poucos iguais a ele, por isso temos que fazer uma exceção. Levai as insígnias ao recinto dele. Quando preciso, ele as usará. Agora trazei coroas, cetras, espadas e púrpura para os três regentes terrenos. Assim seja."

286.º CAPÍTULO

A importância do destino dos cidadãos do Céu mais elevado.

Imediatamente os distintivos de realeza são trazidos. A entrega é feita da mesma forma, em almofadas de veludo vermelho, no entanto, também esses três regentes se recusam a usá-los em Minha Casa e ao Meu lado.

Digo-lhes: "Meus amigos, não se trata do uso constante desses emblemas, portanto tereis de aceitá-los. Existem aqui condições e tarefas da vida, muitas vezes ocorrem visitas formidáveis de todos os mundos e importantes migrações para mundos e sóis diversos. Há emissários para os dois enormes Céus inferiores, mormente para suas incontáveis sociedades, outros para inúmeras regiões espirituais, sem fim. Para tais ocasiões os arcanjos enviados daqui tem que se munir de insígnias como prova de que conquistaram a maior vitória sobre si mesmos, tornando-se senhores de todo o Universo.

Em missões dirigidas à Terra, onde encarnaram e se educaram os Meus filhos, tal não é preciso, pois tem que ser criados na maior simplicidade. Por isto não devem ser despertados com algo reluzente em sua humildade dificilmente mantida. — Outra coisa sucede com espíritos, habitantes de grandes sóis centrais que nascem no maior brilho e fulgor vivendo em habitações tão formidáveis que tudo que ora vêdes se apresenta como tosca choupana. Por isto às vezes é preciso aparecer em pompa e brilho máximos, como regentes terrenos.

Em tais ocasiões, não raras, necessitais desses distintivos pelos quais transmitis aos espíritos, que sois príncipes dos Céus mais elevados e igualmente irmãos do Espírito Supremo. Regiões solares hão de estremecer com vossos passos e vossa voz tem que se assemelhar ao trovão das tempestades que mantêm em profundo respeito as índoles fogosas dos habitantes poderosos dos imensos mundos solares. Espero compreendais porque vos são entregues tais distintivos.

A coroa é prova de que sois Meus filhos em virtude de vossa alma que ora é corpo purificado; e pelo Espírito, que se origina de Meu Coração sendo Meu Eu em vós, sois Meus irmãos. — O cetro demonstra que sois regentes do Infinito, para sempre, porque sois portadores do Meu Eu. — A espada é sinal de poder e força, dados por Mim para sempre. — A púrpura, finalmente, designa que vosso exterior e interior são puro amor e que quereis iguais a Mim organizar, domar e dominar tudo pelo poder do amor. Aceitai, portanto, essas provas de realeza."

Diz o Imperador Rodolfo: "Senhor, fomos tão enaltecidos que jamais poderemos agradecer-Te na altura. Acontece que meus demais filhos ainda se encontram fora dessa cidade, se bem que neste Céu mais elevado; todavia não podem ser tão felizes quanto eu, Não seria possível que aqui viessem, para desfrutarem de nossa situação?"

Digo Eu: "Meu irmão, tua preocupação vem tarde demais. Vira-te para a porta e hás-de vê-los, todos com as mesmas insígnias. Estão se aproximando para agradecer-Me com devoção. Entre eles e vós três existe a diferença de que eles receberam os distintivos antes que vós, em suas moradas majestosas, razão pela qual já os trazem, enquanto só agora os aceitastes. Que Me dizeis?" Responde Rodolfo: "Pai e

Senhor! Tua Bondade e Poder são imensos. Não encontro palavras para me expressar. Terão eles a mesma incumbência que nós?"

Digo Eu: "Naturalmente. Todos os moradores desse Meu Céu mais elevado tem a mesma finalidade. Aliás, a tarefa é maior para os que se encontram em Minha direta Companhia, assim como se acham em constante atividade os nervos: humanos que se encontram mais próximos do coração."

Rodolfo e os outros regentes Me agradecem emocionados, Em seguida chamo a Roberto e digo: "Vai com Pedro, Paulo e João, conhecedores da organização doméstica, e arranjai a maior mesa possível, pois existem muitos que dela participarão."

287.° CAPÍTULO

O imenso pomar da Criação e seus frutos celestes.

Eis que Roberto-Uraniel pergunta se deve levar seu amigo Peter e as duas moças. Então respondo: "Não ouviste que aqui se emprega a mais perfeita liberdade individual quando pretendias rejeitar as insígnias? Se assim é, para que fim tal pergunta? Podes fazer aqui, como na Terra, tudo que desejas, que estará bem. Neste ambiente chegam apenas criaturas que se despojaram inteiramente de sua vontade pessoal, aceitando para sempre a Minha Vontade em sua vida complexa. Se assim não tivesses agido, não estarias Comigo, no Céu mais elevado, portanto não podes querer outra coisa senão o que Eu Mesmo quero. Jamais e em parte alguma existe liberdade mais elevada e perfeita senão a idêntica à Minha Própria Vontade. Se te apossaste dela na íntegra, como poderias estar limitado à tua vontade que de certo modo é apenas a Minha?

Se não houvesse liberdade máxima e incondicional, Eu e todos que se uniram a Mim, seríamos simples ilusão, e a suprema bem-aventurança de Meus filhos, mentira, Podes agir como perfeito anfitrião e outros, poderão fazer o mesmo, pois nesta Minha Casa não existem graduações de posto. Todos são irmãos, somente Eu sou Senhor e Pai de todos. Quanto ao espírito e a verdade intrínseca, sou igualmente vosso Irmão. Creio estares orientado e podes agir sem indagações futuras."

Assim, Roberto vai ao próximo recinto, acompanhado de Peter, Helena e Eliá, Pedro, Paulo e João. Novamente ele não se contém de admiração e diz a Pedro: "Pareces achar muito natural ingressar aqui, sem tomar conhecimento das inúmeras maravilhas que enfeitam esse átrio gigantesco. Para mim, ele seria motivo de observação e estudo eternos."

Retruca Pedro: "Enganas-te julgando-me insensível em meio das obras mais sublimes do Senhor como se o hábito me levasse a tomá-las como corriqueiras e menos dignas de atenção. Dá-se justamente o contrário. Observo tudo com certa calma do meu espírito, externando o Louvor do Senhor, em meu coração. Ainda és novato e desconheces o uso caseiro e além disto és um espírito vivo e fogoso, por isto tudo se inflama prontamente dentro de ti. Quando conheceres a grande Residência do Pai Eterno e Seu amoroso uso doméstico, concordarás certamente com minha atitude.

Aliás me agradas bastante em virtude de teu entusiasmo, pois teu espírito é semelhante ao de nosso irmão Paulo, igualmente cheio de fogo e exuberância. Aprecio muito tais espíritos, conquanto não seja apreciador menos entusiasta de tudo que vem do Senhor. Apenas pareço mais calmo e não faço alarde, mas vibro no coração.

Agora, mãos à obra. Vê aquela mesa de ouro puro e translúcido. Vamos empurrá-la para o centro da sala e supri-la de pão, vinho e de frutas celestes que encontraremos em abundância no grande armário da parede sul."

Satisfeito com a orientação, Roberto e os demais se aprontam para a tarefa. Quando ele avista os frutos maravilhosos, exclama: "De fato, todos os frutos especiais que certamente aparecem em planetas mais adiantados, aqui se encontram em pleno amadurecimento e abundância, sendo que o ananás de nossa Terra é o único que conheço."

Diz Pedro: "Porventura desconheces uvas, figos, pêssegos e melões? Existem igualmente aqui. Chega a essa janela ao lado sul e observa o grande pomar, onde descobrirás todas as qualidades imagináveis que viste na Terra, *in natura* ou em quadros."

Roberto se aproxima da dita janela e queda estupefato diante de um enorme pomar em plena pujança. Após algum tempo, ele diz: "Este é certamente o pomar de todos os pomares do Infinito, pois sua extensão não pode ser calcula-

da. Que ordem maravilhosa e que riqueza de incontáveis qualidades de frutos raros. Deste pomar poderia se abastecer a Terra toda com uma só colheita, durante mil anos. Quem seriam os consumidores?"

Responde Pedro: "Os primeiros somos nós. Os segundos, todos os habitantes dessa cidade que pelo sul, não tem limites. Os terceiros consumidores são os dois Céus inferiores e, através deles, a totalidade do mundo espiritual e, por ele, toda a Natureza. É ele um pomar modelo para o Universo inteiro. Compreendes?"

Responde Roberto: "Sim, já calculei que assim fosse. Apenas queria conhecer os lavradores que organizam pomar como este, em Nome do Senhor." Diz Pedro: "Tudo é feito por Ele Mesmo através Sua Vontade Poderosa. Tudo que Ele quer, se apresenta. A reprodução é efetuada por anjos e espíritos especiais, incumbidos da fertilização de todos os planetas.

Essas entidades não costumam continuar nessa tarefa e são revezadas por outras, de tempos em tempos, enquanto os primeiros espíritos recebem outra incumbência. Nos Céus não existe monotonia na atividade. Em toda parte rege a mais livre variedade. Cada um se ocupa daquilo que mais lhe agrada, enquanto isto lhe dá prazer e felicidade. Tão logo uma ocupação deixa de produzir o mesmo prazer, existem outras tantas à escolha individual. Não resta dúvida que isto estimula a liberdade."

Diz Roberto: "Realmente, isto se chama vida inteiramente livre, Ó Terra, jamais pudeste sonhar com sua liberdade infinita. Que faremos agora? Convém darmos um sinal, pois que a mesa está posta?" Protesta Pedro: "Que pensamento mais material. Julgas que o Senhor e os moradores desta casa ignoram se terminamos nossa tarefa?"

Concorda Roberto: "Tens razão, o Senhor o saberá. Mas, os outros?" Explica Pedro: "Para tanto existe aqui determinada organização. Em todos os incontáveis recintos, principalmente nos três andares, acha-se um quadro orientador. Lá, o Senhor designa o que deve ocorrer, e cada morador se dispõe a obedecer instantaneamente.

Organização semelhante existe em todos os demais Céus, apenas em escala menor que aqui, na Casa do Pai. Tudo isto hás de conhecer mais nitidamente. Aqui, nunca se completa

o estudo, continuando aluno por toda a Eternidade. Nosso aperfeiçoamento consiste apenas no amor e na aceitação da Graça cada vez maior do Pai. Quanto ao conhecimento e à experiência, seremos eternos discípulos do Senhor. Somente Ele é Onisciente. Nós o somos à medida que Ele o quer e achar útil para nós.

Eis por que aqui se sucedem constantes indagações e explicações, ao lado do conhecimento formidável dos espíritos, com referência às mais variadas aparições e fatos. Inclusive tu, jamais encontrarás um ponto final com as perguntas. O melhor ajuste se consegue preferindo o amor ao saber; o amor satisfaz, o saber, jamais."

288.º CAPÍTULO

Elo entre Roberto e os antigos imperadores de Habsburgo.

Diz Roberto: "Tal axioma representa a infinita Sabedoria do Senhor. Se a criatura chegasse a um fim no saber, nada mais haveria que perguntar, tornando-se a existência insuportável para um espírito pesquisador. Deste modo, um espírito perfeito continua limitado no saber, na Casa do Pai, onde um milagre reveza outro, não obstante ter ele noções muito mais profundas do que atingiriam todas as criaturas, em mil anos. Sentimo-nos inúteis sem compreendermos o que se acha diante de nós. Isto é muito salutar porque conserva coração e espírito em uma constante atividade.

Muitas vezes meditei qual a relação entre mim e os imperadores alemães e austríacos. Como se deu esse encontro e o que tenho a ver com Rudolfo I, e seus descendentes. Para o meu núcleo admito espíritos que viveram durante minha passagem na Terra, alimentando a mesma maneira de pensar e os que dos Estados austríacos ingressaram comigo no mundo espiritual. É-me inteiramente enigmático como os regentes da Áustria, com os quais nunca tive contato, porquanto desempenharam sua regência muito antes de minha existência, pudessem aderir ao meu grupo, inclusive alguns bispos católicos. Não compreendo a razão disso, não obstante meu progresso espiritual."

Diz Pedro: "A razão é muito simples. Foste sempre verdadeiro adversário da dinastia dos habsburguenses, à qual atribuías todos os problemas da Europa. Jamais poderias ser habitante deste Reino do Amor puro e eterno, com tamanho rancor. Por isto, o Senhor te proporcionou a oportunidade de reconciliar-te com teus oponentes, reconhecer o seu valor e aceitá-los como irmãos, respeitá-los e amá-los como a ti mesmo. Compreendes?"

Concorda Roberto: "Sim, de fato. A sucessão imperial instituída por Rudolfo foi para mim um horror de devastação de quase todos os direitos humanitários. Com ela são preteridos todos os demais espíritos, ainda que mil vezes mais inteligentes que aquele que ocupa o trono. Um príncipe regente torna-se com isso soberano ainda no ventre materno. O mais inteligente cidadão no Reino tem que silenciar, sem ser percebido e empregado a bem dos povos, pelo soberano que sempre se julga um Salomão em virtude do direito hereditário. Esse e milhares de outros importantes motivos me encheram de rancor contra os habsburguenses, e me revoltava quando me lembrava do ambicioso Rudolfo. Não lhe bastava ter-se designado imperador, mas queria manter a sucessão para sempre.

Agora acabo de receber outra orientação pela qual concluo que um império medíocre é muito melhor do que o mais excelente reino eletivo no qual os candidatos à sucessão imperial sempre se tornam inimigos daquele que foi eleito. Nunca teria chegado a essa compreensão por mim mesmo. O Senhor, não somente permite, e sim, foi de Sua Vontade que terminassem os reinos eletivos, dando início aos de sucessão. Quanto a um término próximo, quiçá já existente, das dinastias e seus reinados, o Próprio Senhor ventilou de modo explícito através de Seus Discursos orientadores. Que me dizes?"

Retruca Pedro: "Meu amigo, aqui isto não nos diz respeito. Qs homens são livres em relação às ligações políticas e organizações governamentais, podendo empregá-las como quiserem. Cabe-lhes apenas obedecer à autoridade, unindo-se a ela, que terão paz e sossêgo. Todos os cidadãos de um Governo devem estar unidos ao seu regente, auxiliando-o em época de necessidade com suas posses, coragem e sangue. Assim, farão um povo feliz e rico em todas as coisas materiais.

Um povo que despreza seu soberano, atribuindo-lhe a culpa de todas as desditas que o atingem por sua própria falta, pouco terá de registrar de uma felicidade. Sempre que os povos começavam a arengar com seu regente, os inimigos daquele tinham oportunidade para se rirem.

Aliás tem os habitantes da Terra um mandamento, segundo o qual devem obedecer às autoridades. Não o fazendo, tornam-se responsáveis pelos insucessos. O Senhor não os envia como julgamento de Sua Onipotência; Ele não impede que os homens provoquem tais vicissitudes e deixa que colham os frutos por eles semeados.

Se bem que vejamos as intenções dos homens e podendo medir as consequências inevitáveis, não os impedimos de agir segundo sua vontade, pois dispõem do mais livre arbítrio. Até mesmo o planeta está em suas mãos. Se o prejudicam, receberão castigo como em tempos de Noé. Havendo criaturas que se dirigem ao Senhor pedindo-Lhe um bom Governo, paz, calma e ordem, tomamos as rédeas do regente e o conduzimos e a seu povo ao caminho onde poderão alcançar toda felicidade. Por isto, não devem os homens alimentar rancor e ódio contra seus regentes, pois também são humanos. Preferível é abençoá-los e pedir ao Senhor que os guie. Deste modo serão felizes. Que me dizes?"

289.° CAPÍTULO

Progresso individual e Auxílio Divino.

Diz Roberto: "Tens plena razão. Toda criatura age bem obedecendo às autoridades e se mantendo pacífica na situação mais triste -da vida, pois consta: Bem-aventurados os mansos porque herdarão a terra. Mas que farão as pobres criaturas se os soberanos interferirem na esfera do espírito, com medo de perderem trono e pompa? Se subjugam os súditos e obscurecem a visão de alma e espírito, transformam a Doutrina pura do Senhor em idolatria, cegando destarte a Humanidade obrigada à obediência. Que deveriam fazer os homens se os regentes dominadores e cobiçosas erigirem fogueiras, forcas e masmorras para os inspirados pelo Próprio Senhor?

Não deveriam ter o direito de se livrarem dos assassinos do espírito? Se tal ação for contra a Ordem dos Céus, chega-se à conclusão de que o Senhor não liga importância se o homem é servo de feiticeiro, pagão ou cristão. Se assim é, não vejo por que existem as verdades dos profetas e a Doutrina milagrosa da Vida vinda do Senhor. Tudo é em vão, e seria preferível que a Humanidade continuasse em sua cegueira original. Milhões de criaturas que se dizem cristãs não tem a menor compreensão do Senhor e de Seu Ensinamento. O Papa é seu Deus, e o regente, seu ajudante. Ambos se empenham em conservar os homens na ignorância e se regozijam quando conseguem abafar qualquer vislumbre espiritual nos súditos. Porventura não assiste direito às sociedades mais elucidadas de se rebelarem contra tal tirania e procurarem sua extinção?"

Responde Pedro: "Por que não, caso lhes seja possível? Não o podendo, pagarão caro pela tentativa e sofrerão dez vezes mais pela perseguição e vingança. Afirmo-te, por si só, os homens nada podem fazer. Insistindo em seu propósito, conseguem apenas a piora de seu estado. Coisa diferente sucede quando pessoas devotas a Deus Lhe pedem socorro e proteção. Ele Mesmo porá Mãos à obra finalizando a tirania, pois somente a Onipotência pode vencer qualquer poder. A importância humana nada alcançará sem o Senhor. Aliás, Ele está Ciente do tempo que vigorará qualquer tirania.

Analisa as ações dos faraós e milhares de outros tiranos, empenhados em atirar seus povos à mais profunda ignorância. Quando julgavam alcançar seu propósito, o Senhor fazia aparecer naquela treva uma grande Luz e fortificava os povos subjugados que se erguiam contra os tiranos. Estes fugiam qual palha diante do tufão e seus nomes eram considerados apenas com desprezo e jamais para honrá-los, de seus feitos. O Senhor mede o tempo de cada um, inclusive o de todos os tiranos. Basta escoar a última gota para finalizar o tempo. Não te preocupes com as condições políticas da Terra, o Senhor pode guiá-las e apaziguá-las.

Quantas vezes senti o desejo de criaturas boas, de que o Senhor deveria terminar com o papismo. Ele ainda Se detém, e sabe por quê o faz. Todavia podes estar certo de que não demorará conquanto Roma se julgue uma fênix que,

queimada, ressurgirá mais maravilhosa de suas cinzas. Desta vez continuará como cinza. O mesmo sucederá a muitos outros na Terra. Compreendes?"

Responde Roberto: "Perfeitamente. Agora basta, pois aí vem o Senhor!" E adiantando-se com o pequeno grupo, ele exclama: "Senhor e Pai, tudo está preparado conforme mandaste." Digo Eu: "Já vi. Se Eu não tivesse vindo, nos terias feito esperar por muito tempo e não terias dito perante todos: Senhor, e Pai, vem, pois tudo está pronto!" Diz Roberto: "Tal foi minha vontade, mas fui detido por Pedro."

Digo Eu: "Ora, não deves ser tão condescendente quando fores passar por uma pequena prova doméstica." Aduz Helena: "Também procurei chamar tua atenção, mas puseste o dedo sobre os lábios indicando silêncio quando Pedro estava discursando, até que nosso Pai veio Pessoalmente, sem que fosse chamado. É justa Sua reprimenda."

Digo Eu: "Está tudo em ordem, Helena. Roberto está justificado por ter aceito o parecer de Pedro. Este, igualmente é justo, pois sabe o que fazer em tais ocasiões. Tu também estás certa porque desejavas que Roberto Me chamasse. Eu Mesmo nunca fui injusto de sorte que nada há que reclamar. Vamos à mesa. Chamai todos e tu, Pedro, abre as portas que dão para este refeitório."

290.° CAPÍTULO

Refeição e concerto na Casa do Pai.

Eis que se encaminham ao grande refeitório verdadeiras procissões vindas de todos os lados, milhares e milhares ali ingressam causando estupefação ao grupo que se acha em Minha Companhia. Finalmente Roberto Me diz em surdina: "Senhor, a sala está repleta de criaturas maravilhosas, no entanto não se pode vislumbrar o fim dessas falanges! Onde encontrarão lugar? E a mesa será suficiente para saciar essa massa colossal?"

Digo Eu: "Acalma-te. Certamente ouviste na Terra que muitas ovelhas pacíficas se acomodam em um estábulo. Assim também os moradores da Minha Casa encontrarão lugar suficiente." Diz Roberto, admirado: "Esses são moradores de Tua Casa? Devem ser milhões! Agora percebo que a

sala se estende a perder de vista, e também as galerias começam a se encher. Ah, agora vejo o fim da procissão! Quantas criaturas há nesta sala?"

Respondo: "Se quiseres saber o número exato, são um milhão e duzentas mil, no entanto não inclui todos os moradores, pois dez vezes mais estão ausentes, ocupados em planetas, sóis e seus inúmeros núcleos em todos os Céus. Compreende bem: Os mencionados são moradores exclusivos desta Minha Casa, por Mim habitada e onde cuido de Meus filhos.

Vês que esta cidade possui maravilhosas residências apenas na parte principal. Cada qual se encontra em um vasto terreno aproveitado para jardim e horta bem organizados, destilando o melhor aroma. Tenho grande satisfação com eles em virtude do amor puro para Comigo e com todos os irmãos que aqui habitam.

Em direção para Este vês grande subúrbio, realmente sem fim, e igualmente repleto de edifícios variados como se encontram em todos os planetas. Lá encontrarás espíritos perfeitos de todos os mundos, também felizes segundo o grau de amor e aperfeiçoamento. Em todas as residências desse subúrbio existem uma porta e uma ponte, pelas quais os moradores podem ver e chegar ao planeta que habitam.

Nas residências da capital existe a seguinte organização: Cada morador pode chegar a todos os planetas através de doze portas feitas nos recintos térreos, e também voltar por elas tão logo queira. Por isso tem cada recinto de um andar superior, um correspondente no térreo. À medida que tua alma evoluir conhecerás melhor a maravilha dessa organização. — Enquanto palestrávamos, todos os visitantes se acomodaram na grande mesa e várias mesinhas foram postas e ocupadas, sem atropelo."

Concorda Roberto: "É deveras maravilhosamente estranho. O comprimento da grande mesa poderia ser calculado por milhas e as pequenas também aumentaram, enquanto o salão facilmente comportaria Londres e Paris! Já não mais é uma sala, e sim, um mundo." Digo Eu: "Sim; Meu irmão, aqui as coisas são mais grandiosas que na Terra, não achas?" Responde Roberto: "Ó Pai, és por demais Bom e Magnânimo! Uma centelha dessa luz levada à Terra a iluminaria de tal forma que o Sol teria aspecto de simples bólide. Porventura

os que se acham nas duas galerias também estão servidos de tudo?"

Respondo: "Certamente. Minha Casa possui três andares, de onde se pode atingir as galerias do refeitório que tem a altura dos três. Este refeitório não é o único, pois existem muitos nesta Casa, organizados segundo as mais variadas finalidades. Oportunamente hás de conhecer todos eles. Agora veremos se encontramos um bom lugar na grande mesa."

Aparteia Roberto: "Senhor, prefiro uma mesinha qualquer, pois na grande não haverá mais um lugar favorável." Digo Eu: "Tens razão. Aí está uma mesa livre, bastante espaçosa onde podemos, os que vieram da Terra, acomodar-nos. Daqui vemos a todos e também somos vistos pelos hóspedes."

Assim, Eu, os monarcas, Roberto, seu ajudante Peter, as duas mulheres e outros, tomamos lugar e nos servimos. Após terminada a refeição, a multidão se ergue e entoa um cântico de louvor a Mim, muito do agrado de Roberto, pois transborda de suaves expressões de amor.

Em seguida ouve-se das galerias um verdadeiro concerto celeste, uma cantata acompanhada de harpas cujo som é tão mavioso, impossível a ser imitado por qualquer instrumento da Terra. O mais semelhante seria o som da harpa eólia quando um vento puro a leva a emitir vibrações harmoniosas. Roberto mal se contém de êxtase, as duas moças choram de emoção e Helena diz contrita: "Meu Deus, que música comovedora, a criatura poderia se desintegrar de emoção. Cada som penetra a alma qual beijo do amor mais profundo. Roberto, isto soa bem diferente que a mais bela ópera ou qualquer música turca."

Retruca ele: "Ora veja, como se pode comparar essa indescritível sinfonia a uma múscia terrena, mormente a uma turca." Diz Helena: "Tens razão. No entanto procuro sempre ressaltar algo maravilhoso comparando-o ao da mais simples espécie." Nisto, o Imperador José se vira para Mim dizendo: "Senhor, quem foi o compositor dessa cantata?"

Respondo: "Não vês o dirigente naquela elevação?" Diz ele: "Sim, mas ignoro quem tenha sido na Terra." Explico: "É Davi, ex-rei em Israel. É o principal dirigente aqui e ao mesmo tempo, o mais excelso criador de tais obras musicais, que sempre Me dão grande satisfação."

Acrescenta o Imperador José: "É realmente uma obra musical que em sua totalidade soa qual sinfonia de canto e instrumentos. Na percepção das minúcias se destaca tudo que pertence à gama sonora e cada som vibra qual sonata suavemente dirigida. Na Terra ouvi coisa fracamente semelhante nas harmonias dos ditos tambores de sopro dotados de línguas prateadas. Possuem igualmente apenas um determinado som principal que todavia desenvolve toda sorte de melodias delicadas, sem prejudicá-las. As notas principais desempenham a cantata, no entanto é cada uma seguida de sonatas e sonatinas maravilhosas. Gostaria de saber onde se encontram e o que fazem os músicos que no meu tempo produziram o máximo na música, quais sejam: Händel, Bach, Gluck, Salieri, Mozart, os irmãos Haydn e tantos outros."

Respondo: "Encontrarás aqueles espíritos no primeiro e segundo Céus, onde igualmente descobrirás as mais espetaculares maravilhas. Atenção, agora virá outra parte do concerto."

291.º CAPÍTULO

Segredos do mundo do som e da forma.

Nosso grupo está atento. Após alguns instantes começam a vibrar possantes acordes de órgão e à medida que se entrelaçam, aparecem no ar as formas mais estupendas, mais ou menos comparáveis às imagens fornecidas na Terra por aparelhos óticos. Basta movimentá-los para outro lado, e o quadro muda. A diferença é que aqueles aparelhos traduzem apenas imagens de objetos existentes, enquanto aqui são criadas formas novas pelas harmonias, tão logo se apresentem novas combinações. É evidente que combinações sonoras já havidas produzem sempre as mesmas formas. Esses quadros sonoros são muito vivos e mudam constantemente em cores e formas de beleza comovedora. Com isto, não somente são arrebatados ouvidos e alma, na máxima elevação espiritual, e sim, a visão, em ligação com o entendimento da alma, de certo modo, a visão da psique.

Eis que Roberto pergunta: "Como é isto? Na primeira cantata não vimos formas e quadros tão fabulosos. Com os sons do órgão aparecem esses quadros." Respondo: "Isto se

baseia em Minha Ordem eterna na qual nada pode surgir sem ação precedente, posterior e contrária. O hino de gratidão por parte dos hóspedes da grande mesa, foi uma ação precedente. A grande cantata vinda das galerias, a posterior. E o grande prelúdio no órgão é uma ação oposta, por serem os sons de espécie diferente e ao mesmo tempo, esse prelúdio apresenta os temas oponentes ao hino, bem como à subsequente cantata. Tais contrastes se chocam e se tornam visíveis, evidenciando sua natureza e intenção.

Na Terra, a música, não tão perfeita, tem quase ação semelhante. Os ouvintes são às vezes transportados psiquicamente a regiões inteiramente estranhas, dando-lhes impress«o de se encontrarem alhures. Isso é provocado pelas formas criadas na alma pelas combinações sonoras, levando-a a tais formas e subsequentes regiões. Se o organista começasse a iniciar novas combinações harmoniosas, não precedidas por ações anteriores e imediatas, tais imagens maravilhosas se apagariam.

Se bem que cada som produza determinada forma, ela se torna apenas visível quando se sintoniza de certo modo com uma precedente. O mesmo ocorre com as imagens óticas. Quando não existe objeto que se lhes antepõe, somem para o Infinito. Minha Visão tudo abrange, todavia isto não se dá com a visão de um espírito criado que não existiria caso não encontrasse um apoio em Mim.

Somente o Princípio pode ver o Princípio. O subsequente apenas o que o segue, — e o Princípio, apenas quando este tiver tomado a forma do subsequente. Assim sendo, jamais podereis ver a Mim como Ser puramente Divino. Como aceitei a Imagem da própria Criação, podeis ver-Me enquanto Eu sustentar de Mim Mesmo, a sequência perfeita e constante.

O mesmo sucederá quando chegardes a um dos Céus inferiores. Enquanto não aceitardes o elemento daqueles Céus, continuareis invisíveis; ao passo que vereis tudo o que lá se encontra, pois como habitantes do Céu mais elevado sois frente ao segundo e terceiro, os primeiros. Dizei-Me se entendestes tudo. O concerto terminou e podemos prosseguir na palestra acerca de Meus Céus."

Diz Roberto: "Concordamos que assim seja. A maneira pela qual isto ocorre escapa ao nosso entendimento. Principalmente no que diz respeito aos necessários contrastes ou

objetos, indispensáveis à evidência de qualquer coisa, não estou bem firme. Algo original tem que ser sólido, do contrário nunca poderia produzir algo subsequente. Então pergunto por que o original precisa formar um objeto de sua produção a fim de se tornar visível?"

Respondo: "É a base em cada força original e simples, como ordem eterna. Toda força é indissolúvel em cada espécie e tendência básica, portanto é claro que subsiste em si e de si. A força existe, manifesta ou não. Enquanto não se expressa ou não pode manifestar-se, ela apenas consiste em força muda ou latente. Tão logo a força deva apresentar-se, preciso é que se lhe anteponha um contraste. Tal contraste só pode ser uma contra força pela qual a primeira é interrompida em seu fluxo sereno. Basta dar-se tal conflito inquietante, que ambas as forças se tornam evidentes. A primeira passa para a segunda, e a segunda para a primeira. Somente deste modo, ambas as forças se apresentam reciprocamente, inclusive em sua manifestação qualitativa e específica.

Alguns exemplos elucidarão esse assunto importante. Observai a luz de um Sol e imaginai o mesmo em sua natureza. Em todo o Universo, porém, não existiria um olho semelhante a ele que se pudesse antepor ao mesmo como força secundária para captar sua luz na qual o astro se refletisse passando como força primitiva, a uma secundária. Não seria o mesmo que a não-existência do Sol? Bastaria se ter formado um olho no qual o Sol de certo modo se reencontrasse, ele se apresentaria ao olho como força original. Se o olho se fecha e o Sol não se encontra no olho homogêneo, o Sol deixa de existir para aquele.

Darei mais um exemplo. Imagina um gigante colossal e leva-o a um local onde não se encontra qualquer objeto em que ele pudesse medir sua força. Apresenta-lhe uma mosca como força contrária, mas de tal forma que ele não a possa alcançar. A mosca se encontrará em força idêntica ao gigante e poderá desafiá-lo, caso ela tenha um ponto de apoio. Se o gigante também tiver tal ponto de apoio, nem milhões o perturbarão. Assim, preciso é que toda força encontre uma força oponente, do contrário não poderá manifestar-se.

Se na Terra soprasse apenas um vento, jamais surgiria uma chuva. Se tal vento for enfrentado por outro, apresen-

tar-se-ão condensações, como neblinas e finalmente, nuvens. As nuvens não percebem o vento enquanto ele é apenas vento. Basta ele se revestir com elas, é ele notado e os movimentos traduzem sua inclinação. Creio ter elucidado o problema a contento de todos."

Diz Roberto: "Custou um pouco, Senhor e Pai. Mas..., para onde se dirigem os hóspedes?" Respondo: "Voltarão para seus recintos, gratos e felizes. Lá se orientarão nos quadros negros acerca de suas ações. Com o tempo hás de aprender tudo isto. Desçamos ao térreo, onde vos mostrarei as portas pelas quais qualquer espírito pode atingir todos os planetas, pelo caminho mais curto. Naquele canto do salão se encontra uma escada tipo caracol. Por ela chegaremos aos recintos inferiores, para os quais não existe entrada externa."

292.° CAPÍTULO

A morte eterna.

Diz Roberto, acompanhado de todos: "Querido e Santo Pai, impossível expressarmos nossa gratidão e felicidade. Tu Mesmo nos conduzes e demonstras Pessoalmente as milagrosas obras de Teu poderoso Amor, explicando-as com tamanha clareza que chegamos a nos admirar por que milhões de criaturas se debatem com enigmas insolúveis.

Ó cegueira incompreensível! O ouro celeste e da Vida é desconsiderado, preferindo fazer guerra e se aniquilar reciprocamente. Vinde aqui, pobres pecadores e ignorantes. Aprendei humildade e dedicação Daquele cujo Hálito mais sutil poderia vos dissolver em um instante, inclusive vosso planeta. Todavia afirmais: Que fazer? Conquanto pedíssemos e orássemos, em nada melhoramos. Nada vemos, nem ouvimos. Nossa súplica é tragada pelo éter. Em seguida continuamos a fitar o Universo, sem proveito, e nos extasiamos sem consolo e conhecimento diante das obras insondáveis de Deus. Por isto tratamos apenas das exigências físicas, e o resto não nos interessa. Precisa a criatura nutrir-se, vestir-se e ter moradia decente. Quanto aos benefícios invisíveis, são eles supérfluos.

Supérfluos para vós, vermes da Terra e semelhantes ao jovem rico no Evangelho que também orava e pedia pela dádiva do Reino do Céu. Quando o Senhor lhe disse: Separa-te de teus bens, entrega-os aos necessitados e Me segue!, ele desistiu e voltou para suas posses. Não mais se preocupou com o Senhor, tornando-se mais egoísta, fato previsto por Ele quando observou ser muito difícil ao materialista ingressar no Reino de Deus.

Vinde aqui, almas da Terra! Aqui haveis de encontrar tesouros e riquezas em tamanha profusão que jamais poderão ser assimilados. Ambiciosos, vinde na justa humildade de vosso coração, pois aqui se encontra uma honra justa, crescente e eterna. Que representam todas as coroas, tronos e cetras comparados a uma Palavra amável Daquele que preenche o espaço com inúmeras obras milagrosas, através Seu Poder e Sabedoria?

Considerai a enorme diferença entre nossa vida perfeita e eterna na constante Companhia do Pai Onipotente e Criador de Céus e mundos e de tudo que comportam — e vossa existência fugaz que dura da manhã à noite. Como é possível apreciardes uma vida que mais merece o nome de morte? A vida terrena é apenas um constante morrer, desde o berço. A vida verdadeira e celeste é um crescente desenvolver em Deus, o Pai Divino. E tal Vida verdadeira está tão próxima de vós. Podeis possuí-la a cada momento, para sempre. Mas, vosso materialismo cega a visão da alma, razão pela qual julgais tão distante o Reino da Vida eterna, enquanto Ele se encontra diante de vós.

Os servos do Senhor, na Terra, nos conhecem e palestram conosco quando querem, e seus pés pisam o solo como vós. Entretanto, abriram visão e ouvido do coração por não terem sido cegados pelo peso do jovem rico do Evangelho. Sois abastados cidadãos da Terra, e se o Senhor vos chama, vossos olhos se enchem de lágrimas, preferindo fitar as futilidades do mundo. Também vemos a Terra e muitos outros planetas, e o Senhor nos daria milhares, caso os aceitássemos.

Descei conosco, guiados pela Mão do Pai, às profundezas abençoadas e fitai com os olhos da alma as pontes arrojadas que ligam um mundo a outro, um Céu a outro Céu, um coração a outro coração. E não obstante ainda envoltos na matéria, haveis de sentir conosco êxtases e felicidades, vivifi-

cando com eles vossa alma. Ó Senhor, por que nos é dado tamanha bem-aventurança, enquanto milhões são cegos e surdos?"

Digo Eu: "Meu irmão, a Vida verdadeira só pode ser sumamente feliz. Uma existência que ainda é conduzida pela morte, como um noivo leva sua noiva pelo braço — não para o quarto nupcial, mas qual esbirro arrasta um pobre pecador para o cadafalso — só pode sentir algum prazer quando for inteiramente cegada. Se fosses tirar-lhe tal tendência psíquica, ela se apavoraria ao perceber para onde seu companheiro a conduz. Por isto é de certo modo melhor que as criaturas da Terra sejam cegas e surdas, pois poderão saborear a vida curta que leva de morte em morte, com alguma serenidade aparente.

Afirmo-vos que para milhões não haverá existência futura, após sua vida fictícia. Se existe vida eterna, também existe morte eterna. Há na Terra vegetais nos quais amadurecem frutos doces e maravilhosos em pouco tempo, não havendo flor que tivesse vivido em vão. Existem outros, dotados de pouca seiva e obrigados a conservar os frutos insípidos, por muito tempo, até que atinjam a maturação desejada, de sorte que três quartas partes caem por terra. Vivificar tais frutos imaturos, não há remédio. Pode-se colher e deixar que amadureçam para atingirem ao menos uma maturação forçada. Para os frutos caídos, não há recurso em virtude da carência de seiva logo após a flor.

Com isto não quero afirmar que crianças falecidas logo após o nascimento não possam alcançar a Vida eterna, pois Minha Comparação nada tem a ver com nascimento e maturação terrena. Trata-se de almas que floresceram em Minha Luz da Graça e no início sugaram com avidez a Seiva da Vida; mas quando chegou a época indispensável da provação, cerraram sua boca e demais órgãos de nutrição, não querendo provar o sal amargo da Vida. A consequência foi a inteira separação dos galhos alimentadores e a morte inepta para qualquer vivificação. Deixemos que tais frutos saboreem sua vida curta, cegos e surdos, pois é bastante longa para sua completa nulidade."

Diz Roberto: "Este caso tem semelhança com uma lei dos chineses e japoneses que permitiam apenas a criação de seis, no máximo, sete filhos. Os nascidos acima deste número

legal, teriam que ser afogados ou exterminados de outra forma."

Digo Eu: "Ainda não o entendeste. Se um oleiro manipula um recipiente de barro que, embora estivesse feito além da metade, sai com defeito em virtude de uma circunstância qualquer, — qual a atitude do oleiro? Ele desmancha o recipiente, mistura o barro com outro para formar novo vaso, menos difícil, obtendo bom resultado. Assim, o material não se perde, no entanto, desperdiçou-se a individualidade da primeira obra. Em suma, perdeu-se o primitivo "eu", o que é o mesmo que a morte eterna, impossível de ser animada pelo amor e a recordação da existência original. Onde isto acontece, não se pode pensar em um aperfeiçoamento final. Na conservação da individualidade original se baseia algo indizível, pois sem ela não se alcança a filiação divina. A segunda fecundação jamais será a primeira; entendes?"

293.° CAPÍTULO

Pormenores sobre a morte eterna. Desdita das almas no terceiro inferno.

Respondem todos, em uníssono: "Faltam-nos palavras para agradecer-Te condignamente por essa explicação. Pode-se por conseguinte viver feliz em qualquer Céu, não obstante encontrando-se na dita "morte eterna". Apenas não mais existe o "eu" original. Que Graça enorme! Entendíamos sob "morte eterna", o próprio inferno do qual não há saída. E se houvesse, em virtude de tudo ser possível para Deus, calculávamos que fosse muito penosa. Agora tudo mudou de aspecto, como se podia esperar de Ti, de há muito."

Digo Eu: "Agrada-Me bastante vossa boa aceitação de tudo. Todavia não é a Graça tão grande como pensais de uma criatura mundana que fizera jus à morte eterna. Para muitas seria preferível o inferno durante milhões de anos terráqueos, mantendo a primitiva criação do que a própria morte eterna. Se no inferno de terceiro grau se dá a perda, inclusive do nascimento original, tal estado é pior que a morte eterna.

Pelo visto compreendeis o que seja a morte eterna; no entanto foge de vossa compreensão o dano espiritual desse

estado, de sorte que acrescentarei alguns tópicos, ao descermos por essa escada de caracol.

Quem se encontrar no primeiro ou segundo grau de inferno, em virtude da perversão de seu amor, poderá voltar a ser o que fora inicialmente, após muitas experiências amargas. Continuará de consciência e recordação plenas, podendo atingir o aperfeiçoamento.

Se a criatura, por indiferença, não é fria nem quente, não se preocupando com o bem e o mal, pois não liga importância em poder praticar as piores crueldades ou algo de bom, quer dizer, Deus ou demônio, dia ou noite, vida ou morte, verdade ou mentira, tudo isso lhe sendo idêntico — ela já se integrou na morte eterna e se encontra no mais ínfimo inferno, do qual não há salvação em sua individualidade original.

Razão de tal estado é o orgulho concentrado que passou por todos os graus do egoísmo e amor-próprio, tendo-se sufocado nessa condensação e perdendo a vida original do espírito. Eis a morte eterna que representa o pior dos estados da alma, pois finaliza o próprio ser.

Tal psique é inteiramente perdida. Sua totalidade primitiva tem que ser dissolvida por meio do fogo em suas potências específicas, e em seguida transportada para uma forma inferior a humana pela flora e fauna, em outro planeta de um território solar estranho. Deste modo, pouco resta da individualidade original da alma, e o pior de tudo é que jamais poderá ver o Meu Semblante porque é apenas alma, sem partícula de Meu Espírito.

Em suma, a situação é semelhante a uma maçã verde e apodrecida, que se transforma em mofo e fungo, de onde jamais se formará uma maçã, a não ser em um vegetal parasita, que pouca semelhança terá com a árvore e o fruto primitivo. Entendestes?"

Respondem todos: "Perfeitamente. Conquanto tal estado de perdição individual jamais traduza algo agradável, denota-se Teu grande Amor e Misericórdia, e para Ti, todas as coisas são possíveis. Talvez soe para tais seres uma data, em eras inimagináveis, em que comecem a tomar conhecimento de si e de Ti, despertando o amor e a vontade de progresso.

Quantas vezes profetizaste por meio de Teus servos, toda sorte de julgamentos e consequentes desastres das más ações

de Teus filhos. Tão logo alguns poucos, bem intencionados, se dirigiam a Ti prometendo regeneração, retinhas imediatamente o açoite, abençoavas o orbe para bons e maus, mostrando outro caminho para a melhoria dos renitentes. Jonas e Jeremias provaram isto com infalibilidade. Em todas as promessas boas, sempre cumprias a palavra. Nas ameaças apenas quando os homens Te abandonavam definitivamente, como acontece ainda com os judeus na Terra. Não obstante suas grandes fortunas não conseguem um reinado, tampouco serão um povo livre e independente. Não há quem tire-os do Egito e os liberte da prisão babilônica."

Concordo: "É isto mesmo. Se Eu, às vezes, não executo punições e julgamentos, é porque sei que geralmente não melhoram as criaturas, mas causam revolta. Por isto prefiro transformar ameaças em bênçãos, tão logo apenas alguns justos se viram para Mim, com fé. Por este motivo anuncio castigos e condenações de modo condicional. Se forem ouvidos, e suas condições aceitas, abençoo inclusive os maus, para evitar que piorem, conforme sucede em guerras. São elas o melhor estímulo à tendência usurária de comerciantes inescrupulosos e a melhor escola contra crueldades e orgulho infernal.

Infelizmente acontece que a suave voz de Meus anjos passa despercebida aos ouvidos dos materialistas e Eu Me vejo obrigado a fazer ouvir a voz dos demônios entre os surdos. Se a suave voz celeste encontrar a menor aceitação, com prazer faço emudecer a dos diabos. Um pai é sempre o mais meigo juiz de seus filhos merecedores de castigo e não costuma punir, conquanto já erga o açoite ameaçador. Os juízes da Terra tem por hábito julgar inclementemente exigindo execução imediata de seu pronunciamento. Isto não deve acontecer conosco. É preferível ameaçar durante dez a vinte anos e fechar os olhos diante dos pecados das criaturas, a estender o julgamento durante um ano. As plantas de nossa Terra são muito delicadas e tem que ser tratadas com o máximo cuidado, pois o berço dos filhos de Meu Coração é outro que das demais partes de Minha Natureza. Não desconsidereis que a pequenina Terra é berço dos filhos de Meu Coração!

Eis que chegamos ao andar térreo, onde faremos as necessárias investigações. Vêde as quatro paredes enormes, cada uma com três portas, pelas quais podereis chegar a

todos os mundos, Céus, e suas comunidades que se encontram abaixo e acima de nós, no Universo. Apenas a este Céu, o mais elevado e íntimo e onde vos encontrais Comigo, não podeis chegar. Vamos em direção do Norte, para começar nossa investigação.

294.° CAPÍTULO

Região central do Sol. A Lua.

Prossigo: "Roberto, abre a primeira porta, para lançarmos um olhar ao que se apresenta aos nossos olhos." Roberto assim faz e recua como que tomado de vertigem. Passado algum tempo, ele exclama: "Senhor, amigos! Isto é demais para a visão de um espírito criado. Vejo a Lua no firmamento, tal qual ela é no plenilúnio e rodeada de nuvens prateadas. Bem no fundo vejo inúmeras quantidades de estrelas cintilantes. As Plêiades, o Orion e o grande Cão reconheci de pronto, inclusive a Vai Láctea qual faixa larga cheia de maravilhosas constelações.

Todavia, o Espaço imenso entre os planetas está repleto de espíritos que flutuam em grande velocidade e alguns até mesmo se aproximam saudando-me com amabilidade. Que movimentação formidável. O meu maior prazer é observar atividades e também exercitá-las."

Todos se dirigem a um grande balcão que se encontra diante de cada porta, e de lá observam o Céu estelar e palestram com os espíritos que se achegam com prazer, pois Me viram no balcão. Eis que Roberto pergunta se também ele poderia flutuar livremente no Espaço, caso trepasse por cima do balcão.

Respondo: "Talvez, faze uma tentativa." Lançando um olhar ao abismo, ele recua da balaustrada e diz: "Ó Senhor, não o farei, pois abaixo de nós se abre um enorme abismo. Como é isto? Viemos pelo andar térreo, pela porta do Norte, aqui chegamos e era de se supor que continuássemos no solo. Em que solo se encontra essa Tua Casa? A parede termina debaixo do balcão e se vê apenas o Espaço infinito, movimentado por espíritos e povoado de inúmeras estrelas e a Luz, em distância indefinida.

Haveria mil perguntas a fazer, por exemplo: Quando aqui chegamos e penetramos em Tua Casa Santa, não vimos balcão. Eis que a sala, certamente tão grande quanto a superior, tem doze portas. Tudo isto flutua no Espaço, sem que se vislumbre outra metrópole. As demais portas que davam para fora, deixaram de existir. Quem vem a ser isto?

Talvez se trate de uma fantasmagoria espiritual? Realidade não pode ser. Só existe uma hipótese: ou o Céu é real, e a visão apenas ilusão, ou vice-versa. Por ocasião do ingresso no mundo espiritual, tive o choque de aparições estranhas, mormente em minha primeira residência. Aos poucos as compreendia porque surgiam como interpretação de minha vida íntima. Nas aparições desta esfera celeste, sou eu o meu próprio íntimo que não pode ocultar outro. Como interpretar isto?"

Digo Eu: "Um pouco de paciência, Meu amigo, com o tempo tudo te será esclarecido, conquanto haverá eternamente coisas incompreensíveis como esta. Voltemos à sala para lançarmos um olhar pela segunda porta."

Todos voltam, e o Imperador Rudolfo diz: "Com referência à falta de conhecimentos, mencionada por Roberto, de modo algum me preocupa. Não resta dúvida serem as condições aqui reinantes surpreendentes e o serão por muito tempo para espíritos criados. Todavia não me detenho por isto, pois enquanto não assimilo a causa de um fenômeno, ele continua de interesse constante, pois somente o milagroso exige toda atenção. Foi este o motivo por que nunca procurei penetrar nos segredos dos artistas que viviam na minha corte. Se eu os entendesse como eles, teriam perdido todo interesse e os artistas teriam sido despedidos.

Apenas queria saber a procedência dos espíritos que flutuavam no Espaço. De suas alegres feições deduzi sua felicidade. Mas quem são e qual sua finalidade, só pode ser de Teu Conhecimento, e caso fosse de Teu Agrado poderias elucidar-nos."

Digo Eu: "São anjos encarregados deste Céu mais elevado. Quando adquirirdes a necessária sabedoria, podereis igualmente participar de seus afazeres, de tempos em tempos. Supervisionam a conservação de todos os mundos e são seus guias superiores. Tal espírito alegre é, não raro, soberano e regente de um território solar. Antes de iniciar tal regência

terá que adquirir muitos conhecimentos e passar por muitas escolas. Nosso amigo Cado, espírito bem dotado, já começou a servir e reger na Terra, Trabalha bem e mantém os diversos espíritos em pleno respeito. Por isto receberá tarefa cada vez maior.

No início, cada um terá que cuidar de um pequeno território. Sendo fiel e ativo, seu âmbito de ação aumentará. A Cado foi entregue, no começo, apenas um pequeno círculo de dois pequenos países que conheces, para fiscalizá-los e agora estende seu cetro sobre metade da Europa. Se continuar assim, terá era breve o orbe todo sob o poder de sua vontade. Se com a Terra demonstrar bom discernimento com o poder conferido, terá o Sol como campo de ação. Finalmente receberá com ele, todo o sistema planetário até se tornar soberano de um território solar. Assimilaste a categoria dos anjos que flutuavam lá fora?"

Responde o Imperador Rodolfo: "Sim, Pai, todavia não aprecio o mérito de tal incumbência, pois o anjo jamais teria tempo para vir aqui e descansar de seus grandes esforços." Digo Eu: "Preocupa-te com outros assuntos. Todo anjo tem milhões de assistentes que executam a vontade dele, podendo ele vir aqui quantas, vezes quiser, para receber de Mim Mesmo futuras diretrizes e o necessário fortalecimento. Durante a grande ceia viste muitos que agora se acham de novo no local de sua atividade. — Eis a segunda porta, aberta. Vamos passar para o segundo alpendre. O que se vos apresenta?"

Todos se admiram muito, pois avistam o maravilhoso território central do Sol, cujo deslumbramento os fazem emudecer. À longa distância percebem criaturas, cujas formas não conseguem classificar, pois eles ainda não se acham bastante firmes no coração.

Roberto se aproxima de Mim e diz: "Querido, nosso irmão Rodolfo tem razão, pois também sou de opinião de que todas as indagações se tornam fúteis em tais aparições. Os milagres daqui são muito mais numerosos que na primeira porta. No entanto, é preferível gozarmos esses fenômenos celestes com calma e alegria e esperarmos até que nos venhas fornecer orientação maior. As criaturas devem ser indizivelmente belas, conquanto não consiga ver nitidamente as suas formas."

Digo Eu: "Vê o Sol e seus habitantes. Os mais escuros se encontram ainda na matéria, enquanto os mais luminosos são espíritos. Futuramente hás de conhecer tudo a fundo. Por ora seria prematuro. Como vimos o que encerra a segunda porta, passemos à terceira, desta parede."

Assim, penetramos na terceira porta, já aberta. Uma vez no balcão, vemos bem próximo, um mundo naturalmente iluminado, do qual se pode apenas abranger, como no Sol, um pequeno território. Imediatamente Roberto indaga se isto é uma parte mais escura do astro-rei.

Respondo: "Trata-se da Lua, na qual avistas sua paisagem desolada e mais distante, um pequeno grupo de almas anãs. São os habitantes do lado oposto da Terra. Seu maior prazer se concentra nas mulheres que eles costumam carregar nos ombros, de puro amor e "ternura. Algumas toesas acima, vês flutuarem espíritos alegres. São almas de habitantes desencarnadas da Lua. Sua satisfação consiste em fazer o bem aos irmãos e protegê-los contra perigos, cuidando dos espíritos muito materialistas que habitam a parte voltada para a Terra, bastante calva, a fim de evitar que cheguem perto dos habitantes do lado oposto da Lua, onde correriam consideráveis perigos as suas habitações, que consistem em cavernas subterrâneas.

Por ora sabeis o suficiente da organização desse pequeno satélite. Posteriormente conhecereis tudo através das atividades que vos aguardam. Não nos detenhamos com este estudo, para nos dirigirmos à primeira porta da parede Leste e de lá fazermos novo estudo do mundo exterior."

295.° CAPÍTULO

Um Sol central, centro de numerosos sóis menores.

Todos se dirigem para a primeira porta da parede Leste, já aberta, sem que alguém tivesse tomado essa medida. Intrigado, Roberto pede esclarecimento dessa organização mecânica, e Eu lhe respondo: "Porventura ainda não consegues ter uma noção da Minha Onipotência?" Diz ele: "Perdoa-me, Pai, esqueço muitas vezes o Poder de Tua Vontade em virtude de Tua imensa Amabilidade e incrível Simplicidade. Agora já compreendi tudo e podemos iniciar as pesquisas."

Penetramos pela referida porta e diante de todos os novos moradores da Jerusalém celeste, se estendem imensas terras, cortadas por rios enormes cujas águas brilham mais que toda luz solar concentrada em um ponto. Aos poucos se destacam grandes jardins maravilhosamente ornamentados, após os espectadores se terem habituado à claridade. No centro de tais jardins sobressaem edifícios estupendos habitados pelas criaturas desse mundo luminoso, cujas formas são indescritivelmente belas. Roberto e alguns amigos protegem os olhos com as mãos devido ao insuportável brilho e indagam a respeito desse mundo.

Digo Eu: "Eis um Sol central, em cujo redor giram milhões de outros, menores. A força de atração é tão grande que mantém todos em seus trâmites, podendo sustentar ainda outros com o mesmo poder. Mas que vem a ser todo esse poder comparado ao de um filho Meu, por mais simples que seja? Afirmo, nas mãos de Meus filhos tais territórios solares são verdadeiros brinquedos. Passemos à segunda porta."

Conjetura Roberto: "Desejava poder descobrir diante de cada porta um enorme corpo celeste, no entanto, está uma porta a pouca distância da outra. Não consigo dominar minha impaciência e necessito esclarecimento, do contrário poderia adoecer até mesmo aqui, no Reino da Vida perfeita."

Retruco: "Não podes adoecer, pois isto seria aqui inteiramente impossível; portanto darei uma pequena elucidação. Trata-se de um diorama espiritual que, entretanto, se baseia em diversos princípios óticos da Terra.

Cada uma dessas portas é de certo modo um espelho côncavo, espiritual. Ao se abrir a porta, avistas aquilo que se encontra em teu próprio coração, em tamanho diminuto, porém perfeito e dentro de determinada ordem eterna, No momento em que te colocas diante de um dos espelhos côncavos, vês o reflexo grandemente aumentado daquilo que se projeta de teu íntimo em uma ordem correspondente. Tal espelho não é de vidro, mas de ar celeste muito puro, tão liso que fornece uma parede luminosa a refletir o que nele se projeta.

Na Terra não existe algo similar, com exceção da miragem que poderia ser levada em conta. Conquanto fosse um reflexo espelhante é inferior a este, pois aceita todo objeto que se lhe apresenta, enquanto a miragem em Minha. Casa,

somente o que lhe corresponde. Algo mais parecido seria a irradiação multicor projetada por um espelho prismático, onde em determinado lado reflete apenas uma cor, vermelha, azul, verde, etc. O que este espelho prismático realiza com as cores abstratas, é feito aqui pelo espelho côncavo, com as formas irradiadas do coração dos anjos à sua frente.

Se for de Minha Vontade que este ou outro espelho qualquer não mais exista, verás apenas aquilo que rodeia Minha Casa, no centro da grande cidade. A visão comum se baseia aqui nos mesmos princípios da Terra, apenas em potencial mais puro.

Como tal espelho não forma uma parede sólida, qualquer espírito poderá, em caso de necessidade, alcançar em um átomo, o corpo celeste que avista no espelho. Tal sucede através de um transporte espiritual. Sua natureza e ação tornar-se-ão compreendidos com o tempo. Que Me dizes a respeito de tua suposta febre provocada pela impaciência?"

Diz Roberto: "Senhor e Pai, acabo de atingir um grau de sabedoria indescritível. A Ti devotamos nosso amor e dedicação." Digo Eu: "Então vamos à segunda porta já aberta."

296.º CAPÍTULO

Um Sol central, de maior categoria.

Todos Me acompanham e avistam um outro Sol central de categoria superior, ao redor do qual giram territórios solares como os planetas giram em torno de seu Sol. Erguendo as mãos, exclamam: "Senhor, isto é insuportável. Esta luz supera a dos sóis anteriores. A luz é tão forte que não se vê forma alguma."

Digo Eu: "Fixai vosso olhar nesta luz que vossos olhos ainda resistentes e fortes se habituarão a descobrir formas maravilhosas." Diz Roberto: "Se isto fosse suportável, Senhor! Se esta luz fosse dirigida à Terra, esta se dissolveria num instante. Nossos olhos já possuem a força necessária para tolerar forte iluminação. Mas, se não nos proporcionares uma espécie de venda, precisaremos de mil anos de prática sem conseguirmos fitá-la por mais de um minuto."

Digo Eu: "Interessante que sempre procuras entender tudo melhor do que Eu, Fixa a luz por alguns instantes apenas e te convencerás ser bem possível suportá-la. É preciso que consigais isto, pois às vezes acontece que Eu Mesmo Me apresento na Luz da Divindade, que, comparada a esta, é simples treva. Como poderias Me ver em tal Luz, se esta tanto te incomoda? Coragem, tudo depende de prática."

Piscando fortemente, Roberto dirige o olhar para dentro desse imenso Sol central e diz após algum tempo: "Agradeço-Te pela grande Graça, Pai! Já consigo aguentá-lo e avisto algumas formas que desaparecem pela força da luz. Todavia se apresentam de novo. Este mundo deve ser um Céu onde a vida seria maravilhosa tão logo a pessoa se habituasse à claridade.

Agora descubro uma cidade colossal, cheia de construções estupendas, parecida com esta Tua Santa Jerusalém. Em toda parte vislumbro jardins que enfeitam palácios de estilo estranho. Imensas arcadas se estendem em todas as direções e com colunas artísticas formando átrios deslumbrantes." Entrementes, os demais companheiros conseguem descobrir o que a descrição de Roberto havia mencionado, inclusive criaturas de forma espetacular e flora e fauna de espécie estranha,

Matilde Eliá, percebendo o aspecto feliz daquelas criaturas, diz: "Que diferença enorme entre esse mundo e o nosso. Eis o Céu, enquanto o nosso orbe traduz o mais perfeito inferno. Aqui certamente não existe morte, tampouco o envelhecimento. Vê-se somente o fulgor da primavera eterna e as formas humanas manifestam juventude plena. Os próprios irracionais parecem de índole mansa, misturam-se na procura de leitos e alimentos adequados.

Deve constituir máximo prazer para os Teus filhos, serem regentes de tal mundo. Até mesmo para Ti, Senhor, deve ser uma alegria penetrar em tais plagas. Não convém que eu me perca nessa observação, pois poderia ser tentada a querer entrar em contato com criaturas tão belas."

Obtempera Pedro: "Podes, tentar, todavia não ficarias satisfeita. Esses seres veem seus afins, enquanto isto não se dá contigo, espírito do mais elevado Céu por estarem mais ou menos envoltos de matéria deste mundo. Calculo não serem sujeitos à morte, quer dizer, a qualquer transformação.

Devem iniciar uma existência eterna que lhes condiga, tal qual ora se apresentam. Suas construções demonstram muita sabedoria, entretanto não aconselho aceitar essa hipótese como regra. Na Terra existem muitos animais que executam obras impossíveis a um artista por mais sábio e experimentado que seja. Porventura devíamos atribuir-lhes sabedoria salomônica? Assim, é bem possível que sejam dotados de aptidões inatas e, em tal caso, nada de atraente teriam para nós. Qual tua opinião?"

Responde Eliá: "Talvez. A julgar pela grande variabilidade daquilo que apresentam, sinto uma verdadeira sabedoria, pois o estilo arrojado, os jardins excepcionais demonstram que não são dotados apenas de simples instinto." Concorda Peter: "Neste ponto deves estar certa, todavia sustento meu parecer." Acrescento: "Ambos tem razão. Como já abri a terceira porta, vamos até lá."

297.° CAPÍTULO

Um super Sol central.

Nem bem o grupo lança um olhar através da porta, ele recua imediatamente, volta para trás e as moças soltam um grito de pavor, pois a luz refletida é muito mais potente. Roberto e vários outros exclamam: "Senhor e Pai, nossos olhos que acabaram de suportar a luz anterior, não conseguem tolerar esta, que em chamas possantes provoca forte ardor. É este igualmente um Sol central?"

"Sim", digo Eu. "De categoria superior. A fim de poderdes compreendê-lo melhor, exemplificarei a ordem dos sistemas solares da seguinte maneira: Os milhões de sóis ao redor dos quais giram os planetas como faz a Terra, formam com o seu Sol central, um território solar. Esse Sol central é imenso e supera o volume dos sóis e seus planetas, em cem mil e, até mesmo, milhões de vezes; pois existem territórios maiores e menores. Quanto maior um território solar, tanto maior é seu Sol central a fim de conter em seus trâmites, os sóis parélios, não obstante as necessárias distâncias. A medida que aumenta o número e a necessária distância dos sóis parélios, cresce o volume do Sol central, a fim de ser mestre dos demais.

O conjunto de tais territórios solares possui igualmente um Sol central, em cujo redor giram em círculos incomparavelmente maiores que todos os territórios solares em conjunto, pois às vezes vários milhares giram em torno de um Sol secundário, como acabaste de ver na segunda porta. Todos esses territórios solares com o seu Sol, formam um enxame globular.

Acontece que milhares de tais enxames globulares possuem um ponto de convergência, ou seja, um Sol central, milhares de vezes maior em volume. E tal Sol globular está à nossa frente.

À medida que cresce seu volume, aumenta igualmente sua luz. A relação é aproximadamente a seguinte: Se a circunferência de um Sol central é de vários bilhões de milhas terrenas, a de um Sol central globular conta um trilhão de milhas. Um Sol central globular igual a este, na terceira porta, cresce segundo seu domínio sobre mais ou menos enxames globulares, podendo atingir um quatrilhão e até mesmo um quinquilháo, em tamanho e luz.

Os sóis possuem luz própria e não se prestam para habitação de seres materiais em suas superfícies ilimitadas. Em compensação nele vivem espíritos de fogo, muito felizes em tal mar imenso de chamas, onde possuem habitações e domínios. Criaturas se mantêm apenas em sua esfera interior; pois todos os sóis consistem de vários sóis que se acham dentro do Sol externo corno o planeta Saturno se encontra dentro de seus anéis. A maneira como isto ocorre ainda haveis de saber. Esforçai-vos em suportar também esta luz solar. No futuro tereis que tolerar luzes infinitamente mais fortes, para afinal suportardes Minha Luz Divina."

A esse Meu estímulo, todos se viram para o Sol a fim de experimentarem sua capacidade visual. Roberto, cujos olhos são muito sensíveis, se dirige aos três apóstolos e diz: "Sei que a visão dessa intensa claridade não pode trazer prejuízo aos olhos, no entanto não a suporto além de dois segundos. Não sinto propriamente dor; mas essa potência luminosa impede que meus olhos fitem sua majestade. Como é possível que ela não vos perturbe?"

Responde Paulo: "Digo-te apenas: Tem vontade firme e tudo se fará. Porventura presumes que nossa visão é tão insensível que tal claridade não nos moleste? Estás muito

enganado. Nossa vontade possui em tais ocasiões a força decisiva de aceitar qualquer claridade, com a excessão única da potência luminosa da Divindade do Senhor que não conseguimos suportar além de três momentos. Deves fortalecer a tua vontade, e não tua visão, que suportarás qualquer luz."

Diz Roberto: "Vou tentar para ver até onde chegarei." Assim, ele se dispõe a fitar a luz solar com o rosto em fogo. Passado algum tempo, ele diz: "Tens razão. A dificuldade não se localiza nos olhos, mas sim, na vontade. Consigo fitar essa luz com grande facilidade, o que me alegra bastante; começo a descobrir através de chamas muito transparentes um enorme mundo maravilhoso, e edificações extensas nas quais certamente habitam os espíritos de fogo. Cada edifício consiste de inúmeras torres altíssimas e simétricas, ligadas por incontáveis arcadas. Agora percebo também seres humanos palmilharem nas arcadas. Seus movimentos são velozes quais raios. Teriam serviços tão urgentes a ponto de correrem como desvairados?"

Diz Paulo: "Meu amigo, em tal Sol há muito serviço, o que podes deduzir das edificações enormes e extensas. Neste Sol colossal queima o mais puro gás, em superabundância nos grandes gasômetros subterrâneos. Portanto trata-se aqui de um Instituto fornecedor de gás, dos quais existem trilhões neste Sol. Na Terra, certos espíritos também preparam gás inflamavel nas cavidades dos vulcões que é incendiado quando existe certo volume. O próprio gás consiste de espíritos simples da Natureza que necessitam de tal purificação antes de poderem passar a determinada individualidade. Na Terra tudo dá impressão de incongruência, o que aqui ocorre na mais perfeita ordem. Agora, tu e os demais estais orientados e podemos voltar para o Sul."

298.° CAPÍTULO

O Sol Central Original.

Digo Eu: "Roberto, a primeira porta da parede Sul já está aberta e a julgar pelo fulgor muito mais potente sabemos que enfrentaremos um Sol gigantesco. Com ele teremos atingido o final das Criações materiais de Minha Vontade e Sabedoria, Vamos."

Com certo receio todos se encaminham para a dita porta, com exceção de Paulo, Pedro e João que tudo conhecem. Ao chegarmos lá, todos recuam aos gritos, afirmando a impossibilidade de enfrentar tal luz por um segundo sequer, pois ela é trilhões de vezes mais forte que a do Sol anterior.

Digo Eu: "Não resta dúvida. No entanto, a atitude será a mesma que a manifestada anteriormente, pois trata-se do último Sol, Principal e Original. Então, Roberto, não tens coragem?"

Responde ele: "Ó Senhor, é quase impossível. O fulgor cega e nos faz recuar. Hei-de tentar em Teu Nome, cerrando primeiro os olhos, para abri-los aos poucos. Assim, talvez seja possível." Digo Eu: "Faze o que achares melhor. Aconselho que enfrentes a claridade de olhos abertos e após alguns minutos de dificuldade terás vencido a mais forte luz material."

Concorda Roberto: "Está bem, assim será. Tudo que queres e ordenas será sempre o mais útil e melhor. Vamos, olhos sensíveis, enfrentareis uma tempestade de luz fortíssima!" Ditas essas palavras, Roberto se vira e olha para a claridade, naturalmente piscando com força. Passado algum tempo, ele exclama sumamente feliz com esta vitória: "Pai, minha gratidão, respeito e amor! Que alegria! Realmente, todas as coisas Te são possíveis! Pobres criaturas da Terra, vossa visão cega ao fitardes vosso pequeno Sol, cuja luz não possui um átomo desta claridade. Bastaria uma fagulha para dissolver vosso orbe, num instante. Senhor, como é possível aumento de luz, acima de qualquer cálculo humano? Uma polegada de luz deste Sol possui maior força que a luz total do Sol terráqueo. Tal proporção deve ser algo dificilmente compreendida para um matemático da Terra, no entanto é verdade. Consigo fixar bem os olhos que no entanto não enfraquecem com o hábito. Que Sol vem a ser este?"

Respondo: "É um Sol central, original e principal, em cujo redor giram exatamente sete milhões de enxames globulares e é precisamente um milhão de vezes maior que todos aqueles. Sua circunferência é de dois octilhões de milhas terráqueas. Sua Luz veloz, pois ela percorre em um segundo trezentos mil quilômetros, necessitaria de milhares de trilhões de anos terráqueos para percorrer este Sol, de um pólo a outro."

Todos quedam estatelados e Roberto diz, contrito: "E tal colosso solar — perdoa minha tolice — também foi criado por Ti, que aqui palestras conosco sobre tais gigantes como se fossem ervilhas insignificantes?"

Respondo: "Sim, Roberto. Não somente este, mas incontáveis outros, maiores; pois este é justamente o menor de todos desta categoria." Diz Roberto: "Não existe espírito criado que possa imaginar tal coisa." Protesto: "Como não? Pergunta um desses três irmãos que te dirão se tal é possível ou não."

Concorda Roberto: "Sim, mas não há espírito que conteste ser tal possibilidade algo tão fenomenal que ele não estremece em seu âmago, mormente quando avista tais gigantes pela primeira vez. Uma dimensão que a luz necessitaria milhares de trilhões de anos para chegar de um pólo a outro, — não entra em minha cabeça. Que distância há entre este Sol e nossa Terra para ser visto apenas como ponto luminoso?" Respondo: "Um decilhão de milhas seria o bastante para comprimí-lo à circunferência de Vênus. Daí poderás fazer outros cálculos para tua distração."

Diz Roberto secundado por Peter: "Tais cálculos não nos tentarão para quebra-cabeça, muito menos nosso coração. Tais dimensões chegam a tragar nossa capacidade de pensar e conjeturar." Prosseguindo, ele diz: "Agora descubro muitos seres enormes e incandescentes. Com tremenda precipitação eles agem nas chamas mais fortes e parecem sentir-se bem nessa tarefa ardorosa. Alguns se levantam de tempos em tempos acima do mar em fogo e atiram bolas incandescentes ao Espaço. Que ocupação estranha! Não parecem calcular para onde atiram suas granadas celestes e facilmente uma poderia fazer-nos uma visita. Não teria vontade de ser o primeiro a receber tal presente de consideráveis dimensões, pois aqueles gigantes não se entretêm com pouca coisa. Qual seria o tamanho de um desses homens de fogo?"

Respondo: "Bastante grande, Roberto. Cada bola é maior que o Sol terráqueo, conquanto haja às vezes algumas menores." Retruca Roberto: "Que horror! Se um desses seres estivesse na Terra que para seus pezinhos seria idêntica a um grão de areia, facilmente poderia meter no bolso do colete, o Sol com todos os seus planetas, luas e cometas. Perdoa-me, Pai, se em ocasiões como essas me torno algo humorista. Onde caem essas bolas?"

Digo Eu: "A maior parte cai de novo no solo deste Sol; outras, no Espaço infinito, onde em qualquer profundeza se tornam sóis no território de um Sol central." Obtempera Roberto: "Em tal caso também podem cair nas proximidades da Terra, fato não comentado nos livros de astronomia."

Digo Eu: "Meu amigo, ainda não chegaste a ler todos esses livros e além disto são tais fenômenos imprecisamente anotados pelos povos existentes naquele momento e se conservavam apenas pela tradição de hordas incultas. Todavia foram tais bolas vistas da Terra como cometas extraordinários e não levará tempo um hóspede fará uma viagem pela região dos planetas mais afastados, sendo visto em dia claro.

Há menos de três mil anos, tal cometa solar passou pela região entre Saturno e Urano projetando tamanha claridade à Terra que o Sol tomou aspecto fosco. Esse fenômeno durou apenas alguns dias, pois a grande velocidade impediu o prolongamento. Há alguns séculos aproximou-se outro visitante que foi visto à luz do dia. Diariamente isto não sucede. No futuro saberás o motivo de tais aparições. Continua a observar este Sol que descobrirás coisas fenomenais."

299.º CAPÍTULO

Nascimento de um Sol central.

Roberto segue o Meu Conselho e diz em seguida: "Por mais que me esforce, nada de maior percebo. Uma onda de luz impele outra, e os gigantes parecem flutuar quais bailarinos nesse mar luminoso. Gostaria de ver a procedência das bolas incandescentes e como são formadas tão perfeitas.

Neste momento, vários gigantes levantam à grande distância um tubo colossal, munido de uma abertura enorme que está sendo dilatada por eles. Deve ser feita de matéria elástica qual borracha. Agora parece ter a dilatação suficiente, Que colosso de extensão! Centenas de gigantes rodeiam o tubo com espaço suficiente para mais vinte gigantes. Percebo que abrem a boca da qual fluem diversas formas de luz. Que vem a ser isto?"

Respondo: "É a linguagem desses seres, dando a entender que nascerá um Sol central que comporta verdadeiros enxames solares. Presta atenção!" Continuando suas obser-

vações Roberto vê .subir do grande tubo uma imensa bola de luz que se afasta do Sol, com grande velocidade e em linha reta.

Admirado, Roberto diz: "Amigos, acabamos de ver o nascimento de um Sol central, certamente um dos maiores. Destina-se à fornecer luz, calor, vida e alimento a trilhões de mundos. Que espetáculo fenomenal! Em que território iniciará seus trâmites, Senhor? Essa e outras indagações fazem estremecer qualquer arcanjo, pois vêm surgir criações novas, habitações para milhões de seres livres. Desejava apenas organizar o meu raciocínio. Tais seres projetam constantemente pequenos sóis. Este que acaba de nascer criará em eras vindouras, sóis centrais de categoria inferior, e estes, posteriormente, sóis de menor categoria que criarão milhões de outros. Que diferença há entre eles?"

Digo Eu: "Cada complexo de sóis e mundos que giram em órbitas extensas ao redor de um Sol Central original é, no fundo do Universo, envolto por uma membrana sólida, impenetrável a qualquer ser material. Tal membrana consiste de uma substância especial, transparente qual diamante e internamente muito lisa, Toda luz projetada pelos inúmeros sóis e não captada por outro Sol ou planeta, é sugada e novamente impelida por esta membrana. Existindo a possibilidade de tal membrana se tornar mais opaca no decorrer dos tempos, não podendo prestar seu serviço na íntegra, tais bolas de luz deste Sol original são atiradas com a necessária força pelos espíritos gigantescos, até que atinjam a mencionada superfície da membrana. Lá são usados para limpeza da mesma. Para este serviço se destinam espíritos grandes e fortes, que em grande quantidade ireis conhecer no futuro. Tudo que ocorre no Universo inteiro é realizado pelos Meus Espíritos e anjos. Meus filhos, são os maiores e mais poderosos entre todos. Compreendes?"

Diz Roberto: "Senhor, neste caso não sou Teu filho, pois me julgo tão pequenino e insignificante que nem posso refletir a respeito das grandiosidades vistas, do contrário me anulo. Satisfaço-me com este Sol central original, cuja imensidade jamais poderei compreender. No final, aparece a membrana que comporta decilhões vezes decilhões de sóis e outros mundos, habitada por falanges de espíritos poderosos.

Em minha ignorância imaginava o Universo do tamanho de um enxame globular, e Tu afirmas a existência de inú-

meros enxames no Espaço infinito. Vejo-me aniquilado e todos os meus pensamentos repousam quais andorinhas em seu ninho. Para elas existe a possibilidade do crescimento de suas asas com que poderiam se tornar exímios aeronautas, distinção a que jamais meus pensamentos fariam jus. Só posso dizer: Senhor, Deus, Zebaoth, Grande és e grandes são as Tuas Obras. Por isto, és Tudo em tudo. Nós, Teus filhos, somente somos grandes em Teu Amor, que é nossa Vida. Quanto a nós mesmos, somos nulidades diante de Ti, Santo Pai!"

Digo Eu: "Está muito bem, Meu amigo. Não obstante terás que te dirigir à segunda porta dessa parede Sul, onde verás coisas mais grandiosas. A porta já está aberta e à nossa espera. Vamos."

300.° CAPÍTULO

O Homem Cósmico, Sua natureza e destino.

Quando lá chegam todos se admiram dizendo: "Aqui, nossos olhos não tem dificuldades para olhar. Resta sabermos o que veremos. Existe um fundo fracamente cintilante, mais ou menos corno a Via Láctea em uma noite de verão. Gostaríamos de saber o que se oculta atrás daquilo, querido Pai." Digo Eu: "Estamos aqui para isto. Ide até a parte externa do balcão, do contrário não vereis o conjunto da imagem."

Todos assim fazem e Roberto é o primeiro a ver o quadro imenso e diz: "Estranho! Eis uma forma humana. Um joelho um pouco inclinado para frente, as mãos pendentes e a cabeça, com cabelos longos, voltada para o abismo como se o seu dono fosse tocado por profunda tristeza. Os quadris mal são cobertos por uma tanga bastante rota. Toda a figura dá impressão de melancolia. O tamanho descomunal poderia levar-nos à idéia de se tratar do espírito original, projetado por Ti, Senhor. Mas tal não pode ser porque não traduz vida alguma. Deve ser apenas uma imagem fosfórica criada pelo Teu Hálito, e sua finalidade só pode ser de Teu exclusivo Conhecimento. Explica-nos isto, Senhor."

Digo Eu: "Gostaria de fazê-lo. No entanto alimentas respeito excessivo das grandezas materiais, e uma explicação

talvez produzisse algum estado febril em ti. Quero saber se suportas o mais exorbitante do Reino da matéria, ou se ao menos queres arriscar-te a tanto. Só então desvendarei esse quadro."

Diz Roberto: "Sinto-me bastante preparado e suportaria mais algumas dúzias de enxames globulares." Digo Eu: "Pois bem, aproxima-te mais e transmite o que vês." Prossegue Roberto: "Agora vejo a figura total que parece preencher todas as profundezas do Espaço infinito, formada de pequeninos grãos de areia, luminosos e amontoados. O número deve ser infinito ou pelo menos inimaginável por um espírito criado. O brilho ofuscante produz aspecto majestoso à figura. Que vem a ser isto?"

Digo Eu: "Ouvi o grande segredo! Esta figura é o espírito original que a Escritura chama de Lúcifer (portador de luz), em pleno poder de sua consciência, mas não de sua força primitiva. Está algemado e condenado em todas as suas partículas. Existe somente um caminho aberto para ele, que leva ao Meu Coração. Não tem alternativa, pois está como morto, não podendo movimentar-se.

Os luminosos grãos de areia são enxames globulares, contendo cada um decilhões vezes decilhões de sóis, e milhões de vezes mais planetas, luas e cometas. A distância entre dois enxames globulares é de aproximadamente um milhão de circunferências de um enxame. O fato de aparecerem amontoados se relaciona à aparente distância enorme e além disto por veres igualmente no fundo da imagem, este e aliás todos os enxames dos quais é feito o Homem cósmico. Ocorre o mesmo quando se observa na Terra o Céu estelar, que se apresenta como abóbada semeada de grupos de estrelas, enquanto na realidade duas estrelas próximas se distanciam vários trilhões de milhas.

A circunstância deste espírito estar isolado em enxames fixos é precisamente sua condenação. Sua vida separada em inúmeras partículas, não possui totalidade, porquanto ela se manifesta apenas no enxame. Fora deste, existe somente a Minha Vontade Divina e Imutável. Cada enxame globular está fixo, não podendo alterar sua posição junto ao próximo enxame.

Debaixo do dedinho do pé esquerdo vês um pontinho avermelhado. Eis o enxame globular no qual se encontra o

nosso orbe com seu sistema solar. Justamente neste enxame e somente na Terra está fixada a vida do maior espírito original. Caso queira se humilhar e voltar para junto de Mim, sua vida original será liberta e o grande Homem cósmico sentir-se-á bafejado por uma vida inteiramente livre.

Querendo persistir em sua teimosia orgulhosa, a Ordem atual continuará para sempre, ao menos até que toda matéria se tenha transformado em vida nova, de almas e espíritos. Esta última determinação será mantida, se o grande espírito original se regenerar. Ele pode retornar apenas humilhado como espírito comum e terá que desistir para sempre de sua totalidade primitiva, em troca de uma imensa, porém simples, conforme acontece com qualquer espírito humano.

A matéria membranosa que subsiste apenas através de Minha Vontade Imutável, continuará como base sólida e monumento eterno de nossa Obra enorme, destituída de toda vida psíquica e espiritual. A esta Obra se enfileirarão outras criações puramente espirituais. Tereis, todos, compreendido?"

O grupo nem se atreve a respirar de tamanho respeito. Somente Roberto diz, após algum tempo de estupefação: "Santo Pai, sinto-me verdadeiramente aniquilado. Preciso é nos refazermos antes de nos conduzires a outra porta. Isto é imensamente sublime, meu Deus e Pai!"

301.° CAPÍTULO

A suave luz de uma nova Criação de amor.

Digo Eu: "Realmente grande é tudo que acabastes de ver, habitantes ainda novatos em Meu verdadeiro Reino Eterno do qual igualmente pouca percepção tendes dos recônditos de vossa própria vida. Quando estiverdes mais familiarizados com vosso ser intrínseco, ou seja, com Meu Amor, aquilo que pertence à matéria condenada vos parecerá bastante ínfimo, porquanto a menor fagulha de Meu Amor sobrepuja toda matéria, não havendo relação calculável, tanto em tamanho real quanto na consistência. Um pequeno exemplo elucidará a questão.

Um exímio escultor estudou pelo microscópio um grão de trigo e fez uma cópia com massa especial, maior que o ori-

ginal milhões de vezes. Expondo seu gigantesco produto, ele explicou a construção artística de um grão de trigo. Entre os espectadores havia um sábio que começou a analisar o grão artificial. Após ter elogiado o artista, ele disse: Amigo, ao lado desta obra tens igualmente grãos de trigo verdadeiro. Qual deles te parece maior, o artificial ou o natural?

Respondeu aquele: "É fácil compará-los, podendo estabelecer o confronto, portanto podes responder a tua pergunta. — Disse o sábio: Pois bem, cada qual desses pequenos grãos é infinitamente maior que teu artificial. Neles reside o germe da Força Divina capaz de criar de cada grão milhares de outros que em sua totalidade superarão teu gigantesco grão. Tudo que é diminuto por não ter vida, é muito pequeno ainda que seja em tamanho maior que um mundo inteiro. A menor criação que em si abriga Força e Vida de Deus, é maior que todo o Universo sem vida.

Aquilo que o sábio proferiu para o artista, Eu vos digo agora. A Criação material é realmente enorme, e quem a considera com justiça, sentirá grande alegria, No coração de cada criatura, porém, repousa algo muito mais grandioso, dando-vos oportunidade de crescerdes no amor, conhecimento e sabedoria, Já sois capazes de abranger, calcular e entender esse Homem cósmico. Ele, porém, é morto e não possui os vossos recursos, pois sois livres. Além disto, sabeis que essa imagem enorme é por vós refletida aqui. Qual não seria vosso tamanho porquanto tudo isto encontra lugar em vosso coração? Não vos perturbeis com tais grandezas sabendo que diante de Mim não existe o que seja grande senão unicamente o amor no coração de Meus filhos para Comigo, seu Pai.

Se tal Criação fosse bastante grande para Mim, jamais pensaria em outra. Vêdes que esse quadro possui seus limites, do contrário não seria quadro. Afora dele nada vêdes senão um Espaço Infinito e vazio para o Homem cósmico, mas que para nós já está bastante lotado.

Aproximai-vos da terceira porta, para vos certificardes pessoalmente. Ela já se encontra aberta e uma luz suave vos recebe, sendo fácil deduzir que essa Luz provém de uma segunda Criação do Meu Amor, e não da Minha primeira, cuja luz procede das chamas do Fogo de Minha Ira, criando somente julgamento sobre julgamento. Analisai o início da

segunda Criação, verdadeiramente infinita, e relatai o resultado e sua sensação."

302.° CAPÍTULO

O grande Homem de Luz da Nova Criação. Final.

Todos correm em direção à terceira porta, onde veem um Homem infinitamente grande, inundado de luz suave e delicada. Somente da região do coração se projeta uma claridade forte que, todavia, não magoa a vista, mas provoca uma sensação sumamente arrebatadora. Debaixo do pé esquerdo se percebe uma pequena forma humana, meio deitada, cabeça inclinada, muito semelhante à vista na segunda porta, sendo que aqui está envolta em fraco brilho avermelhado. Naturalmente Roberto indaga a respeito.

E Eu respondo: "Vistes a primeira e a segunda Criações, uma ao lado da outra. Esse grande Homem de Luz representa a nova Criação, um novo Céu e uma nova Terra. Aqui, a Terra não se encontra mais no dedo menor do pé como foi e ainda é o caso na primeira Criação material, mas no centro do coração desta nova Criação. A poderosa luz vinda da região do coração tem origem na Terra nova, eterna Morada de Meu Amor e de todos os Meus filhos.

Se observardes com mais atenção este Homem enorme, cheio de luz claríssima, verificareis constituir-se ele igualmente de incontáveis estrelas deslumbrantes, tanto o corpo quanto a veste. Uma estrela apenas é infinitamente maior que todo o Homem cósmico com todos os inúmeros enxames globulares, sendo que em cada um giram decilhões vezes decilhões de sóis e milhões de vezes maior é o número de planetas. Essas estrelas representam comunidades habitadas por espíritos bem-aventurados, cada um muito maior e poderoso que o primeiro Homem cósmico, cuja imagem vêdes na justa relação frente ao Homem Celeste, qual verme enroscado. Em comparação ao segundo Homem, ele não representa um grão de areia frente ao Universo.

Este segundo Homem representa na realidade Minha Própria Pessoa agindo em um campo bem preparado. Todavia percebes que também a forma deste necessita de uma

limitação, do contrário não o poderíeis ver. O que vislumbrais além desta forma que em todas as partes é vida pura?"

Diz Roberto, contrito: "Vejo luz e luz à medida que a visão consegue vislumbrar." Digo Eu: "É Meu Espírito, Meu Poder e Meu Amor! Aqui encontrarão lugar miríades desses homens cósmicos, pois todos os Meus filhos precisam de espaço para acomodarem suas criações.

Agora, Meus filhos e irmãos, sabeis o suficiente para a primeira hora passada em Minha Casa. Por este motivo não abriremos as três portas em direção ao Oeste, pois não seríeis capazes de suportar o que ocultam. Quando estiverdes ambientados com as organizações de Minha Casa Paterna, estareis preparados para analisar o conteúdo daquelas três portas.

Em breves palavras adiantarei que a primeira contém o Reino espiritual da Terra, dos inúmeros sóis, planetas e luas de cada enxame globular. A segunda porta apresenta na parte anterior, o primeiro Céu da sabedoria de nossa Terra, e no fundo, os Céus da sabedoria dos mundos de todos os enxames globulares. — Na mesma relação, a terceira porta contém o segundo Céu, ou seja, do amor da sabedoria, na parte anterior, da Terra, e no fundo, de todos os enxames globulares. — Para o terceiro Céu de Amor, mais elevado e puro, não existe porta porque já nos encontramos dentro dele. Nos Céus inferiores se encontram as moradas de todos os espíritos angelicais e também uma porta para o terceiro Céu. É muito pesada e às vezes impossível de se abrir, mormente no Céu mais inferior e em outros mundos.

Agora sabeis, de modo geral, o bastante e quase tudo que qualquer espírito celeste do mais elevado Céu necessita saber. A conquista da compreensão, de interesse sempre crescente, em suas minúcias iniciou-se portanto e durará por toda a eternidade, atraindo felicidades crescentes.

Voltemos à grande sala, de onde podereis visitar a enorme Cidade em companhia de Meus Irmãos, alegrando-vos segundo vosso desejo. Quanto a Mim, sempre haveis de Me encontrar em casa. Os três irmãos indicarão vossas eternas salas de estar e sua organização, e a ti, Roberto, demonstrarão uma porta secreta pela qual poderás chegar à tua comunidade tão logo queiras. Lá, deves organizar tudo perfeitamente, em Meu Nome, e sê um justo guia e irmão para os

teus subordinados. Cada um poderá gozar plena liberdade, distraindo-se com tudo que o coração deseja, pois aqui rege liberdade completa, não havendo lei nem pecado para o espirito. Que se faça o que Eu ordenei desde Eternidades!"

Em seguida nos dirigimos para a sala superior, onde nos esperam inúmeros irmãos felizes que nos cumprimentam com gentileza. Eis que se inicia a mais celeste convivência entre todos, que aos poucos se encaminham muito felizes aos eternos e maravilhosos aposentos, dando louvores a Mim, o Criador.

Com isto foi demonstrada, com todas as minúcias, a conduta de um grande espírito no mundo espiritual. Feliz daquele que a considera de coração humilde e procura adaptar sua vida segundo Meus Ensinamentos, pois fará a mesma trajetória. Caso a tenha palmilhado na Terra, seu caminho será curto no Além.

Essa Revelação deve ser lida com o coração e não com o intelecto. Pelo sentimento se alcançará uma grande bênção afastando a morte de seu corpo. Quem fizer a leitura com a razão pura, encontrará a morte, e dificilmente achará um novo despertar. Termina assim esse relato do mundo dos espíritos. Felizes os que não se escandalizarem! Amém, Amém, Amém."

Gratidão eterna, Senhor e Pai, por essa sublime Revelação, que nós, pecadores, não merecemos. — Queira abençoar todos os que a receberem de coração crente e humilde. — Amém!

Jacob Lorber.

FINAL